



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

HUDA DA SILVA SANTIAGO

**A ESCRITA POR MÃOS INÁBEIS
UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO**

**VOLUME I
TOMO I**

Salvador
2019

HUDA DA SILVA SANTIAGO

**A ESCRITA POR *MÃOS INÁBEIS*
UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO**

**VOLUME I
TOMO I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Coorientador: Prof. Dr. Afrânio Gonçalves Barbosa

Salvador
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Santiago, Huda da Silva

A escrita por “mãos inábeis”: uma
proposta de caracterização / Huda da Silva Santiago. -- Salvador,
2019.
722 f. : il

Orientadora: Zenaide de Oliveira Novais Carneiro.

Coorientador: Afrânio Gonçalves Barbosa.

Tese (Doutorado - Língua e Cultura) -- Universidade Federal
da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, 2019.

1. Corpora diacrônicos. 2. Mãos inábeis. 3. Cartas pessoais. I.
Carneiro, Zenaide de Oliveira Novais.
II. Barbosa, Afrânio Gonçalves. III. Título.

HUDA DA SILVA SANTIAGO

**A ESCRITA POR *MÃOS INÁBEIS*
UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro – Orientadora
Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas
Professora Plena na Universidade Estadual de Feira de Santana

Afrânio Gonçalves Barbosa – Coorientador
Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professor Associado na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Rita Braga Marquilhas
Doutora em Linguística pela Universidade de Lisboa
Professora Associada na Universidade de Lisboa

Norma Lucia Fernandes de Almeida
Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas
Professora Titular na Universidade Estadual de Feira de Santana

Emília Helena Portella Monteiro de Souza
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Professora Associada na Universidade Federal da Bahia

Alicia Duhá Lose
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Professora Associada na Universidade Federal da Bahia

Ao Professor Klebson Oliveira (*in memoriam*),
pela generosidade.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Zenaide Carneiro, por acompanhar efetivamente a minha vida acadêmica, estimulando-me, confiando e acreditando em meu trabalho. Sua orientação foi fundamental, não só durante a construção da tese, mas em todo o percurso da pós-graduação, na minha formação como professora-pesquisadora.

Ao Prof. Dr. Afrânio Barbosa, por ter aceitado coorientar este trabalho e pelas sugestões valiosas, leitura e conversas, imprescindíveis para o andamento da investigação e por ter apresentado a mim, durante a banca de mestrado, um plano de trabalho para o doutorado. Serei sempre muito grata.

Às Professoras Dra. Rita Marquilhas e Dra. Emília Helena de Souza, pelas importantes contribuições durante o exame de qualificação. Às Professoras Dra. Alícia Lose e Dra. Norma Lucia de Almeida, pela disponibilidade em participar da banca de defesa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da UFBA: coordenadores, funcionários e professores. Especialmente, aos profs. Tânia Lobo, Célia Telles, Alícia Lose, Emília Helena, Américo Venâncio e Dante Lucchesi, pelos conhecimentos compartilhados durante as aulas.

Às equipes do Programa Para a História do Português (PROHPOR), do Programa História Social da Cultura Escrita no Brasil (Hisculte) e do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). As reuniões e os eventos proporcionados por essas equipes foram momentos importantes para minha formação e para o andamento da pesquisa.

À equipe do projeto Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS), da UEFS, pelas experiências compartilhadas.

Aos professores e funcionários do Departamento de Letras e Artes, da UEFS, em especial, às professoras da área de Linguística: Norma Lucia, Silvana Araújo, Mariana Fagundes, Eliana Pitombo, Josane Oliveira, Girlene Portela, Rita Queiróz, Márcia Tranzillo, Valéria Marta, Carla Luzia, Nelmira Moreira e demais colegas, que muito contribuem para minha formação, desde a graduação, a especialização, o mestrado, até o período atual, com minha atuação profissional nessa instituição.

Aos queridos estudantes da UEFS, pela torcida, pelo ânimo, pela confiança em meu trabalho e pelos conhecimentos que temos construído juntos.

À equipe do colegiado de Letras da UNEB, *campus* XIII, onde trabalhei durante um ano e meio: funcionários, professores e, especialmente, aos estudantes. Apesar do pouco tempo, uma convivência que, durante momentos decisivos desta pesquisa, me deu ânimo a continuar. À Secretaria de Educação do Estado da Bahia, mais especificamente ao NTE 4, pela licença concedida, da minha atuação na Educação Básica. À equipe do CEACO, gestores, funcionários, professores e, principalmente, aos estudantes, presença animadora em minha vida.

Aos sertanejos, pelo prazer em contribuir com esta pesquisa e por me receberem sempre com muito afeto em suas casas. Às senhoras Almerinda Oliveira, Josefa da Silva, Ana Helena Santana, Zenilta de Oliveira, Lucidalva Cedraz e Helena Oliveira, por terem disponibilizado seus acervos pessoais. Pelo acesso às informações acerca dos dados biográficos, agradeço a Delvacy, Elza, Selma e em especial, ao amigo Jadione de Almeida, pela disponibilização das cartas de seus pais e por todas as informações que me concedeu. Aos que participaram das gravações de entrevistas, principalmente a Antonio Fortunato, um coração enorme.

A Igor Leal Souza, pela excelente contribuição com a construção do site. A Priscila Tuy, pela colaboração preciosa com a edição modernizada e, também, a Janaina Mascarenhas, que colaborou na primeira parte da edição. Também, a Shirley Guedes, pelas conversas sobre a edição, ajudando a solucionar minhas dúvidas.

A Rosana Brito, pela leitura atenta, apoio durante o processo de gravação e de transcrição das entrevistas e a Lorena Santos, pela leitura cuidadosa da sexta seção, e, também, pela importante companhia na gravação das entrevistas.

A Edivan Almeida, pelo apoio, conversas, contribuição com a diagramação e leitura do texto final.

Aos colegas Adilson Silva e Pedro Daniel, pela companhia durante todo o curso. Sem as viagens, os eventos, os risos, as conversas, o compartilhamento de dúvidas, tudo teria sido mais difícil. À colega Neila Santana, pelo companheirismo, pelos momentos de angústias e alegrias compartilhados e pela companhia nas idas e vindas para Salvador. À amiga Evani Pereira, por estar sempre por perto.

A Nilson e Sula, pelo apoio necessário e por me permitirem a presença de Laís e Gabriel para alegrarem meus dias.

Aos familiares e amigos, pelo carinho e torcida.

A meu pai Tiago, minha mãe Gilda e meu irmão Luan, pelo apoio constante e por acreditarem em mim, sempre.

À permanente presença divina...

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estabelecer uma proposta metodológica para identificação do grau de domínio da técnica de escrita de redatores estacionados em níveis iniciais de aquisição da escrita, a partir do estudo de um conjunto de aspectos de inabilidade, usando um *corpus* constituído por 131 cartas pessoais, escritas por sertanejos baianos, no século XX. Busca-se caracterizar a *mão inábil* a partir de um contínuo de inabilidade, cujo nível máximo é identificável pela incidência do maior conjunto possível de marcas (principalmente o desconhecimento do padrão gráfico, como a dificuldade em grafar sílabas complexas), enquanto que níveis intermediários são caracterizados pela incidência parcial desses aspectos. São consideradas propriedades comuns a diferentes grupos de redatores inábeis, já estudadas por Marquilhas (2000), Barbosa (1999) e Oliveira (2006). Essa possibilidade de distribuição é uma tentativa de colaboração para o tratamento mais adequado da caracterização dos redatores nos *corpora* linguísticos, geralmente polarizados entre hábeis e inábeis, sem maiores diferenciações intermediárias. Para o estudo dos aspectos referentes à dimensão externa da escrita, aos perfis sócio-culturais dos redatores, foram produzidas, com base na abordagem da História Oral, entrevistas-narrativas com alguns redatores e destinatários das cartas, pois muitos estão vivos, o que permitiu conhecer os indícios dos processos/espacos escolares e extraescolares, que caracterizaram a difusão da escrita na zona rural do semiárido baiano. Foi possível, assim, estabelecer um melhor cruzamento entre aspectos referentes ao produto gráfico e à história social da cultura escrita. A disponibilização das edições dos documentos, nas versões semidiplomática e modernizada, pretende contribuir para estudos de aspectos linguísticos, sócio-históricos, da difusão da escrita, entre outros.

Palavras-chave: *Corpora* diacrônicos. *Mãos inábeis*. Cartas pessoais.

ABSTRACT

This paper aims to establish a methodological proposal to identify the degree of writing technique of writers stationed at initial levels of writing, from the study of a set of aspects of disability, using a corpus made up of 131 personal letters, written by Bahian *sertanejos*, in the twentieth century. It is sought to characterize the *poor writers* from a continuum of disability, whose maximum level is identifiable by the incidence of the largest possible set of traces (mainly the lack of knowledge of the graphic pattern, such as the difficulty in writing complex syllables), while intermediate levels are characterized by the partial incidence of these aspects. They are considered common properties to different groups of *poor writers*, previously studied by Marquilhas (2000), Barbosa (1999) and Oliveira (2006). This possibility of distribution is an attempt to collaborate for the most appropriate treatment of the characterization of writers in the linguistic corpora, generally polarized between skilled and *poor writers* without major intermediate differentiations. For the study of the aspects related to the external dimension of writing, to the socio-cultural profiles of the writers, were produced, based on the oral history, interview-narratives with some writers and recipients of the letters were possible since many of them are alive, which allowed to know the indications of the processes/spaces that characterized the writing diffusion in rural Bahian semi-arid areas. A better cross-reference between product and the social history of written culture was possible to be established. The availability of editions of the documents, in the semi-modern and modernized versions, aims to contribute to studies of linguistic, socio-historical aspects on the diffusion of writing, among others.

Keywords: Diachronic *corpora*. *Poor writers*. Personal letters.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Critérios de inabilidade em escrita estudados em <i>corpora</i> diversos	38
Figura 2 – Contínuo de inabilidade em escrita alfabética	44
Figura 3 – Descrição de aspectos materiais na edição semidiplomática	63
Figura 4 – Exemplo de carta escrita a lápis, em papel de carta (AFS-22)	63
Figura 5 – Exemplo de carta escrita a caneta de tinta azul, em papel de caderno (AOL-72)	63
Figura 6 – Detalhe da carta com desenho de flores (NIN-38)	64
Figura 7 – Detalhe da carta com desenho de corações (APS-43)	64
Figura 8 – Detalhe de carta com manchas e rasgos causados por umidade (JO-128)	65
Figura 9 – Edição semidiplomática com fac-símile	66
Figura 10 – Edição diplomática, com fac-símile, gerada pelo eDictor	68
Figura 11 – Edição modernizada, com fac-símile, gerada pelo eDictor	68
Figura 12 – Mapa da região	77
Figura 13 – Folhas de calendário religioso, presentes na casa dos sertanejos	92
Figura 14 – Folheto de cordel, presente no sertão baiano em meados do século XX	94
Figura 15 – Livro didático da época	95
Figura 16 – Fac-símile da carta de Antônio Fortunato (AFS-20)	118
Figura 17 – Fac-símile da carta de João dos Santos (JS-62)	118
Figura 18 – Fac-símile da carta de Angélica Pereira (APS-43)	119
Figura 19 – Fac-símile da carta de Roma (ROM-73)	119
Figura 20 – Exemplo de contínuo de inabilidade com dados de escriptualidade e índices grafofonéticos	121
Figura 21 – Fac-símile de carta sem sinais de pontuação (ACO-44)	125
Figura 22 – Fac-símile de carta sem sinais de pontuação (MC-37)	126
Figura 23 – Distribuição dos sinais por quantidade de cartas	128
Figura 24 – Fac-símile de fragmento de carta com pontuação em fim de linha (AFS-14) ...	130
Figura 25 – Fac-símile de fragmento de carta com maiúscula em início de linha (GOR-29)	130
Figura 26 – Exemplo de trecho de carta com muitos dados de repetição	138
Figura 27 – Exemplo de trecho de carta com pouca repetição	138
Figura 28 – Fac-símile de carta com marcas de inabilidade físico-caligráficas (AFS-3)	145
Figura 29 – Fac-símile de fragmento de carta com tendência descendente do alinhamento (AFS-25)	146
Figura 30 – Fac-símile de fragmento de carta com tendência ascendente do alinhamento (AFS-45)	147

Figura 31 – Fac-símile de carta com poucas marcas de inabilidade físico-caligráficas (JMA-64)	148
Figura 32 – Distribuição dos redatores no contínuo de inabilidade em escrita alfabética	160
Figura 33 – Distribuição dos dados de concordância nominal por redator, em relação à competência caligráfica	168
Figura 34 – Exemplo de distribuição dos dados de marcação de plural no SN por redator, nas cartas dos sertanejos	174
Quadro 1 – Distribuição dos níveis e aspectos de inabilidade	42
Quadro 2 – Distribuição dos remetentes e destinatários de acordo com o meio de aprendizagem da escrita	88
Quadro 3 – Síntese sobre o processo de letramento dos sertanejos	101
Quadro 4 – Distribuição dos redatores em relação ao uso de sinais de pontuação	127
Quadro 5 – Exemplos de níveis de inabilidade	137
Quadro 6 – Distribuição dos redatores por dimensões de inabilidade em escrita alfabética	156
Quadro 7 – Distribuição dos tipos de ocorrências mais raras de marcação do plural, por redator	166
Quadro 8 – Exemplos de não marcação do plural no SN, na escrita, mais raros na oralidade	171
Quadro 9 – Estruturas de não marcação do plural no SN, na escrita e na fala dos sertanejos	178
Quadro 10 – Uso de relativas com função preposicionada, na escrita	182
Quadro 11 – Construções com relativas, na escrita e na fala dos sertanejos	183
Quadro 12 – Síntese dos aspectos morfossintáticos na escrita inábil	184

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Os acervos de cartas dos sertanejos baianos.....	61
Tabela 2 – Distribuição das cartas por período	70
Tabela 3 – Distribuição das cartas por local onde foram escritas	71
Tabela 4 – Distribuição das cartas da Bahia, por local	71
Tabela 5 – Distribuição das cartas por remetentes	74
Tabela 6 – Distribuição dos redatores por data de nascimento	75
Tabela 7 – Distribuição da população, de 5 anos e mais, que sabem ler e escrever – censo de 1950	80
Tabela 8 – Aspectos referentes à escriptualidade, nas cartas dos sertanejos	109
Tabela 9 – Aspectos referentes a índices grafofonéticos, nas cartas dos sertanejos	112
Tabela 10 – Distribuição de redatores em relação aos aspectos de escriptualidade e aos índices grafofonéticos	117
Tabela 11 – Distribuição dos sinais de pontuação por redator	133
Tabela 12 – Distribuição dos dados de segmentação gráfica não convencional por redator	152
Tabela 13 – Taxas de variação da concordância entre os itens do SN, em dados de escrita	172
Tabela 14 – Distribuição dos dados de concordância nominal por redator	173
 TABELAS DO APÊNDICE A:	
Tabela 1 – Deslocamentos de /r/ em ataque ramificado	207
Tabela 2 – Omissões de /r/ em ataque ramificado	209
Tabela 3 – Deslocamentos de /r/ em posição de coda	210
Tabela 4 – Omissões de /r/ em posição de coda	211
Tabela 5 – Omissões de /s/ em posição de coda	212
Tabela 6 – Grafias irregulares com o /l/	213
Tabela 7 – Acréscimo de <r> em ataque ramificado	213
Tabela 8 – Acréscimo de <r> em posição de coda	214
Tabela 9 – Acréscimo/repetição de <r> em posição de coda	216
Tabela 10 – Acréscimo de <r> em posição de coda em monossílabos	217
Tabela 11 – Acréscimo de /l/ em posição de coda	218
Tabela 12 – Acréscimo de <s> em posição de coda	219
Tabela 13 – Representação exagerada da nasalidade	220
Tabela 14 – Ausência de representação da nasalidade	221

Tabela 15 – Grafia de sílabas com o dígrafo <qu>	223
Tabela 16 – Grafia de sílabas com o dígrafo <gu>	224
Tabela 17 – Grafia do dígrafo <rr>	225
Tabela 18 – Grafia do dígrafo <ss>	225
Tabela 19 – Grafia do dígrafo <lh>	227
Tabela 20 – Grafia do dígrafo <nh>	228
Tabela 21 – Grafia do dígrafo <ch>	228

TABELAS DO APÊNDICE B:

Tabela 1 – Elevação de vogais médias pretônicas [e] ~ [i] e [ẽ] ~ [ĩ]	230
Tabela 2 – Elevação de vogais médias pretônicas [o] ~ [u] e [õ] ~ [ũ]	233
Tabela 3 – Elevação de vogais médias postônicas [e] ~ [i]	234
Tabela 4 – Elevação da vogal média postônica [o] ~ [u]	239
Tabela 5 – Elevação das vogais médias [e] ~ [i] e [ẽ] ~ [ĩ] em monossílabos	240
Tabela 6 – Elevação das vogais médias [o] ~ [u] e [õ] ~ [ũ], em monossílabos	242
Tabela 7 – Abaixamento de [i] ~ [e] e [ĩ] ~ [ẽ] em posição pretônica	243
Tabela 8 – Abaixamento de [u] ~ [o] e [ũ] ~ [õ] em posição pretônica	243
Tabela 9 – Abaixamento de vogais em posição tônica	244
Tabela 10 – Anteriorização de vogais	244
Tabela 11 – Posteriorização de vogais	244
Tabela 12 – Redução de ditongos orais	245
Tabela 13 – Redução de ditongos nasais	247
Tabela 14 – Ditongação com a inserção da semivogal [y]	248
Tabela 15 – Ditongação com a inserção da semivogal [w]	249
Tabela 16 – Nasalizações	250
Tabela 17 – Palatalizações	251
Tabela 18 – Rotacismos	251
Tabela 19 – Lambdacismos	252
Tabela 20 – Próteses	252
Tabela 21 – Epênteses	253
Tabela 22 – Paragoges	253
Tabela 23 – Aféreses	254
Tabela 24 – Síncopes	255
Tabela 25 – Síncopes por omissões de /r/	256
Tabela 26 – Assimilação [nd] ~ [n] em verbos no gerúndio	257

Tabela 27 – Apócopes	263
Tabela 28 – Metáteses	264

TABELAS DO APÊNDICE E:

Tabela 1 – Distribuição dos aspectos de escriptualidade por redator	299
Tabela 2 – Distribuição dos aspectos de escrita fonética por redator	302

LISTA DE CONVENÇÕES, SIGLAS E ABREVIATURAS

< >	Representação de grafemas
//	Representação de fonemas
[]	Representação de realizações fonéticas
$x \sim y$	x varia com y
Ø	Zero
CE-DOHS	Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão
Cf.	Conferir
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
HISCULTE	História Social da Cultura Escrita no Brasil
HTML	HyperText Markup Language
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NELP	Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa
Ocorr.	Ocorrências
PHPB	Para a História do Português Brasileiro
PROHPOR	Programa Para a História do Português
SN	Sintagma Nominal
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia
USP	Universidade de São Paulo
XML	Extensible Markup Language

LISTA DE ABREVIATURAS DOS REMETENTES E DESTINATÁRIOS

ACO	Antonio Carneiro de Oliveira
AFS	Antonio Fortunato da Silva
AHC	Ana Helena Cordeiro de Santana
AML	Antonio Marcellino de Lima
AMO	Almerinda Maria de Oliveira
AO	Ana de Oliveira
AOL	Antonia Oliveira Lima
APC	Antonio Pinheiro Costa
APS	Angélica Pereira da Silva
ASC	Ana Santana Cordeiro
BMO	Bernadete Maria de Oliveira
DCS	Dete Carneiro da Silva
DCO	Doralice Carneiro de Oliveira
FJO	Fernando José de Oliveira
FP	Firmina Petornilha dos Santos
FPS	Filomena Pereira da Silva
GOR	Gildásio de Oliveira Rios
IC	Idelcina C. de O. e Oliveira
ICO	Iraildes Carneiro de Oliveira
IPO	Izaque Pinheiro de Oliveira
IZA	Izaura Cedraz de Oliveira
JCO	Jesuino Carneiro de Oliveira
JJO	José Joaquim de Oliveira
JL	Júlio Luiz
JMA	José Mendes de Almeida
JMS	Josepha Maria da Silva
JOM	Jacob de Oliveira Matos
JPC	João Pitanga Carneiro
JS	João dos Santos
JSS	João Saturnino Santa Anna
LCC	Lucidalva Cordeiro Cedraz
LFO	Lázaro Félix de Oliveira
LM	Luciana Matos da Silva
MAO	Maria [dos Anjos] Oliveira
MC	Mariazinha Carneiro de Oliveira
MCO	Manoel Carneiro de Oliveira
MDC	Maria Dalva Carneiro
MMO	Margarida Maria de Oliveira

ML	Maria Lúcia
NIN	Francisca Carneiro de Oliveira (Nina)
RAC	Raimundo Adilson Cedraz
RCO	Roque Carneiro de Oliveira
ROM	Roma
SFS	Salomão Fortunato da Silva
TB	Terezinha Bispo
VAN	Pedro Vando Paulino (Vandinho)
VO	Valdelice de Oliveira
ZBO	Zenilta Bispo Oliveira
ZJS	Zezete Josina da Silva
ZLS	Zita Lima Silva
ZSS	Zulmira Sampaio da Silva

SUMÁRIO

VOLUME I

TOMO I

INTRODUÇÃO	21
O tema	21
Os objetivos	22
A estrutura da tese	23
 PARTE I – A INABILIDADE EM ESCRITA ALFABÉTICA	26
 1 SOBRE AS DEFINIÇÕES, OS CRITÉRIOS E A PROPOSTA ASSUMIDA NA ANÁLISE	27
1.1 DEFINIÇÕES E CRITÉRIOS	27
1.1.1 Petrucci (1978)	27
1.1.2 Blanche-Benveniste (1993, 1998)	28
1.1.3 Marquilhas (1996, 2000)	30
1.1.4 Barbosa (1999)	32
1.1.5 Oliveira (2006)	34
1.1.6 Silva (2012)	35
1.1.7 Santiago (2012)	36
1.1.8 Síntese	37
1.2 A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DE ANÁLISE	39
 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	45
2.1 CAMPO DA LINGÜÍSTICA HISTÓRICA SÓCIO-HISTÓRICA: SOBRE O USO DE FONTES COMO <i>CORPORA</i> HISTÓRICOS	45
2.2 CAMPO DA HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA ESCRITA: SOBRE A INVESTIGAÇÃO DA DIMENSÃO EXTERNA DA ESCRITA	47
2.2.1 Sobre o recurso à História Oral	50
2.3 CAMPO FILOLÓGICO	54
2.3.1 O trabalho com <i>corpora</i> diacrônicos no tempo das humanidades digitais	55

PARTE II – O <i>CORPUS</i>, OS REDATORES E O CONTEXTO	59
3 SOBRE A DOCUMENTAÇÃO	60
3.1 OS ACERVOS	60
3.1.1 Os aspectos materiais das cartas	61
3.1.2 As edições realizadas	65
3.1.2.1 Edição tradicional	65
3.1.2.2 Edição digital-eletrônica	67
3.1.3 Disponibilização das edições	69
3.2 A LOCALIZAÇÃO TEMPORAL	70
3.3 A LOCALIZAÇÃO ESPACIAL	70
3.4 OS REMETENTES E OS DESTINATÁRIOS	72
3.4.1 Quem escreveu?	73
3.4.2 Para quem se escreveu?	76
3.4.3 A região de origem dos redatores e destinatários: alguns aspectos sócio-históricos	77
3.5 SÍNTESE	81
4 SOBRE O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS DOCUMENTOS	83
4.1 OS PROCESSOS/ESPAÇOS DE PRODUÇÃO E PARTICIPAÇÃO DA/NA CULTURA ESCRITA	83
4.2 AS ENTREVISTAS-NARRATIVAS PRODUZIDAS	85
4.3 PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES NO SERTÃO BAIANO NO SÉCULO XX	86
4.3.1 O espaço doméstico	89
4.3.2 O processo de migração	90
4.3.3 O acesso a materiais impressos e manuscritos	91
4.3.4 A experiência escolar	96
4.4 SÍNTESE	99
PARTE III - PARA A IDENTIFICAÇÃO DA INABILIDADE NA ESCRITA: ANÁLISE DOS DADOS E APLICAÇÃO DA PROPOSTA	104
5 A CARACTERIZAÇÃO DOS REDATORES POR ASPECTOS DE INABILIDADE	105
5.1 A <i>ESCRIPtualidade</i> E A ESCRITA FONÉTICA	106

5.1.1 Os aspectos de <i>escriptualidade</i>	106
5.1.2 Os índices grafonéticos	110
5.1.3 O cruzamento dos dados de <i>escriptualidade</i> com os índices grafonéticos	113
5.1.4 Síntese	120
5.2 A DIMENSÃO DA PONTUAÇÃO	121
5.2.1 Estudos sobre pontuação em textos antigos e em dados de aquisição da escrita	122
5.2.2 A pontuação nas cartas dos sertanejos	124
5.2.3 Síntese	134
5.3 A REPETIÇÃO DE VOCÁBULOS	134
5.3.1 Alguns estudos sobre repetição	135
5.3.2 A repetição nas cartas dos sertanejos	137
5.3.3 Síntese	143
5.4 AS DIMENSÕES DA HABILIDADE MOTORA E DA SEGMENTAÇÃO GRÁFICA	144
5.4.1 A habilidade motora	144
5.4.2 A segmentação gráfica	148
5.4.3 Síntese	153
5.5 O <i>CONTÍNUO</i> DE INABILIDADE EM ESCRITA	154
 6 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS NA ESCRITA INÁBIL: A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SINTAGMA NOMINAL E OUTROS	161
6.1 A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN, EM <i>CORPORA</i> ESCRITOS	162
6.1.1 A marcação de plural no SN em cartas do século XX: dados menos transparentes à oralidade	162
6.1.2 Comparação com inábeis de outra sincronia histórica: a marcação de plural no SN em atas do século XIX	166
6.1.3 Dados mais transparentes à oralidade: usos variáveis de marcação de plural no SN, nas cartas	171
6.2 EXEMPLOS DE NÃO MARCAÇÃO DO PLURAL NO SN, NA ORALIDADE DOS SERTANEJOS	175
6.3 OUTROS ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO MORFOSSINTÁTICA, NAS CARTAS DO SÉCULO XX	178
6.3.1 A marcação de gênero no SN	178
6.3.2 Construções com relativas	180
6.4 SÍNTESE	183
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	185

REFERÊNCIAS	189
--------------------------	------------

VOLUME I

TOMO II

APÊNDICES	205
APÊNDICE A – Dados da dimensão da <i>escriptualidade</i>	206
APÊNDICE B – Dados de escrita fonética	229
APÊNDICE C – Dados de repetição de vocábulos	265
APÊNDICE D – Dados de segmentação gráfica	270
APÊNDICE E – Distribuição dos dados por redator – <i>escriptualidade</i> e escrita fonética..	299
APÊNDICE F – Temas para produção das entrevistas-narrativas	305
APÊNDICE G – Termo de consentimento livre e esclarecido	306
APÊNDICE H – Transcrição de trechos das entrevistas-narrativas	307

VOLUME II

1 APRESENTAÇÃO	368
2 NORMAS DE TRANSCRIÇÃO	369
3 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE CARTAS PESSOAIS DE SERTANEJOS BAIANOS, SÉCULO XX	371
PARTE I	371
3.1 CARTAS PARA JOÃO CARNEIRO DE OLIVEIRA	371
3.2 CARTAS PARA ALMERINDA MARIA DE OLIVEIRA	470
3.3 CARTAS PARA JOSÉ MENDES DE ALMEIDA	503
3.4 CARTAS PARA ANA HELENA CORDEIRO DE SANTANA	520
3.5 CARTAS PARA FIRMINA PETORNILHA DOS SANTOS	527
3.6 CARTAS PARA JOSEFA JOZINA DA SILVA	539
3.7 CARTAS PARA NERALDO LOPES PINTO	551
3.8 CARTAS PARA MARIA INÊS OLIVEIRA COSTA	556

3.9 CARTAS AVULSAS PARA VÁRIOS DESTINATÁRIOS	562
PARTE II	601
3.10 CARTAS PARA ZENILTA BISPO DE OLIVEIRA	601
3.11 CARTAS PARA ANTONIO CARNEIRO DE OLIVEIRA	652
3.12 CARTAS PARA MARIA BISPO DOS SANTOS	666
3.13 CARTAS AVULSAS PARA VÁRIOS DESTINATÁRIOS	683
4 ÍNDICE ANALÍTICO DAS CARTAS	699
CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES	722

INTRODUÇÃO

Este trabalho, que está inserido na área de concentração *Linguística Histórica*, do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, na linha de pesquisa *História da Cultura Escrita no Brasil*, representa uma tentativa de colaborar na tarefa de constituição de *corpora* históricos, não literários, com fontes mais próximas da escrita cotidiana, que reflitam certos traços de oralidade, seja pela inabilidade com a técnica de escrita, por parte dos redatores, seja pela relação simétrica de poder entre redator e destinatário.

O TEMA

O estudo dos aspectos de inabilidade em escrita alfabética tem por motivação a localização de 131 cartas pessoais, documentação que compõe o *corpus* deste trabalho, escritas ao longo do século XX, por sertanejos baianos estacionados em fase inicial de aquisição da escrita. A pesquisa começou a ser desenvolvida no mestrado, quando se trabalhou com 91 dessas cartas, o que originou a dissertação intitulada *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano* (SANTIAGO, 2012). Para o projeto de doutorado, a localização de mais 40 cartas, na mesma região, contribuiu para a significativa ampliação da amostra. É um *corpus* representativo: as cartas foram trocadas entre redatores e destinatários que fazem parte de um contexto sociocultural semelhante e são textos de caráter afetivo, próximos de uma escrita cotidiana.

Segundo Barbosa (2005), o reconhecimento de níveis iniciais de aquisição da escrita em fontes histórico-linguísticas pode ser realizado pelo controle de algumas marcas de inabilidade em escrita alfabética. É, então, um desafio metodológico para o trabalho da Crítica Textual dos materiais não literários, reunidos em *corpora* histórico-diacrônicos, saber o que se considerava informal nas sincronias passadas, uma vez que se conta apenas com uma intuição formada sob os parâmetros atuais de formalidade, sob as concepções contemporâneas de cultura escrita. Para esse autor, há algumas estratégias para diminuir o problema, como reunir informações sobre o perfil sociocultural de cada redator; examinar gramáticas e manuais de cada período, para saber da norma culta predicada, e identificar redatores inábeis ou pouco hábeis, na esperança de que aos seus índices de oralidade na grafia correspondam usos da oralidade em outros níveis gramaticais.

Marquilhas (2000, p. 236), que consagrou o uso da expressão *mão inábil*, lembra que, quando se reúne um *corpus* produzido por *mãos inábeis* que sejam simultaneamente *mãos mortas*, não há a possibilidade de se dialogar com os autores dos textos, “[...] interrogando directamente a sua representação da língua, as suas convicções acerca de conceitos como escrita, leitura, relações entre escrita e oralidade, usos da língua escrita...”; então, a investigação fica circunscrita ao objeto escrito, restando a hipótese, segundo a autora, “[...] de tirar o máximo partido do contraste que emerge entre as suas soluções gráficas e as soluções coevas”. Em relação às cartas do sertão baiano, nem todas foram produzidas por *mãos mortas*. Dos 53 remetentes, há muitos vivos; portanto, o perfil sociocultural dessas pessoas, incluindo as informações sobre seus processos de letramento, pode ser mais bem delineado a partir de suas próprias memórias. Com o uso de fontes orais, através da produção de entrevistas-narrativas, torna-se possível um melhor cruzamento entre os aspectos referentes ao produto gráfico e a história social da escrita.

OS OBJETIVOS

A partir de uma perspectiva teórico-metodológica interdisciplinar, o objetivo geral deste trabalho é:

- Estabelecer uma proposta metodológica de identificação do grau de domínio da técnica de escrita dos redatores das cartas pessoais do sertão baiano, através do estudo de aspectos de inabilidade, considerando-se a possibilidade de uma gradiência, um contínuo, por dimensões, em níveis combinados.

Para a realização desse objetivo, verifica-se como os redatores podem ser distribuídos, em relação ao grau de domínio da técnica de escrita, com a descrição e o cruzamento de algumas marcas de inabilidade de escrita, algumas já estudadas em *corpora* de diferentes períodos e espaços (MARQUILHAS (2000), BARBOSA (1999), OLIVEIRA (2006)). Buscou-se, então, caracterizar a *mão inábil* não como um conjunto definido de aspectos, mas a partir da ideia de um contínuo de inabilidade, cujo nível máximo seria identificável pela incidência do maior conjunto possível de marcas, ao passo que níveis intermediários o seriam pela incidência parcial dessas marcas e a inabilidade mínima seria reconhecida pela presença de poucas marcas produzidas pelos redatores. Essa possibilidade de distribuição é uma tentativa de colaborar para o tratamento mais adequado da caracterização de redatores nos

corpora linguísticos, geralmente polarizados entre hábeis e inábeis, sem maiores diferenciações intermediárias.

Para atingir esse objetivo geral, foram considerados os seguintes objetivos específicos:

- identificar os indícios dos processos de difusão da escrita na zona rural do semiárido baiano, caracterizando práticas de letramento, predominantes, principalmente, até meados do século XX, e correlacionando o desempenho de escrita dos redatores aos seus percursos de participação e apropriação na/da cultura escrita;
- sistematizar as marcas de inabilidade identificadas no *corpus*, descrevendo-as/distribuindo-as em dimensões específicas, por redator;
- verificar se aos índices de inabilidade na grafia correspondem aspectos de inabilidade na dimensão morfossintática, identificando fatos que não seriam de fala, mas da *escriptualidade*;
- disponibilizar a edição, nas versões semidiplomática e modernizada, das 131 cartas pessoais.

A ESTRUTURA DA TESE

O trabalho está organizado em dois volumes. O **Volume I** é dividido em dois tomos. No Tomo I, as seções estão distribuídas em três partes.

Na **Parte I**, *A inabilidade em escrita alfabética*, constam duas seções. Na **seção 1**, *Sobre as definições, os critérios e a proposta assumida na análise*, discute-se acerca de como o conceito de inabilidade em escrita alfabética foi construído, a partir dos critérios estabelecidos por estudos antecedentes, como os trabalhos de Petrucci (1978), Blanche-Benveniste (1993), Marquilhas (2000), e as pesquisas realizadas no âmbito do projeto *Para a História do Português Brasileiro*, como a de Barbosa (1999), Oliveira (2006), Silva (2012) e Santiago (2012). Esta seção termina com a apresentação da proposta para a identificação da inabilidade em escrita, desenvolvida neste estudo.

O objetivo, na **seção 2**, *Aspectos teórico-metodológicos*, é apresentar alguns aspectos referentes à natureza interdisciplinar desta investigação. Discute-se sobre a aproximação ao campo da Linguística Histórica sócio-histórica no que se refere, especificamente, ao uso de fontes documentais como *corpora*, nos estudos dessa área (MATTOS E SILVA, 2008a; BARBOSA, 2008); ao campo da História Social da Cultura Escrita, em relação à necessidade de investigação em torno da dimensão externa da escrita (CASTILLO GÓMEZ, 2003;

GALVÃO, 2007, 2010; PETRUCCI, 2003; CERTEAU, 2013), assim como sobre os aspectos metodológicos referentes ao diálogo com a História Oral, na produção de entrevistas-narrativas do passado (PORTELLI, 1991; BURKE, 1992; STREET, 2010); e ao campo Filológico, comentando sobre as opções filológicas envolvidas no tratamento de *corpora* compostos por documentos produzidos por *mãos inábeis*, na perspectiva das Humanidades Digitais (TELLES, 2008; CRANE, BAMMAN E JONES, 2008; GONÇALVES E BANZA, 2013; PAIXÃO DE SOUSA, 2013, 2014).

Na **Parte II**, *O corpus, os redatores e o contexto*, também dividida em duas seções, apresentam-se, na **seção 3**, *Sobre a documentação*, os manuscritos utilizados na pesquisa, demonstrando-se como os acervos que constituem o *corpus* estão organizados e comentando-se acerca dos aspectos materiais dos manuscritos; das edições realizadas, a semidiplomática e a modernizada, e da disponibilização dessas edições. Em seguida, trata-se da localização temporal e espacial dos documentos e apresentam-se os redatores e os destinatários, além de alguns aspectos sócio-históricos da sua região de origem.

Na **seção 4**, *Sobre o contexto de produção dos documentos*, tem-se por objetivo refletir sobre alguns aspectos da difusão da escrita na zona rural do semiárido da Bahia, mais especificamente nos municípios de onde os redatores são originários – Conceição do Coité, Riachão do Jacuípe e Ichu –, principalmente até meados do século XX, a partir de fontes orais, as entrevistas-narrativas produzidas com os sertanejos. Comenta-se sobre os processos e espaços de participação na cultura escrita e, de forma mais específica, acerca das práticas de letramento em espaços escolares e extraescolares presentes no sertão baiano, na época, como o espaço doméstico, o processo de migração e o acesso a materiais impressos e a manuscritos.

A **Parte III**, *Para a identificação da inabilidade na escrita: análise dos dados e aplicação da proposta*, dividida em duas seções, inicia-se com a **seção 5**, *A caracterização dos redatores por aspectos de inabilidade*. O objetivo dessa seção é estabelecer a proposta metodológica para identificação do grau de inabilidade dos redatores e, para isso, descrevem-se os dados das dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética; da pontuação; da repetição de vocábulos; da habilidade motora e da segmentação gráfica, e, em seguida, apresenta-se o resultado da proposta, com o estabelecimento do contínuo de inabilidade em escrita alfabética. Na **seção 6**, *Aspectos morfosintáticos na escrita inábil: a marcação de plural no sintagma nominal e outros*, são descritos alguns exemplos de fenômenos morfosintáticos na escrita inábil e comparam-se com alguns dados de fala, extraídos das entrevistas gravadas com os sertanejos. Apresentam-se dados da marcação de plural no SN, menos transparentes à oralidade, das cartas, do século XX, e das atas de africanos e afrodescendentes, do século

XIX; e, também, são apresentados dados mais transparentes à oralidade, na escrita inábil, a partir das cartas, comparando-se, em seguida, aos exemplos de não marcação de plural no SN, na oralidade dos sertanejos. De forma adicional, descrevem-se algumas ocorrências de marcação de gênero no SN e de construções com sentenças relativas, na escrita dos sertanejos.

Em seguida, apresentam-se as *Considerações finais* deste trabalho e, logo após, as *Referências* utilizadas. No **Tomo II**, disponibilizam-se os *Apêndices*, contendo, principalmente, a descrição completa dos conjuntos de dados mencionados ao longo do texto: da dimensão da *escriptualidade*, da escrita fonética, da repetição de vocábulos e da segmentação gráfica. Também estão nos apêndices, as tabelas com a distribuição dos dados de *escriptualidade* e de escrita fonética por redator, o roteiro para produção das entrevistas-narrativas, o modelo de termo de consentimento livre e esclarecido e a transcrição de trechos das entrevistas-narrativas.

Por fim, no **Volume II**, disponibiliza-se a edição semidiplomática das 131 cartas pessoais, com o fac-símile, e as fichas com os dados biográficos dos remetentes. A edição está organizada em duas partes: a primeira, constituída por 91 cartas, foi publicada em Santiago (2011, 2012) e, na versão aqui apresentada, foi revisada, os cabeçalhos das cartas e as fichas de remetentes foram ampliados e os fac-símiles, substituídos por imagens de melhor qualidade. A segunda parte é composta por 40 cartas inéditas, escritas por remetentes da mesma região e no mesmo período das demais. Para facilitar a consulta aos documentos, há, após a edição, um índice analítico.

PARTE I

A INABILIDADE EM ESCRITA ALFABÉTICA

1 SOBRE AS DEFINIÇÕES, OS CRITÉRIOS E A PROPOSTA ASSUMIDA NA ANÁLISE

O objetivo, nesta seção, é discutir sobre a construção do conceito de inabilidade em escrita alfabética, em 1.1, a partir dos critérios estabelecidos nos trabalhos de Petrucci (1978), Blanche-Benveniste (1993), Marquilhas (2000), e nas pesquisas que foram realizadas no âmbito do projeto *Para a História do Português Brasileiro*, como a de Barbosa (1999), Oliveira (2006), Silva (2012) e Santiago (2012). Em seguida, em 1.2, apresenta-se a proposta para a identificação da inabilidade em escrita, desenvolvida neste estudo, com base nos trabalhos antecedentes.

1.1 DEFINIÇÕES E CRITÉRIOS

A noção de inabilidade, associada a características de redatores estacionados em fase inicial de aquisição da escrita, tem sido manifestada, no âmbito dos estudos linguísticos e filológicos, através da expressão *mãos inábeis*. Essa expressão, que foi consolidada em língua portuguesa através do trabalho de Rita Marquilhas (2000), é uma versão da expressão francesa *scripteurs maladroits*, usada por Claire Blanche-Benveniste (1993). No entanto, é na paleografia italiana, com Armando Petrucci (1978), que se estabelecem as bases para os estudos seguintes, com a definição de alguns critérios para a caracterização física dos produtos gráficos de inábeis.

1.1.1 PETRUCCI (1978)

No clássico artigo *Scrittura, alfabetismo ed educazione grafica nella Roma del primo cinquecento: da um libretto di conti di Maddalena Pizzicarola in Trastevere*, Petrucci (1978) classifica a capacidade de execução gráfica dos redatores em três níveis.

[...] è stato necessario ipotizzare, nell'ambito dei due sistemi grafici chiaramente contrapposti cui ciascuna testimonianza appartiene, diverse gradazioni di capacità esecutiva, distinguendo tre livelli, che ho definito rispettivamente di tipizzazione

relativamente “pura”, di “usuale” e infine di “elementare di base”.¹ (PETRUCCI, 1978, p. 168).

A escrita produzida sob níveis mais inábeis é classificada como *elementar de base*, contrastando, gradativamente, à competência caligráfica de nível *usual* e à de nível *puro*, em um ponto extremo. Essa classificação é realizada quando o paleógrafo descreve os tipos de escrita de um manuscrito romano do século XVI: um livreto contendo uma série de listas de débitos e créditos da vendedora Maddalena, em registros feitos por 102 mãos. A depender da capacidade caligráfica dos escreventes, algumas características físicas são atribuídas a seus produtos gráficos, sem considerar, aqui, as especificidades próprias a cada tipo de escrita².

O grupo em que se identifica o nível *elementar de base* é caracterizado, segundo Petrucci (1978), pela escassez de caracterização estilística da escrita e de alguns elementos subsidiários, mais ou menos presentes nos outros níveis, como pontuação, sinais diacríticos, abreviações e símbolos técnicos. Também há ausência de ligamentos entre os caracteres e uso frequente de algumas letras maiúsculas, mesmo no meio de palavras.

O nível *usual* apresenta características variáveis, com aspectos da escrita *elementar de base* e da *pura*. São redatores que não ficaram no nível elementar, mas que escrevem por necessidades de trabalho, muitas vezes repetindo modelos, sem uma prática constante. De modo geral, há maior fluidez na escrita, traçado mais regular, uso de abreviações e de ligamentos. Já o nível *puro* refere-se às mãos que escrevem com certo domínio da técnica, evidenciando uso adequado das abreviações e do sistema monetário, com predominância do módulo pequeno, do *ductus* cursivo e do *ductus* semicursivo, e variação na presença de ligamentos entre as letras.

1.1.2 BLANCHE-BENVENISTE (1993, 1998)

A expressão *scripteurs maladroits* foi a usada por Blanche-Benveniste (1993), no texto *Les unités: langue écrite, langue orale*, para se referir aos autores estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita. Uma versão em espanhol para essa expressão é *escritores inexpertos* (BLANCHE-BENVENISTE, 1998).

¹ “[...] foi necessário hipotetizar, dentro dos dois sistemas gráficos claramente contrastantes a que cada testemunho pertence, diferentes gradações de capacidade executiva, distinguindo três níveis, que defini respectivamente de ‘puro’, ‘usual’ e, finalmente, ‘elementar de base’.” (Tradução nossa).

² São dois tipos de escrita identificados no manuscrito: a *cancelleresca italica* e a *mercantesca* (cf. PETRUCCI, 1978).

Para Blanche-Benveniste, além dos traços possíveis de serem observados nos textos de *scripteurs maladroits*, em inglês *poor writers*, as suas expectativas sobre o significado da escrita divergem das expectativas daqueles cujas mãos são habilmente funcionais. As diferenças são sistematizadas em três pontos principais: “[...] the general equivalence between oral and written language (which kind of language, or sub-part of language can be written); the conception of units in a written language (what is a written word and a written sentence); the uses of written language.”³ (BLANCHE-BENVENISTE, 1994, p. 61). A partir desses pontos, a autora comenta sobre a representação de língua dos *scripteurs maladroits*, observando que o acesso à escrita modifica essa representação e que a relação entre língua oral e língua escrita não é de mera transposição, já que a equivalência não é tão simples.

Alguns aspectos dos textos dos *escriitores inexpertos* são semelhantes, segundo Blanche-Benveniste (1998, p. 138-139), aos presentes na escrita medieval. Ao tratar do *establecimiento del texto*, a autora apresenta a necessidade de que, no processo de edição, se realizem as mesmas intervenções aplicadas aos textos antigos e lista exemplos extraídos da escrita de inábeis franceses, crianças e jovens, do século XIX ao XX, ilustrando alguns aspectos, como:

- a. segmentação de palavras que não corresponde ao uso padrão:
 - artigos unidos ao substantivo: *aler a lécole* por *aller à l'école* (ir à escola);
 - começo de substantivo unido ao artigo: *boire la peritif* por *boire l'apéritif* (beber o aperitivo);
 - pronomes unidos ao verbo: *sélèvent, sanfoncent* por *s'élèvent, s'enfoncent* (se levantam, se afundam);
 - palavra ou sequência hipersegmentada ou mal segmentada: *jevè a voire um ballon* por *je vais avoir um ballon* (vou ter uma bola);
- b. deslocamento na ordem de letras, principalmente, de *r*: *Les commune devert* por *devret, devraient* (deveriam);
- c. os fenômenos de haplogia (quando uma letra vale para duas funções): *il a vu* por *il l'a vu* (ele a viu);
- d. palavras invertidas ou repetidas;
- e. pontuação ausente ou não padrão.

³ “[...] a equivalência geral entre língua oral e escrita (que tipo de língua, ou sub-parte da língua pode ser escrita); a concepção de unidades em uma língua escrita (o que é uma palavra escrita e uma sentença escrita); os usos da língua escrita.” (Tradução nossa).

Para interpretação da escrita de *escritores inexpertos*, com a presença desses aspectos, segundo Blanche-Benveniste (1998), é preciso que se estabeleçam as normas modernas da escrita, o que exige uma aposta otimista sobre a coerência desses textos.

1.1.3 MARQUILHAS (1996, 2000)

Ao escolher um termo para designar alguns executantes das produções gráficas seiscentistas, do arquivo da Inquisição portuguesa, Marquilhas (2000, p. 235), em *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII* – obra resultante de sua tese de doutorado, de 1996 –, associa, à expressão *scripteurs maladroits*, de Blanche-Benveniste (1993), a tradução portuguesa aproximada *mãos inábeis*. Segundo a pesquisadora, é preciso evitar designações como “escritor”, que possui conotação estética, e também, “escrevente”, com conotação ocupacional, sobrando apenas o termo *mão*, consagrado pela tradição paleográfica, para designar o principal fator de uma escrita.

Para a caracterização *interna* dos produtos gráficos de indivíduos pouco familiarizados com a língua escrita – fontes graficamente “cândidas” (MARQUILHAS, 2000, p. 266) –, que escreveram “por pressão das circunstâncias”, como os que deixaram registros nas provas judiciais arquivadas pelos promotores da Inquisição, do século XVII, Marquilhas (2000) descreve um conjunto de propriedades. Antes disso, porém, do ponto de vista metodológico, para o reconhecimento dos textos das *mãos inábeis*, a pesquisadora propõe a observação da “[...] aparência física, constituída pela caligrafia da mão e por particularidades do suporte” (MARQUILHAS, 2000, p. 237).

Assim, para a caracterização física da execução caligráfica das mãos pouco exercitadas, Marquilhas (2000, p. 238) sistematiza os aspectos estabelecidos pela paleografia italiana (PETRUCCI, 1978) para a *escrita elementar de base*:

- 1 - traçado muito inseguro;
- 2 - incapacidade de alinhar perfeitamente as letras num regramento ideal;
- 3 - tendência para conferir às mesmas letras uma aparência desenquadrada;
- 4 - uso de módulo grande;
- 5 - recurso a letras do alfabeto maiúsculo, mesmo em interior de palavra;
- 6 - ausência quase total de abreviaturas e elementos de ligação;
- 7 - rigidez e falta de leveza do conjunto.

Alertando que a presença dessas características não é cumulativa nem equilibrada, a pesquisadora questiona a presença de alguns aspectos nessa lista, tornando-a heterogênea,

pela mistura de propriedades materiais com propriedades sistemáticas do objeto gráfico, que não se referem à falta de exercitação da mão, como a ausência de abreviaturas, que fazem parte de um elenco limitado de convenções logográficas e podem ser adquiridas em níveis básicos de familiarização com a escrita. Não é rara nos textos dos inábeis seiscentistas a presença de abreviaturas. Também em relação à alternância entre maiúsculas e minúsculas, a pesquisadora comenta que não tem a ver com a materialidade do objeto gráfico. A história dessa alternância não é tão simples e relaciona-se à história da tipografia.

Feitas essas ressalvas, as características da paleografia italiana são assim reagrupadas por Marquilhas (2000, p. 239-240), ao aplicá-las ao *corpus* das *mãos inábeis* seiscentistas:

- a. *ausência de cursus*: o desenho autônomo de cada caráter, ou mesmo de traços de cada caráter, decorrente da falta de agilidade dos músculos da mão;
- b. *uso de módulo grande*: a dificuldade em integrar as letras em um módulo pequeno;
- c. *ausência de regramento ideal*: a incapacidade de respeitar um pautado mental;
- d. *traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto*: a detecção destas características é bastante subjetiva, possível apenas com o contraste com textos habilmente executados;
- e. *irregularidade da empaginação*: falta proporção entre as margens, as quais podem nem sequer estar definidas, ou relegam a mancha gráfica para um extremo da folha;
- f. *letras monolíticas*: desconhecimento da alografia combinatória dos sinais em contexto inicial, medial e final.

Sobre os aspectos de natureza supragráfica, a pesquisadora comenta que, apesar de fazerem parte da conjuntura de uma *mão inábil*, não lhe correspondem necessariamente. E cita os vestígios supragráficos da dobragem, do lacre e outras peculiaridades do suporte, que, junto aos aspectos caligráficos, ajudam a distinguir, nos manuscritos arquivados pelos promotores da Inquisição, os que são de *mãos inábeis*.

Também não há correspondência necessária entre os aspectos caligráficos, de modo geral, e a *mão inábil*: a mão pouco exercitada pode se revelar habilidosa no nível da sistematicidade da escrita. Não são raros, segundo Marquilhas (2000, p. 241), “[...] os casos de inversão entre a aparência física do texto e o seu nível ortográfico”.

Para a análise gráfica dos manuscritos, o seguinte conjunto de propriedades é apresentado (MARQUILHAS, 2000, p. 243-266):

- a. representação silábica da fonologia:
 - hipersegmentação: a múltipla inscrição de branco gráfico entre grupos pequenos de letras, distintos de palavras gráficas;
 - grafias para sílabas com consoante líquida: principalmente os casos de deslocamento de <r> com valor de líquida em posição de coda, como em *fazre* por

fazer (Doc. XXV) e em posição de ataque ramificado, como em *garca* por *Graça* (Doc. XVIII);

b. fenômenos de mudança fonética e fonológica:

- vocalismo, como a *paragoge* de [i] em *porquei* por *porque* (Doc. VII);
- consonantismo, como a *palatalização* de /s/ em coda em *maix* e *lluix* (Doc. II).

A atestação de fenômenos fonológicos, como os listados em b, é, para a autora, o benefício mais óbvio que a linguística histórica pode retirar desse tipo de fontes, além de permitir a abordagem de outras questões, com motivação morfológica ou sintática, por exemplo.

1.1.4 BARBOSA (1999)

As *cartas de comércio*, do século XVIII, escritas por mercadores portugueses *pouco hábeis* no Brasil colonial (portugueses radicados no Brasil), fazem parte da documentação editada por Afrânio Barbosa (1999) em sua tese de doutorado, *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio*.

Pelo contraste com o *corpus* constituído por 24 documentos de circulação oficial, também reunido pelo pesquisador, as 93 cartas de comércio, de circulação privada, constituem um *corpus* representativo, e a expressão *pouco hábeis* é usada por ele para designar, a partir das características analisadas, uma gradiência, um ponto intermediário entre redatores inábeis e hábeis. Não são categoricamente inábeis, porque alguns aspectos, como as inversões de letras na representação de sílabas complexas – comuns em inábeis de qualquer época –, não estão tão presentes nessas cartas. A frequência e a tipologia de índices grafonéticos, aliadas à simplicidade nas latinizações usadas é o que caracteriza melhor as *cartas de comércio* em relação à documentação oficial. Os critérios referentes aos aspectos físicos da escrita, elencados por Marquilhas (1996) para o reconhecimento dos produtos gráficos dos inábeis dos seiscentos, somente podem ser aplicados ao *corpus* das cartas de comércio por contraste com os documentos oficiais – que reúnem maior rigor de aplicação desses critérios –, mas não são aspectos específicos aos textos coloniais.

Barbosa (1999, p. 155-201), a partir das propriedades gerais propostas por Marquilhas (1996), analisa os seguintes critérios para identificação dos textos coloniais com menor grau de cerimônia:

- a. dados supragráficos;
- b. dados paleográficos: caracterização física da escrita:
 - aspectos da aquisição da escrita: grafias para sílabas com consoante líquida – /r/ em sílaba complexa, em posição de coda, como em *intremite* por *intermitente* (carta 210), e em posição de ataque ramificado, em *pertendo* por *pretendo* (carta 12);
- c. atestações grafemáticas de aspectos da oralidade: processos fonéticos:
 - monotongação e ditongação: *trose* por *trouxe* (carta 452) e *bolaixa* por *bolacha* (carta 149);
 - síncope de vogais pretônicas: *ofrece* por *oferece* (carta 29);
 - flutuação entre <e> e <i> e entre <o> e <u>: elevação de [e] > [i] e de [o] > [u] quando pretônicos, em *sintirei* por *sentirei* (carta 39) e *cumforme* por *conforme* (carta 252); variantes em [i] e [u] em monossílabos, em *qui* por *que* (carta 251) e *pur* por *por* (carta 263); abaixamento de [i] > [e] e [u] > [o], em *dezer* por *dizer* (carta 260) e *poder* por *puder* (carta 157);
 - anteriorização/posteriorização: *exeminado* por *examinado* (carta 329) e *nogocio* por *negócio* (carta 93);
 - centralização: *tanha* por *tenha* (carta 441);
 - epênteses: *adevinhar* por *advinhar* (carta 94);
 - nasalização: *muinto* por *muito* (carta 450);
 - variação [b] ~ [v]: *libres* por *livres* (carta 407);
 - casos peculiares: dados menos numerosos, como os casos de aférese (*té* por *até* (carta 410)), posteriorização (*lovar* por *levar* (carta 266)), apócope (*molhe* por *mulher* (carta 266)), sonorização (*bacatela* por *bagatela* (carta 130)), alteamento (*abonduncia* por *abundância* (carta 251)), regularização analógica (*despois* por *depois* (carta 329)), abaixamento e anteriorização (*sestontar* e *sustentar* (carta 266)), síncope (*propia* por *própria* (carta 250));
- d. etimologizações na escrita: presença menos frequente de etimologizações gráficas latinizantes, que são marcas de prestígio na literacidade do século XVIII. Ocorrências em vocábulos mais comuns (*elle* por *ele* (carta 441)) e nem sempre espelhadas na escrita latina, com grafias pseudoetimológicas.

De acordo com Barbosa (1999, p. 201), “[...] enquanto as atestações de supostas marcas de oralidade caracterizam as cartas de comércio, as etimologizações são supervalorizadas na circulação oficial”. Isso o fez concluir que o confronto das marcas de etimologizações com os testemunhos dos processos fonéticos é o melhor critério para a identificação dos *corpora* coloniais, por ser um critério objetivo e quantificável.

O trabalho contempla, ainda, o estudo da distribuição da forma nominal gerúndio e o infinitivo gerundivo, como forma de contraste entre os dois *corpora* do período.

1.1.5 OLIVEIRA (2006)

No estudo apresentado em sua tese de doutorado, *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*, Klebson Oliveira (2006) disponibiliza a edição de 290 atas escritas por africanos e afrodescendentes na Bahia, no século XIX, pertencentes ao acervo da Sociedade Protetora dos Desvalidos. Os redatores manifestam, nas atas, segundo Oliveira (2006, p. 218), graus distintos de domínio da escrita: muitos dos textos são escritos por *mãos inábeis*, de acordo com a proposta de Marquilhas (2000), e por *mãos pouco hábeis*, como propõe Barbosa (1999).

No estudo linguístico realizado, Oliveira (2006) apresenta a descrição de quatro grupos de fenômenos:

- a. segmentação gráfica: grafias hipossegmentadas e hipersegmentadas;
- b. aspectos de aquisição da escrita – as grafias para sílabas complexas:
 - grafias de sílabas complexas com o /r/, em posição de ataque ramificado (em *enter* por *entre* (AJB, 21.58⁴)), e em posição de coda (em *confrome* por *conforme* (FPF, 11.18);
 - grafias de sílabas complexas com o /l/, como em *Aberto* por *Alberto* (LSS, 07.29);
 - grafias de sílabas complexas com o /s/, como em *avita* por *a vista* (MLF, 07.51);
- c. fenômenos gráficos:
 - inversões na ordem dos grafemas, como em *apoaido* por *apoiado* (FJS, 03.22);
 - omissões de grafemas, como em *acompanhdo* por *acompanhado* (JCB, 13.15);
 - substituições de grafemas, como em *alumos* por *alunos* (AJB, 22.145);
 - acréscimos de grafemas, como em *aparareceu* por *apareceu* (AJB, 33.07);
- d. marcas da oralidade na escrita:
 - aférese: *cembleia* por *assembleia* (JCB, 13-34);
 - prótese: *enpreenxer* por *preencher* (SFR, 01.51-51);
 - síncope: *brigela* por *berinjela* (MJR, 13.07);
 - epêntese: *igñorava* por *ignorava* (JCB, 22.24);
 - apócope: *auto* por *autor* (LSS, 30.38);
 - paragoge: *comcordio* por *concorde* (JS, 02.119);
 - metátese: *Barzelio* por *Brasil* (MVS, 03.07);
 - elevação de vogais médias: pretônicas: *anticipado* por *antecipado* (JFO, 11.03) *absuluta* por *absoluta* (JMS, 08.14), postônicas: *Alvis* por *Alves* (JCB, 09.27), *Azilu* por *azilo* (LSS, 30.44), e em monossílabos: *lhi* por *lhe* (LSS, 37.46), *du* por *do* (LSS, 45.41);
 - abaixamento de vogais altas: *belhetes* por *bilhetes* (LTG, 11.05), *comonicar* por *comunicar* (JFO, 13.10);

⁴ A identificação dos exemplos extraídos das atas segue o formato usado por Oliveira (2006), com a indicação da sigla do redator, seguida do número do documento e do número da linha no texto, na edição filológica.

- anteriorização de vogais: *Bertholomeu* por *Bartolomeu* (LSS, 35.33);
- posteriorização de vogais: *onivercario* por *aniversário* (MLF, 11.20-21);
- centralização de vogais: *antarior* por *anterior* (MLF, 08.32);
- redução de ditongos (orais e nasais): *abaxo* por *abaixo* (TMJ, 01.03), *asinaro* por *assinaram* (MES, 02.24);
- ditongação: *dezeijo* por *desejo* (FJS, 03.103)
- rotacismos e lambdacismos: *apricado* por *aplicado* (LSS, 35.51) e *plazo* por *prazo* (AJB, 32.22-23);
- palatalizações: *aniverçalho* por *aniversário* (SRS, 03.22-23);
- despalatalizações: *brilai* por *brilhai* (MLF, 11.19);
- nasalizações: *andiantar* por *adiantar* (FJS, 03.102);
- desnasalizações: *dexaro* por *deixaram* (MLF, 09.05).

A escassez de atenção nos estudos sobre o português brasileiro em perspectiva histórica, em torno desses aspectos, é o que motivou, segundo o pesquisador, a descrição minuciosa desses fenômenos, na tentativa de disponibilizar um *corpus* que possa permitir aproximações a aspectos do português popular do passado. Oliveira (2006) conclui ser possível evidenciar, através dos dados identificados, que muitos dos fenômenos fônicos que se assinalam no português brasileiro atual já contavam com representantes nos oitocentos.

1.1.6 SILVA (2012)

Na dissertação de mestrado *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre*, Érica Silva (2012) apresenta os resultados do estudo da variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito em um *corpus* constituído por 97 cartas pessoais trocadas por um casal de noivos, Jayme e Maria, na década de 1930, no Rio de Janeiro. Para traçar o perfil sociolinguístico do casal, de modo mais específico, para identificar o seu grau de letramento, na análise filológica das missivas foram considerados aspectos referentes à grafia dos remetentes, de acordo com os critérios de Marquilhas (1996) e de Barbosa (1999). As seguintes características foram estudadas por Silva (2012, p. 75-89):

- a. segmentação/junção;
- b. desvios grafemáticos:
 - monotongação e ditongação, como em *troçe* por *trouxe* (Jayme) e *dezeijo* por *desejo* (Maria);
 - alternância entre [e] e [i] e entre [o] e [u], como em *defiçel* por *difícil* (Maria) *irrevugavel* por *irrevogável* (Jayme);
 - nasalização e desnasalização, como em *mendingo* por *mendigo* (Jayme) e *nei* por *nem* (Maria);

- síncope de vogais e consoantes, como em *atriteza* por a *tristeza* (Maria) e *idal* por *ideal* (Jayme);

c. etimologização;

d. abreviatura.

A análise foi realizada com base nas técnicas eletrônicas de edição, usando uma metodologia apoiada no programa de edição *eDictor* (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2013), em que os critérios foram assim agrupados: 1) segmentação; 2) junção; 3) modernização, e 4) expansão. Em uma escala que considera os aspectos estudados, a pesquisadora propõe um *continuum* sobre o grau de letramento dos missivistas: a remetente feminina apresentou menor domínio formal da escrita do que o remetente masculino, já que nos textos escritos por ela há, principalmente, mais ocorrências de desvios grafemáticos e de segmentação/junção de palavras.

1.1.7 SANTIAGO (2012)

A partir dos critérios estabelecidos nos trabalhos de Marquilhas (2000), Barbosa (1999) e Oliveira (2006), em Santiago (2012) apresenta-se a descrição de alguns aspectos de inabilidade em escrita alfabética identificados no conjunto de 91 cartas de sertanejos baianos, do século XX, cuja edição é disponibilizada no segundo volume da dissertação de mestrado intitulada *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano*. Nesse trabalho, cujo título foi motivado pela expressão “fontes graficamente cândidas”, usada por Marquilhas (2000, p. 266) ao se referir aos documentos de inábeis portugueses, os manuscritos que compõem o *corpus* apresentam marcas próprias àqueles redatores estacionados em fase inicial de aquisição de escrita.

Para a caracterização das cartas, em Santiago (2012), são descritos os aspectos a seguir⁵:

a. supragráficos e paleográficos;

- ausência de *cursus*;
- uso de módulo grande;
- ausência de regramento ideal;
- traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto;

⁵ Os exemplos correspondentes a esses aspectos são apresentados na seção 5 e nos Apêndices A, B, C e D.

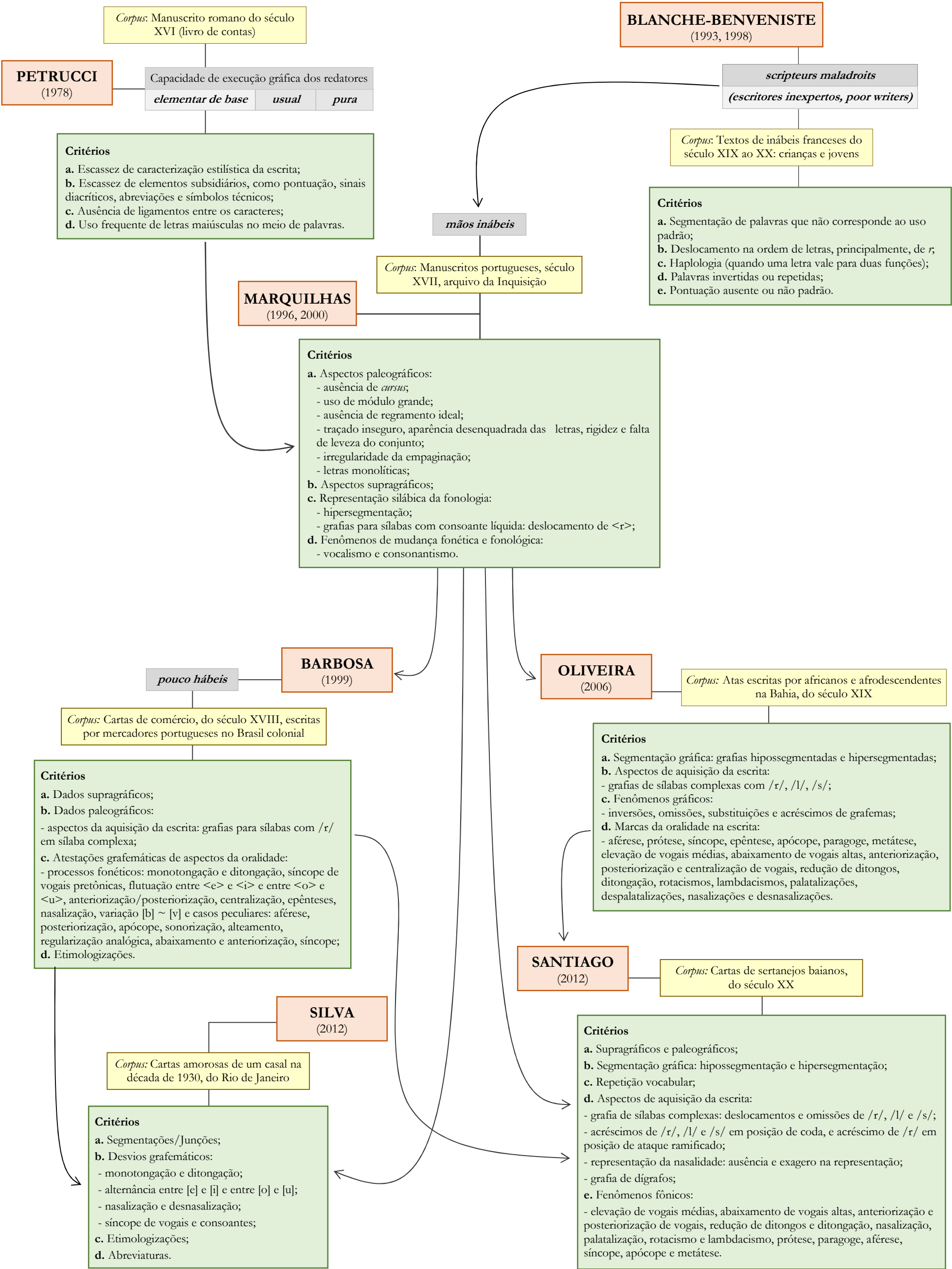
- irregularidade da empaginação;
 - letras monolíticas;
- b. segmentação gráfica: hipossegmentação e hipersegmentação;
- c. repetição vocabular;
- d. aspectos de aquisição da escrita:
- grafia de sílabas complexas: deslocamentos e omissões de /r/ em posição de ataque ramificado e em posição de coda, e alguns casos com o /l/ e o /s/;
 - acréscimos de /r/, /l/ e /s/ em posição de coda, e acréscimo de /r/ em posição de ataque ramificado;
 - representação da nasalidade: ausência ou exagero na representação;
 - grafia irregular de dígrafos;
- e. fenômenos fônicos:
- elevação de vogais médias, em posição pretônica, postônica e em monossílabos;
 - abaixamento de vogais altas;
 - anteriorização e posteriorização de vogais;
 - redução de ditongos e ditongação;
 - nasalização;
 - palatalização;
 - rotacismo e lambdacismo;
 - prótese;
 - paragoge;
 - aférese;
 - síncope;
 - apócope;
 - metátese.

A presença de marcas de inabilidade em vários planos, distribuídas entre os redatores, contribui para indicar que os critérios usados para a caracterização de produtos gráficos de sincronias anteriores são aplicáveis aos textos das *mãos inábeis* dos sertanejos baianos, do século XX.

1.1.8 SÍNTESE

No diagrama a seguir, apresenta-se uma sistematização dos principais aspectos abordados nos estudos antecedentes, que fundamentam a construção da proposta deste trabalho, comentada no próximo item.

Imagem1: Critérios de inabilidade em escrita estudados em *corpora* diversos



1.2 A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DE ANÁLISE

Neste estudo, propõe-se uma possibilidade metodológica para o reconhecimento da inabilidade em escrita alfabética, sistematizada a partir dos estudos antecedentes, na tentativa de contribuir com o estabelecimento de parâmetros para o tratamento metodológico de outros *corpora*, sejam do mesmo período ou de outros, através de critérios que sejam mais gerais.

Segundo Marquilhas (2000), os produtos gráficos de redatores inábeis podem ser identificados a partir de sua aparência física; uma possibilidade, do ponto de vista metodológico, através das características caligráficas e das particularidades do suporte; mas, de acordo com a mesma pesquisadora, como já mencionado, não são raros os casos em que a aparência física do texto não corresponde ao seu nível ortográfico. Sobre isso, Barbosa (1999, p. 158) também comenta que “[...] nem sempre os aspectos físicos são suficientes para identificarem-se textos de pessoas com pouca habilidade de escrita. Há mesmo o caso de encontrarem-se textos apresentando uma aparência bem cuidada, mas, na verdade, são obras de mão inábil”.

Barbosa (2017), no texto *O controle de marcas de inabilidade na escrita alfabética e a identificação das mãos inábeis em corpora histórico-diacrônicos*, propõe, a partir do trabalho de Marquilhas (2000), a caracterização dos *corpora* através de dimensões, independentes, em alguns casos, ou sobrepostas, em outros casos, quando há uma coocorrência de determinados aspectos. O pesquisador afirma que a inabilidade na escrita alfabética não é, em si, questão histórica de língua, de oralidade, mas diz respeito a questões de *escriptualidade*, e destaca duas suposições errôneas que circulam entre usuários de *corpora* linguísticos: a primeira é “[...] a tentadora ilusão de se supor uma sintaxe mais próxima da fala (em relação a outros tipos de *corpora* linguísticos) por encontrar marcas de oralidade na escrita de um inábil” e a segunda “[...] diz respeito à identificação de um inábil ser, apenas e necessariamente, uma questão de se constatarem marcas físicas oriundas da dificuldade motora de execução caligráfica da mão pouco exercitada” (BARBOSA, 2017, p. 21).

Diante dessas suposições errôneas, Barbosa (2017) estabelece, então, nove dimensões de inabilidade, demonstrando como se dá a independência de algumas delas e procurando discernir a sobreposição de uma dessas dimensões à realidade ortográfica em determinada fase histórica. Para isso, são redistribuídas as características definidas por Marquilhas (2000) e outras, exemplificadas em Barbosa (1999), Oliveira (2006) e Santiago (2012), acrescentando, ainda, outros aspectos, a partir da experiência do autor na organização dos *corpora* do Projeto Para a História do Português Brasileiro.

A seguir, as dimensões propostas por Barbosa (2017, p. 22-28):

1. da escriptualidade – os *grafismos*;
2. da escrita fonética – *índices grafofonéticos*;
3. da pontuação;
4. da repetição de vocábulos;
5. da dificuldade de riqueza na variação e precisão no léxico;
6. dos aspectos sintáticos;
7. das tendências discursivas;
8. da habilidade motora – níveis supragráfico e paleográfico; e
9. da segmentação gráfica – hipersegmentação e hipossegmentação.

As dimensões 8 e 9, de acordo com o autor, são percebidas apenas em *corpora* disponibilizados com fac-símile.

As marcas referentes a cada dimensão podem ser manifestadas em maior ou menor grau, a depender do redator, ou seja, algumas *mãos* podem manifestar mais dados para determinada dimensão que outras. Há aspectos, presentes em determinados documentos, que são características do inábil, mesmo que o redator mostre-se hábil em outros planos. O cruzamento das dimensões pode permitir a oposição entre subgrupos de inábeis, desde uma hipotética inabilidade máxima, até uma mínima.

A depender do período histórico, marcas específicas podem ser consideradas. Como o caso das etimologizações, uma marca de prestígio na cultura escrita do século XVIII, critério testado por Barbosa (1999), em cruzamento com os índices grafofonéticos, no *corpus* de cartas de comércio. Para perceber marcas de prestígio como essa, é necessária a investigação em torno das práticas da cultura escrita de uma dada época. Como afirmam Barbosa e Lima (2019), se um leitor tem contato com textos modelares de sua época, como jornais, ele tende a reproduzir o padrão de escrita desses textos, mesmo sem estudo sistemático de ortografia na escola. Por outro lado, mesmo que a pessoa seja alfabetizada, por exemplo, no século XIX, se somente lê cartas de familiares, sua grafiação não refletirá a grafia latinizada dos jornais. Ainda de acordo com Barbosa e Lima (2019), quanto mais diversos forem os gêneros textuais no ambiente cultural dessa pessoa e/ou quanto maior tiver sido o grau de aprendizado de ortografia na escola, mais perto das *normas praticadas* em textos modelares e das *normas predicadas* nos manuais estará a sua grafiação. Mas se o indivíduo tem pouco acesso à leitura, ele irá escrever foneticamente, não importa o século.

A proposta geral de análise, neste trabalho, então, pode ser desenvolvida através das seguintes etapas, para caracterização dos perfis dos redatores:

- i. estabelecer contrastes aos modelos textuais mais próximos ao padrão culto da época, às tradições escritas de um dado período. Para os *corpora* que foram produzidos em época de maior normatização gráfica e gramatical, como os do século XX, o afastamento às convenções do padrão gráfico é identificado de forma mais direta;
- ii. identificar os processos de difusão da escrita, as práticas letradas de uma época específica;
- iii. identificar marcas de inabilidade no plano da *escriptualidade*: principalmente a grafia irregular de sílabas complexas: deslocamentos e omissões de /r/ em posição de ataque ramificado e em posição de coda, e os casos com o /l/ e o /s/; acréscimos de /r/, /l/ e /s/ em posição de coda, e acréscimo de /r/ em posição de ataque ramificado. Também podem ser localizadas a representação irregular da nasalidade e a grafia irregular de dígrafos;
- iv. identificar marcas de inabilidade no plano da escrita fonética;
- v. identificar marcas de inabilidade em outros planos/dimensões: da pontuação, da repetição de vocábulos, da habilidade motora e da segmentação gráfica;
- vi. estabelecer cruzamento entre os aspectos de *escriptualidade* e as marcas de escrita fonética, assim como com outros aspectos identificados;
- vii. observar se aos índices de inabilidade na grafia ocasionalmente correspondem aspectos de inabilidade na dimensão morfossintática;
- viii. definir, a partir das propriedades identificadas, o ponto, no contínuo de inabilidade, em que o redator pode ser situado.

Para uma melhor caracterização das *mãos* redadoras, considerando a possibilidade de que sejam distribuídas em uma gradiência de inabilidade, propõe-se verificar a coocorrência de dimensões e a incidência maior ou menor de marcas em um dos planos, o que irá determinar o ponto específico, em um possível contínuo, em que uma *mão* pode estar situada: inabilidade máxima > inabilidade parcial > inabilidade mínima.

De acordo com os critérios já testados nos estudos antecedentes, para a caracterização dessa distribuição, considera-se que:

- A *inabilidade máxima* é característica dos redatores cujos textos apresentam maior quantidade de marcas na dimensão da *escriptualidade* (desconhecimento de convenções gráficas, como a dificuldade em grafar sílabas complexas com /r/ ou /l/). Esses redatores são os que manifestam coocorrência de marcas em, praticamente,

todas as dimensões, principalmente em relação às que se referem aos aspectos físico-caligráficos.

– A *inabilidade parcial* está relacionada à menor presença, nos textos, de propriedades na dimensão da *escriptualidade*, em coocorrência à escrita fonética e a outras dimensões, como a da pontuação, da repetição e/ou da segmentação gráfica. Os aspectos referentes a pouca habilidade caligráfica podem ou não estar presentes, não é uma condição determinante.

– A *inabilidade mínima* pode ser caracterizada pela ausência de aspectos relacionados à *escriptualidade*, presença de dados de escrita fonética, além de marcas de mais uma das demais dimensões, raramente, de mais duas, seja a pontuação, a repetição ou a segmentação gráfica. Os aspectos referentes a pouca habilidade caligráfica também podem ou não estar presentes, pois não é uma marca determinante.

A seguir, no Quadro 1, apresentam-se as propriedades que podem ser estabelecidas como parâmetros para a identificação do tipo de inabilidade e, na Figura 2, a distribuição dessas propriedades de modo mais esquemático, em um possível contínuo.

Quadro 1 – Distribuição dos níveis e aspectos de inabilidade

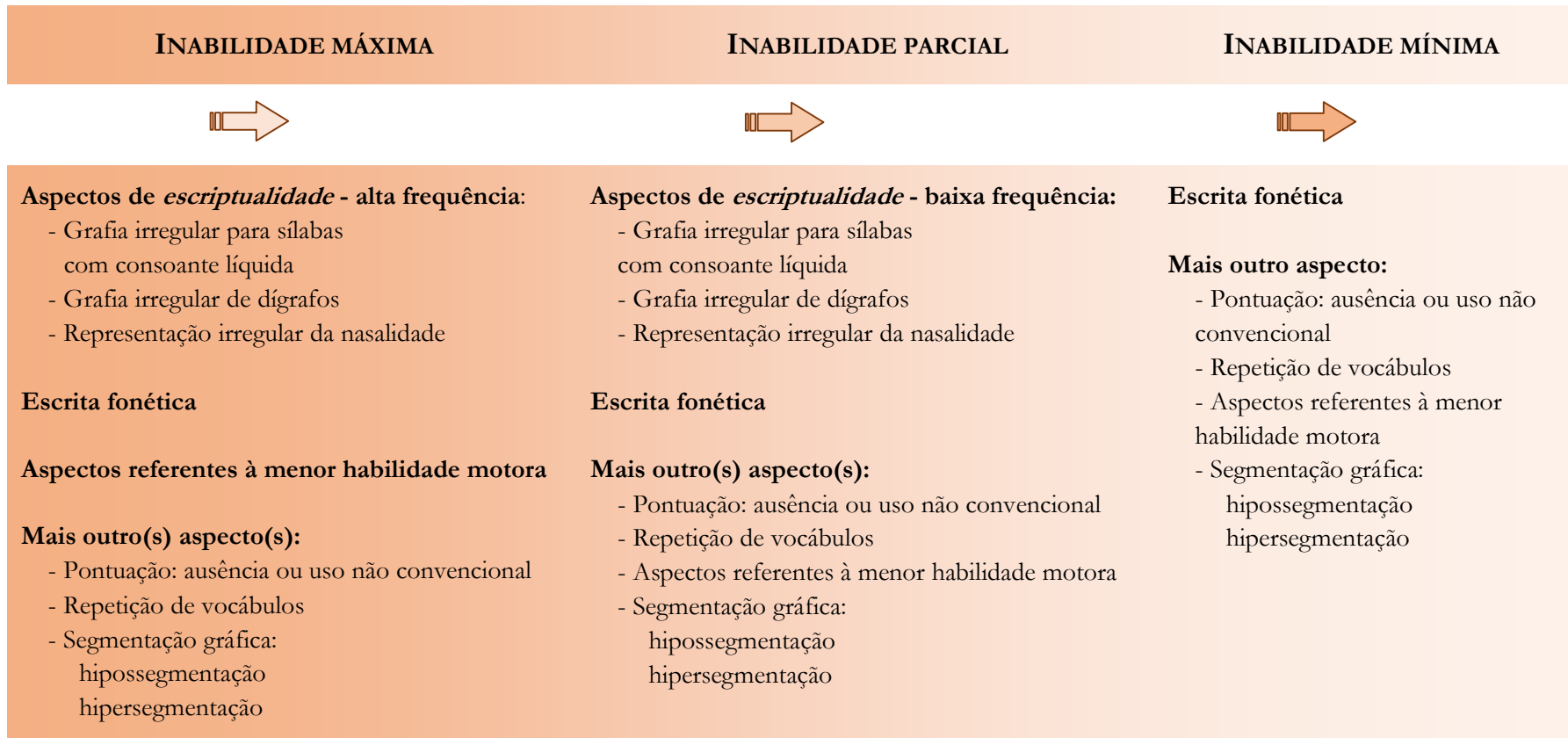
	Dimensões de inabilidade					
	Marcas de escriptualidade	Escrita fonética	Pontuação	Repetição de vocábulos	Pouca habilidade motora	Segmentação gráfica
Inabilidade máxima	Alta frequência e marcas mais raras	+	Ausência de sinais, ou baixo uso, ou uso não convencional	Tendência a maior frequência de ocorrências, mas não é determinante	Presença de marcas	Grafias hipossegmentadas e hipersegmentadas, mas não é determinante
Inabilidade parcial	Baixa frequência e marcas mais comuns	+	Ausência de sinais, ou baixo uso, ou uso não convencional	Tendência a menor frequência de ocorrências, mas não é determinante	Presença menor de marcas, mas não é determinante	Grafias hipossegmentadas e hipersegmentadas, mas não é determinante
Inabilidade mínima	Ausência de ocorrências	+	Ausência de sinais, ou baixo uso, ou uso não convencional	Poucas ocorrências	Presença menor de marcas, mas não é determinante	Poucas ocorrências

Fonte: elaboração própria.

Na seção 5, a sistematização dessa proposta metodológica está mais detalhada, com a aplicação ao *corpus* constituído pelas cartas pessoais dos sertanejos baianos, através da descrição das seguintes dimensões de inabilidade:

- a. da *escriptualidade*:
 - grafia de sílabas complexas (deslocamentos e omissões de /r/, /l/ e /s/);
 - hipercorreções (acréscimos de <r>, <l> e <s> em posição de coda e acréscimos de <r> em posição de ataque ramificado);
 - representação da nasalidade (representação exagerada e ausência da representação);
 - representação de dígrafos;
- b. da escrita fonética: *índices grafofonéticos*;
- c. da pontuação (ausência de sinais de pontuação, baixo uso e/ou uso não convencional);
- d. da repetição de vocábulos;
- e. da habilidade motora:
 - ausência de *cursus*;
 - uso de módulo grande;
 - ausência de regramento ideal;
 - traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto;
 - irregularidade da empaginação;
 - letras monolíticas;
- f. da segmentação gráfica: hipersegmentação e hipossegmentação.

Figura 2 – Contínuo de inabilidade em escrita alfabética



Fonte: elaboração própria.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Discute-se, nesta seção, sobre a natureza interdisciplinar deste estudo, apresentando-se algumas questões teórico-metodológicas que envolvem o trabalho. Inicialmente, em 2.1, do Campo da Linguística Histórica sócio-histórica, aborda-se, especificamente, sobre o uso de fontes documentais como *corpora* nos estudos dessa área; em seguida, em 2.2, do Campo da História Social da Cultura Escrita, sobre a necessidade de investigação em torno da dimensão externa da escrita, assim como sobre os aspectos metodológicos que se referem ao diálogo com a história oral, na produção de narrativas do passado. Por fim, em 2.3, do Campo Filológico, comenta-se sobre as opções filológicas na constituição de *corpora* compostos por documentos produzidos por *mãos inábeis*, na perspectiva das Humanidades Digitais.

2.1 CAMPO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA SÓCIO-HISTÓRICA: SOBRE O USO DE FONTES COMO *CORPORA* HISTÓRICOS

Para o processo de reconstrução da história sócio-linguística, os documentos escritos são materiais empíricos necessários, considerando-se a impossibilidade de acesso à língua de sincronias passadas. Pode-se, apenas, como lembra Mattos e Silva (2008a, p. 20), “[...] entrever ou entreouvir a voz através dos textos: tarefa difícil e apenas aproximativa, ‘ouvir o inaudível’”. Nesse sentido, os textos mais transparentes na escrita, em relação aos dados da oralidade, têm especial valor. De acordo com Barbosa (2008), é preciso descobrir fontes escritas mais transparentes, com índices que reflitam um pouco melhor certos traços de oralidade, seja pela inabilidade/desconhecimento, por parte dos redatores, de fórmulas textuais, seja pela relação simétrica de poder entre remetente e destinatário, seja ainda pelo caráter intimista de um dado tema.

A tarefa de constituição de *corpora* significativos e representativos para o estudo linguístico do português brasileiro está prevista no primeiro item da agenda de investigação do Projeto Nacional *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), que, coordenado por Ataliba de Castilho, da Universidade de São Paulo (USP), desde 1997, se estrutura em três campos inter-relacionados de trabalho, como mostram Lobo e Oliveira (inédito):

- a) um *campo histórico-filológico*, visando à constituição de *corpora* diacrônicos de documentos de natureza vária, escritos no Brasil, a partir do século XVI;
- b) um *campo gramatical*, visando ao estudo de mudanças linguísticas apreendidas na análise dos *corpora* constituídos, e
- c) um *campo de história social linguística*, visando à reconstrução mais ampla da história social linguística do Brasil e, em particular, do português brasileiro.

Diante dos desafios para a reconstrução da complexa formação sócio-histórica linguística do português brasileiro – uma realidade plural e polarizada entre normas vernáculas e normas cultas⁶ –, evidencia-se a necessidade de uma atitude investigativa interdisciplinar. Um dos diálogos necessários, o que deve ocorrer entre historiadores da língua e historiadores da cultura escrita, atende a uma das quatro vias propostas por Antônio Houaiss (1985), para penetrar nessa problemática da história linguística do Brasil, que é a reconstrução da história da *penetração da língua escrita no Brasil*. A quarta via⁷ apresentada por Houaiss (1985, p. 128, grifo nosso) é:

4. a **penetração da língua escrita no Brasil, das origens aos nossos dias**, não numa leitura estética, que se vem tentando algo em vão, nem histórico-externa, nem sociológica, nem demográfica, nem demopsicológica, nem antropológica, nem política, mas essencialmente linguística – que depois será um componente relevante das “histórias” parciais acima aludidas, cuja junção nos possa dar uma história – analítica e sintética – de que já nesta altura tanto necessitamos.

Conforme Lobo e Oliveira (inédito), essa via 4 é o espaço privilegiado “[...] de encontro entre historiadores do português brasileiro e historiadores da cultura escrita no Brasil. Concebido como um espaço interdisciplinar, a sua construção, contrariamente à perspectiva apontada por Houaiss, não poderá ser só ou ‘essencialmente linguística’”.

A edição e a disponibilização de *corpora* constituídos por documentos pessoais, representativos da escrita cotidiana, com menor grau de formalidade, colaboram, portanto, com a agenda do PHPB, para os pesquisadores interessados em aspectos linguísticos, sócio-históricos e da difusão da escrita. Considerando que documentos desse tipo podem melhor refletir aspectos do vernáculo, podem servir como contraste para estudos aproximativos à vertente popular do português, em relação às vertentes cultas.

⁶ Cf. Lucchesi (2015), sobre a polarização sociolinguística do Brasil.

⁷ As três primeiras vias são: “1. a do levantamento exaustivo de depoimentos diretos e indiretos sobre todos os processos linguísticos havidos a partir (e mesmo antes, para com os indígenas e negros) dos inícios da colonização [...]; 2. o mapeamento confiável da dialectologia brasileira [...] 3. o incremento da dialectologia vertical em tantos quanto possíveis grandes centros urbanos e focos rurais antigos [...]” (HOUAISS, 1985, p. 127-128).

É importante ressaltar que não é pelo fato de um *corpus* ser produto de inábeis, apenas, que ele pode servir ao estudo de aspectos das variedades linguísticas populares, já que a noção de inabilidade está relacionada ao treinamento da escrita. Como comenta Barbosa (2005, p. 38), para a sociedade colonial, por exemplo, pode-se “[...] conceber um inábil, ou mesmo um analfabeto, como conhecedor da cultura dos textos-modelo e vinculado aos círculos do poder por exercer cargos de destaque”. Ele poderia, então, ser tido como culto, apenas não dominava a técnica da escrita. Em relação ao *corpus* de inábeis do século XX, constituído pelas cartas do sertão, a possibilidade de acesso a aspectos referentes à dimensão externa da escrita, aos perfis sócio-culturais dos redatores, é fundamental para um melhor controle metodológico da amostra. Documentos desse tipo, representativos da escrita cotidiana, podem contribuir como material empírico para uma aproximação a fenômenos linguísticos diversos, mais especificamente, à vertente popular do português brasileiro⁸.

2.2 CAMPO DA HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA ESCRITA: SOBRE A INVESTIGAÇÃO DA DIMENSÃO EXTERNA DA ESCRITA

Sob a tendência da História Cultural, que enfatiza o ponto de vista das pessoas comuns, dos anônimos, os estudos da História da Cultura Escrita propõem abordagens que valorizem as práticas cotidianas, que evidenciem as produções dos que estão à margem da sociedade, relegados da história oficial. Nesse sentido, a produção de narrativas do passado constitui-se como uma possibilidade de aproximação à memória coletiva que envolve as práticas de leitura e escrita do lugar, incluindo as práticas daqueles que não passaram pelo processo de alfabetização escolar. Segundo Castillo Gómez (2003), a História da Cultura Escrita busca estudar as práticas sociais de escrever e de ler, em um projeto que reconhece a escrita como algo mais que um mero sistema gráfico, questionando acerca das suas diferentes funções e práticas materiais, sempre em referência às respectivas sociedades históricas, “[...] teniendo

⁸ Alguns estudos já foram realizados, em nível de mestrado, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da UEFS, e há outros em andamento, usando parte do *corpus* constituído pelas cartas de inábeis do sertão baiano. As dissertações já concluídas são as de Lorena Santos (2017), intitulada *A variação da concordância nominal de número em cartas de inábeis do sertão baiano (1906-2000)*; a de Janaina Mascarenhas (2016), *Sentenças relativas em cartas de inábeis*, e a de Gutemberg Magalhães, *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX*. Os projetos de dissertação em desenvolvimento são: *Uso variável dos artigos definidos antes de possessivos em cartas pessoais do sertão baiano (século XX)*, de Rosana Carvalho; *Para a história do português popular brasileiro: o sistema de tratamento em cartas baianas do século XX*, de Elane Santos, e *A colocação dos clíticos em sentenças finitas: um estudo sócio-histórico das vertentes do PB em cartas do sertão baiano (século XX)*, por Maiara Lemos.

em cuenta que em cada momento la sociedad ha estado formada por alfabetizados y analfabetos”⁹ (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 96).

Nessa mesma direção, Ana Maria de Oliveira Galvão (2007, 2010) afirma que, por meio da descrição minuciosa dos eventos e práticas sociais mediados por material escrito, é possível compreender o lugar que a escrita ocupa em determinada cultura. Uma possibilidade para conceituar “cultura escrita” seria, então, considerá-la como “[...] o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade” (GALVÃO, 2010, p. 218). A autora propõe *cinco vias*, ou *dimensões*, para o estudo da cultura escrita em uma perspectiva histórica (GALVÃO, 2010, p. 221-223):

- i. a que se refere às instâncias ou instituições que ensinam ou possibilitam a circulação do escrito em certas épocas e em certos locais;
- ii. fazer uma história dos objetos que lhe dão suporte;
- iii. estudar os suportes por meio dos quais ela é difundida e ensinada;
- iv. focalizar os sujeitos que, em suas vivências cotidianas, constroem historicamente os lugares simbólicos e materiais que o escrito ocupa nos grupos e nas sociedades que os constituem (e que, ao mesmo tempo, ajudam a constituir);
- v. investigar os meios de produção e transmissão das múltiplas formas que o fenômeno assume.

Em relação às entrevistas-narrativas produzidas nesta pesquisa, os temas abordados pelos sujeitos perpassam algumas dessas vias, possibilitando identificar alguns indícios, principalmente, sobre o que trata a primeira via (além do espaço escolar, os espaços extraescolares de aquisição da escrita) e, também, a segunda via (além do livro didático, os jornais, os cordéis, os calendários, os textos religiosos).

Chartier (2010) indica algumas modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado: o conhecimento produzido pelos historiadores, as obras de ficção e a memória, seja ela coletiva ou individual. Sem querer priorizar ou indicar a memória como superior, o autor lembra que uma das diferenças entre história e memória é que “[...] à imediata fidelidade (ou suposta fidelidade) da memória opõe-se a intenção de verdade da história, baseada no processamento dos documentos, que são vestígios do passado, e nos modelos de inteligibilidade que constroem sua interpretação” (CHARTIER, 2010, p. 22). Opõe, assim, o reconhecimento do passado, exercido pela memória, à representação do passado, tencionada pelo discurso histórico. Para as comunidades em que a presença do passado no presente é um

⁹ “[...] tendo em conta que em cada momento a sociedade foi formada por alfabetizados e analfabetos”. (Tradução nossa).

elemento essencial da construção do “ser coletivo”, a memória é conduzida, ainda segundo o autor, por essas exigências existenciais.

Esse reconhecimento do passado, através da memória, auxilia na busca por respostas ao conjunto mínimo de questões proposto por Petrucci (2003, p. 7-8), por aqueles que trabalham com a cultura escrita:

1. *¿Qué?* En qué consiste el texto escrito, qué hace falta transferir al código gráfico habitual para nosotros, mediante la doble operación de lectura y transcripción.
2. *¿Cuándo?* Época en que el texto en sí fue escrito en el testimonio que estamos estudiando.
3. *¿Dónde?* Zona o lugar en que se llevó a cabo la obra de transcripción.
4. *¿Cómo?* Con qué técnicas, con qué instrumentos, sobre qué materiales, según qué modelos fue escrito ese texto.
5. *¿Quién lo realizo?* A qué ambiente sociocultural pertenecía el ejecutor y cuál era en su tiempo y ambiente la difusión social de la escritura.
6. *¿Para qué fue escrito ese texto?*Cuál era la finalidad específica de ese testimonio en particular y, además, cuál podía ser en su época y en su lugar de producción la finalidad ideológica y social de escribir.¹⁰

Auxiliando, principalmente, na busca por respostas às questões 5 e 6, as narrativas sobre o passado, produzidas nesta pesquisa, contribuem para o acesso a indícios do perfil sociocultural dos redatores e do contexto de produção dos manuscritos, fornecendo pistas acerca de seus processos de letramento. Esses processos ocorriam, muitas vezes, em dimensões não escolares, quando se *inventava*, cotidianamente, *maneiras de fazer* (CERTEAU, 2013), de se estabelecer práticas de escrita e leitura, seja na própria casa ou na de parentes, no convívio com amigos e/ou através do contato com outros materiais de leitura, como cartas, jornais e textos religiosos. A partir desses indícios, reconhecem-se a possibilidade e a necessidade de se produzir empoderamentos, de se legitimar as vozes daqueles que, ao longo do tempo, estiveram às margens das atividades de escrita, mas foram agentes, cujas ações afetaram o mundo (às vezes limitado) em que viviam, como lembra Sharpe (1992), ao tratar da história das pessoas comuns, das classes inferiores.

¹⁰ “1. *O quê?* Em que consiste o texto escrito, que é necessário para transferir o código gráfico habitual para nós, através da dupla operação de leitura e transcrição. 2. *Quando?* Época em que o texto em si foi escrito no testemunho que estamos estudando. 3. *Onde?* Zona ou lugar em que se levou a cabo a obra de transcrição. 4. *Como?* Com que técnicas, com que instrumentos, sobre que materiais, segundo que modelos foi escrito esse texto. 5. *Quem o realizou?* A que ambiente sociocultural pertencia o executor e qual era em seu tempo e ambiente a difusão social da escrita. 6. *Para que foi escrito esse texto?* Qual era a finalidade específica desse testemunho em particular e, além disso, qual poderia ser em sua época e em seu lugar de produção a finalidade ideológica e social da escrever”. (Tradução nossa).

2.2.1 SOBRE O RECURSO À HISTÓRIA ORAL

No âmbito dos estudos linguísticos sócio-históricos, quando não se trabalha com *mãos mortas*, a recorrência às fontes orais permite minimizar os desafios envolvidos na busca pelo *controle* dos perfis sociais, no levantamento dos fatores externos à escrita. A construção da história da cultura escrita, que necessita de informações sobre *quem* escreveu e *para que foi escrito o texto*, pode contar com esse tipo de fonte, característico do novo fazer historiográfico (BURKE, 1992; PRINS, 1992). Segundo Peter Burke (1992), ao tratar das novas tendências do fazer historiográfico, a história oral é um dos novos tipos de fonte que suplementam os documentos oficiais, desde que os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o passado, escolhendo novos objetos de pesquisa.

A opção pelas histórias de vida como meio para obtenção de indícios do perfil sociocultural dos sertanejos e, conseqüentemente, da penetração/difusão da língua escrita na zona rural do semiárido baiano, com o uso de entrevistas-narrativas¹¹, inspira-se, portanto, nos pressupostos da História Oral, em uma atitude de *dessujeição metodológica*, como sugere Rodrigues (2010), ao justificar sua opção pela pesquisa que força a sair da imobilidade de outras estratégias metodológicas, visando a uma *dessujeição* dos pesquisados e do pesquisador. Considera-se que as fontes históricas orais são fontes narrativas, no sentido proposto pelo historiador oral italiano Alessandro Portelli (1991). Para esse autor, a história oral é, primordialmente, *uma arte da escuta*, e, ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas *cocriadas* pelo historiador, caracterizadas como: “[...] narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador” (PORTELLI, 2016, p. 9).

Ao apresentar as especificidades da história oral, no texto *What makes oral history different*, Portelli (1991) destaca como peculiaridades desse tipo de fonte a oralidade, a forma narrativa, a subjetividade, a credibilidade diferente da memória e a relação entre entrevistador e entrevistado. Sobre essa última peculiaridade, o autor afirma que o resultado final da entrevista é o produto de ambos, tanto do narrador como do pesquisador. Um dos requisitos para a entrevista, então, é que:

[...] the researcher “accept” the informant, and give priority to what she or he wishes to tell, rather than what the researcher wants to hear, saving any unanswered

¹¹ Essa expressão tem sido difundida pela Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, ao usar entrevistas-narrativas como importante fonte de produção de dados, possibilitando interpretações acerca das trajetórias de vida (cf. SOUZA, 2015).

questions for later or for another interview. Communications always work both ways. [...] Historians might as well recognize this fact and make the best of its advantages, rather than try to eliminate it for the sake of an impossible (and perhaps undesirable) neutrality. (PORTELLI, 1991, p. 54)¹²

É nesse mesmo sentido, no trabalho com fontes que são orais, narrativas e subjetivas, que cada entrevistado não deve ser entendido “[...] como uma mera fonte de ‘informações’ sobre o assunto, mas sim como uma pessoa que, de alguma maneira, vivenciou um pedaço de um momento histórico e se apropriou de forma pessoal de sua experiência”, como também defende Worcman¹³ (2014, p. 151). Essa autora esclarece que “[...] o sucesso da entrevista depende muito da relação estabelecida entre entrevistado e entrevistador” e o roteiro é entendido apenas como um guia, um apoio (WORCMAN, 2014, p. 151).

Reconhecendo essa importância de uma relação aberta, atenciosa e acolhedora entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, que desencadeie uma narrativa fluente, o mais livre e espontânea possível, o processo de produção das narrativas dos sertanejos conta com uma relação de proximidade entre entrevistado e entrevistador, por compartilharem uma mesma identidade local/geográfica; e, além disso, como foram feitas várias visitas na ocasião da constituição do *corpus* das cartas pessoais, as pessoas demonstram estar bem à vontade no momento das gravações dos relatos, evidenciando receptividade e interesse pelas conversas.

O planejamento da entrevista (cf. Apêndice F), com o estabelecimento de alguns temas previamente, tem a função apenas de fornecer apoio ao pesquisador no desencadeamento da conversa, na provocação ao entrevistado em seu processo de evocação das memórias, já que no decorrer da narrativa podem surgir outros assuntos ou alguns podem não ser mencionados, a depender do fluxo da conversa, pois, como comenta Portelli (2016, p. 10), “[...] o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar”. Considerando-se esse aspecto, o planejamento apresenta alguns temas, estabelecidos a partir do desejo de conhecer memórias/lembranças sobre as práticas de escrita e leitura constituídas no cotidiano dos sujeitos:

- a. A infância/juventude: onde viveu, primeiros aprendizados, relação com os pais, saberes construídos nesse período.

¹² “[...] o pesquisador ‘aceite’ o informante e dê prioridade ao que ela ou ele deseja dizer, de preferência ao que o pesquisador quer ouvir, guardando quaisquer questões não respondidas para depois ou para outra entrevista. A comunicação sempre funciona de ambos os lados. [...] Os historiadores podem reconhecer esse fato e tirar dele vantagens, ao invés de tentar eliminá-lo em razão de uma neutralidade impossível (e talvez indesejável).” (Tradução nossa).

¹³ Fundadora e diretora do Instituto Museu da Pessoa, instituição virtual que desenvolve projetos a partir de uma metodologia que pressupõe ser a narrativa de cada pessoa a expressão de sua singularidade. Cf. www.museudapessoa.net.

- b. A oralidade: contação de histórias, tipos de histórias, quem contava, onde, quando.
- c. A aprendizagem da escrita: sobre como se deu esse aprendizado, relação dos pais com a escrita, presença de professores/escolas na região, a escrita das cartas.
- d. A leitura: gosto pela leitura, presença de materiais de leitura em casa, maneiras de ler.

Ao manter o foco na *arte da escuta* (PORTELLI, 2016), também serve de inspiração a este trabalho as produções do cineasta brasileiro Eduardo Coutinho, principalmente o seu documentário *O fim e o princípio*¹⁴, gravado em comunidades rurais do Nordeste, em 2005. Nesta produção, o documentador ouve muito mais do que fala e não há uma produção prévia; é a voz que emerge do cotidiano, das pessoas comuns do sertão, atribuindo autoria e protagonismo ao processo de produção.

Nos encontros com os sertanejos, em suas próprias casas, após leitura e solicitação da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. Apêndice G), garantindo os aspectos éticos da pesquisa, as entrevistas-narrativas foram desenvolvidas a partir dos temas mencionados, ou a partir de outros temas, lembrados por eles. Segundo Street (2010, p. 41), ao tratar das perspectivas etnográficas que ajudam a entender o letramento, deve-se, em vez de falar sobre algo que eles não têm, dizer sobre “o que eles têm”, contrapondo-se à maneira dominante de se entender as práticas etnográficas, em que “[...] começamos com a premissa de que todos vivemos na nossa própria cultura, nossos próprios contextos com significados e linguagem. Quando vamos a outro lugar, a primeira coisa que tendemos a fazer é perguntar se eles têm as coisas a que estamos acostumados”. E a negação sempre aparece nas possíveis respostas. Para o autor, esse é um problema sério, pois ao se entrar direto com os termos com os quais se está acostumado, vai-se, provavelmente, distorcer a realidade.

Nesse sentido, procura-se evitar, por exemplo, conversar de início com os sertanejos sobre o acesso a livros, mas sim sobre os materiais de leitura a que eles tiveram contato; também se procura evitar conversar, pelo menos inicialmente, sobre a frequência à escola, já que os indícios são de que não havia escolas na região, mas sim sobre as práticas de escrita, sobre os processos que possibilitaram uma apropriação do código escrito. As práticas convencionais de aprendizagem podem dar lugar a diferentes situações de letramento, e são essas situações que também se pretende produzir visibilidades com a pesquisa. Ainda sobre as estratégias para esse tipo de abordagem etnográfica, Street (2010, p. 46) referenda a ideia de que investigar uma prática social não consiste em fazer um inventário de perguntas e respostas, e exemplifica lembrando que um investigador pode estar “[...] indo rápido demais

¹⁴ Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=_VQC51XZ5ow&t=16s>.

com seu entrevistado, quando faz uma pergunta direta como ‘Que dificuldades encontraram como consequência de não saber ler e escrever?’”. Determinadas questões podem envolver relações mais amplas, de identidade, poder e significados sociais.

Assume-se a postura de não atribuir julgamentos de valor no que se refere à veracidade das narrativas. Considera-se, no entanto, que não existe voz pura, porque ela é sempre determinada por um sistema, como o social ou o familiar, e codificada por uma recepção, conforme lembra Certeau (2013). Se a memória é construída de acordo com as redes de poder, com as relações desenvolvidas em experiências passadas, vividas em interação com diferentes grupos, são valorizadas as lembranças, as escolhas realizadas por cada pessoa durante as narrativas, em que a memória individual emerge de uma memória coletiva. Segundo Portelli (1991), essa subjetividade do expositor é um precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador e que nenhuma outra fonte possui em medida igual.

Em relação ao processo de gravação, manteve-se um ambiente informal nas casas, sem utilizar grande aparato tecnológico (apenas uma câmera portátil com poucos recursos), e isso pode não garantir a qualidade técnica dos vídeos/áudios, mas favoreceu narrativas mais espontâneas e livres. As condições acústicas e de iluminação não foram ideais, havendo interrupções por causa da chegada de outras pessoas, barulhos de animais, automóveis etc.; em alguns trechos das falas, a emoção ou a dificuldade de “lembrar” pode ter contribuído para um tom de voz muito baixo e/ou ininteligível, o que dificultou o trabalho posterior de audição e transcrição.

A transcrição das entrevistas-narrativas não foi realizada de modo integral, pois foram escolhidos, principalmente, os trechos que abordam os temas relacionados às práticas de escrita e leitura, foco deste estudo¹⁵. Realizou-se uma transcrição grafemática, que procura tornar a leitura acessível ao pesquisador, mas isso não dispensa a audição das narrativas, pois há elementos (expressões, entoação etc.) que são próprios ao texto oral, difíceis de serem apresentados em uma transcrição¹⁶. Os sinais de pontuação inseridos pelo transcritor, a fim de tornar a transcrição legível, quase nunca coincidem com os ritmos e pausas do sujeito falante, de acordo com Portelli (1991). E a duração das pausas, a mudança de ritmo na narrativa, são elementos importantes no discurso: “Of course, this can only be perceived by listening, not by reading” (PORTELLI, 1991, p. 48)¹⁷.

¹⁵ Os trechos transcritos são apresentados no Apêndice H.

¹⁶ A maior parte da transcrição dos trechos das narrativas orais foi realizada por Rosana Brito, estudante do curso de Mestrado em Estudos Linguísticos, da UEFS/BA com nossa revisão.

¹⁷ “Naturalmente, isto pode somente ser percebido por meio da audição e não da leitura.” (Tradução nossa).

A recorrência às gravações é necessária, portanto, para os que pretenderem desenvolver estudos a partir dessas entrevistas-narrativas, sobretudo para a realização de pesquisas linguísticas no campo da fonética e da fonologia.

Por fim, o acervo de entrevistas-narrativas está disponibilizado/armazenado em um espaço digital (cf. www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/), junto ao conjunto de manuscritos. Assim, garante-se a preservação da memória dos sertanejos, reconhecendo-se a necessidade de que sejam produzidas visibilidades, de ouvir aqueles que, ao longo do tempo, estiveram às margens das atividades de escrita, ofuscados pela história oficial, vistos agora como agentes de suas histórias de vida, disponibilizando-se fontes de especial raridade para os estudos linguísticos, da História Social da Cultura Escrita, e inclusive para atender a interesses de outras áreas do conhecimento.

2.3 CAMPO FILOLÓGICO

Para o trabalho com *corpora* diacrônicos que sejam produtos de *mãos inábeis* é importante que se assegure a confiabilidade da edição, a fim de possibilitar a percepção e a análise de propriedades específicas a esse tipo de documentos, desde os aspectos linguísticos até os físico-caligráficos. Na tentativa de garantir essa fidelidade é que se opta pela edição semidiplomática, acompanhada do fac-símile, neste trabalho.

Há muitas peculiaridades, nesse tipo de manuscritos, que requerem do editor um cuidado especial, já que a investigação sobre alguns aspectos presentes exige informações precisas. Em relação à grafia utilizada, por exemplo, a presença e a frequência de formas não convencionais é que vai fornecer indícios da maior ou menor inabilidade do redator com a escrita, o que implica em uma interferência mínima do editor. Essa necessidade de se fazerem lições conservadoras é enfatizada por Telles (2008, p. 31), ao tratar das relações grafemático-fonéticas e o comportamento metodológico exigido, em filologia textual. De acordo com a autora, o estudo dessas relações “[...] que permite, a partir dos dados textuais, inferir a realização de alguns fonemas, só é possível se a edição mantém fielmente a grafia do manuscrito”. E, ainda, mais recentemente, Lose e Telles (2017, p. 289) concluem que “A proposta de uma edição conservadora parece ser mais do que justificada quando se considera que a *scripta* do documento tanto pode mostrar os erros óbvios (ou *lapsus calami*) [...],” como, o que é mais importante, segundo as autoras, “[...] as variantes textuais decorrentes do desempenho do que escreve, do responsável pela *scripta*”.

Por outro lado, a necessidade de que seja feita uma *edição interpretativa* é manifestada por Marquilhas (2004), em defesa a uma edição *legível*, dos manuscritos medievais e modernos, com o menor número possível de símbolos e notas, possibilitando assim uma leitura mais fácil para aqueles interessados no conteúdo textual da edição, assim como permitindo a compreensão pelo programa de computador que for utilizado para tratar automaticamente o texto enquanto *corpus*.

Nesse mesmo sentido, Branche-Benveniste (1998, p. 138), ao comentar sobre a questão do *estabelecimento do texto*, isto é, da sua interpretação, afirma que os textos de *escritores inexpertos*, sejam crianças ou adultos, devem receber as mesmas considerações, por parte dos filólogos, que os textos antigos, já que “[...] no son interpretables si no se les establecen las normas modernas de escritura”¹⁸. E mostra que as mesmas intervenções que se devem realizar sobre os textos medievais se devem aplicar aos textos desses escritores, citando a necessidade de normatização de fenômenos envolvendo, por exemplo, a segmentação de palavras, a pontuação, os casos de deslocamento de letras e outras irregularidades ortográficas, concluindo que “[...] es muy difícil legitimar un texto de un escritor inexperto se no ha sido ‘editado’ conforme a los hábitos gráficos modernos”¹⁹ (BRANCHE-BENVENISTE, 1998, p. 141).

2.3.1 O TRABALHO COM *CORPORA* DIACRÔNICO NO TEMPO DAS HUMANIDADES DIGITAIS

No domínio das Humanidades Digitais, a passagem do trabalho com o texto do meio analógico para o ambiente eletrônico, digital, exige a atitude colaborativa, integrando o conhecimento da Filologia, das técnicas computacionais, da História da língua. Na introdução da obra *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*, Gonçalves e Banza (2013, p. 4-5) comentam que, no universo das Humanidades Digitais, o texto passa a ser objeto de novas práticas não só na reprodução, mas também em termos de leitura e de investigação. Esse novo domínio exige, portanto, equipes multidisciplinares, “[...] uma vez que apenas o concurso de competências diversas permite responder aos problemas técnicos, filológicos e linguísticos inerentes à manipulação informática de textos, dos antigos em particular”.

Segundo Paixão de Sousa (2013), é na passagem entre o século XX e o XXI que se multiplicam iniciativas de construção de repositórios e ferramentas para a edição filológica, e

¹⁸ “[...] não são interpretáveis se as normas modernas de escrita não forem estabelecidas”. (Tradução nossa).

¹⁹ “[...] é muito difícil legitimar um texto de um escritor inexperiente se não tiver sido ‘editado’ conforme os hábitos gráficos modernos”. (Tradução nossa).

um grande número de periódicos dedicados ao tema das edições eletrônicas, surgindo, então, o campo denominado *Digital Philology*, ou *e-Philology*. Ao apresentar alguns projetos²⁰, avanços e desafios que envolvem o desenvolvimento de novas tecnologias para a edição eletrônica, a autora lembra que a edição filológica e a *linguística de corpus* são áreas cada vez mais conexas, mas que não se confundem. Em Paixão de Sousa (inédito), essa pesquisadora trata de “estudos em linguística que usam corpora”, sem entrar na discussão sobre a propriedade do termo *linguística de corpus*, para definir uma área de estudos; e prioriza os estudos em Linguística Histórica, como os que quase sempre precisam recorrer a dados em fontes escritas.

Para Paixão de Sousa (2013, p. 127), a edição eletrônica “[...] amplia os horizontes técnicos do trabalho filológico, por libertar as técnicas de representação editoriais das limitações materiais colocadas anteriormente pela tecnologia do impresso”. Comparando as práticas emergentes, da *e-Philology*, às práticas do passado, Crane, Bamman e Jones (2008, [n. p.]) também tratam dessas vantagens:

Print culture gave us expensive distribution by which we could send static documents to a few thousand restricted locations. If we can deliver information to any point on the earth and we can tailor that information to the varying backgrounds and immediate purposes of many people, we can thus address audiences far beyond the physical and, indeed, cultural limitations which communication – oral and print – has imposed.²¹

Ainda de acordo com Crane, Bamman e Jones (2008), no mundo digital há um novo tipo de editor, que deve lidar tanto com o conhecimento da informática quanto com as práticas totalmente manuais de edição tradicional; o editor tradicional torna-se responsável por preparar documentos para uso não só por pessoas, mas por máquinas. Além da crescente disponibilização de *corpora* em formato digital, há a necessidade de garantir que os materiais digitalizados sejam legíveis pelas pessoas e processáveis pelos computadores.

Esse aumento de alcance do texto, um dos grandes impactos do digital nas Humanidades, como reflexo das novidades que as tecnologias eletrônicas permitem, pode ser percebido, por exemplo, na possibilidade de se conceber várias formas de *apresentação* da edição filológica. Enquanto que na edição em meio analógico cada apresentação do texto

²⁰ Cf. Paixão de Sousa (2013), para exemplos de projetos dedicados à edição filológica eletrônica de textos escritos em português.

²¹ “A cultura impressa nos deu distribuição dispendiosa pela qual é possível enviar documentos estáticos a alguns milhares de locais restritos. Se pudermos entregar informações a qualquer ponto da Terra e pudermos adaptar essas informações aos diferentes contextos e propósitos imediatos de muitas pessoas, poderemos dirigir-nos a públicos muito além das limitações físicas e, de fato, culturais, que a comunicação – oral e impressa – impôs-se”. (Tradução nossa)

corresponde a um objeto separado dos demais, na eletrônica, com as tecnologias computacionais de codificação, múltiplas versões podem ser derivadas de um único objeto. Essa possibilidade, que, segundo Paixão de Sousa (2013), é um *divisor de águas* entre o analógico e o digital, faz com que não haja mais razão para que os *tipos de edição* sejam objetos isolados entre si: “[...] podem, muito melhor, ser compreendidos como **camadas editoriais** possíveis sobre um mesmo texto – um mesmo texto lógico, aberto a múltiplas possibilidades de representação final” (PAIXÃO DE SOUSA, 2013, p. 120, grifo da autora). Para isso, tornou-se recorrente o uso da linguagem XML, uma linguagem comum de anotação – dentre outras linguagens de anotação computacional disponíveis – referente às diversas etapas da edição, adotada por vários projetos.

Destaca-se, aqui, o projeto *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*²² da Universidade Estadual de Campinas, produzido a partir do projeto de Galves, em 1998²³ – segundo Paixão de Sousa (2014), uma iniciativa pioneira no âmbito da língua portuguesa. Esse projeto faz parceria tecnológica com vários outros, dentre eles o projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS)²⁴, da UEFS, do qual faz parte o acervo utilizado neste trabalho.

Para a edição, em linguagem XML, esses projetos utilizam o software *eDictor*, desenvolvido por Paixão de Sousa e Kepler (2007) e Paixão de Sousa, Kepler e Faria (2013), um editor de textos voltado ao trabalho filológico e à análise linguística automática, que permite, por exemplo, a geração automática de versões correspondentes a edições diplomáticas, semidiplomáticas e modernizadas, e de versões com anotação morfossintática.

O aspecto mais importante a ser observado aqui sobre esse sistema é que ele permite a preservação das etapas de interferência sem prejuízo da possibilidade de inúmeras formas de representação [...]. No arquivo de base, a transcrição mais próxima ao original está reunida às interferências do editor, e as diferentes formas de apresentação possível irão selecionar as camadas de informação a serem extraídas, conforme o destino que se queira dar ao texto. (PAIXÃO DE SOUSA, 2013, p. 126)

Então, a versão modernizada, importante para facilitar a busca automática, não compromete as informações relativas ao texto original, que podem ser recuperadas em qualquer etapa do trabalho.

Em relação ao CE-DOHS, é um banco de textos constituído por um conjunto de documentos originados, sobretudo, da grande área do semiárido baiano, editados em

²² Cf. <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/index.html>.

²³ Cf. Projeto *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança linguística*. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/prfpml/fase1>

²⁴ Cf. <http://www5.uefs.br/cedohs/>.

linguagem XML, com o uso do *eDictor*, do *Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do Português Brasileiro* (CNPq. 401433/2009-9), coordenado por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda; um dos projetos do Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP), da UEFS, na Bahia²⁵. O CE-DOHS integra o *Programa Para a História do Português* (PROHPOR), fundado por Rosa Virgínia Mattos e Silva, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e o já mencionado, *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB).

Para a constituição desse banco, após a etapa de localização e seleção de documentos, eles são transcritos segundo normas filológicas conservadoras e, a partir dessa transcrição, realiza-se a edição digital, finalizando com o preenchimento dos metadados. No CE-DOHS, os textos-fonte são apresentados em edição semidiplomática, segundo as normas de transcrição do PHPB, sendo oferecidas informações sobre os documentos, sua descrição extrínseca e intrínseca, e, sempre que possível, dados biográficos sobre os autores. Com o uso do editor, é feita a codificação dos dados, textuais e extratextuais (ou metadados), “o que possibilita a conversão dos textos para diferentes formatos (TXT, XML, HTML) e evita problemas de processamento eletrônico” (CARNEIRO; LACERDA; SANTIAGO, 2016, p. 135).

A seguir, apresenta-se um dos conjuntos de documentos do CE-DOHS, o acervo de cartas dos sertanejos baianos, utilizado neste trabalho.

²⁵ Como resultado da primeira fase de pesquisa, “[...] o projeto CE-DOHS já disponibiliza diversos acervos, sobretudo de cartas manuscritas, organizando-as por grau de escolaridade e por grau de habilidade com a escrita; são 1084 cartas particulares (1808-2000), num total de 350.850 palavras, escritas por 422 remetentes (nascidos entre 1724 e 1980), extraída a maior parte de Carneiro et al (2011)” (CARNEIRO; LACERDA; SANTIAGO, 2016, p. 129). Além dos acervos de cartas, são disponibilizados livros de fazenda, manuscritos (séculos XVIII e XIX); textos impressos (séculos XX e XXI), e amostras de fala (século XX). Atualmente, os textos que compõem o CE-DOHS estão na forma não-anotada, ou seja, sem informações linguísticas. Essa tarefa será desempenhada na próxima fase do projeto.

PARTE II

O *CORPUS*, OS REDATORES E O CONTEXTO

3 SOBRE A DOCUMENTAÇÃO

Nesta seção, apresentam-se os documentos manuscritos utilizados para o desenvolvimento do trabalho. Inicialmente, em 3.1, demonstra-se como os acervos que constituem o *corpus* estão organizados. Este item está dividido em três partes: em 3.1.1, comenta-se acerca dos aspectos materiais dos manuscritos; em 3.1.2, das edições realizadas, a tradicional e a digital-eletrônica, e em 3.1.3, da disponibilização das edições. Em seguida, nos itens 3.2 e 3.3, aborda-se sobre a localização temporal e espacial dos documentos, respectivamente. Em 3.4, apresentam-se os redatores e os destinatários: em 3.4.1, sobre *quem* escreveu; em 3.4.2, sobre *para quem* os documentos foram escritos e, em 3.4.3, sobre alguns aspectos sócio-históricos da região de origem dos redatores e destinatários.

3.1 OS ACERVOS

A “exploração de arquivos”, que caracteriza a nova fase dos estudos histórico-diacrônicos do português brasileiro, em fins do século XX e início do XXI, é marcada, segundo Oliveira e Lobo (2012), por duas possibilidades, uma que se refere à reconstrução mais aproximada do chamado português popular brasileiro e outra que diz respeito à análise das práticas de leitura e escrita de indivíduos integrantes de grupos sociais subalternos.

Foram essas possibilidades que motivaram a busca e a localização de 131 cartas, de acervos pessoais, escritas por sertanejos dos municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, no semiárido baiano, ao longo do século XX, entre os anos de 1906 e 2000, com uma maior quantidade de textos correspondente às décadas de 1950, 1960 e 1970. Inicialmente, foi localizado, em 2011, um conjunto de 91 cartas, escritas por 43 remetentes, que foi utilizado como *corpus* da dissertação *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de ‘mãos cândidas’ do sertão baiano* (SANTIAGO, 2012). Posteriormente, em 2016, durante as visitas realizadas a alguns desses sertanejos para produção de entrevistas-narrativas, localizou-se um acervo com 40 cartas pessoais, datadas, primordialmente, da década de 1970, muitas escritas pelos mesmos redatores do primeiro conjunto de cartas.

Com a localização desses acervos, evidenciou-se, portanto, a recorrência à prática da escrita por indivíduos oriundos da zona rural da Bahia, espaço em que as escolas, na época, eram pouco presentes, como será discutido na seção 4. São correspondências que possuem um

caráter afetivo, enviadas por amigos, compadres, namorados, parentes em geral, para expressar saudades, obter notícias de familiares e fazer pedidos diversos. Os acervos pessoais, considerando cada proprietário, estão assim distribuídos:

Tabela 1 – Os acervos de cartas dos sertanejos baianos

Acervos	Quantidade de cartas
Arquivo de João Carneiro Oliveira (AJCO)	54
Arquivo de Zenilta Bispo de Oliveira (AZBO)	40
Arquivo de Josefa Josina da Silva (AJJS)	14
Arquivo de Ana Helena Cordeiro de Santana (AAHCS)	12
Arquivo de Maria Inês Oliveira Costa (AMIOC)	5
Arquivo de Lucidalva Cordeiro Cedraz (ALCC)	2
Arquivo de Maria Delvacy Cedraz (AMDC)	2
Arquivo de Helena Oliveira (AHO)	2
Total	131

Fonte: elaboração própria.

Esses acervos constituem um *corpus* representativo e homogêneo, considerando-se que as cartas foram trocadas entre redatores e destinatários que mantêm relações simétricas e fazem parte de um contexto sociocultural semelhante.

Para a maioria das cartas, foi possível a identificação de *quem* escreveu, *quando*, *onde* e *para quem* foram escritas, o que, para Mattos e Silva (2002, p. 23), é uma importante e difícil tarefa do processo de constituição de *corpora* apropriados aos estudos linguísticos sócio-históricos. No âmbito da História da Cultura Escrita, essas também são algumas das questões, propostas por Petrucci (2003, p. 7-8), para qualquer tempo histórico, retomadas aqui: *o quê?* Em que consiste o texto escrito; *quando e onde?* Época e lugar em que o texto foi escrito; *como?* Quais técnicas, instrumentos, materiais e modelos utilizados; *quem?* Ambiente sociocultural a que pertencia o redator e ambiente da difusão social da escrita, na época; *para que o texto foi escrito?* Qual era a finalidade do texto e qual poderia ser, em sua época e lugar, a finalidade ideológica e social da escrita.

3.1.1 OS ASPECTOS MATERIAIS DAS CARTAS

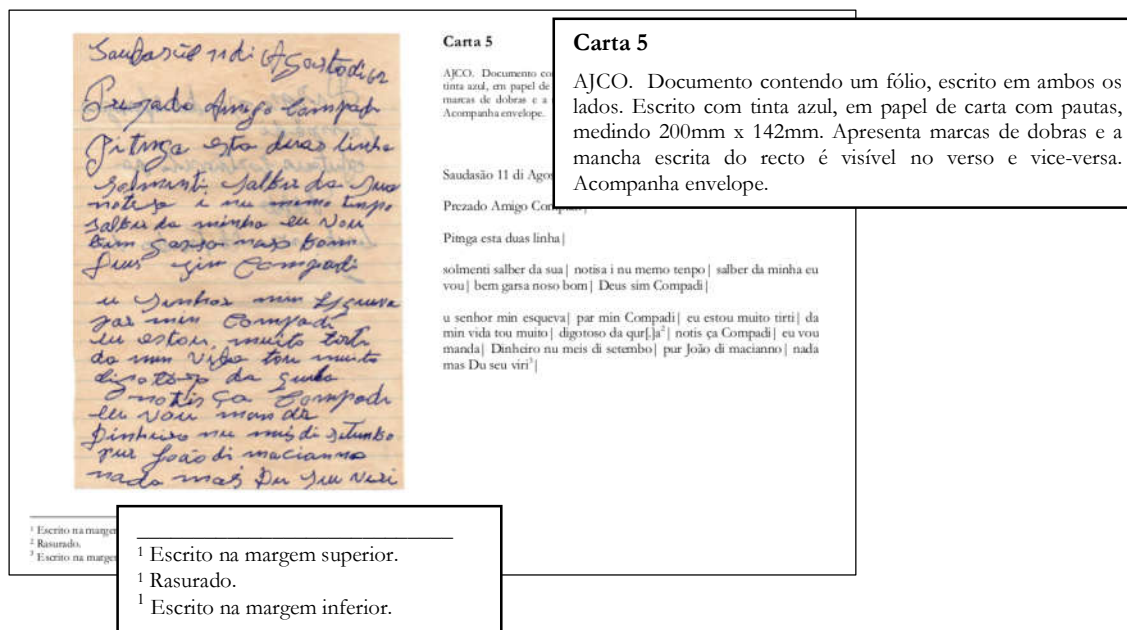
A descrição de características supragráficas dos documentos, a partir da avaliação de seu suporte físico, pode contribuir para “[...] sugerir aspectos do valor do documento em sua época de uso”, como observa Barbosa (1999, p. 155). Em se tratando de cartas privadas, o

conjunto das características físico-materiais pode reafirmar as propriedades de uma escrita cotidiana, rápida, informal. Marquilhas (2015), ao discutir sobre a importância de que sejam considerados todos os recursos mobilizados pelos autores para a produção do significado do discurso, destaca a materialidade da escrita como um aspecto fundamental, incluindo o *layout*, os desenhos, os números e o suporte material. A autora, em uma abordagem sociopragmática, analisa, por exemplo, a relação entre os espaços em branco nos cabeçalhos de cartas (escritas entre 1550 e 1970), assim como a presença de desenhos, e o comportamento social do autor. No gênero epistolar, um registro muito próximo da oralidade espontânea, esses recursos funcionam como uma forma de compensar algumas características específicas da comunicação face a face.

Considerando a importância desses aspectos, na edição filológica do *corpus* optou-se por apresentar alguns deles no cabeçalho de cada carta, assim como é feito nos demais acervos que compõe o projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CEDOHS). São descritas algumas informações sobre os principais aspectos materiais dos manuscritos, como a quantidade de fôlios, o tipo e as dimensões do papel, a cor da tinta e outras peculiaridades, como a presença de manchas, rasgos, anotações posteriores, ornamentos etc. No *Índice analítico*, disponível no Volume II deste trabalho²⁶, na coluna “Aspectos materiais”, também consta a descrição desses aspectos, para facilitar o acesso do pesquisador ao conjunto de informações. Detalhes mais específicos, como a indicação de trechos ilegíveis, de rasuras, de danos no suporte, de trechos escritos nas margens, entre outros, são fornecidos em nota de rodapé, ao longo da edição semidiplomática, conforme critérios estabelecidos nas normas de transcrição utilizadas (apresentadas no Volume II, antecedendo a edição das cartas). Na Figura 3, apresenta-se um exemplo de como esses aspectos são descritos na edição semidiplomática.

²⁶ O *Índice analítico* também está disponível no endereço <<http://www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/downloads.html>>.

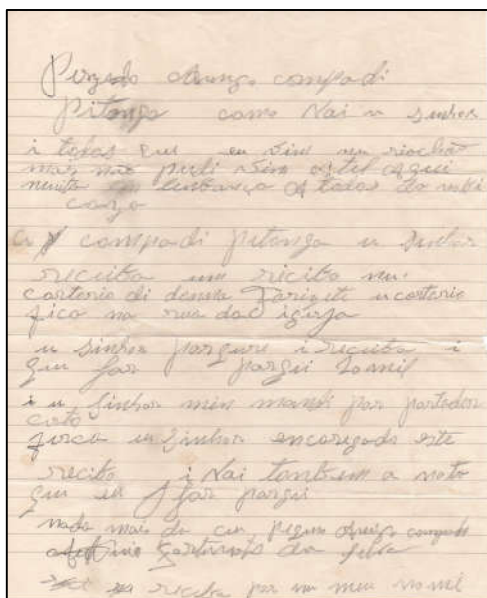
Figura 3 – Descrição de aspectos materiais na edição semidiplomática



Fonte: CE-DOHS.

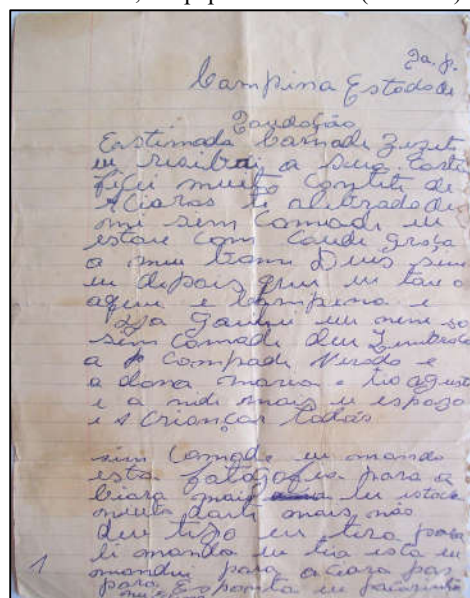
A maioria das cartas foi escrita em papel de caderno, com pautas, e há muitas, principalmente as escritas até a década de 60, em papel de carta. A tinta predominante é a de cor azul, mas há algumas que foram escritas em tinta preta, verde, vermelha e, ainda, há várias a lápis. Nota-se, nas cartas da segunda metade do século, o uso da caneta esferográfica, e não mais do tinteiro.

Figura 4 – Exemplo de carta escrita a lápis, em papel de carta (AFS-22)



Fonte: CE-DOHS.

Figura 5 – Exemplo de carta escrita a caneta de tinta azul, em papel de caderno (AOL-72)



Fonte: CE-DOHS.

Em alguns manuscritos, há presença de ornamentos, como desenhos de flores e de corações, identificados, principalmente, em cartas escritas por mulheres, destinadas tanto a amigas e comadres, como a namorados. As imagens a seguir exemplificam alguns desses desenhos:

Figura 6 – Detalhe da carta com desenho de flores (NIN-38)

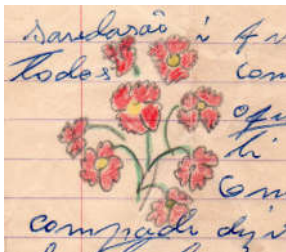
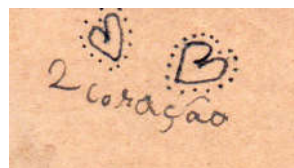


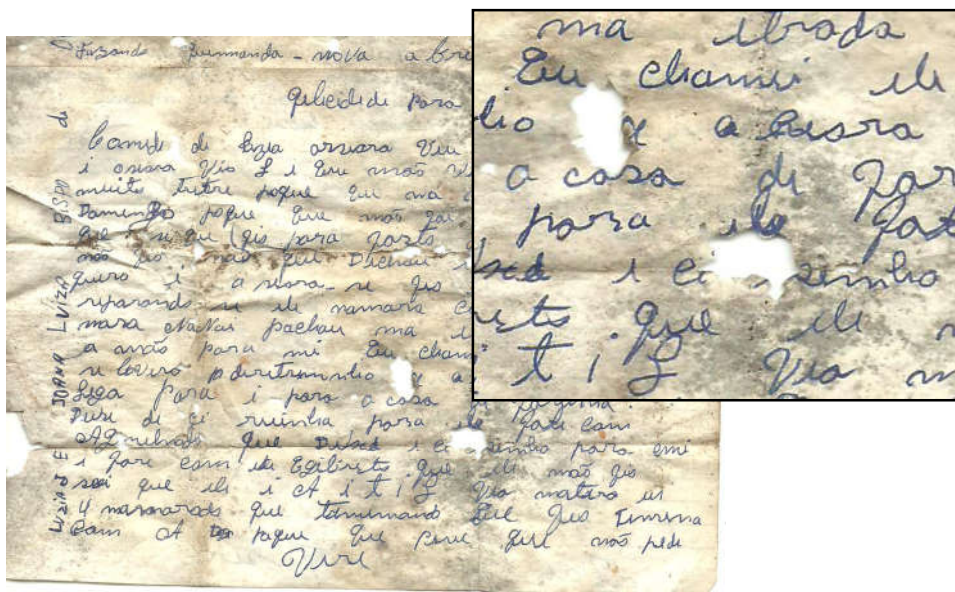
Figura 7 – Detalhe da carta com desenho de corações (APS-43)



Os vincos, causados pelas dobras, comuns às correspondências privadas e mais fortes pela ação do tempo, estão presentes em, praticamente, todas as cartas. A ação do tempo, aliada às condições de armazenamento, também contribuiu para o escurecimento do papel e a sujidade, em alguns documentos.

De modo geral, os manuscritos estão em bom estado de conservação. Um desgaste maior é notado nas cartas do acervo de Zenilta Bispo de Oliveira (AZBO): apesar de serem mais recentes, estavam acondicionadas em local com umidade e poeira, essas cartas foram guardadas, por muito tempo, em uma sacola plástica, em uma casa quase abandonada na zona rural, pelo casal proprietário. Por isso, muitas apresentam rasgos e manchas de umidade, algumas acentuadas por marcas da ação de fungos, como é possível notar na carta da Figura 8.

Figura 8 – Detalhe de carta com manchas e rasgos causados por umidade (JO-128)



Fonte: CE-DOHS.

3.1.2 AS EDIÇÕES REALIZADAS

A fim de servir aos mais variados estudos, principalmente aos de teor linguístico, a edição das cartas pessoais dos sertanejos está disponível na versão semidiplomática, conservadora, com fac-símile e, também, na versão modernizada, em linguagem XML, ambas detalhadas a seguir.

3.1.2.1 EDIÇÃO TRADICIONAL

Realizou-se uma edição semidiplomática dos documentos, garantindo uma preservação maior de propriedades próximas ao original, já que a única intervenção realizada durante a transcrição foi o desenvolvimento das abreviaturas²⁷. Considera-se que a interferência mínima do editor é uma necessidade, como afirma Telles (2008), para o estudo das relações grafemático-fonéticas de um manuscrito – principalmente daqueles produzidos por *mãos inábeis* –, assim como para o estudo de outras propriedades.

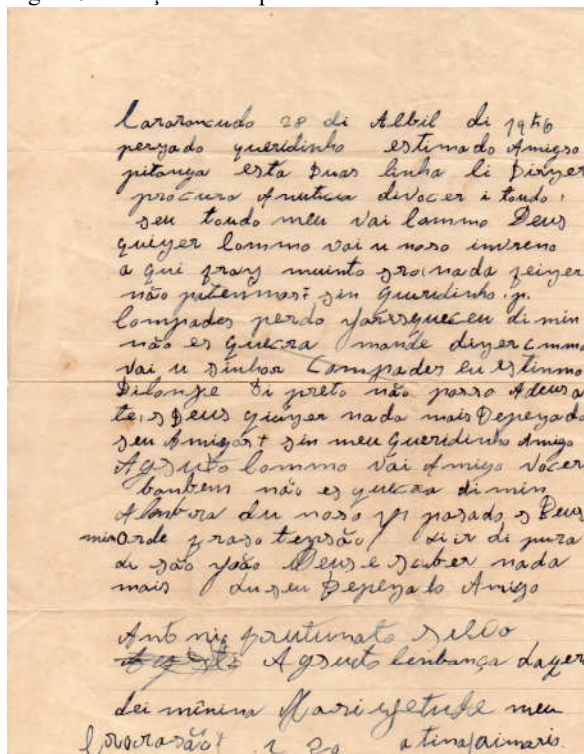
²⁷ A presença das abreviaturas, nas cartas, é preponderante nos textos mais antigos, mais especificamente, naquelas escritas em 1906, 1907 e 1908 (Cartas 66, 67, 68, 78, 79, 80, 81 e 88). Eis alguns exemplos de abreviaturas identificadas, com os desdobramentos em itálico: *Obrigadíssimo* e *que* (por suspensão); *muita* e *quando* (por contração); *cazamen*¹⁰ e *Don*^a (por contração e letra sobrescrita) – classificação baseada em Flexor (2008).

Os critérios para a edição das cartas foram elaborados com base nas normas de transcrição para documentos manuscritos do *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) (MATTOS E SILVA, 2001) e são apresentados no Volume II deste trabalho, antecedendo a edição das cartas.

Quanto à reprodução em fac-símile, as imagens foram digitalizadas e apresentadas na edição ao lado da transcrição dos textos, um processo que evita o desgaste dos documentos originais, facilitando o uso. Além disso, a avaliação de alguns aspectos, importantes na caracterização dos manuscritos, torna-se mais segura com a visualização das imagens, como os dados físico-caligráficos. Barbosa (2017, p. 26) demonstra a importância da disponibilização de *corpora* com fac-símiles, no sentido de possibilitar ao pesquisador a percepção dos aspectos de inabilidade relacionados à habilidade motora e à segmentação gráfica: “[...] mesmo com edições mecanográficas e conservadoras, sem o empenho de sempre inserir o fac-símile o usuário não tem como perceber de imediato o alto grau de inabilidade do redator do documento à sua frente”.

A seguir, um exemplo da edição, na versão semidiplomática:

Figura 9 – Edição semidiplomática com fac-símile



Carta 1

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 262mm x 205mm. Apresenta marcas de dobras.

Cararancudo 28 di Albil di 1956 |
perzado queridinho estimado Amigo | pitanga esta
Duas linha li Dirzer | procura A nuticia divocer i
toudo | seu toudo meu vai commo Deus | quizer
commo vai u noso invreno | a qui frais muinto sro.
nada feizer | não patenmos sin queridinho. p. |
compades perdo jasesqueceu di min | não es quecra
mande dizer cmmo | vai u sinhor compader eu
estinmo | Dilonje Di preto não posso Adeus a | te, se
Deus quizer nada mais Depezado | seu Amigor sin
meu queridinho Amigo | Agsuto commo vai Amigo
vocer | banbem não es quec[.] a di min | Alenbra du
noso [?] pasado se Deus | min orde fraso tensão di
ir di pura | di são João Deus e saber nada | mais du
seu Depezado Amigo |

Antonio frutunato silva |
Agsuto Agsuto lenbança daqera |

dei mênina Mari Jetude meu |
Crorasão [?] a tina aimario |

Fonte: elaboração própria.

Das 131 cartas que compõe o *corpus*, a edição de 91 delas foi realizada durante o mestrado e apresentada no Volume II da dissertação (SANTIAGO, 2012). Na versão atual da edição dessas 91 cartas, a transcrição foi revisada, os cabeçalhos das cartas foram ampliados e os fac-símiles, substituídos por imagens de melhor qualidade.

3.1.2.2 EDIÇÃO DIGITAL-ELETRÔNICA

A edição modernizada²⁸, em linguagem XML, foi realizada tendo como ponto de partida a edição semidiplomática, com o uso da ferramenta *eDictor*, o editor de textos desenvolvido por Paixão de Sousa e Kepler (2007) e Paixão de Sousa, Kepler e Faria (2013). Essa versão se dá com a total padronização da grafia, da acentuação e o desenvolvimento de abreviaturas, de modo que as alterações ficam visíveis ao leitor, o que possibilita o controle das intervenções realizadas nos textos, garantindo recuperar as formas originais. Além da preservação dos aspectos morfossintáticos, são respeitados, na edição digital, as mudanças de parágrafo, de linha, as correções do redator, os acidentes do suporte etc. Com isso, oferece-se uma versão eletrônica de textos sem perder o rigor filológico (CARNEIRO; LACERDA; SANTIAGO, 2016).

Para o *corpus* de *mãos inábeis*, há uma dificuldade maior em relação a essa edição, pois existe uma grande quantidade de variação ortográfica nos manuscritos e, por vezes, até mesmo a presença de palavras ou expressões ininteligíveis, que dificultam a padronização (como *a tina aimario* (Carta 1) e *mantinto* (Carta 41)).

O *eDictor* permite que diferentes camadas de edição sejam aplicadas a um único documento, o que possibilita a recuperação das palavras como grafadas originalmente. A camada *modernização* é o nível de interferência mais alto, entretanto, qualquer camada de edição, abaixo desse nível, também pode ser gerada, o que resulta em edições automáticas nas versões diplomática, semidiplomática e modernizada. No que concerne à edição modernizada, aplicada nesta pesquisa, as interferências feitas nos documentos são feitas através dos vários mecanismos de edição possibilitados pela ferramenta (junção, segmentação, expansão, rasgado, furo, borrado, rasurado, sobrescrito, tachado e padronização)²⁹. Nas Figuras 10 e 11, apresenta-se um exemplo de uma das cartas que constitui o *corpus* deste trabalho, nas versões diplomática e modernizada, respectivamente, no *eDictor*:

²⁸ A maior parte dessa edição foi realizada por Janaina Mascarenhas e por Priscila Tuy Batista, pesquisadoras integrantes do CE-DOHS, com nossa revisão.

²⁹ Cf. <<https://edictor.net/edictor/>>, para maiores detalhes sobre os níveis de edição utilizando *eDictor*.

Figura 10 – Edição diplomática, com fac-símile, gerada pelo eDictor

Cartas pessoais: 01-AFS-28-04-1956

[1] Autor: Antonio Fortunato da Silva.
 [2] Destinatário: João Carneiro de Oliveira.
 [3] Data: 28 de abril de 1956.
 [4] Versão Original (há uma versão Modernizada para este texto)
 [5] ver ficha catalográfica e outras versões disponíveis

Carta 1

AJCO Documento contendo um folho. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 262 mm x 205 mm. Apresenta marcas de dobras.

Cararancudo 28 di Abrii di 1956
 Perzado quendinho estimado Amigo
 pitanga esta Duas linha li Dizer
 procura A noticia dirocer i toudo
 seu toudo meu vai como Deus
 quizer como vai o nosso inverso
 a qui frai muito seo nada fazer
 não patenmos i sin quendinho. p.
 compades perdo jasequeco di min
 não es queca mande dizer como
 vai u sinhor compader eu estimo
 Dilone Di preto não posso Adeus a
 te, se Deus quizer nada mais Depezado
 seu Amigo 2 sin meu quendinho Amigo
 Aguto como vai Amigo rocer
 banbem não es quec[ja 3 di min
 Alenbra du noso [?] pasado o Deus
 min orde fraso tenção di ir di pura
 di não João Deus e saber nada
 mais du seu Depezado Amigo

Antonio frutunato Silva
 Agsto Aguto lenbança daqera

dei menina Maria Jerude meu
 Coração [?] a tuna aimano

1 Aguto e pitanga há tempo nenhum separado por dois tempos, inicialmente.
 2 Aguto e pitanga há tempo nenhum separado por um tempo inicialmente.
 3 Dequeco há papel devida a linha.

Fonte: CE-DOHS.

Figura 11 – Edição modernizada, com fac-símile, gerada pelo eDictor

Cartas pessoais: 01-AFS-28-04-1956

[1] Autor: Antonio Fortunato da Silva.
 [2] Destinatário: João Carneiro de Oliveira.
 [3] Data: 28 de abril de 1956.
 [4] Versão modernizada (há uma versão original para este texto)
 [5] ver ficha catalográfica e outras versões disponíveis

Carta 1

AJCO Documento contendo um folho. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 262 mm x 205 mm. Apresenta marcas de dobras.

Cararancudo 28 de Abril de 1956
 Perzado quendinho estimado amigo
 Pitanga esta duas linha lbe dizer
 procura a noticia de voce e todo
 seu todo meu vai como Deus
 quizer como vai o nosso inverso
 aqui faz muito seo nada fazer
 não patenmos i sin quendinho. p.
 compades Pedro já esqueco de mim
 não esqueça mande dizer como
 vai o senhor compader eu estimo
 de longe de perto não posso adeus a
 te, se Deus quizer nada mais prezado
 seu amigo 2 sin meu quendinho amigo
 Augusto como vai amigo voce
 também não esquec[ja 3 de mim
 lembra do nosso [?] passado se Deus
 mim ordem faço intenção de ir de pura
 de não João Deus e saber nada
 mais do seu prezado amigo

Antonio Fortunato Silva
 Agsto Augusto lembrança daquela

dei menina Maria Jertrudes meu
 Coração [?] a tuna aimano

1 Aguto e pitanga há tempo nenhum separado por dois tempos, inicialmente.
 2 Aguto e pitanga há tempo nenhum separado por um tempo inicialmente.
 3 Dequeco há papel devida a linha.

Fonte: CE-DOHS.

3.1.3 DISPONIBILIZAÇÃO DAS EDIÇÕES

A edição semidiplomática, com fac-símile, das 131 cartas pessoais dos sertanejos, está disponível no Volume II deste trabalho, com a seguinte organização:

- primeira parte: 91 cartas (1-91) escritas por 43 remetentes;
- segunda parte: 40 cartas (92-131) escritas por 14 remetentes (4 são remetentes também de cartas da primeira parte).

Em cada parte, as cartas foram distribuídas em blocos, de acordo com o destinatário, e em cada bloco, organizadas pela ordem alfabética dos remetentes, mantendo a ordem cronológica das correspondências, pela data em que foram escritas. Antecedendo as cartas de cada remetente, há uma ficha com seus dados biográficos e, para facilitar a consulta aos documentos, há, após a edição, o *Índice analítico* das cartas (contendo informações relativas à localização e à datação, aos nomes do remetente e destinatário, ao assunto e aos aspectos materiais de cada carta).

A primeira parte da edição está disponibilizada, também, no Volume II da dissertação de mestrado *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de 'mãos cândidas' do sertão baiano* (SANTIAGO, 2012) e no terceiro volume da obra *Cartas brasileiras: coletânea de fontes para o estudo do português*, organizada por Carneiro, Oliveira e Santiago (2011). A segunda parte é constituída por cartas inéditas, escritas por remetentes da mesma região e no mesmo período das demais.

A edição digital-eletrônica está disponibilizada no site do CE-DOHS (cf. <http://www5.uefs.br/cedohs/>), onde as cartas integram o acervo denominado *Cartas em sisal: Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu (1906-2000)*, e, com o objetivo de facilitar ainda mais o acesso ao *corpus* e de garantir a reunião de tudo que lhe é relacionado, desenvolveu-se um site³⁰ específico (cf. www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/), em que se disponibiliza, além das cartas, editadas nas versões semidiplomática, com fac-símile, e modernizada, as fichas com o perfil biográfico dos remetentes, as entrevistas-narrativas e todos os demais trabalhos produzidos a partir desse acervo.

³⁰ O site foi desenvolvido pelo engenheiro da computação Igor Leal Souza, integrante da equipe do CE-DOHS/UEFS.

3.2 A LOCALIZAÇÃO TEMPORAL

As cartas foram escritas entre os anos de 1906 e 2000, com uma concentração maior nas décadas de 1950, 1960 e 1970. São 88 datadas e 43 sem datas, mas foi possível identificar o período provável em que foram escritas, através de informações das próprias cartas, das entrevistas-narrativas e das relações estabelecidas com outras cartas que compõe o *corpus*, dos mesmos remetentes.

Tabela 2 – Distribuição das cartas por período

Período	Quantidade de cartas Datadas	Quantidade de cartas com datas prováveis, por inferência ³¹
Primeira década do século XX	6	2
Década de 1950	16	1
Década de 1960	24	6
Década de 1970	33	28
Década de 1980	4	3
Década de 1990	4	3
2000	1	-
Total	88	43

Fonte: elaboração própria.

Muitas das cartas escritas entre as décadas de 1960 e 1970 refletem o processo de migração dos sertanejos para os centros urbanos do país, considerando que, das cartas escritas fora da Bahia, primordialmente em São Paulo, apenas uma não foi escrita nesse período.

3.3 A LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

A maioria das 131 cartas é originária da Bahia; muitas, da zona rural de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, no semiárido baiano. Em 85 cartas, do conjunto total, há indicação do local onde foram escritas. Para as demais 46, que não possuem a indicação do local, a identificação de onde foram escritas foi realizada por inferência, através do conteúdo das correspondências, da relação com outras cartas dos mesmos remetentes e das entrevistas realizadas com alguns remetentes e destinatários. A seguir, apresenta-se a distribuição geral, por local.

³¹ Inferências possíveis a partir das entrevistas realizadas com os redatores e destinatários, das relações estabelecidas com outras cartas dos mesmos remetentes e das informações obtidas nas próprias cartas.

Tabela 3 – Distribuição das cartas por local onde foram escritas

Estado	Quantidade de cartas		
	Com indicação de local	Por inferência ³²	Total
Bahia	67	31	98
São Paulo	17	15	32
Goiás/Brasília	1	-	1
Total	85	46	131

Fonte: elaboração própria.

As cartas de São Paulo e de Goiás foram escritas por sertanejos que saíram da Bahia para trabalhar nas grandes cidades, como Antônio Fortunato da Silva, que escreveu 25 cartas de São Paulo: 9 com identificação de local e 16 sem identificação (que foram escritas durante o mesmo período em que escreveu as demais, de São Paulo, na década de 1960, como indica o teor das cartas e a confirmação do próprio remetente, através de entrevista). Na Tabela 4, demonstram-se os locais das cartas escritas na Bahia:

Tabela 4 – Distribuição das cartas da Bahia, por local

Município/Fazenda/Distrito	Quantidade de cartas	Número da carta
Riachão do Jacuípe		
Fazenda Amargoso	11	ACO-44, 94, 95, 96, 97; DCO-99, 100, 101, 102; JPC-82; JL-114
Fazenda Pau de Colher	2	FJO-26; IZA-87
Campo Alegre	5	GOR-27, 28; MC-36, 37, 50
Fazenda Rancho Alegre	1	LM-75
Pocinho	1	ML-77
Fazenda Vaca Brava	1	APC-83
Fazenda Primeira Malhada	1	ZBO-130
Riachão do Jacuípe	2	ZBO-115, 125
Total	24	
Conceição do Coité		
Goiabeira	2	JMA-64, 65
Fazenda Cachorrinha	1	ZJS-74
Juazeirinho	1	AML-81
Fazenda Flores	1	BMO-91
Fazenda Balagão	1	MDC-84
Fazenda Queimada Nova	5	ZBO-52, 116, 123, 124; JO-128
Fazenda Vitória	1	MNO-121

³² Inferências realizadas através da análise do conteúdo das cartas e das entrevistas com os remetentes e destinatários.

Fazenda Vassoura	1	LA-120
TOTAL	13	
Ichu		
Fazenda Mumbuca (Ichu)	1	AHC-54
Fazenda Cabana (Ichu)	7	AHC-55, 56, 57, 58, 59, 60, 61
Total	8	
Outras localidades		
Fazenda Carrancudo (Mairi)	5	AFS-1; SFS-40, 41; APS-43; FPS-47
Baliza (Candeal)	4	MCO-34, 35; DCO-46; ICO-48
Bonfim	3	FPS-78, 79, 80
Fazenda Capoeira do Algodão	2	VO-111, 129
Bela Vista (Serrinha)	1	MCO-33
Rodiador (Mairi)	1	SFS-42
Fazenda Taboa (Ipirá)	1	JCO-31
Fazenda Viva Deus (Ipirá)	1	ZSS-53
Fazenda Boa Esperança	1	ACO-127
Fazenda Terra Vermelha	1	AO-92
Camaçari	1	JOM-30
Salvador/Mata de São João	1	JS-62
Total	22	
Total geral	67	

Fonte: elaboração própria.

As demais cartas, provavelmente escritas na Bahia, sem identificação do local (30 cartas), pelas inferências, foram escritas na mesma região, principalmente, na zona rural de Riachão do Jacuípe e Conceição do Coité. O teor das cartas e as informações obtidas durante as entrevistas-narrativas realizadas com os remetentes e destinatários, foram fundamentais para essas inferências.

3.4 OS REMETENTES E OS DESTINATÁRIOS

A construção do perfil biográfico de *quem* escreveu e recebeu as correspondências ocorreu a partir de conversas com alguns destinatários, remetentes e seus familiares – dos 69 remetentes e destinatários, identificaram-se 33 que estão vivos. Também foram consultados documentos pessoais de alguns remetentes, e informações relevantes foram encontradas nas próprias cartas. Os primeiros diálogos ocorreram no período de constituição do *corpus*,

quando foram realizadas algumas visitas às casas de destinatários, onde estava arquivada boa parte das cartas, como a fazenda Pau de Colher (54 cartas), em Riachão do Jacuípe, e a fazenda Cachorrinha (14 cartas), em Conceição do Coité. Os moradores forneceram valiosas informações sobre *quem e para quem* as cartas foram enviadas, além de terem permitido o acesso às fotografias da família, fontes de informação na reconstituição do passado³³.

Durante o processo de produção das entrevistas-narrativas, foram realizadas novas visitas aos redatores (quando se localizou mais um acervo, na fazenda Pau de Colher (40 cartas)) e foi possível ampliar consideravelmente os dados referentes a *quem* escreveu os documentos, principalmente sobre seus processos de letramento, permitindo uma melhor caracterização do contexto social da época, principalmente em relação às práticas sociais de escrever e de ler, conforme será abordado na seção 4.

3.4.1 QUEM ESCREVEU?

De modo geral, os redatores das cartas são lavradores³⁴, com baixas condições financeiras, trabalham com agricultura de subsistência e criação de animais (principalmente os de pequeno porte). No período que produziram as cartas, viviam distante dos centros urbanos, com poucos meios de transportes e de comunicação. O envolvimento com o trabalho rural pode ser notado mesmo com relação àqueles que foram trabalhar nas grandes cidades, em outras regiões do país, mas continuaram envolvidos com a vida na roça, como evidenciam nos assuntos tratados nas cartas, sobre os animais que criavam, os trabalhos a serem feitos e pagos, dentre outros. A maioria dos redatores teve contato com as primeiras letras em espaços extraescolares, como a própria casa ou a de parentes, por causa da ausência e/ou precariedade das escolas e seu funcionamento irregular, na época, na zona rural dessa região da Bahia.

São 53 remetentes (43 da primeira parte do *corpus* e 10 da segunda), 31 mulheres e 22 homens. Na tabela seguinte, há a quantidade de cartas escritas por cada um.

³³ Todas as informações e imagens foram concedidas mediante leitura e solicitação da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. Apêndice G).

³⁴ Sobre a denominação “lavrador”, que os próprios sertanejos usam ao serem questionados sobre a sua ocupação, em um estudo acerca das relações de trabalho no sertão da Bahia de fins do século XIX, Medrado (2012, p. 74) comenta, a partir dos documentos que analisou, que essa denominação é ambígua, já que não deixa claro se o trabalho é para si ou para outra pessoa, e porque “[...] nem sempre um lavrador se ocupava especificamente da atividade de lavrar a terra para o cultivo de frutas, verduras e raízes, sendo possível também que trabalhasse na limpeza de fontes de água, no conserto de cercas e na limpeza de pastos”, como é comum até os dias atuais.

Tabela 5 – Distribuição das cartas por remetentes

Código do remetente	Remetente	Quantidade de cartas	Quantidade de palavras
AO	Ana de Oliveira	3	251
AHC	Ana Helena Cordeiro de Santana	8	1.274
ASC	Ana Santana Cordeiro	1	155
APS	Angélica Pereira da Silva	1	146
AOL	Antonia Oliveira Lima	1	143
ACO	Antonio Carneiro de Oliveira	7	1.180
AFS	Antonio Fortunato da Silva	26	4.171
AML	Antonio Marcellino de Lima	1	154
APC	Antonio Pinheiro Costa	1	83
BMO	Bernadete Maria de Oliveira	1	142
DCS	Dete Carneiro da Silva	1	114
DCO	Doralice Carneiro de Oliveira	5	501
FJO	Fernando José de Oliveira	1	61
FPS	Filomena Pereira da Silva	1	180
FP	Firmina Petornilha dos Santos	3	602
NIN	Francisca Carneiro de Oliveira (Nina)	4	557
GOR	Gildásio de Oliveira Rios	3	374
IC	Idelcina C. de O. e Oliveira	3	440
ICO	Iraildes Carneiro de Oliveira	1	234
IPO	Izaque Pinheiro de Oliveira	1	70
IZA	Izaura Cedraz de Oliveira	1	147
JOM	Jacob de Oliveira Matos	1	88
JCO	Jesuino Carneiro de Oliveira	1	180
JO	Joana	1	258
JS	João dos Santos	1	199
JPC	João Pitanga Carneiro	1	64
JSS	João Saturnino Santa Anna	1	85
JJO	José Joaquim de Oliveira	1	47
JMA	José Mendes de Almeida	2	341
JMS	Josepha Maria da Silva	3	1.182
JL	Júlio Luiz	1	133
LFO	Lázaro Félix de Oliveira	1	83
LA	Lindaura Almeida	1	140
LM	Luciana Matos da Silva	1	132
MBS	Manoel Bispo dos Santos	1	149
MCO	Manoel Carneiro de Oliveira	3	213
MMO	Margarida Maria de Oliveira	1	79
MDC	Maria Dalva Carneiro	1	324
MAO	Maria dos Anjos Oliveira	1	98
ML	Maria Lúcia	1	138
MNO	Maria Nailda de Oliveira	1	67
MC	Mariazinha Carneiro de Oliveira	3	591
VAN	Pedro Vando Paulino (Vandinho)	1	316

RAC	Raimundo Adilson Cedraz	2	333
ROM	Roma	1	137
RCO	Roque Carneiro de Oliveira	1	61
SFS	Salomão Fortunato da Silva	3	406
TB	Terezinha Bispo	2	227
VO	Valdelice de Oliveira	4	902
ZBO	Zenilta Bispo Oliveira	11	2173
ZJS	Josefa Josina da Silva Pinto (Zezete)	1	77
ZLS	Zita Lima Silva	2	423
ZSS	Zulmira Sampaio da Silva	1	166
Total		131	20791

Fonte: elaboração própria.

Os remetentes são todos baianos, naturais da zona rural dos seguintes municípios:

- Riachão do Jacuípe: 31 remetentes;
- Conceição do Coité: 13 remetentes;
- Ichu: 2 remetentes.

Uma das remetentes nasceu em Pintadas (na época, município de Ipirá) e, dos seis redatores com local de nascimento não identificado, foi possível inferir, através das entrevistas, que três podem ter nascido na zona rural de Conceição do Coité e três, na zona rural de Riachão do Jacuípe.

Dos 53 remetentes, há 40 com data de nascimento identificada ou estabelecida por inferência, que nasceram entre o século XIX e a década de 1970, como especificado a seguir:

Tabela 6 – Distribuição dos redatores por data de nascimento

Período	Quantidade de remetentes	Quantidade de remetentes com datas de nascimento estabelecida por inferência ³⁵
Século XIX	-	4
Década de 1920	3	2
Década de 1930	5	3
Década de 1940	2	2
Década de 1950	6	4
Década de 1960	3	3
Década de 1970	2	1
Total	21	19

Fonte: elaboração própria.

³⁵ Inferências possíveis a partir da data de escrita das cartas e das entrevistas realizadas com os redatores e destinatários.

As informações detalhadas sobre o perfil dos remetentes são apresentadas em formato de fichas individuais, disponíveis no Volume II, antecedendo a edição das cartas de cada redator e, também, no site (cf. www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/redatores.html).

3.4.2 PARA QUEM SE ESCREVEU?

Os destinatários fazem parte do mesmo contexto sociocultural dos redatores: possuem pouca escolarização, baixas condições financeiras e trabalham, principalmente, com agricultura de subsistência e criação de animais de pequeno porte. As cartas foram escritas para 28 destinatários (19 das cartas da primeira parte do *corpus* e 9 da segunda), assim distribuídos:

Primeira parte (91 cartas):

- 42 cartas para João Carneiro de Oliveira;
- 11 cartas para Almerinda Maria de Oliveira;
- 9 cartas para José Mendes de Oliveira;
- 3 cartas para Ana Helena Cordeiro de Santana;
- 3 cartas para Firmina Petornilha dos Santos;
- 4 cartas para Josefa Jozina da Silva;
- 2 cartas para Neraldo Lopes Pinto;
- 3 cartas para Maria Inês Oliveira Costa;
- 14 cartas avulsas para vários destinatários: receberam duas cartas – Jozepha Maria da Silva, Lucidalva Cordeiro Cedraz (Dalva) e Helena; receberam uma carta – Pérola de Vasconcello, Juvenal Saturnino de Santa Anna, José Adrianno, Didi, Fernando José de Oliveira, Antonio e Regina Maria de Jesus Oliveira. Há uma carta em que não aparece o nome do destinatário, apenas a indicação “comadre e compadre”.

Segunda parte (40 cartas):

- 22 cartas para Zenilta Bispo de Oliveira;
- 6 cartas para Antonio Carneiro de Oliveira;
- 6 cartas para Maria Bispo dos Santos;
- 6 cartas avulsas para vários destinatários: receberam uma carta – Manoel Bispo dos Santos, Manuel Virgínio, Luzia (Pítico), João, Maria de Lurdes Bacelar e Nei.

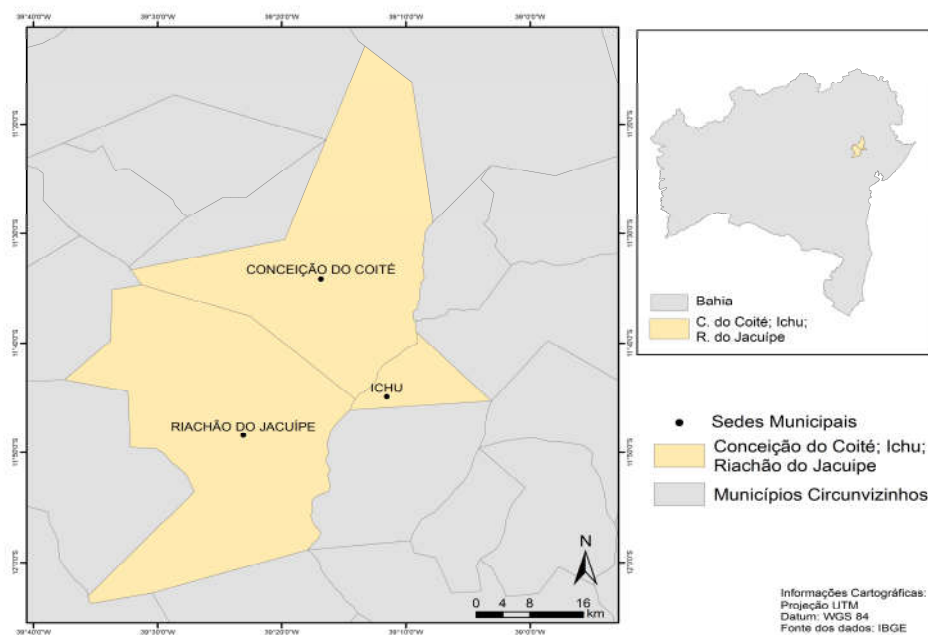
Ainda que os destinatários das “cartas avulsas” tenham recebido uma menor quantidade de cartas (por isso elas foram assim agrupadas), são correspondências que mantêm ligação com o restante do *corpus*, pois a maioria desses destinatários tem relação de parentesco com os demais.

3.4.3 A REGIÃO DE ORIGEM DOS REDADORES E DESTINATÁRIOS: ALGUNS ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS

Muitas das cartas foram escritas na zona rural do sertão baiano, principalmente nos municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, região semiárida, de onde os redadores são naturais. Essa região é identificada, na maioria das vezes, em função de seu clima, definido pela irregularidade temporal e espacial das precipitações, além de sua insuficiência. Segundo Lobão e Silva (2013), muitas políticas públicas e a própria delimitação da região foram justificadas por suas características físicas, principalmente pelo clima semiárido.

Esses municípios fazem limites geográficos entre si e possuem, historicamente, estreitas relações políticas, econômicas e sociais. Atualmente, Conceição do Coité e Ichu integram o Território de Identidade do Sisal e Riachão do Jacuípe, o Território de Identidade da Bacia do Jacuípe.

Figura 12 – Mapa da região



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2014.

A região da Bahia que corresponde aos municípios do semiárido, mais especificamente ao espaço sisaleiro – como assim ficou conhecida, a partir de meados do século XX³⁶ – tem suas origens de povoamento não autóctone ligadas ao processo de

³⁶ Atualmente, Riachão do Jacuípe não integra o Território de Identidade do Sisal, mas até a década de 1990, era um dos municípios que compunha a chamada Região Sisaleira, por participar do processo produtivo de sisal, a

expansão do gado e da construção de rotas boiadeiras para abastecimento das cidades mais populosas do estado (SANTOS, NETO, SILVA, 2015).

Na historiografia sobre os sertões da Bahia³⁷, há poucos estudos voltados para o período colonial. Um desses é o de Santos (2010), na tese *Fronteiras do sertão baiano: 1640-1750*, em que analisa a ocupação territorial dos sertões como uma trajetória multidirecional, descontínua e irregular. Sobre a região que aqui interessa, outrora conhecida como Sertão dos Tocós³⁸, o pesquisador informa, a partir de uma declaração emitida por Antônio Guedes de Brito, filho do português Antônio de Brito Correa, a pedido da Coroa Portuguesa, em 1676, sobre as terras por ele possuídas. Segundo essa declaração, ele foi o primeiro povoador dos Tocós, lugar onde estabeleceu fazendas de gado, abriu estradas e se aliou a índios cariocas, orizes, sapóias e carapaus, utilizados pelo sertanista como barreira contra os ataques dos índios rebeldes às fronteiras (SANTOS, 2010). João Peixoto Viegas, que adquiriu terras da região, foi outro grande repovoador desse espaço, estabelecendo fazendas de gado, depois de combater várias comunidades indígenas, como informa Freire (2011), alertando que não há consenso, entre os estudiosos, sobre os primeiros proprietários das terras do Sertão dos Tocós.

Até meados do século XIX, a pecuária era uma das principais atividades. Também de acordo às informações de Freire (2011), que tem como fonte os inventários de moradores da região, havia uma multiplicidade de pequenas e médias propriedades, e os grandes pecuaristas eram donos de várias fazendas de gado, muitas delas concentradas em Riachão do Jacuípe e Conceição do Coité. Entre os séculos XVII e XIX, dentre os vários caminhos de boiadas do sertão da Bahia, a denominada “Estrada Real do Gado” passava por Conceição do Coité (FREIRE, 2011, p. 45); esses caminhos de boiadas contribuíram, no século XIX, para o repovoamento do semiárido, com a criação das vilas³⁹. Com a suspensão do sistema de sesmarias, os grandes latifúndios foram se reduzindo, dando origem a diversas fazendas, que depois resultaram em muitos municípios, como a fazenda “Riachão”, situada às margens do rio

agave sisalana – uma planta bastante resistente ao clima semiárido, cuja fibra extraída de sua folha é utilizada na fabricação de cordas, tapetes, bolsas, dentre outros produtos.

³⁷ Para uma historiografia sobre o passado dos sertões, nas mais variadas perspectivas teóricas e metodológicas, Neves (2016), na obra *Crônica, memória e história: formação historiográfica dos sertões da Bahia*, apresenta um amplo referencial.

³⁸ Tocós é o nome de um rio que banha, dentre outros, os municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu. “Tocó”, “Tocós” ou “Tocoiós” designava uma antiga comunidade indígena que habitava a região antes da ocupação pelos portugueses e, possivelmente, pertencia ao grupo linguístico kariri, como informa Freire (2011, p. 40).

³⁹ Carneiro e Almeida (2011, p. 608-609) discutem sobre demografia e norma linguística no semiárido baiano (séculos XVIII e XIX), e afirmam que, com os caminhos das boiadas, “[...] o processo da agropecuária deve ter sido um fator importante para a difusão e propagação da língua portuguesa pelos sertões da Bahia. Essa difusão inicialmente deve ter se dado através da boca de brancos pobres e descendentes de índios e escravos brasileiros.” (CARNEIRO; ALMEIDA, 2011, p. 608-609).

Jacuípe. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (1958; 2007), em 1878, Riachão do Jacuípe foi elevado à categoria de vila, e em seguida foi criado o município de Villa de Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuhype. Uma das freguesias anexadas a esse município foi a de Nossa Senhora da Conceição do Coité. Apenas em 1890 é que o município de Conceição do Coité é desmembrado de Riachão do Jacuípe. Mais recente foi a criação do município de Ichu, em 1962, quando, também, deixa de ser distrito pertencente a Riachão do Jacuípe.

Não há muitas informações sobre o processo de escolarização formal, nesse espaço, durante o século XIX. Nos Atos do Governo da Província, disponíveis no Arquivo Público do Estado da Bahia, há algumas nomeações de professores de primeiras letras para a região; porém, não foram identificados estudos que comprovem a atuação efetiva de todos esses professores em Riachão do Jacuípe e em Conceição do Coité⁴⁰. As poucas aulas, provavelmente, eram ministradas nas residências, por professores leigos, assim como ocorreu em boa parte do século XX, conforme se discute na seção 4.

Em relação à presença de africanos/afrodescendentes, há alguns indícios. A predominância da atividade pecuária e do cultivo de gêneros agrícolas voltados para a subsistência minimizou a necessidade da presença negra na região, dada a menor quantidade de escravos que existia nas fazendas, comparando-se a regiões como o Recôncavo baiano, por exemplo. No entanto, o trabalho escravo fez parte das relações de poder e de produção da região, como evidenciam alguns estudos que atestam a posse de negros, a partir de inventários, cartas de alforria e outras fontes (cf. RIOS, 2003; FREIRE, 2011; LACERDA, 2008; MEDRADO, 2012, e outros). Predominam, de modo geral, a figura do vaqueiro, no trabalho com o gado, e, depois, a do lavrador, na cultura de cereais, marcando as relações de trabalho na região.

No século XX, nesse espaço do semiárido passou a prevalecer a agricultura de subsistência, com o cultivo de espécies de ciclos rápidos (milho, feijão e mandioca) ou vegetais adaptados a períodos de grande estiagem (sisal). O trabalho com sisal, que durante

⁴⁰ As primeiras cadeiras de primeiras letras são estabelecidas nos Atos das décadas de 60, 70 e 80 do século XIX, como o transcrito a seguir: “Ato do Governo da Província de 3 de dezembro de 1861 – Restabelece as cadeiras de primeiras letras em diversas localidades: vila de Tapera, e das freguesias da Amargosa, Pedra Branca, **Coité, Riachão do Jacuípe**, Monte Gordo e Açú da Torre, continuando no ensino delas os respectivos professores.” (p. 108, grifo nosso) – (Atos do Governo da Província. Arquivo Público do Estado da Bahia: Seção de Arquivo Colonial e Provincial. Maço 972. 1ª seção, 1860).

Há, também, com teor semelhante, algumas Leis dos Presidentes de Províncias, como esta: “Lei n. 1.505 de 4 de junho de 1875 – criando uma cadeira de instrução primária, para o sexo feminino na freguesia de **Nossa Senhora da Conceição do Coité**.” (p. 77-78, grifo nosso) – (Leis e Resoluções da Província da Bahia, n. 1.448-1.588, votadas em 1875. Bahia: Imprensa Econômica, 1875).

muito tempo constituiu-se a base econômica da região, associou-se, de várias formas, à anterior pecuária extensiva (SANTOS, NETO, SILVA, 2015). E a produção agrícola dos pequenos produtores, às vezes, é complementada com a criação de pequenos rebanhos de bovinos e/ou caprinos, inclusive com a produção de leite em pequena escala. Tal cenário não é muito diferente do geral da Bahia, cuja população predominante, em meados do século XX, é a rural; consequentemente, a agricultura e a pecuária são os principais ramos da atividade econômica do Estado⁴¹.

Esses são alguns aspectos que caracterizam o espaço/tempo em que as cartas foram produzidas e recebidas; no entanto, as enviadas de outros locais do Brasil refletem o processo de migração interna, quando muitos sertanejos saem do Estado em busca de trabalho nas grandes cidades, especialmente em São Paulo, principal centro industrial do país. O período em que há uma maior concentração de cartas, as décadas de 50, 60 e 70, é marcado por um aumento considerável do êxodo rural, devido ao crescimento industrial, por um lado, e, por outro, às dificuldades com o trabalho agrícola, dada a ausência de políticas públicas voltadas para a convivência com os longos períodos de estiagem, por exemplo⁴².

Em relação aos aspectos demográficos, a publicação, pelo IBGE, em 1958, da *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, contendo informações baseadas no censo de 1950 – época em que viveram muitos dos redatores das cartas –, apresenta um panorama de alguns dados relativos a esses municípios; destaca-se, aqui, a distribuição da população alfabetizada. A tabela a seguir resume o percentual dos “que sabem ler e escrever” em Riachão do Jacuípe e Conceição do Coité,⁴³ em meados do século XX, segundo essa obra:

Tabela 7 – Distribuição da população, de 5 anos e mais, que sabem ler e escrever – censo de 1950

Municípios	População de 5 anos e mais	Que sabe ler e escrever		
		Homens	Mulheres	Total
Riachão do Jacuípe	33.832	3.418/10,1%	2.877/8,5%	6.295/18,6
Conceição do Coité	31.388	4.254/13,5%	2.294/7,3%	6.548/20,8

Fonte: dados do IBGE, 1958, p. 156 e 184.

⁴¹ Isso pode ser confirmado pelo conteúdo das cartas que, muitas vezes, trata das atividades no campo: “[...] voçeis olha aminha| Mandioca que eu vor ajudar as disman-|xa de voçeis todos” (MC-37). “[...] Sim Neraldo mande mi dize quanto| gusta um dia de um tarbalhador e 1| saco de farinha e 1 saco <↑de> feijão e 1| saco de milho” (ROM-73).

⁴² Em algumas entrevistas-narrativas produzidas durante esta pesquisa, as dificuldades financeiras e com o trabalho na roça são muito enfatizadas pelos sertanejos, como é expresso neste trecho: “[...] e naquele tempo eu pegava mais meu pai em cinquenta e dois numa seca que teve... eu pegava uma xica de farinha... uma xica de farinha daquela de tomar café... e botava numa mochila ia trabalhar no garimpo carregano cesto de barro na cabeça e comia aquelas... aquela farinha seca meio dia e bebia água [...]” (AFS).

⁴³ O município de Ichu, nessa época, ainda não havia sido desmembrado de Riachão do Jacuípe.

Evitando uma leitura anacrônica para os dados apresentados na tabela, é preciso considerar que o parâmetro de alfabetização, utilizado pelo censo de 1950, é o que se entende como *sabendo ler e escrever*, as pessoas *capazes de ler e escrever um bilhete simples*, não sendo consideradas aquelas que apenas assinassem o próprio nome. Reconhecem-se as imprecisões e subjetividades que subjazem ao critério de se considerar alfabetizadas as pessoas que *declararam* ser capazes de ler e escrever, já que isso implica em um julgamento sobre a própria condição; e “[...] a condição de analfabeto vem carregada de preconceitos, discriminação e estigmatização”, como comenta Ferraro (2002, p. 32)⁴⁴.

O percentual de alfabetizados apresentado para esses dois municípios (Riachão, 18,6%; Coité, 20,8%) é um pouco mais baixo em relação à quota de alfabetização informada para o conjunto do Estado da Bahia, de 27,2%.

Dada a pouca presença de escolas na região, na primeira metade do século XX, principalmente na zona rural, de onde os redatores das cartas são originários, conforme será discutido na seção 4, torna-se difícil recuperar indícios sobre como se deu, efetivamente, o processo de aquisição da leitura e da escrita, por meio apenas das fontes oficiais/institucionais; as vias devem ser outras e, para isso, a história oral pode ser uma das alternativas, eficiente e desafiadora.

3.5 SÍNTESE

As 131 cartas, localizadas em 8 acervos pessoais, na zona rural dos municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, são a correspondência ativa e passiva de sertanejos que fazem parte de um contexto sócio-histórico comum. Esses documentos foram editados nas versões semidiplomática, com fac-símile, e modernizada. A verificação de aspectos relacionados à dimensão externa da escrita permite concluir que:

- a) os manuscritos, de modo geral, estão em bom estado de conservação, apesar de alguns apresentarem desgaste e escurecimento do papel, devido às precárias condições de armazenamento;

⁴⁴ Para uma discussão sobre as concepções e os critérios que envolvem os censos demográficos em relação ao analfabetismo, cf. Ferraro (2002) e Soares (2006).

- b) as cartas foram trocadas em relações simétricas, por familiares, compadres, amigos e namorados, para obter notícias familiares, fazer pedidos, manifestar afeto e expressar saudade;
- c) as cartas foram escritas ao longo do século XX, com uma maior concentração de documentos nas décadas de 1950, 1960 e 1970. São 98 cartas escritas na Bahia (67 datadas e 31 não datadas), principalmente em fazendas diversas de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu. As demais foram escritas em São Paulo e Brasília;
- d) os 53 remetentes são lavradores, com baixa escolarização, baianos naturais de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu (apenas uma redatora é natural do município de Pintadas). Nasceram entre o século XIX (4 remetentes) e a década de 1970;
- e) os 28 destinatários fazem parte do mesmo contexto sociocultural dos remetentes.

Na próxima seção, comenta-se sobre os indícios acerca do processo de aquisição da leitura e da escrita dos sertanejos, tendo como aliada a perspectiva teórico-metodológica da história oral.

4 SOBRE O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS DOCUMENTOS

Nesta seção, o objetivo é apresentar alguns aspectos da difusão da escrita na zona rural do semiárido da Bahia, mais especificamente nos municípios de Conceição do Coité, Riachão do Jacuípe e Ichu, ao longo do século XX, a partir das entrevistas-narrativas produzidas com os sertanejos, buscando-se, também, a partir das memórias, constituir perfis de letramento dos redatores. A questão motivadora é: como ocorreu o processo de participação desses sertanejos na cultura escrita, apesar de muitos deles não terem frequentado o espaço escolar formal?

No item 4.1, há uma introdução sobre os processos/espços de ingresso e participação da/na cultura escrita e, no item 4.2, apresentam-se as entrevistas-narrativas realizadas para este trabalho. De forma mais específica, no item 4.3, discute-se sobre as práticas de letramento em espaços escolares e não escolares presentes no sertão baiano, no século XX, a partir das narrativas: desde as experiências extraescolares, como o espaço doméstico, em 4.3.1; o processo de migração, em 4.3.2; o acesso a materiais impressos e a manuscritos, como os textos religiosos e os folhetos de cordéis, em 4.3.3; até a experiência escolar, em 4.3.4. Por fim, em 4.4, apresenta-se um quadro-síntese com as principais informações produzidas.

4.1 OS PROCESSOS/ESPAÇOS DE PRODUÇÃO E PARTICIPAÇÃO DA/NA CULTURA ESCRITA

Durante o século XX, principalmente na primeira metade – período que corresponde à infância ou adolescência de boa parte dos redatores/destinatários das cartas⁴⁵ – na zona rural da Bahia, o processo de garantia do letramento através da criação e do funcionamento efetivo de escolas ainda ocorria com pouca frequência, mesmo que, nesse período, nas maiores cidades do estado, comece a existir um crescimento da preocupação com a escolarização da população. As poucas escolas que existiam, na zona rural, funcionavam de modo precário, muitas vezes com professoras itinerantes. Isso se confirma a partir de estudos como o de Antonio Roberto Seixas da Cruz (2012), ao comentar que, nesse período, a “[...] educação primária na zona rural do Estado da Bahia estava, em grande medida, nas mãos de leigos.

⁴⁵ Dos remetentes com data de nascimento identificada, a maior parte nasceu entre as décadas de 1920 e 1950. Quatro deles nasceram no século XIX.

Além do mais, o número de escolas desse nível de instrução não correspondia às necessidades da população baiana em idade escolar [...]” (CRUZ, 2012, p. 45).

Essa realidade não é muito diferente da situação do país, de modo geral. Segundo Galvão (2007), para a construção de uma história da cultura escrita no Brasil, é necessário considerar que o país, assim como outros de escolarização e imprensa tardias, até meados do século XX, foi marcado pela oralidade e pelo analfabetismo. Diante disso, algumas questões propostas por essa pesquisadora em relação ao geral do Brasil colaboram para a problematização, neste trabalho, do que ocorre no contexto rural baiano: i. “[...] de que maneira, numa sociedade marcada pelo analfabetismo, os indivíduos, as famílias e os grupos sociais distanciados, em maior ou menor grau, da cultura escrita, construíram modos de participação nessa cultura?”, e ii. “Numa sociedade de parcimoniosa produção e circulação de impressos, por meio de que práticas esses sujeitos desenvolveram táticas de incursão numa cultura que não era, de origem, a sua?” (GALVÃO, 2007, p. 11-12).

No âmbito das pesquisas na área de Educação, há estudos significativos referentes ao processo histórico de educação formal na Bahia. Tais estudos geralmente têm por foco a história da escola como instituição formal de educação, o ponto de vista dos professores e as políticas educacionais. Como exemplo, pode-se citar o estudo de Rita de Cássia Carneiro (2014), sobre os percursos formativos das professoras leigas da região semiárida da Bahia, dos municípios de Riachão do Jacuípe, Ichu e Candeal, entre as décadas de 50 e 70; o trabalho de Jane Adriana Rios (2015), acerca da profissão docente na roça, em que analisa a trajetória de professores da região do Piemonte da Diamantina, interior da Bahia; além do conjunto de trabalhos reunido por Souza e Cruz (2012), sobre as Escolas Normais na Bahia.

A ideia, neste estudo, é deslocar o olhar, das instituições formais para os espaços extraescolares de aprendizagem da escrita; dos espaços urbanos, para os espaços rurais; da história narrada por professores, para as memórias daqueles que vivenciaram os processos de letramento, na perspectiva de uma história “vista de baixo”, que, segundo Jim Sharpe (1992, p. 41), é a corrente que explora as experiências históricas das pessoas comuns, “daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história”.

É com essa perspectiva, considerando a memória como um processo ativo de criação de sentidos (PORTELLI, 1991), que se fundamenta a tentativa de recuperar informações sobre as práticas de escrita e os processos de letramento dos sertanejos baianos, a partir de suas narrativas orais. O termo *letramento* é utilizado aqui em seu sentido mais amplo, associado à noção de *letramento como prática social*, segundo abordagem de Street (2014),

assim como, de forma mais específica aos estudos da história da cultura escrita, a ideia de letramento está associada aos *eventos e práticas sociais mediadas por material escrito*, conforme Soares (2006).

As cartas escritas pelos sertanejos são pistas de que, mesmo com a ausência ou precariedade das escolas e seu funcionamento irregular, na zona rural de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, na época, alguns adquiriram a escrita; no entanto, o pouco domínio da técnica de escrita percebido nos manuscritos, através dos aspectos caligráficos e ortográficos, indica que são redatores que tiveram pouco contato com os modelos normativos prescritos pela escola. Como muitos dos remetentes e destinatários dessas cartas estão vivos, torna-se possível, através de suas memórias, obter pistas acerca de aspectos socioculturais e sobre o processo de participação na cultura escrita.

4.2 AS ENTREVISTAS-NARRATIVAS PRODUZIDAS

Foram realizadas 12 entrevistas-narrativas (com 10 remetentes e 2 destinatários das cartas). Dos redatores e destinatários que estão vivos, foram priorizados, na escolha dos que seriam entrevistados, os mais velhos e os que possuem uma quantidade significativa de cartas escritas ou recebidas, conforme lista a seguir:

- Almerinda Maria de Oliveira (AMO)
- Ana Santana Cordeiro (ASC)
- Antonio Carneiro de Oliveira (ACO)
- Antonio Fortunato da Silva (AFS)
- Doralice Carneiro de Oliveira Jesus (DCO)
- Izaura Cedraz de Oliveira (ICO)
- Lucidalva Cordeiro Cedraz – Dalva (LCC)
- Francisca Carneiro de Oliveira – Nina (NIN)
- Raimundo Adilson Cedraz (RAC)
- Zenilta Bispo Oliveira (ZBO)
- Josefa Josina da Silva Pinto – Zezete (ZJS)
- Zulmira Sampaio da Silva (ZSS)

As gravações, registradas em vídeos, têm duração, em média, entre 15 e 30 minutos. As transcrições (disponíveis no Apêndice H) não foram realizadas de modo integral, pois foram transcritos, principalmente, os trechos que abordam os temas relacionados às práticas de escrita e leitura, interesse maior deste estudo. Na íntegra, as entrevistas abordam temas variados, uma vez que, considerando os pressupostos da história oral, como discutido na

seção 2, procurou-se provocar narrativas mais livres e espontâneas. Então, os diálogos envolveram temas que inicialmente não faziam parte do planejamento da entrevista (cf. Apêndice F), como as dificuldades da vida na roça, a rotina do trabalho, a vida de outros familiares etc. No caso de alguns entrevistados que demonstraram certa introspecção, com dificuldade para desencadear o fluxo da narrativa, foi necessária a realização de mais intervenções, por parte da pesquisadora, propondo mais questões.

4.3 PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES NO SERTÃO BAIANO NO SÉCULO XX

Nas narrativas, os sertanejos expressam sobre seu passado na roça, sobre como inventaram, com as possibilidades cotidianas, maneiras de apropriação e de produção das práticas de escrita. Sobre esse papel ocupado pelos sujeitos na produção da cultura escrita, vale destacar que Galvão (2010, p. 219, grifos da autora) comenta ser “[...] pouco fértil, do ponto de vista da pesquisa, afirmar que os indivíduos e/ou sociedades *entram* e se *inserem* na cultura escrita ou *têm acesso* a ela”. Pode-se, no limite, usar essas expressões em referência à cultura legítima, afinal, segundo a autora, os seres humanos “[...] *produzem* cotidianamente bens materiais e simbólicos em várias dimensões de sua vida, consequentemente também em relação ao escrito”.

Através das memórias, nota-se o desejo que nutriam de aprender a escrever: “eu ficava só olhando, observano, né? Observano eles leno aquilo ali e eu ficava naquela vontade [...]” (AFS⁴⁶) e “olha eu tinha vontade de... de aprender a ler, era uma vontade grande [...]” (IZA). Em várias falas, esse envolvimento emocional com a aprendizagem da leitura e da escrita é percebido, como nesse trecho, em que a narradora descreve a emoção dos pais com a aprendizagem dos filhos:

[...] agora quando a gente pegou a... a fazer o nome da gente, o nome de pai, de mãe, dos irmão de dentro de casa todo né... aí tinha dia que a gente pegava fazia, pai chorava mais mãe... porque diz que a gente já tava sabeno o que eles num sabia né... porque naquele tempo era tudo assim atrasado. (ASC)

A necessidade de escrever, muitas vezes, é motivada pelo próprio prazer que sentem com a prática da escrita, como sugerem os trechos das narrativas. Uma das narradoras deixa

⁴⁶ A identificação das entrevistas é realizada com a indicação, nos parênteses, da mesma sigla usada para se referir aos redatores das cartas, a fim de facilitar o cruzamento dos dados.

explícita a emoção que sobressai do desejo de escrever cartas: “Gostava... era o que mais eu gostava... quando dizia assim, vou escrever pra uma amiga, pra mim era meu sonho, sem saber... toda doida que não escrevia direito... mas mesmo assim... eu tinha o prazer de dizer... eu falar com eles por carta era meu sonho” (NIN).

Como, para muitos, não era possível ir à escola regularmente, esse desejo contribuiu para que inventassem *maneiras de fazer* (CERTEAU, 2013), em seu cotidiano, não se conformando a sua realidade. São as táticas usadas para se apropriar de uma prática, considerada por Certeau (2013, p. 206), como responsável pela iniciação na sociedade dos últimos três séculos, ao afirmar que “[...] aprender a escrever define a iniciação por excelência em uma sociedade capitalista e conquistadora. É a sua *prática* iniciática fundamental”. Prática a que muitos dos sertanejos não tiveram acesso quando criança, mas que tentam recuperar na fase adulta, pela necessidade que sentem, de inserção no mundo letrado.

Sobre essa inserção no mundo letrado, Petrucci (1999, p. 105) afirma que:

De este modo se crea una situación dinámica de tensión, en la que categorías y grupos sociales hasta entonces excluidos del uso de la escritura advierten a la vez su necesidad y su carencia, también porque la progresiva burocratización de las relaciones sociales y económicas requiere a todos aquellos que desarrollan cualquier tipo de actividad una mínima capacidad gráfica.⁴⁷

Foi possível recuperar informações sobre o processo de aquisição da escrita de 44 dos redatores e destinatários. Além das entrevistas-narrativas, as conversas com os familiares possibilitaram obter indícios de como aprenderam a escrever, ainda que não tenha sido possível o contato com alguns deles (porque já são falecidos ou porque não foi possível encontrar a residência atual): para 28 sertanejos, a aprendizagem das práticas de escrita ocorreu em casa; quatro estudaram apenas os primeiros anos; dez estudaram até a quarta série; uma estudou até a quinta série, e um declara ter aprendido por meio da convivência com os amigos, que sabiam escrever, e do contato com textos religiosos, conforme distribuição no quadro a seguir.

⁴⁷ “Deste modo cria-se uma relação dinâmica de tensão, em que as categorias e grupos sociais até então excluídos do uso da escrita advertem, por sua vez, sua necessidade e sua carência, também porque a progressiva burocratização das relações sociais e econômicas exige a todos aqueles que desenvolvem qualquer tipo de atividade uma mínima capacidade gráfica”. (Tradução nossa).

Quadro 2 – Distribuição dos remetentes e destinatários de acordo com o meio de aprendizagem da escrita

Remetentes	Convivência com amigos e contato com textos escritos	Estudou pouco em casa	Estudou os primeiros anos	Estudou até a quarta série	Estudou até a quinta série
Antonio Fortunato da Silva	+				
Ana de Oliveira		+			
Angélica Pereira da Silva		+			
Antonia Oliveira Lima		+			
Antonio C. de Oliveira		+			
Antonio Pinheiro Costa		+			
Dete Carneiro da Silva		+			
Fernando José de Oliveira		+			
Filomena Pereira da Silva		+			
Firmina P. dos Santos		+			
Gildásio de Oliveira Rios		+			
Idelcina C. de O. e Oliveira		+			
Iraildes Carneiro de Oliveira		+			
Izaura Cedraz de Oliveira		+			
Jacob de Oliveira Matos		+			
Jesuino Carneiro da Silva		+			
João Carneiro de Oliveira		+			
João dos Santos		+			
José Joaquim de Oliveira		+			
Josefa Josina da S. Pinto		+			
Lázaro Félix de Oliveira		+			
Manoel Carneiro de Oliveira		+			
Mariazinha C. de Oliveira		+			
Roma		+			
Roque Carneiro da Silva		+			
Salomão Fortunato da Silva		+			
José Mendes de Almeida			+		
Zita Lima Silva			+		
Doralice C. de O. Jesus			+		
Zulmira Sampaio da Silva			+		
Ana Helena C. de Santana				+	
Ana Santana Cordeiro				+	
Bernadete Maria de Oliveira				+	
Francisca C. de Oliveira				+	
Margarida Maria de Oliveira				+	
Pedro Vando P. de Oliveira				+	
Raimundo Adilson Cedraz				+	
Terezinha Bispo Oliveira				+	
Zenilta Bispo Oliveira					+
Destinatários					
Almerinda Maria de Oliveira		+			
Neraldo Lopes Pinto		+			
Maria Inês Oliveira Costa		+			
Lucidalva Cordeiro Cedraz				+	
Helena				+	

Fonte: elaboração própria.

Em termos de habilidade com a escrita, não há muita diferença entre aqueles que nunca frequentaram uma instituição de ensino e os que estudaram os primeiros anos, ou seja, todos os remetentes, independente de como tiveram acesso às primeiras letras, apresentam, nos seus produtos gráficos, aspectos próprios a adultos em fase de aquisição da escrita. Um dos narradores demonstra ter consciência de sua falta de habilidade com a escrita, quando se refere à própria caligrafia, como “garranchos”, termo que comumente é atribuído a letras pouco legíveis, também usado para designar gravetos, galhos finos e contorcidos de árvores: “tinha vez de escrever dez carta pra Bahia... aqueles garrancho, aquelas cartinha...”; e, no decorrer da narrativa, lembra que “aí fazia aquela letra toda garranchada... [...] fazia aquelas carta toda doidada, esgarranchada, sem saber o quê... (rindo)” (AFS).

De acordo com Galvão (2001, p. 81), por vezes, “[...] tem-se a impressão de que, entre as camadas analfabetas ou semi-alfabetizadas, a única mediação entre a leitura e a escrita é realizada pela escola”, mas a autora complementa, afirmando que “[...] práticas educativas têm ocorrido, ao longo do tempo, fora da escola e, às vezes, com maior força do que se considera, principalmente para determinados grupos sociais e em determinadas épocas”. E, nas narrativas, foram identificados alguns elementos que podem ter favorecido a aproximação e a participação desses sujeitos na cultura escrita, além da experiência escolar: o ambiente doméstico, o processo de migração, as práticas religiosas, o acesso a materiais impressos e a manuscritos foram elementos fundamentais. A seguir, comenta-se sobre a presença desses elementos, a partir das narrativas.

4.3.1 O ESPAÇO DOMÉSTICO

Muitas vezes, a própria casa ou a de parentes serviu como espaço de aprendizagem, seja através da intermediação dos pais, de outros membros da família ou de uma professora. Em algumas narrativas, é bastante mencionada a contribuição dos pais na aprendizagem, ainda que fiquem explícitas as limitações que existiam, pois os pais estudaram pouco ou eram analfabetos: “[...] esse tantinho que eu tenho... que eu sei... foi aprendido aqui porque papai ensina boca de noite com aquela letra grande... depois xixilô...” e diz que “mamãe ensinou o ABC que ela sabia... ela sabia um pinguim de nada (rindo) meu pai também... depois ele se... [...] ele não dava muito valor a mulher aprender” (ZJS).

Três dos narradores são de uma mesma família – a mãe, um filho e uma filha. E, nas falas dos três, a “casa” é mencionada como lugar de aquisição da escrita. A mãe, que aprendeu com a irmã, depois, ensinou aos filhos: “Ah, eu aprendi dentro de casa com a minha

irmã... foi aí eu... só... pratiquei o pouco que aprendi ficava leno livro, letra graúda ne jorná, até que... aprendi fazer [...] É, eu ensinava meus fi dento de casa... foi... todos ele eu ensinava que não tinha escola aí eu ensinava aí...” (AMO). Os filhos lembram-se desses momentos:

Ah... com muito trabalho, eu ia pa roça, quando era mei dia mãe dava... que eu num tive ne escola, eu aprendi com mãe... mãe dava era... era lição... chamava lição, enquanto num desse... enquanto num desse num... num ia pra roça... [...] Rapaz, a escola daqui só era mãe que ensinava a da gente. (ACO)

Mãe é que dento de casa mãe tinha livro... comprou um ABC, eu lembro como hoje, comprou um ABC que naquele tempo também quase que eles não saía, mas ele comprou... ela comprou... ensinava a gente dentro de casa... meus irmão tudo. (DCO)

Ao lembrar-se da presença passageira de uma professora na região, um dos narradores do município de Riachão do Jacuípe, que não vivenciou esses espaços domésticos, porque seus pais eram analfabetos, e que também não frequentou escolas, descreve o espaço em que as aulas, onde suas irmãs “aprendeu pouquinho assinar o nome”, aconteciam: “e essa mulé veio, ensinou poucos dia [...] Era uma casa... a casa de meu avô... era a casa de meu avô, ensinava assim, numa salinha assim, como essa assim, era na roça” (AFS). A seguir, uma descrição semelhante, em que as casas dos familiares foram usadas por uma professora para as aulas:

É uma casa (rindo). Primeiro começou na casa de tio Gidásio... depois passou pra casa de meu irmão, aí ela casou e... começou... ela saiu e depois voltou, aí ela fez a casa dela aí ela ensinava lá na casa dela... a gente inda estudou uns dois anos ainda na casa dela... e daí eu... chegou o tempo de... de eu me casar... aí eu também... eu num estudei mais. (DCO)

Esses trechos evidenciam que, muitas vezes, o espaço doméstico confundia-se com o escolar. Ao comentar que estudou pouco tempo em uma escolinha e ao ser questionada sobre como era o espaço, a narradora diz que “era em casa, era na casa da... da mulher, da dona da casa mesmo...” (ZSS). Então, na ausência de um espaço específico para o funcionamento da escola, a “casa” (de algum morador do lugar ou da própria professora) era usada para as aulas, quando alguém da região resolvia ministrar aulas de primeiras letras ou quando aparecia alguma professora vinda de outros lugares e que permanecia, às vezes, por alguns meses apenas.

4.3.2 O PROCESSO DE MIGRAÇÃO

A necessidade de manter comunicação com os familiares e amigos que ficaram no sertão motivou os sertanejos, que viajaram para as grandes cidades em busca de trabalho, a

produzirem cartas, de modo que 32 (17 com indicação de local e 15 por inferência), das correspondências que constituem o *corpus*, foram emitidas, principalmente entre as décadas de 1950, 1960 e 1970, de São Paulo, centro industrial da época, e uma de Brasília, durante a construção dessa cidade⁴⁸. Nesse sentido, o processo de migração também colaborou para a aprendizagem da escrita. Principalmente nesse período, expressivos movimentos de migração interna ocorreram no país, tendo como principal origem a região Nordeste, em consequência tanto do crescimento industrial, nas grandes cidades, quanto das dificuldades com o trabalho agrícola, devido aos longos períodos de seca, no caso dos que saíram do semiárido baiano. Nesses casos de migração, a distância dos familiares e amigos que ficaram na terra natal foi decisiva para que, mesmo sem muito domínio da escrita, enviassem cartas escritas a próprio punho, como é possível perceber nesta narrativa:

E aí eu escrevi ne São Paulo ne cinquenta e... essas carta aí que eu fiz foi de cinquenta e oito... escrevi pra Bahia... lembrava dos amigos tinha sodade dos amigo... muita sodade... aí os os cara que tinha carta escrevida... olhava olhava [inint.] ia fazeno... eles ia me ensinano, e aí escrevia quato, cinco... oito... dez... tinha vez de escrever dez carta pra Bahia... aqueles garrancho, aquelas cartinha [...]. (AFS)

A convivência com amigos que escreviam cartas e que forneciam “modelos”; o contato com outros materiais escritos, como *A Gazeta*, jornal da época, e a experiência urbana, de modo geral, contribuíram para o desenvolvimento da prática de escrever cartas: “essas carta eu fiz de lá sem saber a ler [...] eu via as carta dos outros, eu pegava as carta... olhava pras carta assim e escrevia essas... se eu lhe dizer que eu já tive um dia de escola to lhe contando falso... nunca tive um dia” (AFS). Apesar de esse narrador afirmar que produziu as cartas sem saber ler, em um segundo encontro, quando questionado novamente sobre o que aprendeu primeiro, se a leitura ou a escrita, ele demonstra dificuldade para lembrar e, depois de algum esforço para rememorar, diz que foi a leitura e depois a escrita, mas não demonstra certeza quanto a isso.

4.3.3 O ACESSO A MATERIAIS IMPRESSOS E MANUSCRITOS

De acordo com Galvão (2010), muitas vezes, são os objetos de leitura menos consagrados pelos cânones literários, pela cultura legitimada, aqueles que mais contribuem para a aproximação da cultura escrita de grande parte da população brasileira.

⁴⁸ As já conhecidas dificuldades, próprias a esse processo migratório vivido pelos nordestinos, são sugeridas em um trecho da carta enviada de Brasília para a zona rural de Riachão do Jacuípe, em 1959: “[...] Compadre diga a Juão nasimento| que brazilha e iluzão i so vem quem não| sabe” (GOR-29).

No caso dos sertanejos, para aqueles que não frequentaram nem mesmo os espaços de aprendizagem nas casas, o contato com alguns materiais de leitura, como os textos religiosos, os folhetos de cordel e com as cartas de outras pessoas, pode ter contribuído significativamente para a sua participação na cultura escrita. Os textos religiosos são fortes motivadores, como em relação ao narrador do trecho a seguir, que não frequentou os espaços de aprendizagem e explica a própria aquisição da escrita pela ação divina: “[...] que na Bíblia diz, Salomão foi o rei mais sábio que existiu na face da terra [...] aí eu fiquei nesta aí e leno aquelas passage... procurano ler pra entender e eu sei que... foi por Deus mehmo que abriu a minha mente e colocou quilo ali” (AFS).

Para os que estudaram com uma professora – alguns, apenas poucos meses –, a presença desses escassos materiais de leitura é algo a mais, como para essas duas narradoras: “Assim... eu leio um... como bem... o livrinho que retira o folheto da... que vem da igreja” (ASC) e “As vez eu pego uma revista de Nossa Senhora Aparecida aí sento ali no banco e olho, de letra mais graúda” (NIN). A presença de elementos de caráter religioso, nas memórias, é recorrente, associados a contextos de leitura: “Eu leio a Bíblia, leio folheto, eu leio livro religioso e leio alguma bobage que aparecer de... de qualquer coisa que eu ver escrito quero ver o que tem dentro” (AMO).

Figura 13 – Folhas de calendário religioso, presentes na casa dos sertanejos



Fonte: acervo pessoal de José Messias, sertanejo da região.

Além disso, alguns sertanejos tiveram contato com os folhetos de cordel, conhecidos como “ABC de poesia”: “Neso botou uns abc, daqueles abc de poesia den... numa caxinha assim de papelão, botou meu livro junto, quando deu fé o rato tinha (bombado)... roeu um

bocado de página do meu... do meu livro” (ASC). Em uma das casas onde as entrevistas-narrativas foram produzidas, foi encontrado um acervo constituído por vários exemplares desses cordéis. Galvão (2007, p. 41) comenta, ao tratar de situações em que a entrada na escrita é mediada por uma aproximação entre oralidade e escrita, tornando-a mais natural, menos marcada por tensões, que na leitura coletiva de cordéis, há essa aproximação entre oral e escrito, “[...] facilitando a participação na cultura escrita daqueles que não sabem ler nem escrever, na medida em que o cordel é um gênero escrito com profundas marcas da oralidade”. A autora lembra, a partir de um estudo anterior, que, nas décadas de 1930 e 1940, em Pernambuco, principalmente na zona rural, a leitura de cordéis em voz alta era bastante valorizada, e aqueles que detinham essa competência exerciam poder sobre os demais; por outro lado, “[...] principalmente os que viviam na zona rural, não tinham a dimensão de que aquele domínio da leitura e da escrita era pouco valorizado em outras práticas de letramento, principalmente urbanas” (GALVÃO, 2007, p. 38).

Essa necessidade da leitura em voz alta dos folhetos de cordel também esteve presente durante a gravação das entrevistas-narrativas, na casa de um casal onde um conjunto desses folhetos, das décadas de 1950, 1960 e 1970, foi encontrado. Entre uma conversa e outra, o marido fez questão de ler vários deles, demonstrando o domínio da leitura e o valor afetivo-emocional dado às histórias: “Foi quem mais cresceu minha leitura foi livro de história, [...] eu tenho oh (rindo)... eu tenho um feche assim de livro assim de cordel... de muitos tempo, muitos ano, mas tem livro bonito... tem livro bonito... tem livro que o cara lê corre água dos olho” (Antônio Carneiro, marido de Zulmira-ZSS). Nos folhetos, há indícios de que foram manuseados por várias pessoas da região, parentes e amigos do dono do acervo, pela presença de assinaturas e outros escritos (inclusive, em um deles, na Figura 14, há a assinatura de Antonio Fortunato da Silva, um dos narradores/remetentes).

Figura 14 – Folheto de cordel, presente no sertão baiano em meados do século XX



Fonte: acervo pessoal do casal Antonio Carneiro e Zulmira Sampaio (ZSS).

Constata-se, então, que esses cordéis chegaram até a região, comprados, segundo o dono do acervo, nos dias de feira, em Conceição do Coité ou em Riachão do Jacuípe; e, seja através da sua leitura ou da audição da leitura, esses textos contribuíram de algum modo para o processo de difusão da cultura escrita na região.

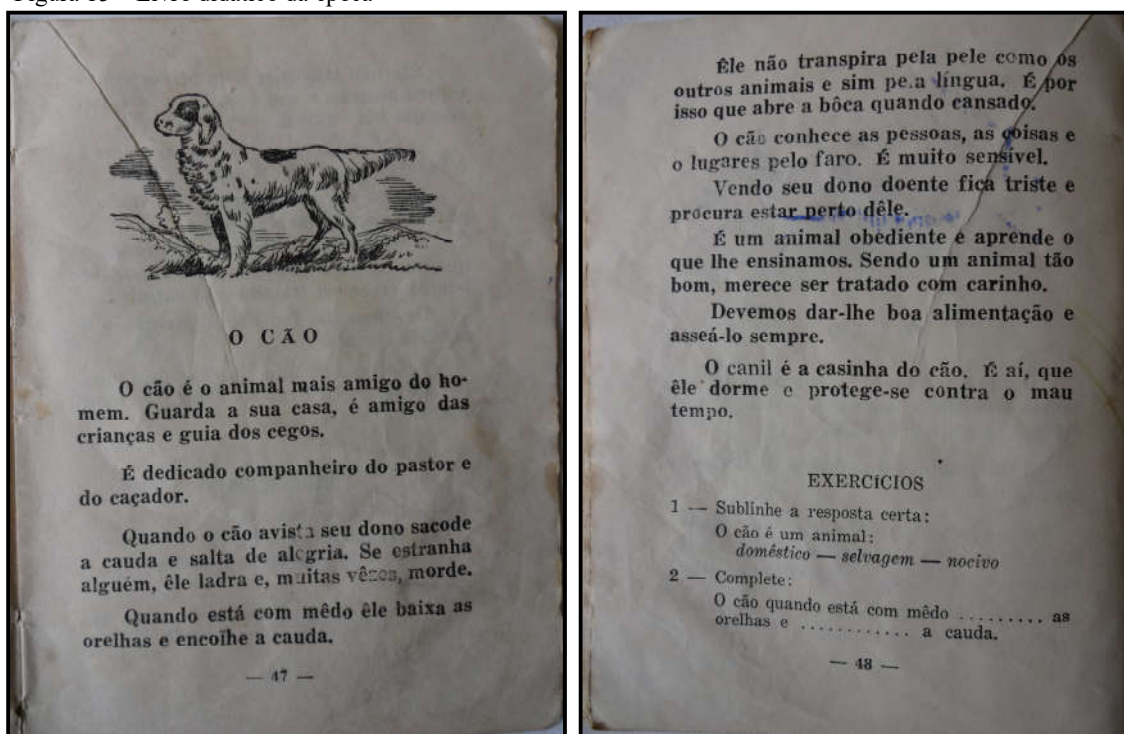
Outro tipo de material impresso mencionado nas falas de alguns é o texto jornalístico, que fez parte dos processos de letramento, mesmo de forma rudimentar, como é expresso em uma das narrativas: “As veze, minha filha, vinha jornaus velho antigo, embrulhando alguma coisa, as veze com tecido, alguma coisa que vinha... aí a gente aproveitava queles jorná pra ler, a gente lia muito, falar a verdade, eu mesmo, eu e compadre José, compadre José gostava [...]” (IZA). Nas memórias da vida em São Paulo, também aparece a imagem do jornal: “[...] aqueles cara que... que sabia ler ficava leno pegava aquelas gazeta, aqueles papel ia leno, eu ficava só olhando, observano, né? Observano eles leno aquilo ali e eu ficava naquela vontade” (AFS). Os amigos que liam *A Gazeta*, como já comentado, também escreviam cartas, e esse contato com os manuscritos produzidos pelos companheiros, para os que estavam morando longe de casa, ajudou a uma melhor familiarização com a escrita.

Sobre livros didáticos, as cartilhas (também chamadas de “ABC”) são mencionadas em algumas narrativas; no entanto, não foi possível recuperar lembranças muito precisas sobre os detalhes dessas cartilhas, como títulos, autores etc.

Mas só que num tinha condições nem de comprar os livro... aí ela [a mãe] comprou, lembro como hoje, que ela comprou três cartilha... chamava Paulinho, essas cartilha um pra mim, uma pra minha irmã, uma pro meu irmão, a gente ia pra Jiboia, dá mais ou menos uns... [...] uns quatro quilômetro daqui pá lá, mas a gente ia todo dia [...] Ia de pé... nós ia andano de pé... [...] e aí eu estudei trinta dias a gente... eu e meus irmão estudemo trinta dias, mas era com sieidade de aprender. (IZA)

Os livros também foram lembrados por uma das narradoras que fala da presença de romances em sua casa: “eu... tinha romance, logo a gente começou, ficou, tinha muitos romance e eu tentava, eu lia muito romances, né? Num tinha televisão na época, era romance mesmo e livros” (LCC). O único livro didático encontrado nos acervos pessoais, que foi conservado pelo filho de um dos casais (JMA e AHC), redatores das cartas, é o que tem algumas páginas representadas na Figura 15, provavelmente utilizado entre as décadas de 1960 e 1970. Como não apresenta capa e nem contracapa, não foram identificadas informações sobre título, autor e editora.

Figura 15 – Livro didático da época



Fonte: acervo pessoal de Ana Helena Cordeiro.

4.3.4 A EXPERIÊNCIA ESCOLAR

A existência de um espaço escolar é sempre associada, nas narrativas dos sertanejos que frequentaram de algum modo esse espaço, à dificuldade de acesso, geralmente por causa da distância geográfica e/ou pelas baixas condições financeiras, como ilustrado neste trecho da fala de um dos narradores, de Riachão do Jacuípe:

[...] naquele tempo pai era difíco botar um filho na escola, num tinha condições... pai não tinha condições nem pra comer nem pra sustentar um filho [inint] botar na escola... e quando existia uma escola era bem longe só botava quem tinha dinheiro... as criança ia montado de animal, nós não... (AFS)

Essa narrativa reflete a afirmação de Rios (2015), de que a educação oferecida aos sujeitos que moram em áreas rurais, durante um longo período da história da educação no Brasil, sempre foi silenciada e relegada a segundo plano. No início do século XX, segundo essa autora (2015, p. 25), a inserção da educação rural nos textos constitucionais surge apenas em 1930, com o “[...] objetivo fundante de apaziguar as tensões sociais decorrentes do êxodo rural, estando a serviço dos interesses políticos e econômicos da época”.

A dificuldade de acesso à escola também fica evidente na fala de uma das narradoras, de Conceição de Coité, nascida em 1936. Após ter mencionado sua ida à escola, explica onde ela era localizada e lembra-se das dificuldades enfrentadas:

Ah, minha fia, era longe... era como daqui na Barra... a gente ia de pé, os camim dentro numas Catinga, passava duas turma de animal carregado, de manhã e de tarde, e a gente ia tudo com as percatinha na mão e a lama atolano [inint] quando chegava na... era Deus que na chegada da escola tinha um tanque... aí agora a gente lavava os pé pra cabar de chegar. (ASC)⁴⁹

Na maioria das vezes que esse espaço foi mencionado, a descrição física é associada ao ambiente doméstico, como já foi comentado; e nas falas, percebe-se a imagem do que era considerada uma escola naquela época, no meio rural, em que se *inventavam* espaços de ensino-aprendizagem. Na maioria das descrições, é a *casa* da própria professora que serve como espaço escolar:

[...] a escola era na residência dela... lembro, num quartinho na residência mesmo na frente, aí ela ensinava... ensinava a gente... ensinava um grupo lado de lá de Cansação, lá da Jiboia, do pessoal deles lá, viu? E de Riachão acho que só tinha a gente mesmo... mas era a siedade que a gente tinha... a gente estudou trinta dias lembro. (IZA)

⁴⁹ O percurso a que a narradora se refere (“era como daqui na Barra”), equivale a uma distância aproximada de 8 km.

[...] Era na residência da professora Netinha... [...] Aí ela ensinava, tinha duas sala, tinha uma que era na frente, como o povo chamava... varanda, e no fundo tinha uma sala grande, aí quando o menino... os menino vinha muito, num era todo dia que vinha todo mundo, aí ela ensinava na sala que era maior e era mais fresca, tinha aqueles banco, a gente sentava e ensinava aí estudei até...a terceira série. (ZBO)

A informalidade que caracterizava a existência desses espaços escolares pode ser notada, por exemplo, na maneira em que eram nomeados: “o nome da escola, era o mesmo nome que era o nome dela [da professora] que era... aqueles pessoal quando, antigamente, quando vinha uma professora aquele nome que a prof... que a professora viesse, aquele nome ficava dano a gente nos caderno [...]” (ASC). Também há descrições que coincidem, em relação à disposição dos móveis, em que os bancos substituíam as cadeiras: “Tinha banco (rindo) esse tempo era uns baquin-... o povo tinha uns banquinho a mesa com uns banco... de primeiro era tudo pobre num tinha nem cadeira (rindo) era difícil não era?” (ZSS) e “[...] não tinha cadeira não, botava os banco aí, sentava, cada um... não existia cadeira nesse tempo não (rindo)” (NIN).

A rara presença de professores, quase sempre itinerantes, na região, é explicada pela ausência de políticas públicas, nesse período, voltadas para a educação do campo. No século XX, a partir de 1934, surgem as primeiras escolas normais rurais, no Nordeste (no Ceará, em 1934; em Feira de Santana, na Bahia, em 1935), com o objetivo de formar professores da zona rural; no entanto, muitos locais, como o interior da Bahia, “[...] não contavam com docentes formados(as) em escola normal, prevalecendo, por várias décadas do século XX, a forte presença de docentes leigos(as) nestas escolas rurais” (RIOS, 2015, p. 27). Poucos professores formados na Escola Normal Rural atuavam na zona rural, pois preferiam trabalhar nas cidades⁵⁰.

Por causa dessa raridade de professores, duas das narradoras comentam que, mesmo com pouco estudo, tiveram que ministrar aulas; uma para substituir a professora, quando se ausentava, e a outra pelo desejo de ver os jovens aprenderem, pelo menos, a assinar o nome:

[...] aí eu estudei, estudava e ensinava ao mesmo tempo, que ela fazia curso, aí eu ficava no lugar dela pra ensinar assim os menino do primeiro ano, do pré, era pré... pré até o segundo... aí eu já ensinava, ela dizia “Olha [inint] aqui tem o dever aqui tu passa tu mesmo se eles não acertar tu ensina eles”. (ZBO)

⁵⁰ Na *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (IBGE, 1958), consta que, em 1956, o ensino primário em Riachão do Jacuípe era realizado em 14 escolas estaduais e 25 municipais, e em Conceição do Coité, em 49 escolas de ensino primário, sendo 39 municipais e 10 estaduais. Não é especificada a quantidade de escolas localizadas nas sedes desses municípios e nas “aglomerações urbanas”, como eram consideradas as diversas vilas (que depois passaram a sediar municípios, como Ichu) e povoados; no entanto, provavelmente, como indicam as narrativas em estudo, eram poucas as localizadas na zona rural.

Não... não estudei, mas... mas eu... quando eu vim pra qui, minha fia, num... cada um rapaz, cada uma moça assim [...] esses menino de vinte ano, vinte e um ano, num sabia fazer um nome, num conhecia letra [...] tudo assim pior do que eu... aí eu inventei de botar uma escolinha... aí “vocês quer aprender um pouquinho assinar o nome de vocês? Muito não, mas com nada aprender a fazer o nome de vocês” [inint] ah... foi menino, foi muito menino, era dezenove aluno. (NIN)

Ainda sobre a presença de professores na região, um dos narradores comenta que suas irmãs foram as únicas pessoas de sua casa que chegaram a frequentar uma escola. Ele lembra que uma professora veio para ensinar poucos dias na casa do seu avô: “[...] ensinava assim numa salinha assim... como essa... assim... era na roça”. A presença da professora, trazida por um comerciante de gado, foi bastante passageira, o que confirma a ideia da raridade desse espaço:

Essa escola, a mulé chamava quem? Dinamérica... tinha o apelido de Lua [...] O nome dela verdadeiro era Dinamérica... Lua... ela num era daqui não [...] ensinou poucos dia na casa do meu avô... de Zé de Angerca... do meu avô [...] as menina aprendero... negócio de poucos dias um mês... um mês e meio... e pouco [...] essa mulé, essa professora [inint] que era professora... quem trouxe foi um homem, chamava Antonho do Sobrado... ele era machante de gado... aqui ne Riachão tinha... (AFS)

Esse mesmo narrador, que afirma não ter frequentado a escola, diferente de suas irmãs, justifica isso com a necessidade de ajudar o pai com o trabalho da roça: “eu é quem trabalhava com meu pai com doze treze ano... quatorze ano... quem trabalhava era eu pra sustentá a família”. Além disso, a distância e as dificuldades de acesso foram impedimentos, como é possível notar nos trechos a seguir, em que expressa a relação entre o nível socioeconômico das pessoas e o acesso à escola:

[...] num tinha escola... num existia escola... existia escola, mas quem estudava naquele tempo? Filho de ó... uma pessoa naquele tempo pa formar um filho ter um médico... um filho formado, ele é burguês é... nem a certo alguma pessoa da roça fazendero, que já era fazendero... que tinha umas condiçãozinha... às vez tinha pena de gastar ou num gastava, ou num queria... (AFS)

Percebe-se, nesse último trecho, que ele titubeia em relação à afirmação sobre a existência ou não de escolas na região, reiterando inicialmente que não havia, mas depois faz uma afirmação positiva, dizendo que “existia escolas”. Talvez ele pense inicialmente na não existência, justamente porque os moradores do meio rural ficavam excluídos, ainda que possuíssem boas condições financeiras, ou seja, fossem fazendeiros. Esse trecho apresenta indícios do valor que era dado à escola, já que a falta de condições financeiras não era o único entrave, pois os fazendeiros podiam “ter pena de gastar” ou simplesmente, não queriam gastar com escola. É importante ressaltar a função dessas aulas, de acordo com a memória desse

narrador, quando o que se aprendia, tendo por base suas irmãs, era “só assinar o nome... era só assinar o nome só, a leitura de minhas irmã foi essa, só de assinar o nome... aí... leiturinha pouca...” (AFS)⁵¹. As irmãs desse narrador também escreveram algumas cartas, e em seus textos, percebe-se a pouca familiaridade com o código escrito, como os demais redatores, são adultos estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita.

4.4 SÍNTESE

As entrevistas-narrativas produzidas no sertão baiano revelam o reconhecimento de um passado marcado pelo desejo e pela necessidade de escrever e de ler, por aqueles que ficaram à margem do processo de alfabetização escolar formal. São pistas de que, durante o século XX, principalmente até meados desse século, na zona rural da Bahia, o processo de garantia do letramento através da criação e do funcionamento efetivo de escolas ainda ocorria com pouca frequência. A pouca habilidade com a escrita reflete, então, a falta de contato dos redatores com as normas prescritas via escolarização formal; por outro lado, as práticas de escrita, produzidas em espaços como a própria casa ou a de algum familiar, evidenciam a necessidade de estabelecer comunicação, por motivações diversas, seja a distância da terra natal ou o contato com textos religiosos. A partir das memórias expressas, pode-se concluir que:

- a) as práticas de escrita são práticas de resistência, pois mesmo com as dificuldades que o contexto social oferecia, eles desenvolveram processos de letramento diversos, possibilitando a difusão da escrita na região;
- b) os sertanejos construíram, *inventaram* modos próprios de se apropriar do processo de escrita, criaram os seus espaços de participação na cultura escrita, com as possibilidades cotidianas;

⁵¹ Sobre o que se aprendia na escola, a afirmação desse narrador encontra correspondência nas memórias que fazem parte do Projeto “Memórias do Rural”, publicadas na obra “Entre as trilhas da memória: velhos da Terra do Sisal”, de Freixo e Teixeira (2011), um trabalho desenvolvido com velhos moradores de comunidades rurais da região sisaleira. Na fala de Seu Zezé Primo, de Valente, município que também faz parte do Território do Sisal, ele comenta: “Fui pra escola... naquele tempo não tinha escola, só se fazia aprender a assinar o nome, e qualquer coisa aí... tinha uns veios que ensinavam, um pouco mais, mas já ia embora, acabava aquela escola... eu aprendi a ler e escrever, estudando lá, com esse pedaço de tempo” (FREIXO; TEIXEIRA, 2011, p. 117-118).

- c) os espaços domésticos, o processo de migração, o acesso a materiais de leitura (como textos religiosos, folhetos de cordel, cartilhas, jornais e cartas), ainda que raro, muitas vezes, foram a garantia de uma aproximação à cultura escrita;
- d) a busca de sentidos no passado permite perceber que os narradores atribuem legitimidade a seus processos de letramento, a suas práticas de escrita;
- e) considerando a presença de marcas de inabilidade na escrita das cartas que produziram, o fato de alguns terem frequentado um espaço escolar durante mais tempo que outros não faz com que tenham maior habilidade com a técnica da escrita. Isso pode ser associado à precariedade do sistema escolar no período, com professoras leigas, muitas vezes, itinerantes.

A seguir, um quadro em que se sintetizam algumas informações envolvendo os processos de letramento dos sertanejos, a partir das narrativas produzidas.

Quadro 3 – Síntese sobre o processo de letramento dos sertanejos

Narrador	Nascimento	Processo de aquisição da escrita	Relação dos pais com a leitura e a escrita	Presença de materiais de leitura em casa
01 - AMO	1936	“Ah... eu aprendi dento de casa com a minha irmã [...] pratiquei o pouco que aprendi, ficava leno livro, letra graúda ne jorná até que... aprendi fazer.”	“[...] eles era analfabeto eles num sabia nada nem fazer a letra dele o nome deles num fazia.”	“[...] só alembro uma cartilha... era uma cartilha.” “Ficava leno livro letra graúda ne jorná.”
02 - ASC	1936	“[...] caminhei de uns, assim de uns oito ano em diante pra... pa escola... até quando eu... fui até quarto ano... daí por lá... também parei por aí”	“[...] nem pai nem mãe neum estudaro... neum sabia ler.”	“[...] só tinha o da gente quando a gente começou a estudar... nem pai nem mãe neum estudaro... neum sabia ler.”
03 - ACO	1957	“[...] eu num tive nem escola... eu aprendi com mãe... mãe dava era... era lição chamava lição enquanto num desse... enquanto num desse... num... num ia pra roça [...] a escola daqui só era mãe que ensinava a da gente.”	“[...] Sabia... mãe e pai sabia.”	“Ela... comprava os livro pra gente ler... a gente pegou o ABC primeiro... depois... depois de Abc parece que vem o quê?... cartilha.”
04 - AFS	1936	“[...] foi nessa data que eu... ne cinquenta e oito eu tava em São Paulo mermo... uns pessoal escrevia pa Bahia, uns amigo escrevia pa Bahia, eu tinha vontade.” “[...] até que eu Deus... Deus abriu minha mente e eu aprendi essa leitura.”	“Não, nunca soube, nem minha mãe nem meu pai nunca soube ler...nunca souber ler não... ela nunca aprendero a leitura, né?”	“Não tinha... naquele tempo [inint] era difiço... era difiço... naquele tempo... via falar em Bibla e nem conhecia a Bibla.”
05 - DCO	1960	“Mãe é que dento de casa, mãe tinha livro... comprou um ABC, eu lembro como hoje [...] ensinava a gente dentro de casa.” “[...] eu já tava, o quê? Com uns catoze ano... porque naquele tempo num tinha escola assim... lugar de... professor pra ensinar aí quando eu já tava grande... aí nós fomo, né? [...] Até a terceira, aí foi o tempo do meu casamento aí eu... eu num fui mais.”	“Só fazia os nome, eles num tinha estudo como eu mesmo, que eu num tenho.”	“Mãe é que dento de casa mãe tinha livro... comprou um ABC eu lembro como hoje, comprou um ABC que naquele tempo também quase que eles não saía mas ele comprou ela comprou [...]”

Narrador	Nascimento	Processo de aquisição da escrita	Relação dos pais com a leitura e a escrita	Presença de materiais de leitura em casa
06 - IZA	1948	“[...] eu estudei trinta dias... a gente eu não meu e meus irmão estudemo trinta dias.”	“[...] pra fazer um tito de eleitor quem ensinou a ele foi Margarida da Jiboia minha professora foi quem ensinou a ele... a ele escrever o nome... assinar o nome dele naquele tempo sinava só o nome [...]”	“[...] num tinha não, livrano dos livro de escola da gente esse aí e as vezes a gente arrumava livro assim com as... com as amigas, né? Que as vezes que tinha mais condições minhas primas a gente arrumava, a gente gostava, eu mesmo gostava de ler, gostei... li muito, jorná, a gente num guentava ver um jorná que a gente num ler.”
07 - LCC	1966	“[...] eu tinha quatro anos de idade e eu estudei aqui ne Sítio Novo e minha pró era minha madrinha... eram setes irmãos e eu ficava querendo vim apesar d’eu ser medrosa e... [...] e eu cabei vindo com minha irmã mais velha e logo eu... eu comecei logo a escrever mesmo pegando na mão, né?”	(assunto não abordado)	“[...] tinha romance, logo a gente começou, ficou, tinha muitos romance e eu tentava, eu lia muito romances, né? Num tinha televisão na época, era romance mesmo e livros.”
08 - NIN	[1945]	“[...] tinha lá uma... uma professora... chamava Rosenita [...] aí meu pai pegou e colocou a gente nessa escola [inint] a gente estudava... até... estudemo até o quarto ano... aí meu pai tirou era muito pobre [...] tirou a gente da escola pra trabalhar que a gente vivia no trabalho.”	“Meu pai, ele sabia um pouco... muito não mas ele sabia [...]”	“Tinha, meu pai sempre gostou de estudar a Bíblia, né? mas ele não confiava entregar a Bíblia dele a menino... ele sentava ia ler pra gente escutar... a vez ele comprava algum ABC... alguma coisa de leitura assim...”
09 - RAC	1961	“Rapaz... eu aprendi na... na doida, teve escola aqui que a minha irmã que estudar... ensinava. [...] Auricélia ensinava aqui... e... depois... eu fui estudar aqui... perto dali, do município de Coité, [...] lá na... parece que a fazenda... era de Elenita... [...]”	“Sabia. [...] tinha uma escola na casa do pai... o pai dele botou... botava uma professora [inint.] ele ia estudar, parece que era seis... seis irmão... seis irmão estudava na casa.”	“Tinha livro. [...] eu comprava livro na época por meus dezessete ano, comprei livro pra fazer carteira de motorista, fiquei estudano [...]”

Narrador	Nascimento	Processo de aquisição da escrita	Relação dos pais com a leitura e a escrita	Presença de materiais de leitura em casa
10 – ZBO	1957	“[...] aí eu estudava... os menino... eu já era quarta, os menino era pré... antigamente era ABC, cartilha, ia passando po segundo, né?”	(assunto não abordado)	“Os livros... eu não sei, sei que a gente estudava (cartilha) não sei se era minha mãe que comprava, acho que sim, ou era pela prefeitura, acho que não, não sei [...]”
11 – ZJS	1940	“Esse tantinho que eu tenho que eu sei foi aprendido aqui porque papai ensina boca de noite com aquela letra grande depois xixilô”	“O João Minduba era... era bem sabido dizia meu pai aí foi quem foi o professor de meu pai.”	“Não, tinha uns livro aqui... uns livro véi de... de... da escola da da... que eu... que eu fiquei... papai comprou uns livrinho a gente estudou só (tinha) esses livrinho assim...[...] os ABC aquela coisa assim... pouca.”
12 - ZSS	1939	“Tinha uma escolinha aí na roça...minha mãe colocou a gente lá... [...] fiquei lá na casa da professora um tempo... aprendi pouco”	“Meu pai inda fazia o nome dele, só o nome e o sobrenome, minha mãe num sabia não.”	“O ABC minhas irmã me ensinou em casa, depois minha mãe comprou uma cartilha...” [presença de folhetos de cordel na casa]

Fonte: elaboração própria.

PARTE III

PARA A IDENTIFICAÇÃO DA INABILIDADE NA ESCRITA: ANÁLISE DOS DADOS E APLICAÇÃO DA PROPOSTA

5 A CARACTERIZAÇÃO DOS REDADORES POR ASPECTOS DE INABILIDADE

O objetivo desta seção é estabelecer a proposta metodológica para identificação do grau de inabilidade dos redadores, considerando-se a possibilidade de uma gradiência, um contínuo, por dimensões, em níveis combinados. Para isso, verifica-se como os redadores das cartas pessoais do sertão baiano podem ser distribuídos, a partir da descrição e do cruzamento de algumas marcas de inabilidade de escrita. Reconhecendo as *mãos inábeis* que escreveram essas cartas, no século XX, é possível construir um contínuo de inabilidade, em que, a depender dos índices que apresentam, há alguns redadores mais inábeis em escrita alfabética que outros. É tentador, ao usuário desse *corpus*, reconhecer essa diferença a partir apenas da aparência física dos textos, já que nos fac-símiles são bem visíveis as características fisco-caligráficas estabelecidas por Marquilhas (2000), conforme será discutido no item 5.4. No entanto, a análise de outras dimensões, como a da *escriptualidade*, faz perceber que outras marcas, associadas ou não ao plano físico-caligráfico, são determinantes na definição de alguns redadores como mais inábeis.

A seguir, serão retomadas as marcas de inabilidade descritas em Santiago (2012), distribuindo-as por redator e associando-as a outras, como a pontuação, além de sistematizá-las a partir das dimensões propostas por Barbosa (2017), no sentido de melhor estabelecer os perfis dos redadores. Serão consideradas, portanto, as dimensões:

1. da *escriptualidade*:
 - grafia de sílabas complexas (deslocamentos e omissões de /r/, /l/ e /s/);
 - hipercorreções (acréscimos de <r>, <l> e <s> em posição de coda e acréscimos de <r> em posição de ataque ramificado);
 - representação da nasalidade (representação exagerada e ausência da representação);
 - representação de dígrafos;
2. da escrita fonética: *índices grafofonéticos*;
3. da pontuação;
4. da repetição de vocábulos;
5. da habilidade motora;
6. da segmentação gráfica:
 - hipersegmentação;
 - hipossegmentação.

A estrutura desta seção é a seguinte: em 5.1, apresentam-se as dimensões da *escriptualidade* e da **escrita fonética**; em 5.2, da **pontuação**; em 5.3, da **repetição de vocábulos**; em 5.4, da **habilidade motora** e da **segmentação gráfica**; e, em 5.5, apresenta-se

o resultado da proposta, com o estabelecimento do contínuo de inabilidade em escrita alfabética.

5.1 A ESCRIPTUALIDADE E A ESCRITA FONÉTICA

Considerando-se que a presença de propriedades referentes à *escriptualidade* é o que melhor caracteriza a escrita inábil, recorrente em diferentes *corpora*, de diferentes períodos e espaços, a presença de *índices grafofonéticos* é apenas mais um aspecto da dificuldade de representação escrita. Para os textos do século XX, quando já se tem uma ortografia padrão única, esses *índices* tornam-se mais significativos para a definição do nível de inabilidade do redator. Analisa-se, então, o cruzamento dessas duas dimensões e discute-se sobre como é possível, a partir da relação entre elas, reconhecer a maior ou menor inabilidade.

5.1.1 OS ASPECTOS DE ESCRIPTUALIDADE

De acordo com Barbosa (2017, p. 24), a *dimensão da escriptualidade*, para os usuários de *corpora*, na prática, “[...] se traduz em observar insegurança (ou em grau maior, o quase desconhecimento do redator) em (a) assumir sistematicamente *grafismos* (convencionalismos motivados por tradições culturais [...]) ou (b) grafar sílaba complexa com /r/ ou /l/”. Os seguintes aspectos são reunidos pelo autor em relação aos grafismos:

- a) grafção, ou não, de dígrafos (<qu> ~ <q> ~ <c>, <ph> ~ <f>);
- b) latinismos (<u> ~ <v> ou <sch> ~ <c>);
- c) diacríticos variando com letras na representação de uma mesma qualidade sonora (a nasalidade indicada por <n> ~ <m> ~ <~>); e
- d) a dificuldade de grafção de líquidas (/r/ ou /l/) em coda ou em ataque ramificado.

Para os textos anteriores ao século XX, deve-se considerar a possibilidade das pluriortografias, no entanto, em relação ao século XX, quando a ortografia brasileira assume o “[...] caráter homogeneizante de prever uma única forma de escrever cada palavra” (BARBOSA, 2017, p. 41), o mapeamento da gradiência de habilidades e inabilidades de conhecimento das convenções do padrão gráfico se estabelece de forma mais direta. Para a *mão inábil*, aumenta a proporção de “erros” de um dado redator em relação ao grafismo determinado pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* e pelos dicionários.

Para as cartas dos sertanejos, escritas no século XX⁵², foram identificados os aspectos em a, c e d. Sobre o aspecto da grafiação, ou não, de dígrafos, mencionado no item a, os redatores parecem usar a hipótese de que há uma correspondência biunívoca entre sons da fala e letras do alfabeto, ou seja, cada grafema corresponde a um som e cada som a um grafema. A maior parte dos casos parece obedecer a esse princípio, de relação monogâmica⁵³ entre letra e som (LEMLE, 1991). Ocorrem, portanto, representações dos dígrafos com a omissão do <u>, na redução dos dígrafos <qu> e <gu>; a substituição de <rr> por <r>, de <ss> por <s>, e de <sc> por <s>, e a omissão do <h> na grafia de <nh>, <lh> e <ch>. Há casos em que a dúvida com a transcrição desses dígrafos gera outras possibilidades: a omissão do <l>, como em *tarbahi* por *trabalhe* (AFS-4) e *sombranseha* por *sombrancelha* (AHC-54); o deslocamento do <l>, no sentido de procurar estabelecer o padrão CV, como em *oliha* por *olha* (VAN-86); e, nas ocorrências referentes a <nh>, há casos em que se deixa de transcrever o <n>, como na grafia *diheiro* por *dinheiro* (AFS-11)⁵⁴.

Quanto ao aspecto descrito no item c, por Barbosa (2017, p. 24), “[...] diacríticos variando com letras na representação de uma mesma qualidade sonora (a nasalidade indicada por <n> ~ <m> ~ <~>)”, nas cartas, a dificuldade com a representação da nasalidade não envolve propriamente os diacríticos, e sim o uso de <nm> ~ <mm> ~ <m> e <nn> ~ <mn> ~ <n>⁵⁵, casos considerados como representação gráfica exagerada da nasalidade, como em *inmaginava* por *imaginava* (RAC-85), *commadi* por *comadre* (AFS-6), *cumnhado* por *cunhado* (GOR-28) e *pequenna* por *pequena* (AML-81)⁵⁶. Há, também, a ausência de representação, em que a consoante nasal é omitida (<Ø> ~ <m> ~ <n>), como em *votadi* por *vontade* (JMA-64).

Há certa sistematicidade no uso dessas estratégias, já que os redatores que mais exageraram na representação da nasalidade foram os que menos omitiram a consoante nasal e vice-versa. Dos 114 casos de representação exagerada, 87 são identificados nas cartas de

⁵² Das cartas que compõe o *corpus*, há oito que foram escritas na primeira metade do século, entre 1906 e 1910. Identificam-se, nestes textos, alguns registros de uma ortografia etimológica ou pseudo-etimológica: *ella* por *ela*, *huma* por *uma* (FP-79); *hia* por *ia*, *occazião* por *ocasião* (JMS-66); *suffrido* por *sofrido* (JMS-67).

⁵³ Segundo Lemle (1991, p. 26), ao comentar sobre a primeira etapa da alfabetização, o “[...] grande progresso na aprendizagem dá-se quando o alfabetizando atina com a ideia de que há, na escrita, representação de sons por letras. Faz sentido supor que a ideia construída por ele sobre essa relação é a mais simples possível: a relação monogâmica, ou biunívoca, para usar linguagem técnica.”

⁵⁴ A identificação dos exemplos será feita, ao longo do texto, com a indicação da sigla do remetente, seguida do número da carta em que a ocorrência está localizada, conforme numeração usada na edição semidiplomática.

⁵⁵ A variação gráfica entre <mm> ~ <m> e <nn> ~ <n> em manuscritos anteriores ao século XX, quando ainda não havia uma ortografia padronizada, pode não ser reflexo de uma representação exagerada da nasalidade, mas sim vestígio de uma grafia etimológica.

⁵⁶ Explicando ocorrências desse tipo em dados da escrita infantil, Simões (2006, p. 53) afirma que “[...] a criança percebe a *nasalação fonética regressiva* pela contaminação com o afixo consonantal nasal da sílaba posterior e marca graficamente essa diferença”.

Antônio Fortunato da Silva, com apenas um dado de ausência de representação; enquanto que das 137 omissões, 23 ocorrências estão na carta de João dos Santos e 14 na de Vandinho, redatores que não manifestaram nenhum caso de exagero. Essa sistematicidade demonstra que o comportamento dos redatores é semelhante ao que Simões (2006) descreve para os dados infantis. Afirma a autora que, captando a nasalidade ou não, a criança resolve sua grafia de forma sistêmica e estruturada, “[...] ou a ignora e, portanto, não usa marcas, ou a percebe e elege uma marcação uniforme: põe travador (consoante nasal após a vogal fechando sílaba) ou til em todas as sílabas que apresentem qualquer vestígio de som nasal (nasaladas e nasalizadas)” (SIMÕES, 2006, p. 52).

Sobre o aspecto em d, a dificuldade de grafiação de líquidas (/r/ ou /l/) em coda ou em ataque ramificado, ou seja, das sílabas que não possuem a estrutura canônica CV, os dados identificados foram em número bastante significativo, como demonstram as ocorrências exemplificadas na Tabela 8, adiante. Segundo Oliveira (2006, p. 269), “[...] grafias irregulares para sequências silábicas complexas com segmentos líquidos, principalmente o /r/, parecem ser traço atemporal e a-histórico, pelo menos em algumas línguas”. Essas grafias irregulares foram identificadas por esse pesquisador, nas atas do século XIX, como em *Ander* por *André* e *aprate* por *aparte*; nas cartas de comércio do século XVIII, por Barbosa (1999), como em *perzente* por *presente*, *detreminar* por *determinar*; e, por Marquilhas (2000), nos textos da Inquisição, em ocorrências como *bretolameu* por *bertolameu* e *prato* por *parto*, afirmando ser essa ortografia irregular de formas com cadeias de consoantes que incluam /r/ “a característica mais recorrente das mãos inábeis seiscentistas” (MARQUILHAS, 2000, p. 246).

Nas cartas do século XX, além de os redatores desfazerem a grafiação CCV ou CVC com inclusão de vogal, com o apagamento ou com a inversão de posição de <r> (como em *porotadro* por *portador* (MC-36)) ou <l> – e há também dados de apagamento envolvendo a sibilante /s/ –, registra-se a frequência de irregularidades envolvendo o acréscimo dessas consoantes: hipercorreções, que se configuram como um caso peculiar de inabilidade, como em *amigro* por *amigo* (JS-62) e *farzenda* por *fazenda* (AFS-12). Marquilhas (2000, p. 237) afirma que “[...] ao produto do inábil preside uma representação ‘deslumbrada’ da língua escrita, altamente sensível às suas marcas de prestígio”. Esse “deslumbramento” com a escrita alfabética faz com que os inábeis busquem algumas soluções gráficas distantes das regularidades, incorrendo em hipercorreções. E o <r> parece ser uma marca propícia a essas hipercorreções, dada a frequência das irregularidades envolvendo esse segmento, seja em posição de coda ou de ataque ramificado; é uma espécie de grafema *curinga*, como bem indica Oliveira (2006), por ser um segmento bastante instável, já que pode estar em vários

lugares dentro da palavra. Os exemplos em que o <r> é inserido em uma palavra monossilábica reforçam ainda mais essa ideia, evidenciando um índice de inabilidade maior, como em *nar* por *na* (AFS-4) e *var* por *vá* (MC-36).

Na Tabela 8, sintetizam-se alguns aspectos referentes à *escriptualidade*⁵⁷, identificados nas cartas:

Tabela 8 – Aspectos referentes à *escriptualidade*, nas cartas dos sertanejos

Grafia de sílabas complexas		
Aspectos	Exemplos	Quantidade de ocorrências
Grafias com o /r/ em ataque ramificado (deslocamento e omissões)	<i>lenbarnsa</i> por <i>lembrança</i> (AFS-5) <i>estada</i> por <i>estrada</i> (AFS-9)	251
Grafias com o /r/ em posição de coda (deslocamento e omissões)	<i>apreto</i> por <i>aperto</i> (SFS-40) <i>pedão</i> por <i>perdão</i> (RAC-90)	60
Grafias com o /l/ (deslocamento e omissões)	<i>folris</i> por <i>flores</i> (VO-113) <i>ato</i> por <i>alto</i> (FPS-47)	4
Grafias com o /s/ (omissões)	<i>eteve</i> por <i>esteve</i> (AHC-61)	37
Hipercorreção		
Acréscimo de <r> em ataque ramificado	<i>çanetra</i> por <i>caneta</i> (JS-62)	41
Acréscimo de <r> em posição de coda	<i>dervo</i> por <i>devo</i> (AFS-6) <i>pargar</i> por <i>pagar</i> (AFS-12)	161
Acréscimo de <r> em posição de coda em monossílabos	<i>jar</i> por <i>já</i> (LFO-32) <i>lar</i> por <i>lá</i> (ROM-73)	249
Acréscimo de /l/ em posição de coda	<i>salbi</i> por <i>sabe</i> (AFS-4)	73
Acréscimo de <s> em posição de coda	<i>faszer</i> por <i>fazer</i> (MC-36)	18
Representação da nasalidade		
Representação exagerada <nm> ~ <mm> ~ <m> e <nn> ~ <mn> ~ <n>	<i>vanmos</i> por <i>vamos</i> (AFS-2) <i>commader</i> por <i>comadre</i> (FP-79)	114
Ausência de representação <Ø> ~ <m> ~ <n>	<i>Romaci</i> por <i>romance</i> (JMA-64) <i>mado</i> por <i>mando</i> (VAN-86)	137
Representação de dígrafos		
<qu> ~ <q>	<i>piqenno</i> por <i>pequeno</i> (AFS-19)	21
<gu> ~ <g>	<i>entrege</i> por <i>entregue</i> (MC-36)	28
<rr> ~ <r>	<i>coreios</i> por <i>correios</i> (AFS-7)	18
<ss> ~ <s>	<i>nosa</i> por <i>nossa</i> (AFS-7)	84
<lh> ~ <l>	<i>trabalo</i> por <i>trabalho</i> (JS-62)	94
<nh> ~ <n>	<i>teno</i> por <i>tenho</i> (VAN-86)	29
<ch> ~ <c>	<i>Riacão</i> por <i>Riachão</i> (ACO-44)	4

Fonte: elaborada pela autora.

⁵⁷ Os dados detalhados são descritos no Apêndice A.

5.1.2 OS ÍNDICES GRAFOFONÉTICOS

A dimensão da *escrita fonética*, segundo Barbosa (2017, p. 25), refere-se à representação gráfica de sons vocálicos e consonantais que “[...] busca formas de imitar a pronúncia e tende a se afastar das convenções gráficas”.

Os *índices grafofonéticos* foram identificados nas produções das *mãos inábeis* seiscentistas portuguesas, por Marquilhas (2000). A autora indica que “[...] a criatividade na aplicação dos princípios do sistema de escrita constitui um dos resultados possíveis de uma exposição só ocasional a amostras ortográficas” (MARQUILHAS, 2000, p. 257-258), atestando a hipótese de uma correspondência estável entre símbolos do alfabeto e segmentos consonânticos e vocálicos. Para ela, recuar a atestação de fenômenos fonológicos é o benefício mais óbvio que a Linguística Histórica pode retirar de fontes graficamente “cândidas” como são os documentos do século XVII, além da possibilidade de investigações com outra motivação, como a morfológica ou sintática.

Barbosa (1999) também identificou dados que espelham realizações próprias à fala, nas mãos *pouco hábeis* dos documentos coloniais. O conjunto de dados recolhidos pelo autor serve de instrumento para contraste entre os *corpora* do material de circulação oficial e particular. Oliveira (2006), ao reunir os dados produzidos pelos negros da Sociedade Protetora dos Desvalidos, mostra que, na procura da relação monogâmica entre letra e fonema, os escritores, no século XIX, apresentam traços fônicos típicos da linguagem oral da atualidade.

Para os textos de épocas em que convivem mais de uma ortografia, é preciso considerar a variação gráfica normal ao período, pois “[...] grafar *coração* ou *curaçao*, *semelhante* ou *similhante* não estava vinculado ao grau de erudição. Tudo isso era normal aos olhos de redatores que não viviam, como nós, sob ortografia única” (BARBOSA, 2008, p. 196). No caso das cartas de comércio do século XVIII, Barbosa (2008, p. 200) observa, para além dessa variação gráfica comum ao período colonial, uma pluriortografia que incluía (ao lado de latinismos artificializados) as “[...] várias ocorrências de reflexos das características fonéticas no plano gráfico – os chamados *índices grafofonéticos*”.

Isso implica dizer que não é a simples presença de marcas fonéticas ou de aparentes desvios de normas gráficas que caracterizariam uma *mão inábil* no século XVIII, mas sim o balanço contrastivo de suas distribuições em diferentes materiais da mesma época. Assim sendo, as cartas de comércio, como um conjunto, poderiam, então, ser consideradas mais fonéticas que os documentos oficiais da mesma época, editados pelo pesquisador. Nas cartas de comércio, Barbosa (2008) levantou 127 ocorrências de índices grafofonéticos, enquanto

que nos documentos oficiais, também editados por ele, só foram localizados 26 casos desse tipo. Contudo, dentre essas cartas de comércio, pelo ponto de vista metodológico assumido, alguns redatores poderiam ser inábeis em grau intermediário pela incidência das duas dimensões de inabilidade aqui expostas: maior presença de marcas grafonéticas e a inversão de <r> em sílaba complexa. No entanto, os casos de inversão de letras, na representação de sílabas que fogem ao padrão básico CV, por exemplo – aspecto de *escriptualidade* comum a inábeis de qualquer época –, não são frequentes nessas cartas de comércio. Para Barbosa (2008, p. 198), os redatores podem ser considerados como *pouco hábeis*: “[...] essas cartas não seriam nem oficiais, nem particulares, nem de redatores profissionais, nem de inábeis: um ponto intermédio de relação sob menor estado de vigília – o que é próprio de quem escreve afastado dos modelos de escrita [...]”.

É preciso, então, considerar que esses e outros aspectos apresentam uma frequência maior na escrita de *mãos inábeis* independente da época em que aparecem, seja sob a pluriortografia do século XVIII, seja em tempos em que se tem uma ortografia padrão única, como no século XX. Se as cartas de comércio são um ponto intermediário, em relação ao nível de habilidade de escritura, as cartas dos sertanejos baianos situam-se em um grau maior de inabilidade, já que esses textos apresentam evidências de um maior afastamento da norma ortográfica do período.

Nos textos dos sertanejos baianos, há alguns índices grafonéticos mais gerais, comuns mesmo entre os mais hábeis, como as grafias para a elevação de vogais médias pretônicas, em *sigundo* por *segundo* (AHC-54) e *nuvidadi* por *novidade* (JMS-66); para a elevação de vogais médias postônicas, como em *saudadi* por *saudade* (FP-78) e *adoru* por *adoro* (JMA-64). Bastante expressiva é a presença, nos textos, da grafia para a elevação das vogais médias em monossílabos, ilustradas, por exemplo, em *lhi* por *lhe* (MC-36) e *nu* por *no* (SFS-40). Outros fenômenos comuns, não muito marcados: as grafias para a apócope, como em *pusive* por *possível* (MDO-84) e *chora* por *chorar* (AHC-55); para a redução de ditongos, em *importansa* por *importância* (AFS-4), e para a ditongação, *dezeijado* por *desejando* (JMS-68). Índices como esses podem não se constituir propriamente como marcas de inabilidade, mas serem considerados como indícios, coocorrendo junto àqueles mais raros, que podem, até mesmo, refletir variantes diatópicas.

Na Tabela 9, que apresenta os índices grafonéticos identificados nas cartas dos sertanejos baianos, há alguns exemplos de fenômenos mais estigmatizados, como as grafias para os casos de palatalização, em *familha* por *família* (ASC-63); rotacismo e lambdacismo, em *armerinda* por *Almerinda* (AFS-6) e *Calnero* por *Carneiro* (SFS-42), respectivamente; de

prótese, em *alembra* por *lembra* (AFS-1); de aférese, em *rastando* por *arrastando* (MC-50); e de metátese, em *pregontar* por *perguntar* (MC-50). Alerta-se que uma classificação sempre implica em hesitações em relação a “[...] que rótulo se pode embalar os dados” (OLIVEIRA, 2006, p. 349), ou seja, determinados fatos da fala podem ser fatos da escrita e vice-versa⁵⁸.

Tabela 9 – Aspectos referentes a *índices grafofonéticos*, nas cartas dos sertanejos

Aspectos	Exemplos	Quantidade de ocorrências
Elevação das vogais médias em monossílabos	<i>di</i> por <i>de</i> (FP-79) <i>us</i> por <i>os</i> (AFS-6)	1334
Elevação de vogais médias postônicas	<i>somenti</i> por <i>somente</i> (NIN-38) <i>todus</i> por <i>todos</i> (ACO-44)	664
Síncope	<i>diero</i> por <i>dinheiro</i> (VAN-86) <i>nevozo</i> por <i>nervoso</i> (JMA-64) <i>pencanno</i> por <i>pensando</i> (AFS-16)	419
Elevação de vogais médias pretônicas	<i>ricibo</i> por <i>recibo</i> (AHC-22) <i>purtanto</i> por <i>portanto</i> (JMS-67)	299
Apócope	<i>responsave</i> por <i>responsável</i> (MDO-84) <i>conta</i> por <i>contar</i> (BMO-91)	298
Ditongação	<i>voçeis</i> por <i>vocês</i> (ROM-73) <i>toudo</i> por <i>todo</i> (ICO-48)	213
Redução de ditongos	<i>sodadi</i> por <i>saudade</i> (ZSS-53) <i>esteji</i> por <i>estejam</i> (MC-36)	170
Nasalização	<i>muinta</i> por <i>muita</i> (DCS-69)	67
Prótese	<i>avoar</i> por <i>voar</i> (ACO-44)	44
Abaixamento das vogais altas	<i>Destinto</i> por <i>distinto</i> (SFS-40) <i>corzeiro</i> por <i>cruzeiro</i> (AFS-3)	38
Aférese	<i>duentada</i> por <i>adoentada</i> (ZSS-53)	34
Rotacismo	<i>Dicurpi</i> por <i>desculpe</i> (AFS-45)	25
Posteriorização de vogais	<i>tombem</i> por <i>também</i> (VAN-86)	20
Paragoge	<i>veizi</i> por <i>vez</i> (AFS-24)	17
Palatalização	<i>Brazilha</i> por <i>Brasília</i> (GOR-28)	15
Lmbdacismo	<i>silvido</i> por <i>servido</i> (NIN-38)	10
Metátese	<i>porcura</i> por <i>procura</i> (ZLS-70)	10
Anteriorização de vogais	<i>esmerinda</i> por <i>Almerinda</i> (SFS-40)	10

Fonte: elaborada pela autora.

Há casos de fenômenos que apresentam menor representatividade nos textos, expressos em poucos dados, como, por exemplo, a centralização, em *barbuleta* por *borboleta* (VO-112), e a epêntese, em *obeter* por *obter* (GOR-28).

⁵⁸ Os dados detalhados são descritos no Apêndice B.

Sem pretensão de desenvolver uma análise quantitativa, verificou-se, em trechos das gravações das entrevistas de três dos sertanejos, redatores das cartas (AFS, ASC e NIN), se há casos de fenômenos mais estigmatizados, como os encontrados em seus textos escritos, considerando-se, porém, o intervalo temporal entre a época de escrita das cartas e a de gravação das falas. A seguir, alguns exemplos identificados.

- Exemplos de fenômenos fônicos, identificados na oralidade dos sertanejos:

- a) aférese: *credita* por *acredita*, *diantou* por *adiantou*, *devogado* por *advogado*, *garrar* por *agarrar*, *tigamente* por *antigamente* (AFS), *inda* por *ainda* (NIN), *cabar* por *acabar* (ASC);
- b) síncope: *tito* por *título*, *competo* por *completo*, *quato* por *quatro* (AFS);
- c) apócope: *própri* por *próprio*, *papé* por *papel* (AFS), *camim* por *caminho* (ASC);
- d) prótese: *adefensor* por *defensor* (AFS), *alembro* por *lembro* (NIN);
- e) redução de ditongo: *sodade* por *saudade* (AFS), *goabeira* por *goiabeira* (ASC);
- f) rotacismo: *arcançaro* por *alcançaram*, *arguma* por *alguma*, *prano* por *plano* (AFS), *vortava* por *voltava* (NIN), *compreto* por *completo* (AFS, ASC);
- g) palatalização: *familha* por *família* (AFS);
- h) metátese: *droba* por *dobra* (ASC).

Essas ocorrências de alguns fenômenos evidenciam a possibilidade de que os casos identificados na escrita podem ser traços de oralidade, ou seja, marcas dialetais ou sociolinguísticas. Não foram identificados casos como os listados na Tabela 8, de deslocamentos e acréscimos de /r/, por exemplo.

5.1.3 O CRUZAMENTO DOS DADOS DE *ESCRITUALIDADE* COM OS ÍNDICES GRAFOFONÉTICOS

Para ilustrar a coocorrência, nas cartas, dos aspectos de *escriptualidade*, com os índices grafofonéticos, caracterizando um grau maior de inabilidade, observam-se os exemplos (01) e (02):

- (01) Saudação 28 di outubro di 19[.]⁵⁹
 meu querido Amigo pitanga Estimado Adeus di| lonje que di perto não posso ir querido ieu di|
 jeijo saiber Commo vai voicre i toudos ceu|
 eu não Esgeisodi voicre Commo vai us [.] 2|

⁵⁹ [.] indica rasura.

garotão ou [...] ou liage [?] min manda dizre|
 Commo vai u seiu peçroar [...] toudos meu| commo Deus qre|
 tou commo Deus qisre Maria Jetude manda| dizre As touda Amiguinha Esta Commo Deus
 qizre| lenbras lenbransa A touda Amiga dera|
 pitanga min Reponda E [...]uis Crata| lenbansa A toudos Amigo [...] nada mais du ceu| depezado
 Amigo|
Antonio frutunato da silva|

(AFS-20)

(02) Salvador Mata de São João Ba - 31-maio-10-1-1|

Saudração|

Em prmero Lugra pegei Netra Çanetra Çoprade| José medis de Almedra dezejo Çei estra duas
 linha| Liçotre çopefetra caude i felisdrade çoprade zezitro| Ceu Amigo João vai Bei de Caude i
 de felisdrade Agora mado| Cabe Su Cere Vai Be de Caude i de traBalo çoprade| ze[...] zezitro
 Agora madro caBe comovai u cero vai Bei| de Begria de maçina o lá zezitro Cua grata| xegu ci
 minha nau mas vou pude [?] dri madro| mas madro dizre Agora Au Cero José ipere| ceu
 Amigro João dos Santos pelo u Cão Juau qi eu| vo parala i u dinha [...] 3 Atre e u dinha 25 eu
 Apare-| co para A jetre toma uar pigra eu iu cero i coprade| zizegra. zizegra u cere coprade
 parece [?]| zagrado comigo nau mada dize nadra para ceu| Amigro i Croprade Ju[?] [?]|
 madro LeBraca para dona dina i para meu Amigro| [...] zizegra i zezitro i Ramudro|
 Coprade zezito faca u piceno favo para ceu| coprade João madra leBraca para [...] Joje i dona|
 lolitra i para meu Amigro [...] Veveio i Drazi| i u Velo pai mas nadra de Ceu Amigro|
João dos Santos|

(JS-62)

No exemplo (01), uma carta de Antônio Fortunato da Silva, aspectos de escrita fonética coocorrem com os da dimensão da *escriptualidade*, como a dificuldade na representação de sílabas complexas com consoante seguida de vogal e de outra consoante (CVC). Nas grafias com o /r/ em posição de coda, há casos de deslocamento desse grafema, como em *frutunato* por *Fortunato*; *crata* por *carta*; *qisre* e *qizre* por *quiser*; *dizre* por *dizer*; *sinhro* por *senhor*, e *qre* por *quer*, formando grupos ilegítimos em português, como *nhr* e *qr*. Já em *peçroar* por *pessoal*, nota-se a possibilidade de um rotacismo, de modo que a repetição do segmento resultou em uma estrutura inaceitável em português, que é a sequência *çr*. Em *voicre* por *você* há um acréscimo de <r> em ataque ramificado e em *reponda* por *responda*, há uma omissão de /s/ em posição de coda. Também são encontradas irregularidades na grafia do dígrafo <qu>, como em *qizre* e *qisre* por *quiser*. Os *índices grafofonéticos* são manifestados na elevação das vogais médias em monossílabos, em *di* por *de*; *i* por *e*; *du* por *do*, e *us* por *os*; na ditongação com a inserção da semivogal [w], em *toudos* por *todos* e *touda* por *toda*, e na síncope por omissão do /r/ em *Jetude* por *Jertrudes*.

O exemplo (02), carta de João dos Santos, ilustra 41 casos de irregularidades gráficas envolvendo o /r/, em casos de deslocamentos, omissões e, principalmente, acréscimos, como em: *çoprade* por *compadre*; *lugra* por *lugar* e *amigro* por *amigo*. Coincidindo com isso, há 23

palavras que registram a ausência de representação da nasalidade, como em *madro* por *mando* e *pigra* por *pinga*. Assim como no exemplo (01), nessa carta há grafias irregulares com os dígrafos, em *pegei* por *peguei* e *trabalo* por *trabalho*, e *índices grafofonéticos*, como os casos de elevação de vogais médias, em *qi* por *que* e *au* por *ao*; redução de ditongos, em *Almedra* por *Almeida*, e apócope, em *Cabe* por *saber*.

Esses exemplos confirmam a afirmação de Barbosa (2017) de que um documento com inversão de <r> sempre apresenta vários casos de escrita fonética. E isso ocorreu de forma regular no *corpus*: em todas as cartas em que há essa inversão de <r>, e em todas em que há omissões e acréscimos, há a presença de *índices grafofonéticos*.

Em relação aos exemplos (03) e (04), a seguir, os redatores apresentam muitos índices grafofonéticos, mas, ainda que se evidenciem alguns aspectos de *escriptualidade*, a incidência é bem menor que nos exemplos (01) e (02):

(03) Distito Mairi|

Fazênda Carrancudo Em 24 di Maio 1956|

Quridinha Amiguinha Amerinda|

As minha saudações|

faço voto a Deus quê estas duas linha| vai lhi encontrando gozando perfeita saude| Amerinda as horas...|

siliçioza da minha vida que pêgo| nu meu radio lapas para ti.| ênvier-l as minha noticias i di todos| mêus estamos <↑com> saudê garça nosso bom Jeus| vou treminar enviando <↑lembranças> para voce i tambem| muita lembrança <↑a> Pitanga lêmbrança Ana i| muita lembrança Augusto i tambem a| Pedirinho [.]2 benção nus meninos|

Roza branca|

leta A ê leta|

da Bahia|

querida foi a leta que|

Ramo|

Deus Deixou quem não|

verde|

ama a leta A não|

e speranza|

ama a nosso sinhor|

Aceite|

di sua querida|

Desculpe os eros que tem|

saudades|

i tambem as falta di saber|

e muita lembrança|

Angelica Pereira da silva|

< Resposte mi esta Carta ja ouviu Destinta|>

(APS-43)

(04) Campinas 15 de janeiro de 1979|

Saudação|

Meu amigo Nerado|

Nerado nois aqui estamos todos| bem garsa a Deus.|

Nerado resebir tua carta vir todo| que vinha dizendo|

Sim Nerado mande mi dize quanto| gusta um dia de um tarbaldador e 1| saco de farinha e 1 saco <↑de> feijão e 1| saco de milho e se a vaca barca já| pario e se tar vivo si e maxo uo| fima e quanto tar valendo.|

bote uma bensa nus meninos Romario| Jose Hogusto Comceição nevi.|

mais nada [.]Antonio Silva|

Zizete Roma manda lhi pedir 1| favor e que que [.]voçe fasa que que| compre n 6 vela e senda
no per do santo| in tesão da alma de Miro Olhe não| esquesa. Lembransa Roma Edevaldo|
Derado para voçeis Mais Nada|

Roma|

<quando chega lar da o denheiro>

(ROM-73)

Angélica Pereira da Silva e Roma podem ser consideradas redatoras inábeis, no entanto, em um nível menor que Antônio Fortunato e João dos Santos. Há, na carta escrita por Angélica Pereira da Silva, no exemplo (03), alguns registros da dificuldade em grafar sílaba complexa envolvendo o /r/, como nos casos de inversão, em *pedirinho* por *Pedrinho*, *garça* por *graças* e *treminar* por *terminar*; e omissão, em *distito* por *distrito* e *leta* por *letra*. Há um exemplo de irregularidade da grafia do dígrafo <rr>, em *eros* por *erros*. A maior parte dos fenômenos correspondem a índices grafofonéticos, como a elevação de vogais médias pretônicas, em *sinhor* por *senhor*, *distito* por *distrito*, *siliçioza* por *silenciosa*; além da elevação das vogais médias em monossílabos (*di*, *i*, *lhi*, *mi*, *ti*, *nu*, *nus*). Há, ainda, o abaixamento de [i] ~ [e], em *destinta* por *distinta*, e a síncope, em *amerinda* por *Almerinda*.

A carta escrita por Roma, no exemplo (04), apresenta alguns casos de deslocamento de /r/, em *garsa* por *graças*, *tarbaldador* por *trabalhador* e *barca* por *branca*, em que há, também, a ausência de representação da nasalidade; e acréscimos de /r/ em posição de coda silábica (*recebir* por *recebi*, *lar* por *lá*, *vir* por *vi*, *per* por *pê*). Os demais casos envolvem marcas grafofonéticas, como elevações das vogais médias em monossílabos (*lhi*, *si*, *mi*, *nus*); reduções de ditongo, em *fima* por *fêmea* e *bensa* por *benção*; ditongações, em *nois* por *nós* e *voçeis* e *vocês*; aféreses, em *tesão* por *intenção*, *tar* por *está* e *senda* por *acenda*; síncope, em *nerado* por *Neraldo*, e apócopas, em *dize* por *dizer*, *chega* por *chegar* e *garsa* por *graças*.

A quantidade significativa de aspectos relacionados à *escriptualidade* em coocorrência com os índices grafofonéticos é o que caracteriza as *mãos* redatoras das cartas exemplificadas em (01) e (02) como mais inábeis que as dos exemplos (03) e (04), cujos redatores, mesmo não deixando de manifestar dificuldades com a grafia de /r/, por exemplo, fazem-no em menor proporção, como é demonstrado na Tabela 10.

Tabela 10 – Distribuição de redatores em relação aos aspectos de *escriptualidade* e aos índices grafofonéticos

Aspectos de inabilidade		Inabilidade máxima		Inabilidade parcial	
		Redatores/quantidade de ocorrências			
		Antônio Fortunato (106 palavras)	João dos Santos (202 palavras)	Angélica Pereira (146 palavras)	Roma (137 palavras)
Dimensão da <i>escriptualidade</i>	Irregularidades na grafia com /r/ em sílaba complexa	11	13	8	3
	Acréscimos de /r/	3	28	-	4
	Irregularidades na grafia de dígrafo	4	3	1	-
	Irregularidades na representação da nasalidade	6	23	1	1
Total		24	67	10	8
Dimensão dos índices grafofonéticos	Elevação das vogais médias	9	27	17	4
	Abaixamento de [i] ~ [e]	-	-	1	-
	Ditongação	7	2	-	2
	Aférese	1	-	-	3
	Síncope	1	1	2	1
	Apócope	-	4	1	3
	Prótese	1	-	-	-
	Nasalização	2	-	-	-
	Redução de ditongos	-	3	-	2
	Ditongação	-	-	-	2
Total		21	37	21	17

Fonte: elaborada pela autora.

Esses aspectos coincidem com a aparência física dos textos (ainda que em outras cartas essa coincidência não ocorra), como é visível na comparação entre as Figuras 16, 17, 18, e 19, que mostram os fac-símiles das cartas em análise. Enquanto as cartas de Antônio Fortunato da Silva e João dos Santos formam um conjunto com maior ausência de *cursus*, traçado inseguro e irregularidade na empaginação, as de Angélica Pereira da Silva e Roma apresentam esses aspectos físico-caligráficos em menor evidência:

Figura 16 – Fac-símile da carta de Antônio Fortunato (AFS-20)

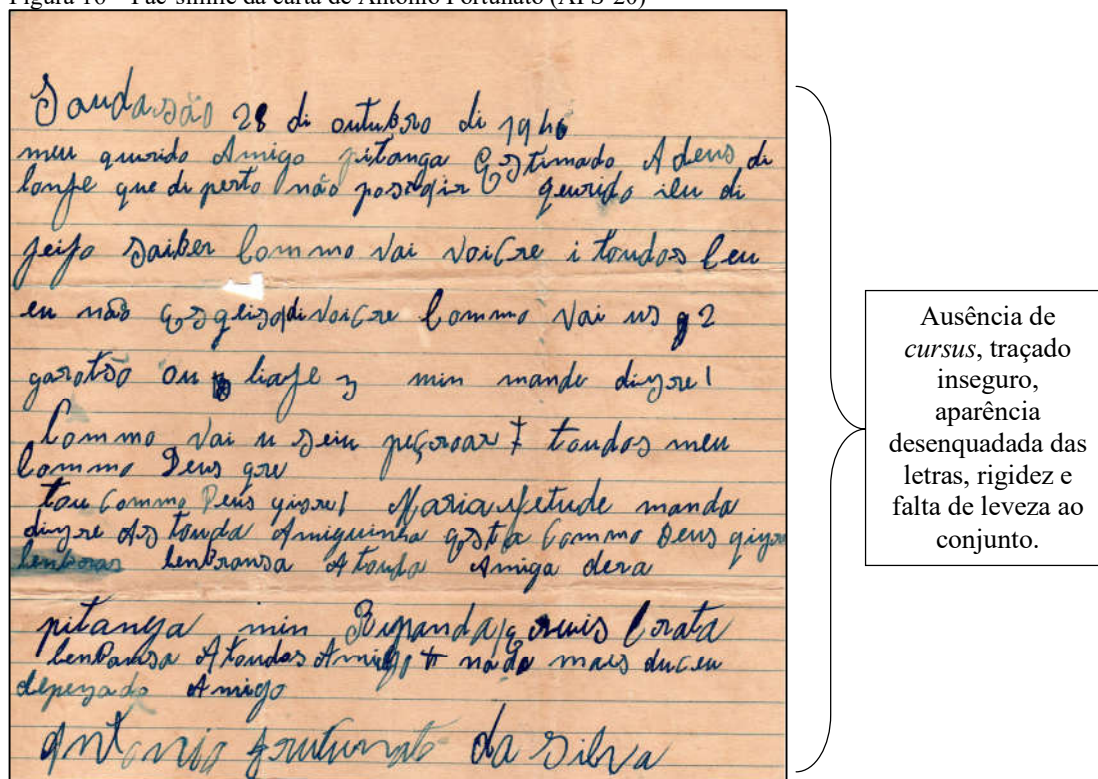
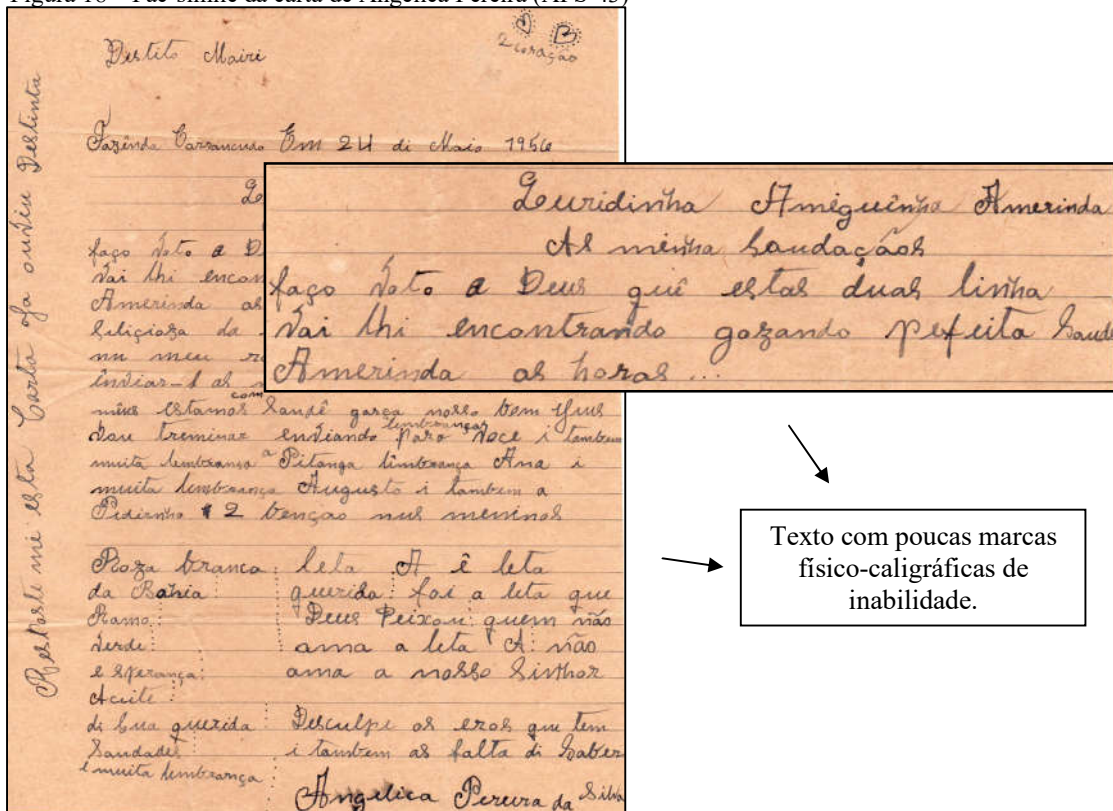
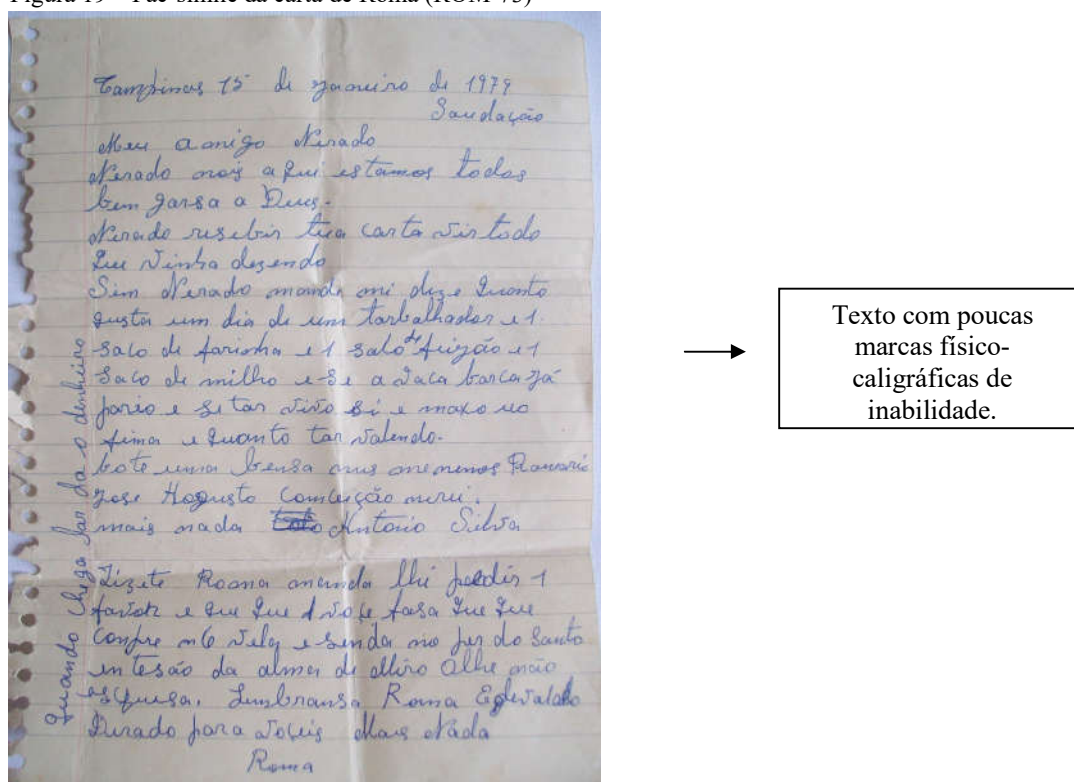


Figura 18 – Fac-símile da carta de Angélica Pereira (APS-43)



Fonte: CE-DOHS.

Figura 19 – Fac-símile da carta de Roma (ROM-73)



Fonte: CE-DOHS.

Assim como AFS, redator de 26 das cartas que compõe o *corpus*, e JS, outros redatores manifestam uma expressiva quantidade de dados referentes à dimensão da *escriptualidade*, em coocorrência com a escrita fonética e também com outros aspectos, pois os que apresentam muitos dados de *escriptualidade*, geralmente evidenciam inabilidade em outras dimensões⁶⁰. Os redatores VAN, LA, JMA, AOL, AO, VO, MBS, JO e MC são, também, exemplos que apresentam uma escrita em um nível de inabilidade maior que os demais, como se demonstra, no Quadro 6, no fim desta seção.

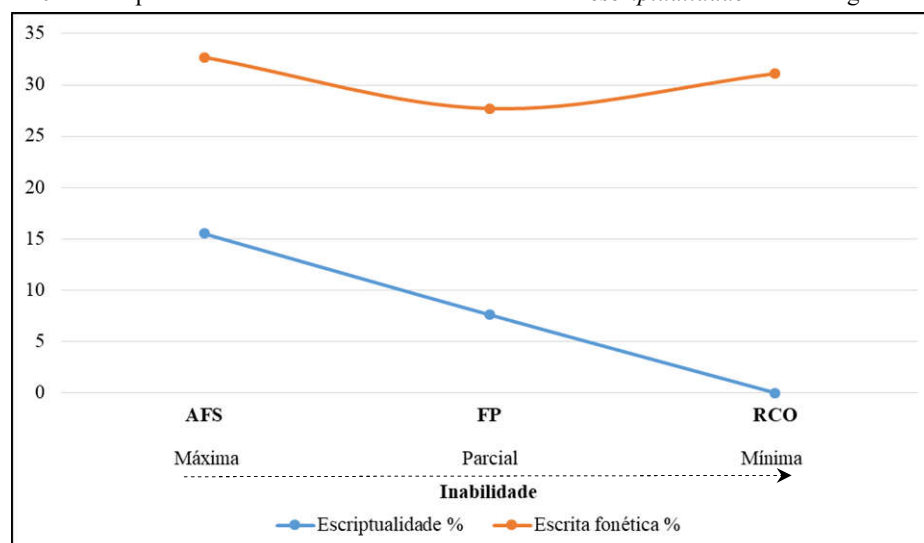
5.1.4 SÍNTESE

Os aspectos referentes à dimensão da *escriptualidade* são determinantes para definir a inabilidade dos redatores, seja em sincronias anteriores, seja em relação aos manuscritos do século XX, quando já há uma ortografia padrão. A combinação desses aspectos com a escrita fonética permite concluir que:

- a) em todas as cartas em que há inversões, omissões e/ou acréscimos de /r/, /l/ e /s/, há também uma ocorrência expressiva de índices grafofonéticos;
- b) a maior quantidade de dados relacionados à *escriptualidade*, em coocorrência com os índices grafofonéticos, é determinante para caracterizar uma maior inabilidade com a escrita, como ilustra o gráfico a seguir, em que se comparam os dados correspondentes a três dos redatores:

⁶⁰ A quantidade de dados por redator é apresentada no Apêndice E.

Figura 20 – Exemplo de contínuo de inabilidade com dados de *escriptualidade* e índices grafofonéticos



Fonte: elaborado pela autora.

- c) as marcas de inabilidade no nível físico-caligráfico podem coincidir com as dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética – e no *corpus* são vários os textos que apresentam essa combinação –, mas nem sempre isso ocorre, pois há redatores que demonstram maior habilidade motora (as três cartas escritas por Firmina Petornilha (FP-78, 79, 80) são exemplo disso), e seus textos apresentam muitos dados de *escriptualidade*, além de índices grafofonéticos.

No próximo item, será observado como a dimensão da pontuação pode ser acrescida às dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética, no reconhecimento do nível de inabilidade do redator.

5.2 A DIMENSÃO DA PONTUAÇÃO

A dificuldade em usar os sinais gráficos é caracterizada por Barbosa (2017) pelo uso de um elenco reduzido de sinais, quase unicamente o ponto e a vírgula, e sem variedade ao marcar funções sintático-discursivas como, por exemplo, indicar intercalações. O autor exemplifica uma gradiência entre inábeis e hábeis elementares, a partir do século XIX, com a inversão de orações circunstanciais: “Do praticamente zero de uso no inábil e aumentando em progressão tanto em uso, quanto em sua marcação visual por vírgula, a inversão cresce no hábil elementar e continua a crescer conforme sobe o grau de letramento dos redatores”

(BARBOSA, 2017, p. 25). Para os manuscritos dos sertanejos, no século XX, as inversões de orações não são tão frequentes, e a gradiência, dentro do contínuo de inabilidade, pode ser construída com a verificação dos textos que apresentam ausência total de sinais, um uso reduzido e/ou um uso em desacordo com o sistema de pontuação convencional.

Essa é uma dimensão ainda não muito explorada em *corpora* históricos, no que se refere a sua relação com as *mãos inábeis*. Ressalta-se que, assim como ocorre com o plano da escrita fonética, a depender da época em que o texto foi produzido, a pontuação não deve ser considerada da mesma forma; para sincronias anteriores a uma maior normatização da escrita, por exemplo, deve-se reconhecer a possibilidade de variação, com tendências determinadas mais pela prosódia ou mais pela sintaxe.

5.2.1 ESTUDOS SOBRE PONTUAÇÃO EM TEXTOS ANTIGOS E EM DADOS DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

No texto *A pontuação em manuscritos medievais portugueses e em livros impressos na primeira metade do século XVI em Portugal*, Mattos e Silva (2008b) apresenta alguns estudos, no âmbito da língua portuguesa, que tratam da pontuação em *corpora* históricos. Sobre a pontuação em manuscritos medievais, a autora comenta o trabalho de Azevedo Ferreira, de 1987 (um estudo a partir do Foro Real de Afonso X); o de Ana Maria Martins, de 1986 (que tem como *corpus* o códice alcobacense CCLXVI); o da própria Mattos e Silva, de 1993 (a partir do fôlio 78 da versão do século XIV dos *Diálogos de São Gregório* e a *Vida de Santo Aleixo*, nos códices alcobacenses 36 e 266), e a dissertação de mestrado de Machado Filho, de 1999, baseada em *corpus* abrangente, como ela destaca (o *corpus* constituído pelo autor é composto por três versões do *Diálogo de São Gregório*; o *Livro das Aves*; duas versões do *Testamento de Afonso II*, e um *Flos Sanctorum*). Sobre a pontuação em impressos na primeira metade do século XVI, a ênfase é para o trabalho de Maria Carlota Rosa, de 1994 (utiliza como *corpus* obras impressas, em prosa e em português, por Valetim Fernandes); o de Machado Filho, de 2001, que analisa os *preceitos* de João de Barros em relação ao uso da pontuação; e o de Eliete Oliveira Santos, de 2001, sobre a pontuação na Carta de Caminha.

Dentre esses estudos, destacam-se aqui os resultados da dissertação de mestrado de Machado Filho, apresentados na obra *A pontuação em manuscritos medievais portugueses* (MACHADO FILHO, 2004). O pesquisador objetivou conhecer os elementos linguísticos que interferiam e condicionavam o uso da pontuação em manuscritos da primeira fase do período arcaico da língua portuguesa, assim como demonstrar as possíveis relações entre os elementos

identificados e sua regularidade de uso, a partir de uma amostra representativa. São descritas, minuciosamente, as ocorrências de cada sinal presente nos manuscritos, demonstrando as possíveis correlações com a pontuação moderna e atestando similaridades ou constâncias entre os manuscritos da mesma sincronia.

Uma das discussões desenvolvidas por Machado Filho (2004) é motivada pelas hipóteses assumidas em diversos estudos acerca do fenômeno, que percebem a pontuação como uma propriedade diretamente relacionada à língua escrita, sem relação com a fala, privilegiando a tendência lógico-gramatical. De forma diferente, o autor propõe que os sinais de pontuação se situam no *limbo* das duas modalidades, “[...] ora servindo como elemento funcional às necessidades de expressão da escrita, ora procurando representar características moduladoras da expressão oral” (MACHADO FILHO, 2004, p. 40). Nessa mesma direção, a análise empreendida pelo autor o fez concluir que a pontuação medieval reflete tanto as características sintáticas da escrita, em um uso lógico-gramatical, quanto os aspectos prosódicos da língua oral.

Diferente do que ocorre nos textos antigos, em que pode haver essas motivações, sejam baseadas na prosódia ou nos critérios lógico-gramaticais, no caso dos redatores em fase inicial de aquisição da escrita, o uso de sinais de pontuação nos manuscritos pode ser reflexo de uma exposição ocasional às marcas específicas da escrita, e a ausência dos sinais pode indicar um maior distanciamento aos modelos convencionais da escrita, como será discutido adiante. Fayol (2014), ao tratar das características linguísticas da escrita, comenta sobre a dificuldade de se definir as unidades gráficas: “A palavra aparece entre dois brancos. A frase começa com uma maiúscula e termina com um ponto final”. No entanto, pelo “[...] nosso contato precoce e prolongado com o impresso, elas [as unidades gráficas] nos parecem ‘naturais’” (FAYOL, 2014, p. 23). Para os redatores que não tiveram esse contato intenso, uma falta de naturalidade pode ser percebida através de um uso não convencional da pontuação, assim como na dificuldade de segmentação gráfica e na organização do formato gráfico do texto, de modo geral.

Na perspectiva dos estudos sobre aquisição da escrita, Rocha (1996, 2012) analisou o uso da pontuação por crianças de séries iniciais, verificando os critérios que parecem motivar o modo de pontuar, principalmente, os que se relacionam à concepção gráfico-espacial e à concepção prosódico-discursiva. Para a autora, o domínio da pontuação ocorre paralelamente ao domínio do formato gráfico do texto, assim como da percepção das pausas e do ritmo da fala.

Kato (2002) verificou, em textos infantis, longitudinalmente, as redações produzidas por uma criança durante as quatro primeiras séries do primeiro grau, objetivando identificar as estratégias que ela utilizou para obter um texto coerente e coeso. A autora observa que a criança usa a pontuação como uma das estratégias para segmentar o texto em unidades menores, garantindo a coesão e a coerência, a partir da hipótese de que, desde o início, a criança tem a concepção de que o texto é uma unidade formal e conceptual.

Também em uma perspectiva longitudinal, Cardoso (2002) apresenta um amplo estudo sobre a pontuação, como parte da pesquisa que tem como um dos objetivos “[...] explicitar alguns mecanismos de textualização que aparecem em textos narrativos escritos”, a partir da análise de duas unidades linguísticas: a pontuação e os organizadores textuais (CARDOSO, 2002, p. 110). A hipótese assumida é a de que essas unidades se constituem em indicadores da organização temática e sequencial dos textos, cuja apreensão traduz formas de planejamento cada vez mais sofisticadas. O *corpus* utilizado pela pesquisadora é constituído por 97 textos narrativos correspondentes aos quatro anos de escolarização das catorze crianças envolvidas na pesquisa. Cardoso (2002, p. 120) observou que as crianças começam muito cedo a usar os sinais de pontuação: “De modo tateante, nem sempre formalmente correto, aparece, nos textos iniciais, sobretudo o ponto final”. Comparando os usos em textos das quatro séries iniciais, percebeu que, na medida em que o processo de escolarização avança, aumentam, nos textos, os tipos e a quantidade de marcas de pontuação.

Com o intuito de discutir a representação feita pelas crianças da relação entre fala e escrita, Abaurre (2002) afirma que os aspectos convencionais da escrita são, desde cedo, incorporados, o que pode ser explicado pelo forte apelo social das atividades de escrita e leitura: “[...] se é verdade que, em alguns momentos, por trás das hipóteses de escrita está a fala, [...] é também verdade que ela [a criança] já incorpora em muitos outros momentos as marcas específicas dessa escrita que está sendo chamada a contemplar” (ABAURRE, 2002, p. 137).

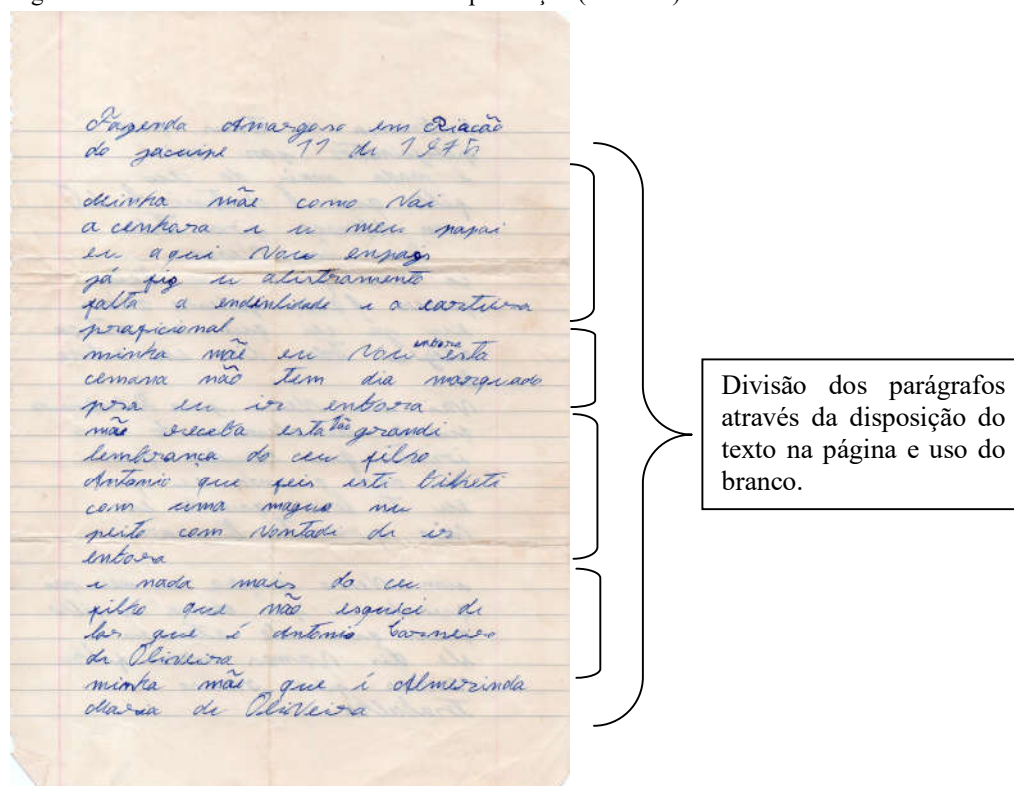
A presença da pontuação nos textos de redatores adultos, estacionados em fase inicial de aquisição, pode, como nos textos infantis, ser motivada por hipóteses construídas pelo próprio contato, ainda que incipiente, com as marcas da escrita.

5.2.2 A PONTUAÇÃO NAS CARTAS DOS SERTANEJOS

Dos 53 redatores sertanejos, 25 não usaram sinais de pontuação em todas as cartas ou

em algumas das que escreveram⁶¹. Do total de 131 manuscritos, há 63 em que **não foram usados sinais**. Isso não significa que, em algumas dessas cartas, não haja outros recursos que podem indicar uma intenção de pontuar, como a disposição dos parágrafos, o uso da maiúscula e os espaços em branco, que podem ser considerados como marcas pontuacionais⁶². Na carta de ACO, na Figura 21, por exemplo, mesmo sem a presença dos pontos, a disposição do texto na página indica a divisão dos parágrafos. Diferente das cartas de MCO, que não apresentam nem mesmo espaços para sugerir uma pontuação; a redatora apenas separa a saudação inicial, como ilustrado na Figura 22. Quando a ausência de sinal coincide com a pouca organização gráfica do texto, isso pode indicar uma maior dificuldade com a representação do texto escrito⁶³.

Figura 21 – Fac-símile de carta sem sinais de pontuação (ACO-44)



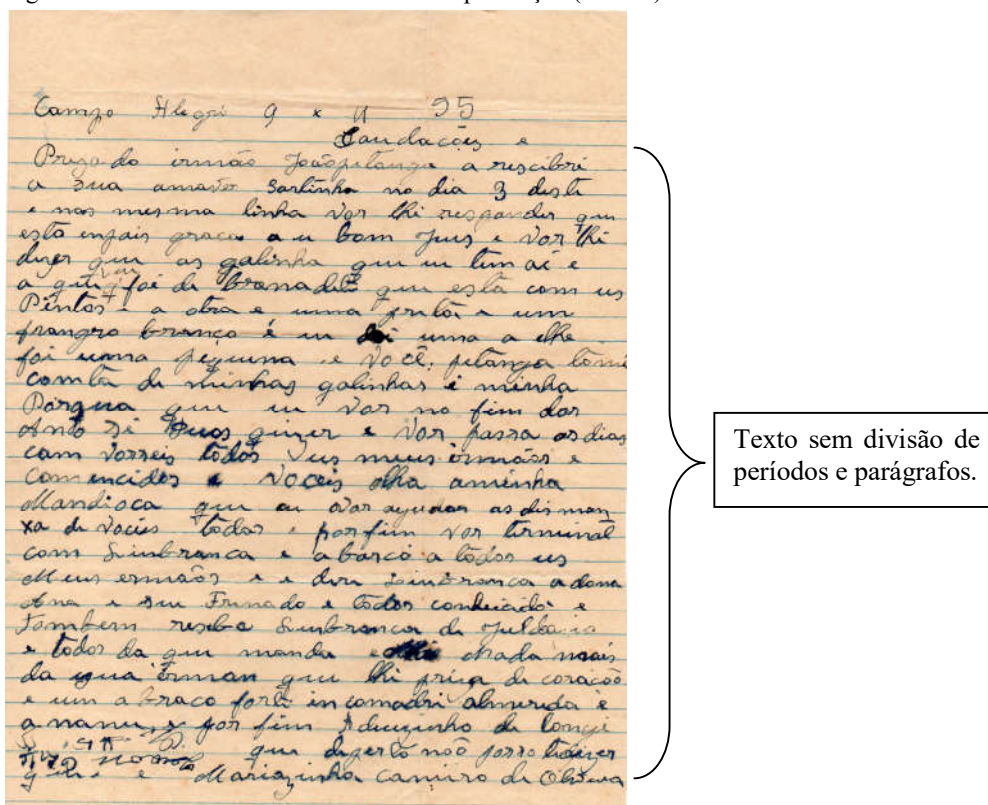
Fonte: CE-DOHS.

⁶¹ Foram desconsiderados os casos de uso da vírgula na escrita de números (“outra por| 200,00 cruzeiro uma sendo Nova| e outra já uzada” (JOM-30); “Vai 10,000 cruzeiro| da otra que Veio|” (ZSS-53)) e dos poucos casos de uso do ponto para abreviar palavras (“amigor p. Compadi” (AFS-4); “Jacob de O. Matos” (SFS-30)).

⁶² Ao analisar a pontuação nos *Livros do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia, Telles e Souza (2017) identificam, além dos sinais de pontuação, o uso de “marcas pontuacionais”, como os marcadores discursivos e as maiúsculas.

⁶³ Cardoso (2002, p. 128) verificou, na escrita infantil, um número significativo de textos, “[...] sobretudo, mas não exclusivamente, nos meses iniciais da 1ª série, que aparecem sem nenhuma marca de pontuação”. Segundo a autora, ainda na 1ª série, a grande maioria dos textos apresenta, pelo menos, um sinal de pontuação.

Figura 22 – Fac-símile de carta sem sinais de pontuação (MC-37)



Fonte: CE-DOHS.

Dentre os redatores que não usaram sinais de pontuação estão aqueles que apresentam uma quantidade significativa de dados correspondentes às dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética, como os redatores dos manuscritos ilustrados nas Figuras 21 e 22. Alguns de seus textos ainda evidenciam esse pouco domínio do formato gráfico do texto, como a carta de MCO, assim como observou Rocha (1996), para os dados da escrita infantil. No entanto, apenas a ausência de pontuação não é suficiente para caracterização de um grau maior de inabilidade. Algumas das cartas que não apresentam sinais foram escritas por redatores que não estão entre aqueles que podem ser considerados como mais inábeis, como ZBO (Carta 52), ZSS (Carta 53) e BMO (Carta 91), já que não apresentam uma quantidade significativa de dados nas dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética. A seguir, a distribuição dos redatores em relação ao uso dos sinais⁶⁴.

⁶⁴ No Quadro 4, não foram considerados os casos de redatores que usaram a divisão de parágrafos para pontuar.

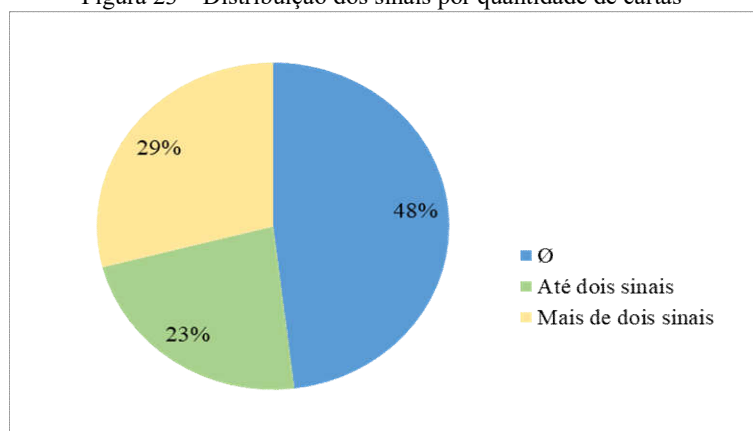
Quadro 4 – Distribuição dos redatores em relação ao uso de sinais de pontuação

Ø		Até dois sinais		Mais de dois sinais	
Redatores	N. das Cartas	Redatores	N. das Cartas	Redatores	N. das Cartas
RCO	39	ASC	63	AHC	54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61
AFS	3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 15, 20, 21, 22, 24, 25, 45	AFS	1, 2, 9, 11, 16, 17, 18	AFS	14, 19, 23
BMO	91	APS	43	AML	81
FJO	26	AOL	72	APC	83
FP	78, 79, 80	IZA	87	DCS	69
GOR	27, 28, 29	JCO	31	DCO	46, 99, 100, 101, 102
ICO	48	JS	62	FPS	47
JOM	30	JPC	82	IPO	89
JSS	88	LFO	32	MMO	76
JJO	49	LM	75	MDC	84
JMA	64, 65	NIN	51, 107	ML	77
JMS	66, 67, 68	VAN	86	RAC	85, 90
MCO	33, 34, 35	JL	114	ROM	73
MC	36, 37, 50	VO	113	SFS	40
NIN	38, 108	TB	109, 110	ZLS	70, 71
ACO	44, 97, 127	ACO	95, 96	ACO	94, 98
SFS	41, 42	IC	105	IC	103, 104
ZBO	52, 118, 124, 125, 130	ZBO	115, 116, 119, 123	ZBO	117, 131
ZJS	74	-	-	LA	120
ZSS	53	-	-	MNO	121
AO	92, 93, 126	-	-	-	-
MAO	106	-	-	-	-
VO	111, 112, 129	-	-	-	-
MBS	122	-	-	-	-
JO	128	-	-	-	-

Fonte: elaboração própria.

O **pouco uso da pontuação** é percebido nos textos em que há apenas um sinal (em 20 cartas isso ocorre) ou dois (10 cartas). Essa distribuição do uso de sinais no *corpus* pode ser melhor observada no gráfico a seguir:

Figura 23 – Distribuição dos sinais por quantidade de cartas



Fonte: elaboração própria.

Comportamento semelhante ao dos sertanejos, em relação ao não uso dos sinais de pontuação, pode ser notado em algumas atas do século XIX, editadas por Oliveira (2006). Mesmo que ainda não tenha sido realizada uma análise sistemática da pontuação nessas atas, uma breve observação de alguns textos permite perceber que algumas *mãos*, como a do africano Manuel da Conceição (redator de duas atas), não usaram sinais ou outros recursos para pontuar. A seguir, a transcrição de um dos textos redigidos por Manuel da Conceição, datado de 2 de maio de 1841:

o dia da Reuniao 2 de Majo de 1841
 Sobre o Altigo 38 e 39 que Aparicendo deste
 dia por diente arepresentacao daComm-
 5 icaõ a Ilustre Meza para Despacha
 o Requirimento da Deuocaõ Comadata
 do dia 20 de Abril do Corente an no
 Protes tou que todá qual quer falta doIrmão
 que deze zaõ entar e dos Irmão que pederem
 10 asua dimisaõ por Cauza do Compemen-
 to do Artigo aSima de Clarado naõ
 aparicendo apena neste Artrigo que
 aIlustre Miza athe areforma do-
 nosso Compremisio Igiga do Mencaes
 15 da Deuocaõ as murta que os Irmão tiuerem
 de Comprir pagar elle ficara res-
 ponca vel pella as fatas do andamento
 des ta de uo caõ Visto negar o despaxo
 que a Commicaõ emViov emNome da De-
 20 uocaõ ev que fis easiner Manoel da Comceicam
 (OLIVEIRA, 2006, p. 518)

Nessa ata, a ausência da pontuação coincide com a presença de dados das dimensões da *escriptualidade* (como *Compemento* por *cumprimento*) e da escrita fonética (como *Altigo* por *artigo*; *Compremisio* por *compromisso* e *murta* por *multa*), além de vários casos

correspondentes à dimensão da segmentação gráfica (como em *Protes tou por protestou, de Clarado por declarado*).

Nas cartas do século XX, mesmo naquelas em que há mais de dois sinais, no geral, não há variedade de tipos: predominam o ponto e a vírgula, muitas vezes em um uso não convencional, e, raramente, são registrados os pontos de interrogação e de exclamação, os dois pontos e as reticências, que também ocorrem em usos distantes da convenção. Alguns parecem se basear no critério gráfico-visual, semelhante ao que observa Rocha (1996) na escrita infantil, ao defender a ideia de que a organização gráfica do texto e a pontuação se desenvolvem paralelamente. As crianças, segundo a autora, marcam primeiro os limites externos do texto, mais visíveis, como final de texto e de parágrafos, depois é que focalizam o detalhamento interno, como frases e partes de frases.

Em várias cartas, os redatores demonstram dificuldade em estabelecer esses limites e parecem se basear nas experiências anteriores com a escrita: o ponto é usado para marcar o fim de linha, enquanto que a maiúscula é frequente no início da linha. Ocorrências como essas foram analisadas por Kato (2002), ao verificar as estratégias usadas por uma criança para pontuar um texto. E considerou como primeira a estratégia que chama de “espacial”, que consiste justamente no uso do ponto final em cada fim de linha, o que, segundo ela, pode ser uma reminiscência do treinamento escolar de escrever frases, quase sempre do comprimento de uma linha. É a recuperação do lugar espacial do ponto, em lugar de sua função. A escrita dos adultos em fase de aquisição também apresenta essa estratégia, sinal de que elaboraram hipóteses a partir de marcas específicas da própria escrita a que tiveram um contato incipiente. Em algumas cartas, o ponto é usado no fim da linha, ainda que não coincida com o fim do período ou do parágrafo, como exemplifica o fragmento da carta de AFS, na Figura 24; em outros casos, há redatores que iniciam cada linha com a maiúscula, mesmo que não seja o início do período ou do parágrafo, como faz GOR, em texto ilustrado na Figura 25:

manifesta muitos dados de irregularidade envolvendo essa dimensão, com casos de hipersegmentação e hipossegmentação, como será comentado adiante.

O uso de vírgulas está concentrado em poucas *mãos*: Ana Helena (9 ocorrências nas 8 cartas); Antônio Fortunato (1 ocorrência nas 26 cartas); Raimundo Adilson (7 ocorrências em 2 cartas); Antônio Marcellino (3 ocorrências em 1 carta); Antônio Pinheiro (1 ocorrência em 1 carta), Izaque (2 ocorrências em 1 carta), Izaura (1 ocorrência em 1 carta), Margarida (1 ocorrência em 1 carta), Maria Lúcia (5 ocorrências em 1 carta). Desses usos, em dez casos a vírgula foi usada no lugar do hífen, nas datas, como em: “03, 02, 83| Querida Dalva|” (RAC-85); “Fazenda Cabana 6,6,77 Ichù Bahía|” (AHC-57). Nos mesmos textos em que a vírgula foi usada adequadamente, há sua ausência em espaços em que seria necessária, de acordo com a convenção; como no exemplo (08), extraído na carta de Maria Lúcia, que usa a vírgula para separar termos coordenados, porém, na mesma sequência, deixa de usá-la, e, em seguida, coloca um ponto no lugar da vírgula.

(08) lembrança minha, José, Valdo,| Vânia Cérgio Nem Vam-Vam| *Comadre* Maria,
Compadre David. Zome Nem (ML-77)

O ponto de interrogação foi identificado em 11 ocorrências, no conjunto das 131 cartas: seis com um uso convencional (Cartas 51, 89, 99, 102, 104 (2 ocorr.)) e cinco que não ocorrem em contexto interrogativo (Cartas 54 (2 ocorr.), 103, 110, 115). Os dois pontos de interrogação no final da carta 54 parecem apenas indicar uma ênfase:

(09) [...] Querido fiquem bastante alege| recebe a Sua carta consigo| assim ti amando Querido
Ti amo| amor?| Nada mais da Sua| Querida Tá o que|
Ana Helena Cordeiro de Santana
páz é amor?!| (AHC-54)

As sentenças interrogativas, presentes nas cartas, de modo geral, só podem ser assim identificadas pelo contexto, pois não há o uso do sinal de interrogação, como em (10) e (11):

(10) [...] irman nanu como vai de caudi eu| vor indo como formi deus e civido| (MC-50)

(11) [...] prezada amiga elena boã tarde| como passou daquela dia para| car passou bem olhe
elena eu pasei| muito bem (BMO-91)

Há dez pontos de exclamações concentrados em três cartas. Em uma dessas, escrita por Antônio Pinheiro, o uso de três exclamações coincide com um uso exagerado de outros sinais, em um texto de pequena extensão (são 17 sinais na Carta 83):

- (12) [...] so ella É *que* poude conçagrá o meu amôr!| Para reconhecer á verdade: que eu dela-| já estou certo. espero em Deus á| Nossa felicidade juntamente á| Vossa família!... e sempre as| Ordens [...] (APC-83)

Os dois pontos são registrados oito vezes, em seis textos. Mais uma vez, o uso exagerado é na carta de Antônio Pinheiro, que apresenta três sinais de dois pontos. Os demais casos também não se aproximam de um uso mais convencional: nos exemplos (13) e (14), a motivação parece ser prosódica, e no (15) pode estar indicando ênfase à expressão seguinte.

- (13) u senhor dar| Lembrança a Pedro e a Françisca e a Augusto| mais tatá: Lembrança a meus tio todos| aseite u meu a deuzinho de longe (JCO-31)
- (14) que a vijem santiszima derramais la du| alto seu as maiores felicidades sobre a ti i todos| que ti sercam: então meu queridinho como passas bem| (SFS-40)
- (15) Comadi fasso| tenção de i lá breve se: Deus quizer sim| comadi Merie comadi Zulmira t teve criança| (NIN-51)

Das doze reticências, nove são identificadas em apenas uma das cartas de Salomão Fortunato (ele escreveu três cartas) – algumas registradas com apenas dois pontos em lugar de três, como em (16). Novamente, um uso exagerado, que pode ser influência de certa sensibilidade às marcas de prestígio do sistema de escrita⁶⁵.

- (16) O finalizo abrasando todos du Amiguinho | sincerio... sim Pitanga eu estava fazendo tenção| di ir la nu meis di Outubro mais eu não poso que| estou fazendo rosa... qui eu ainda não comprei| trera ... eu faso tensão di ir la nu meis di janeiro [...] para esmerinda dar a ela i l apreto| di mão.. lembranca a Anna i angelica manda| lembranca para esmerinda i todos.. i Filomena envia| lembrança (SFS-40)

Na Tabela 11, a seguir, apresenta-se, de modo geral, a quantidade de sinais usados por cada redator:

⁶⁵ Analisando a presença das reticências na escrita infantil, identificadas em uma etapa mais avançada do processo de escolarização, Cardoso (2002, p. 145) comenta que esse é um traço de um planejamento textual “mais sofisticado”. Com o uso das reticências, o enunciador “[...] sugere interrupção da fala, continuidade, surpresa, dúvida”.

Tabela 11 – Distribuição dos sinais de pontuação por redator

Remetentes	Sinais							Nº de cartas escritas
	.	;	,	?	!	:	...	
ACO	9							7
AFS	28		1					26
AHC	45		12	2	2			8
AML	2		3					1
AOL	1							1
APC	9		1		3	3	1	1
APS	1						1	1
ASC	2							1
DCO	19			2		1		5
DCS	4							1
FPS	2				4		1	1
IC	9			3				3
IPO	4		2	1				1
IZA	1		1					1
JCO						1		1
JL	1							1
JPC	1							1
JS	1							1
LA	5							1
LFO	1							1
LM	2							1
MDC	12							1
ML	6		5					1
MMO	4	2	1					1
MNO	5							1
NIN	1			1		1		4
RAC	11		7					2
ROM	4							1
SFS						1	9	3
TB	1			1				2
VAN	1							1
VO	1							4
ZBO	10			1		1		11
ZLS	7							2
Total	210	2	33	11	9	8	12	-

Fonte: elaboração própria.

5.2.3 SÍNTESE

A análise da dimensão da pontuação, nas cartas dos sertanejos, permite constatar que, na escrita inábil do século XX, predomina a ausência ou o pouco uso da pontuação, de modo que:

- a) os redatores mais inábeis não usam sinais de pontuação em seus textos: nas cartas em que há muitos dados correspondentes às dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética, também consta o zero de uso de sinais;
- b) a pontuação não é um aspecto determinante para caracterizar a escrita inábil, considerando que em textos de redatores com um nível de inabilidade menor, também se verifica a ausência de sinais;
- c) a ausência da pontuação, ainda que não seja uma característica determinante, é uma marca identificada na escrita inábil de outras épocas, como em textos produzidos por africanos no século XIX.
- d) alguns redatores exploram os sinais de pontuação tentando se aproximar de uma convencionalidade, mas como não dispõem de conhecimento suficiente sobre o conjunto dos recursos que organizam a escrita, incorrem em um uso não convencional desses sinais. Esse uso pode ser, portanto, reflexo da exposição ocasional às marcas da escrita, da construção de hipóteses motivadas por essa exposição;
- e) assim como na escrita infantil, alguns redatores baseiam-se no critério gráfico-visual: marcam mais os limites externos ao texto, ao parágrafo, em relação ao detalhamento interno, como frases e partes de frases. Em muitas cartas, a ausência de sinais coincide com a falta de organização gráfica do texto e com a segmentação irregular.

No próximo item, verifica-se como a repetição, nos textos escritos, pode colaborar para caracterização da identificação da inabilidade do redator.

5.3 A REPETIÇÃO DE VOCÁBULOS

De acordo com Barbosa (2017, p. 25), a repetição de vocábulos em sequência na mesma sentença ou em sentenças subsequentes é um “[...] sinal objetivo ligado em direto à oralidade” e pode ser o reflexo “[...] da busca de uma riqueza lexical não apreendida no

contato com textos modelares da cultura escrita de sua época”. Essa repetição não é aquela com os “termos lado a lado”, ou seja, não são os lapsos próprios da cópia em mais de uma via⁶⁶.

Em algumas cartas, a presença excessiva da repetição, com características próximas às dos usos da oralidade, é mais um indício de que são textos espontâneos, sem planejamento e revisão. O que se tem é a primeira versão de uma escrita ao “calor da hora”. Considerando a possibilidade de um contínuo, essa dimensão coincide, na escrita dos mais inábeis, com outras características, como os aspectos relacionados à *escriptualidade*; a presença da escrita fonética, e a pouca habilidade no plano motor e na organização gráfica do texto, o que pode indicar um maior distanciamento aos modelos da escrita convencional.

5.3.1 ALGUNS ESTUDOS SOBRE REPETIÇÃO

Na escrita, a presença da repetição – com outras funções e em menor proporção que na modalidade oral – é uma estratégia que pode contribuir para a textualidade (ANTUNES, 2005)⁶⁷. Na oralidade, segundo Marcuschi (1996, p. 97), essa é uma das estratégias de formulação textual mais presentes, e consiste na “[...] produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”. O “segmento discursivo” designa, conforme o autor, qualquer produção linguística da oralidade, seja um segmento fonológico, uma unidade lexical, um sintagma ou uma oração. Sob esse ponto de vista, de acordo com o segmento repetido, as repetições podem ser: fonológicas, morfológicas, lexicais, sintagmáticas e oracionais⁶⁸.

A análise das funções da repetição na oralidade permite, de acordo com Marcuschi (1996), constatar que o texto falado progride e se constitui localmente, on-line. Segundo ele, a presença da repetição na superfície do texto falado é alta, já que, em média, a cada cinco palavras, uma é repetida, enquanto que “[...] na escrita, com a possibilidade de revisão e editoração, com apagamentos sucessivos, só se obtém a versão final, diminuindo a presença da repetição” (MARCUSCHI, 1996, p. 95). Nesse mesmo sentido, Fávero et al. (2012, p. 34), ao tratar dos fatores de coesão e coerência na fala, afirmam que “[...] a alta incidência de

⁶⁶ Telles e Lose (2010, p. 113) incluem essas repetições (com os “termos lado a lado”) entre os “erros óbvios (ou *lapsus calami*)” que podem ser motivados a partir da *escripta* do documento.

⁶⁷ A repetição é considerada por Antunes (2005, p. 51) como um procedimento de uma das relações textuais de coesão, a reiteração. Como procedimento coesivo, a repetição envolve os seguintes recursos: *paráfrase*, *paralelismo* e *repetição propriamente dita*.

⁶⁸ No âmbito dos estudos da língua falada, Castilho (1997) situa, teoricamente, a busca em torno dos processos constitutivos da língua falada e apresenta o fenômeno da repetição como processo cognitivo de *reativação* de itens lexicais, com consequências para um dos caminhos da gramaticalização, a sintaticização.

repetições no texto falado é perceptível com facilidade e favorece a coesão, além de contribuir para a organização tópica”.

Em textos escritos em que predomina a espontaneidade, sem um planejamento global, refletindo condições de produção ligadas ao tempo real, os segmentos repetidos podem expressar funções semelhantes àsquelas da fala. Isso pode ser notado na escrita de indivíduos em fase de aquisição do código escrito, seja em textos infantis, como demonstra o trabalho de Dutra (2003), com redações escolares, ou em textos históricos, como exemplifica Marquilhas (2004), a partir de dados de cartas populares do século XVII.

Dutra (2003) analisa a repetição, incluída, pela autora, entre os princípios de organização da gramática da língua oral, como um reflexo da tentativa da criança em criar na escrita o mesmo dinamismo, a mesma fluidez e o mesmo ritmo, ou seja, as mesmas relações que, inconscientemente, aprendeu a desenvolver para o registro oral, por ter dificuldades em perceber que as regras de concatenação que operam no discurso escrito são diferentes das que operam no discurso oral. Nas redações infantis, a repetição pode, então, ter sido usada para realçar, enfatizar, ou mesmo retomar o curso dos eventos numa história, por exemplo.

Em textos históricos, esse aspecto ainda não é muito explorado, principalmente quando se trata de observar a sua relação com a questão da inabilidade em escrita. Marquilhas (2004), ao comentar que cartas populares e familiares, em contraposição às literárias e institucionais, são o testemunho linguístico mais próximo que se tem da língua oral, apresenta um exemplo de repetição de formas lexicais em cartas do século XVII, do arquivo da Inquisição portuguesa:

- (17) “Sua mãe [e] irmã, consoantes nestas **cousas**, que todas três trato nesta **cousa**”. (Carta V, MARQUILHAS, 2004, p. 723).

Esse exemplo, ao lado de exemplos de outros fenômenos⁶⁹, é apresentado pela pesquisadora para demonstrar que, em amostras desse tipo, podem-se encontrar todos os fenômenos que hoje se observam ao nível do léxico, da sintaxe e do discurso oral.

A seguir, no sentido de melhor compreender algumas motivações para o uso desse fenômeno pelos redatores, serão descritos alguns casos de repetição identificados no *corpus*, tendo por base o estudo de Marcuschi (1996), em que, através de uma abordagem funcional, esse autor identifica funções básicas para as repetições da oralidade: no plano da composição

⁶⁹ Além da repetição de formas lexicais, Marquilhas (2004, p. 723) cita e exemplifica os seguintes fenômenos: os processos de redobro, sobretudo o da recomplementação; as constantes focalizações e topicalizações; a modalidade; o recurso às interjeições, aos bordões, à deixis textual com aparente abuso de pronomes catafóricos, à deixis pessoal pela repetição da forma de tratamento do destinatário do discurso e ao tratamento informal.

do texto, há as relações de coesividade; e, no plano discursivo, as repetições colaboram para compreensão, continuidade tópica, argumentatividade e interatividade.

5.3.2 A REPETIÇÃO NAS CARTAS DOS SERTANEJOS

De modo geral, os casos de repetição no *corpus* aparecem bem distribuídos em cartas de 31 dos redatores: para cada um deles há uma média de um a três casos (exceção de AFS, com 11 dados, distribuídos em 11 cartas; VO, com 4 dados em 3 cartas; e JMS, com 7 dados, em apenas 1 carta, das 3 que escreveu). Acrescido a outras dimensões, esse é um aspecto que contribui para caracterizar uma maior inabilidade; mas não é tão decisivo, já que há textos, como a carta de JS, redator que é considerado como mais inábil, pela quantidade de dados em outras dimensões – especialmente em relação aos dados referentes à *escriptualidade* –, em que não foram identificadas muitas repetições. No Quadro 5, comparam-se alguns dados desse redator com os de JMS, cuja carta apresenta muitas repetições, mas, pela pouca presença de irregularidades na dimensão da *escriptualidade* (como os desvios na grafia de sílabas complexas com o <r>) e da habilidade motora, é considerado como parcialmente inábil.

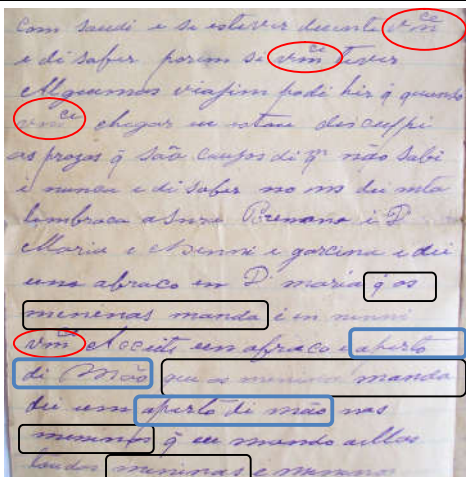
Quadro 5. Exemplos de níveis de inabilidade

Aspectos de inabilidade	Inabilidade máxima	Inabilidade parcial
	Redatores/quantidade de ocorrências	
	JS (202 palavras – 1 carta)	JMS (1204 palavras – 3 cartas)
Escriptualidade	34,2 %	0,9 %
Escrita fonética	19,8 %	23 %
Aspectos no plano da habilidade motora	Ausência de <i>cursus</i> , irregularidade da empaginação e letras monolíticas	--
Repetição	2 casos	7 casos (concentrados apenas na carta 66 - 499 palavras)

Fonte: elaboração própria.

Nas Figuras 26 e 27, a seguir, apresentam-se trechos da edição fac-similar e semidiplomática das cartas de JMS e JS, respectivamente:

Figura 26 – Exemplo de trecho de carta com muitos dados de repetição

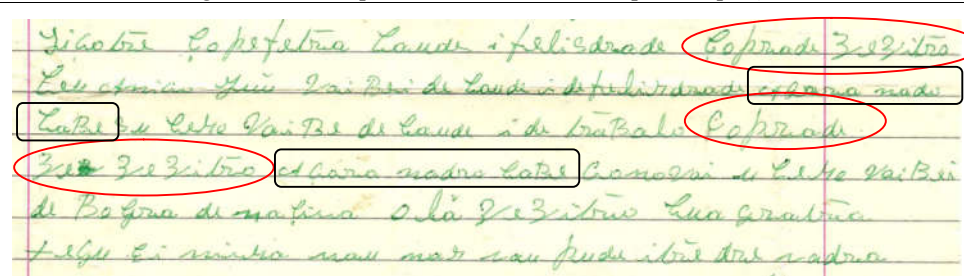


JMS - Carta 66
[fol. 2r]

com saudi e se estiver duente **vosmece** e di saber porem si **vosmece** tiver| Algumas viajim podi hir que quando **vosmece** chegar eu estou desculpi| as prozas que são cauzos di quem não sabi| i nunca e di saber no mais dei muita| lembraca asenhora Rumana i Dona| Maria e Nenni e garcina e dei um abraço em Dona maria **que as** **meninas manda** i em nenni| **vosmece** Aceite um abraço e **aperto di mão** **que as menina manda** dei um **aperto di mão** nas **meninas** que eu mando aellas| todas **meninas** e meninos|

Fonte: CE-DOHS.

Figura 27 – Exemplo de trecho de carta com pouca repetição



JS - Carta 62
[fol. 1r]

Liçotre çoprefetra caude i felisdrade **çoprade zezitro**| Ceu Amigo João vai Bei de Caude i de felisdrade **Agora mado**| **Cabe** Su Cere Vai Be de Caude i de traBalo **çoprade** **ze** **zezitro** **Agora mado** **caBe** comovai u cero vai Bei| de Begria de maçina o lá zezitro Cua grata| xegu ci minha nau mas vou pude [?] dri madro|

Fonte: CE-DOHS.

No trecho ilustrado na Figura 26, uma carta datada de 1906, com uma boa aparência dos aspectos caligráficos (habilidade motora), identifica-se a repetição de *vosmece* (4 vezes), palavra que aparece abreviada; da expressão *que as menina manda* (2 vezes), de modo que a palavra *menina/s* é registrada 4 vezes; da expressão *aperto di mão* (2 vezes) – na continuação da carta, no verso desse fólio, constam mais dois casos de *um aperto di mão* –, e a repetição do verbo *dar* (*dei*). No entanto, na Figura 27, o trecho de uma carta escrita no início da segunda metade do século XX (não é datada, mas foi possível fazer essa inferência pelas demais correspondências recebidas pelo mesmo destinatário), são poucas as repetições: *çoprade zezitro* (por *compadre Zezito*) e *Agora mado Cabe* (por *agora mando saber*). Além de se notar uma dificuldade motora, há um alto índice de grafias irregulares, envolvendo,

principalmente, inversão e acréscimo de <r>, como em *çopefetra* (por *com perfeita*) e *felisdrade* (por *felicidade*).

A repetição não é, portanto, uma dimensão independente e só combinada a outras irá ajudar na caracterização do nível de familiaridade dos redatores com o código escrito, assim como as que se referem à pontuação e à segmentação gráfica.

Quanto à distribuição de alguns exemplos de itens repetidos, a seguir, de acordo com as possíveis funções que estejam manifestando (baseadas nas funções que Marcuschi (1996) propôs para a oralidade), é preciso ressaltar que isso não é feito de forma rígida, pois uma ocorrência que pode estar sendo motivada pela intenção de estabelecer a coesividade, pode também estar expressando funções relacionadas a aspectos discursivos, como facilitar a compreensão ou a continuidade tópica⁷⁰.

a) **Coesividade**: do ponto de vista da organização textual, a repetição é usada, principalmente, para promover a sequenciação e o encadeamento dos enunciados. Uma estratégia comum de coesão sequencial é o princípio da listagem, que, além de ser uma estratégia para a “conexão inter-frástica”, cria um ritmo especial na interação e possibilita maior envolvimento. As listas são “[...] facilmente identificadas como paralelismos sintáticos, geralmente com variações lexicais e morfológicas e manutenção de uma estrutura nuclear” (MARCUSCHI, 1996, p. 107). Os exemplos seguintes ilustram encadeamentos do texto por meio de listagens:

(18) [...] **lembrança** para voce **i lembrança** esmerinda| **i lembrança** Ogusto **i lembrança** Pedrinho **lembrança**| luizinha que é para esmerinda dar a ela i 1 apreto| di mão..
lembranca a Anna i angelica manda| **lembranca** para esmerinda i todos.. i Filomena
emvia| **lembrança** para esmerinda i todos da bôa [...] caza| [...] (SFS-40)

(19) [...] Amiga **aceiti** muita **lembranca** di qui minha mai manda| i **1 abarco aceiti**
lembranca qui maria i garcina i nenen| li manda i **labarco i aceiti** as minha **lenbraca**| **1**
abraco i muita saudadi des ta di minuta amiga| [...] (FP-78)

(20) [...] Sim Nerado mande mi dize quanto| qusta um dia de um tarbalhador e **1**| **saco** de
farinha e **1 saco** <↑de> feijão e **1**| **saco** de milho e se a vaca barca já| pario [...] (ROM-73)

Com exceção do exemplo (20), que apresenta uma lista de produtos, os demais expressam listas de saudações enviadas, seja aos destinatários ou a outras pessoas; é uma forma de sustentar o tópico, como no exemplo (18), de SFS, em que a palavra *lembrança* aparece oito vezes em um trecho de pequena extensão. Muitas vezes a repetição é usada por causa da dificuldade do redator em utilizar algumas estratégias convencionais de coesão

⁷⁰ Os dados detalhados são descritos no Apêndice C.

textual, como os elementos anafóricos e os conectivos. Assim, nos trechos seguintes, há a repetição dos itens lexicais e não a sua pronominalização:

- (21) [...] sim conpadi| eu estou farzenno| tencão di li mandar| Dinheiro pa u sinhor| f farzêr A **miha caza**| *que* eu quero enbora| mais eu solvou condo| **miha caza** liver pontal[...] (AFS-18)
- (22) [...] Zezito quando você vi traga um| retrato da **lapinha** para a gente ve que| nunca vi[.] e Desejo vir Sua **lapinha**| [...] (AHC-56)

b) **Compreensão**: as repetições podem colaborar para facilitar o entendimento do que se quer dizer ao interlocutor, seja no sentido de intensificação ou de maior esclarecimento. Observa-se, nos exemplos, a tentativa de atribuir certa ênfase ao item repetido, intensificando-o:

- (23) [...] tenha fêrz **ni mim** *que* eu tenho| **ni Deus**| Sim tenhor Fers| **ni Deus i mi**| **mim**| boti umma bença| ni meu Pítico i ni Dês| [...] (AFS-15)
- (24) [...] diga a| ela que e com muita **Saudade** da qui| e com **Saudade** que [.] recordo meus pasado e| com vontade de chega os relembra-lo.| (AHC-55)
- (25) [...] fis o| pusive para viver [.] jonto| ate o dia que Deus vimhese| buscar eu ou ele. mas foi **nada**| tudo que eu fazia era **nada**| nomca vi um coração tão| ingrato naquela forma. [...] (MDC-84)

Marcurschi (1996, p. 113) informa que os casos de intensificação podem estar obedecendo ao “princípio de iconicidade”, em que a um maior volume de linguagem idêntica corresponde um maior volume de informação. Segundo Dutra (2003, p. 44), que apresenta a iconicidade como um dos princípios fundamentais da gramática da língua oral, esse “[...] é um princípio de organização gramatical que tenta refletir o mais diretamente possível, como uma fotografia reflete o objeto fotografado, um certo estado de coisas no mundo real que experienciamos”. Os itens lexicais repetidos nos trechos exemplificados são, portanto, icônicos, uma vez que tentam traduzir os desejos, estados e sentimentos de modo mais imediato, tornando-os mais transparentes e facilitando a compreensão.

A necessidade de um maior esclarecimento das informações pode ter motivado as repetições a seguir:

- (26) [...] u sinhor| farsa A miha caza| que eu vou sir Deus| quizer Derta que eu| mando u **Dinheiro**| ou sirnãõ condo eu| for eu leivo| u **Dinheiro**| nu dia 25 di Agosto| eu vou mandar| **Dinheiro** Par u sinho| conpar milho i| tonbem farzer A minha| caza| [...] (AFS-14)

- (27) [...] eu nuca tive votadi de **temina** com voce| oli Se voce gue **termina** e distui u nocu-|la tomi esta tiludi Se ceu pai não ge| gi [...] voce conciga o nocu Romaci e voce| ge [...] **temina** com migo peri e mi responda| gi eu não temino com voci [...] meu bei| [...] (JMA-64)
- (28) [...] Elena eu lhi| pergunto se já chigou a pozetadoria| de Esmerado porque a que este| meis chegou de muita jente e eu| espero em Deus que a dele tenha| **xegado** tambem que para mi sera| alegria Olhe Elena segue estes| 50 mil se não **tever xegado**| a pozetadoria dele você da a ele e| se **tever xegado** você com este| dinheiro mi compre 1 Toalha de| meza de Renda [...] (ASC-63)

c) **Continuidade tópica:** algumas ocorrências de repetições podem estar refletindo a necessidade de dar continuidade ao texto, seja com a intenção de introduzir, reintroduzir, manter ou delimitar tópicos (MARCUSCHI, 1996). A repetição da palavra *diga*, no exemplo (29), situa o interlocutor, marcando a introdução de um novo pedido:

- (29) [...] **Diga** a compadre ogusto que eu ja escriví| A ele i ele não mi mandou dizer nada **diga** a| Ele que mande me dizer si ja cazou| **Diga** aele que dexe pra quando eu xegar| Compadre **diga** a Juão nasimento| que brazilha e iluzão i so vem quem não| sabe [...] (GOR-29)

Na carta de BMO, as três repetições da palavra *conversa* colaboram para dar continuidade ao tópico em questão:

- (30) elena aquela **converça** com seu nomi| ja acabou olha as mesma **converça**| saiu aqui com meu nomi não vou| conta porque não tenho tempo porque| quando jose falou de ir eu alembrei| di te escrever esta duas linha so para| te fala que eu fique um mui tristi| quando eu subi di **converça** que eu| não posso aseita elena [...] (BMO-90)

d) **Argumentatividade:** as repetições, sobretudo as de orações, apresentam um papel importante na condução da argumentação, de acordo com Marcuschi (1996, p. 118), e “[...] servem como estratégia para *reafirmar*, *contrastar* ou *contestar* argumentos”. Nos dados, nota-se que, com os raros casos de repetições oracionais, o objetivo principal é a reafirmação de um argumento:

- (31) Eu li escrevo para li pedi Comadre| Doralice para ficar mais eu ate no| dia 2 a te pelo amor de Deus que| eu tenho tanto trabalho que **eu não| Poso fazer** olhe tia não mi falter| e para ela me ajudar eu arumar| A casa que **eu não poso fazer** so| Ai mãe manda li dizer que ela estar| Andano doemte não estar podemo mi| Ajudar nos trabalho e **eu não poso| Fazer** sozinha [...] (ICO-48)
- (32) [...] Tenho uma posi de terra| de Antonio no terreno di| sucavão eu quuro a preferen|ça **não Venda a nigem| sem mi uver** eu quero| Ser u comprador **não| Venda a nigem sem mi| Ver** mas nada| [...] (JSS-88)

No exemplo (31), a oração *eu nao poso fazer* é repetida na tentativa de convencer a destinatária a atender sua solicitação. Além disso, como o pedido está centrado no seu

problema pessoal, a remetente focaliza a primeira pessoa, de modo que o pronome *eu* aparece sete vezes e o *mi/me*, três vezes. Também para reafirmar um pedido, no exemplo (32), o redator não constrói uma estratégia de argumentação muito forte, mas repete a oração *não venda a nigem sem mi ver*, provavelmente, para convencer o leitor a realizar o que deseja.

e) **Interatividade**: se, no plano discursivo da oralidade, a repetição contribui para o envolvimento interpessoal, nas cartas, gênero escrito que tem por base justamente as relações interpessoais, os redatores podem ter usado esse recurso como estratégia para manter tal envolvimento. A repetição da forma de tratamento do destinatário do discurso, frequente no *corpus*, pode ser um indício disso⁷¹. Em algumas cartas, a repetição manifesta um teor vocativo, uma tentativa de atrair a atenção do leitor, ratificando o papel do ouvinte.

(33) [...] jetudis firgou entega Au **simhor**.| i A compadi farsa um tudo purmin detas *que* nois| ten tempo par Acerta tudo s u **simhor** min esqueiva| i mandí dizer com vai di s saudi u **simho** i toudo| eu não ténho tenpo parmada [...] (AFS-23)

(34) [...] eu nuca tive votadi de temina com **voce**| oli Se **voce** gue termina e distui u nocu-| la tomi esta tiludi Se ceu pai não ge| gi [...] **voce** conciga o nocu Romaci e **voce**| ge [...] temina com migo peri e mi responda| gi eu não temino com **voci** [...] meu bei| eu co não micaco cmo **voci** Se **voci** não| gize com liliaca cua vai um Bejo (JMA-64)

(35) [...] eu não mi esqueco| di **vosmece** tanto **vosmece** si lembri di mim| eu nada tenho a lhi dizer pur *que vosmece*| *quando* mi escrevi nada mi diz [...] (JMS-66)

(36) Estimado querido| Amigo **Compadi**| pitanga Eu mando| Dez mil Corzeiro| pur metodi [...]s s **sim compadi**| u simhor sir puder| pargi A [...] Farnico mota| Zacarias Er di ou| tar veizi **sim Compadi**| eu não [...] Ainda não mandei| A mas s tenpo [...] (AFS-3)

(37) [...] ficei muito contete de| A cioras te alebrado de| mi **sim comade** eu| estou com coude graça| a meu bom Deus sim| eu depois que eu tou o| aqui e Campina e| ja Ganhei uu nene so| **sim comade** deu Lembraca| a [...] compade Nerado e| a dona maria e tio agusti| e a nide mais u espozo| e A criança todás| **sim Comade** eu mando| esta fotografia [...] (AOL-72)

Predominam as repetições dos itens *senhor/senhora*, *voce*, *vosmecê*, *compadre/comadre*, com as variações gráficas específicas a cada carta. Nos exemplos (36) e (37), há ainda a presença do marcador *sim*, contribuindo para ratificar o papel do ouvinte. Para os dados da oralidade, Marcuschi (1996) comenta que essa função interativa, assim como o uso dos marcadores *sim*, *claro*, *ahã*, *sei*, expressam a ideia de que o outro pode continuar a palavra. No caso da escrita, essas repetições parecem ter o objetivo de envolver o leitor, atraindo sua atenção, mas confirmando que ele, o redator, continua com a palavra. Nos

⁷¹ Esse fenômeno, “[...] a dêixis pessoal pela repetição da forma de tratamento do destinatário do discurso”, foi citado por Marquilha (2004, p. 723), como uma das características das cartas populares e familiares.

trechos a seguir, o item lexical repetido é o próprio nome do destinatário, como se o redator objetivasse mantê-lo atento:

(38) [...] Saudação **sim Juão** nois Cegemos| Empaz grasa adeus **sim Juão** eu| Comprei 8000 tarefa deterra i uma| Comprei uma vaca [.]| Nada mais dei lembransa a| Comprade pedro i agusto i atodos| que pergunta pormi **Juão** eu| vou no mes di setembro [...] (GOR-27)

(39) Meu amigo **Nerado**| **Nerado** nois aqui estamos todos| bem garsa a Deus.| **Nerado** resebir tua carta vir todo| que vinha dizendo| Sim **Nerado** mande mi dize quanto| qusta um dia de um tarbaldador [...] (ROM-73)

5.3.3 SÍNTESE

A presença excessiva da repetição no *corpus*, essa que é uma estratégia básica de formulação da fala, é um indício de que as cartas dos sertanejos, escritas no século XX, registram uma escrita espontânea, mais próxima da oralidade. Nesse sentido, os exemplos analisados permitem constatar que:

- a) assim como outras dimensões de inabilidade, a repetição não é determinante na caracterização de uma maior dificuldade com o código escrito; só combinada a outros aspectos é que contribui para indicar um nível de escrita mais inábil. Isso porque há textos que apresentam muitos dados de outros aspectos, como os relacionados à dimensão da *escriptualidade* (irregularidades na grafia de sílabas complexas com o <r>, por exemplo), mas poucos termos repetidos;
- b) por serem adultos em fase de aquisição da escrita, os redatores transferem para o registro escrito mecanismos de coesão e coerência comuns à modalidade oral. Motivadas por diversos fatores, tanto no plano textual como no discursivo, as repetições mais frequentes foram aquelas usadas para estabelecer a coesividade e também as que buscam facilitar a interatividade com o destinatário.

A fim de verificar a relação entre os casos de segmentação gráfica e os aspectos físico-caligráficos do texto (relação que tem sido observada na escrita infantil), nos próximos itens, apresenta-se o cruzamento dos aspectos das dimensões da habilidade motora e da segmentação gráfica.

5.4 AS DIMENSÕES DA HABILIDADE MOTORA E DA SEGMENTAÇÃO GRÁFICA

Barbosa (2017) inclui, nas dimensões supragráfica e paleográfica, a habilidade motora e a segmentação gráfica; as mais perceptíveis, segundo o autor, mas somente com fac-símiles inseridos nas edições, para que o usuário de *corpora* possa observar a imagem do original. Como já mencionado, é tentador ao usuário do *corpus* constituído pelas cartas do sertão baiano, atribuir a alguns redatores um grau de inabilidade maior, considerando apenas a aparência física do texto, dada a significativa incidência dessas propriedades, relacionadas à falta de exercitação da mão, em alguns manuscritos. No entanto, há casos de textos com poucas características de inabilidade no plano motor e muitas marcas correspondentes às dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética.

Tem sido observado, em estudos sobre aquisição da escrita infantil (cf. ROCHA, 1996; KATO, 2002; CARDOSO, 2002), que assim como a pontuação, a habilidade para organização gráfico-espacial do texto é algo complexo, e as crianças exploram os aspectos dessa organização “na busca da convencionalidade da escrita”, como comenta Rocha (1996, p. 4).

A seguir, os aspectos relacionados ao nível físico-caligráfico e, depois, à segmentação gráfica, com os casos de hipossegmentação e hipersegmentação, identificados nas cartas.

5.4.1 A HABILIDADE MOTORA

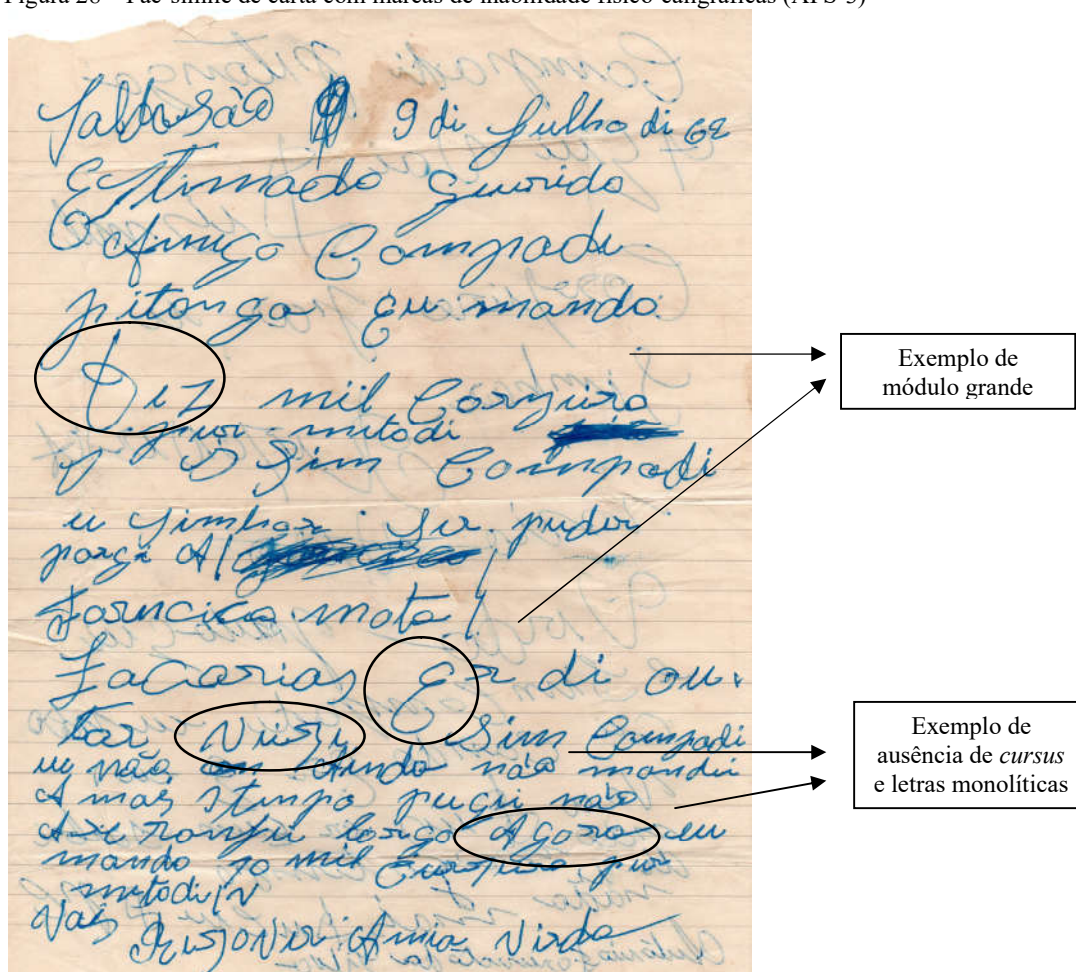
Barbosa (2017, p. 11) inclui nessa dimensão da habilidade motora, relacionada ao “[...] treinamento literalmente da mão que escreve (níveis supragráfico e paleográfico)”, as características físico-caligráficas consolidadas por Marquilhas (2000). O autor discute e exemplifica o fato de que nem sempre há coincidência entre as dimensões da *escriptualidade*, da escrita fonética e a habilidade motora. Dentre os exemplos apresentados pelo autor, o fac-símile do documento escrito por um ex-escravo, no século XIX, editado por Oliveira (2006), que apresenta uma “caligrafia segura”, ou seja, é hábil no nível motor, mas com marcas de inabilidade em outros planos, como a inversão de <r> e <l> em sílaba complexa, traço indubitável de inabilidade, segundo Barbosa (2017).

Para as cartas dos sertanejos, a aparência distante dos modelos caligráficos do século XX⁷² pode ser associada a outras marcas de inabilidade, apesar de haver textos com uma

⁷² Stephanou e Bastos (2012), no texto “Da sensibilidade das mãos à harmonia da escrita: memórias, artefatos e gestos da caligrafia na história da educação”, analisam cadernos de caligrafia, de circulação e uso na escola brasileira durante o século XX, mais especificamente entre as décadas de 1930 a 1960, e comentam que a

aparência mais *cuidada* e, assim como o documento do ex-escravo, apresentar muitos aspectos em outras dimensões. O caso mais representativo, entre os redatores sertanejos, de uma *mão inábil* no nível motor, sobrepondo-se a várias outras dimensões, é o de Antônio Fortunato da Silva. Nas suas 26 cartas, há evidências de uma escrita sem cursividade, uso do módulo grande, letras monolíticas, traçado inseguro e falta de leveza ao conjunto, como ilustra a Figura 28.

Figura 28 – Fac-símile de carta com marcas de inabilidade físico-caligráficas (AFS-3)



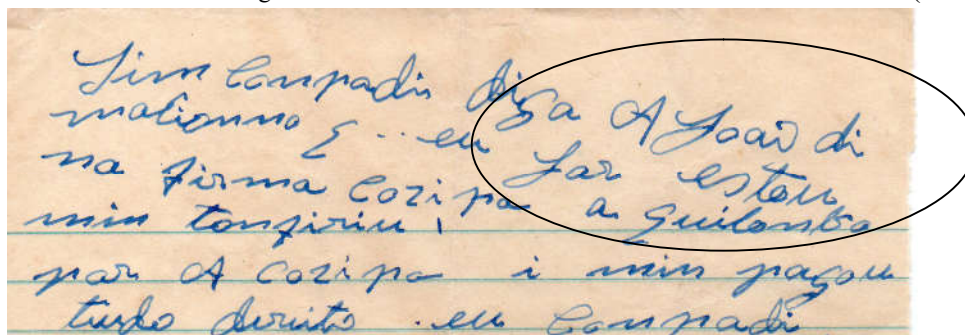
Fonte: CE-DOHS.

observação desses artefatos possibilita, além do exame dos processos de didatização do ensino da Caligrafia e, portanto, dos temas de escrita e complexidade dos traçados, “[...] uma reflexão acerca da produção de um determinado modo de ser e portar-se diante da escrita, particularmente como identidade do sujeito escolarizado” (STEPHANOU; BASTOS, 2012, p. 127). As autoras comentam sobre a importância atribuída pela escola, historicamente, à prática da caligrafia – a habilidade de escrever com letra bela e bem formada – como etapa imprescindível nos primeiros estágios de aquisição da escrita; não basta apenas a identificação das letras do alfabeto, mas desenhá-las com clareza, destreza, domínio da mão e dos instrumentos necessários. As autoras acrescentam que a escrita escolar, pensada como uma habilidade, ensina a coordenar o uso da folha branca, distribuindo bem os espaços segundo uma estética própria, e informam sobre os modelos adotados: “[...] no século XIX, era recomendada a escrita inclinada; após 1920, a escrita reta com linhas oblíquas, depois verticais e sempre à esquerda, a linha vermelha da página pautada delimitando a margem reservada a quem a corrigiria.” (STEPHANOU; BASTOS, 2012, p. 116).

A *ausência de cursus* é caracterizada, segundo Marquilhas (2000, p. 239), pelo “[...] desenho autônomo de cada carácter, ou mesmo de traços de cada carácter”, devido à falta de agilidade dos músculos da mão. Percebe-se, em determinadas palavras da carta da Figura 28, que os grafemas foram desenhados um a um, sem ligação entre si, o que pode indicar certa dificuldade em manter o curso natural da escrita. Em alguns casos, essa dificuldade é manifestada também no uso do *módulo grande*, mesmo que isso não seja mantido em todo documento, já que há uma oscilação; o texto apresenta grafemas maiores que outros, principalmente os iniciais de algumas palavras, e até palavras inteiras em proporção maior, gerando certa desproporção ao conjunto. A presença de *letras monolíticas*, caracterizada pelo desenho autônomo dos caracteres, também se relaciona com a falta de cursividade, quando não há uma combinação entre os grafemas de cada palavra, uma vez que estes parecem ser desenhados de forma isolada.

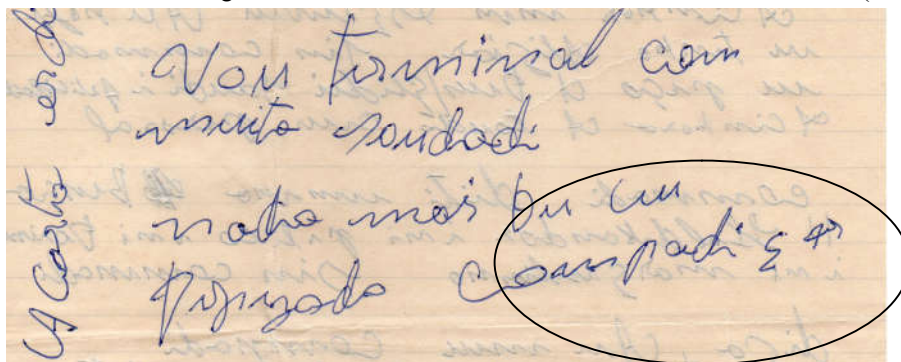
É importante ressaltar que a detecção de um *traçado inseguro*, das *letras com aparência desenquadrada*, da *rigidez e falta de leveza ao conjunto* é, segundo Marquilhas (2000), bastante subjetiva, já que só o contraste com textos habilmente executados permitiria afirmar que esses aspectos seriam próprios a um principiante. No caso das cartas dos sertanejos baianos, mesmo com certa subjetividade, percebe-se, pelo conjunto de propriedades físicas que evidenciam, a pouca habilidade de quem as escreveu. A pesquisadora refere-se também à *ausência de regramento ideal*, em relação à incapacidade de respeitar um pautado mental, o que se manifesta, sobretudo, na tendência descendente do alinhamento, ao se aproximar da margem direita da folha, como na Figura 29. Além dessa tendência descendente, há a ascendente, como na Figura 30, que demonstra a dificuldade em estabelecer o pautamento.

Figura 29 – Fac-símile de fragmento de carta com tendência descendente do alinhamento (AFS-25)



Fonte: CE-DOHS.

Figura 30 – Fac-símile de fragmento de carta com tendência ascendente do alinhamento (AFS-45)

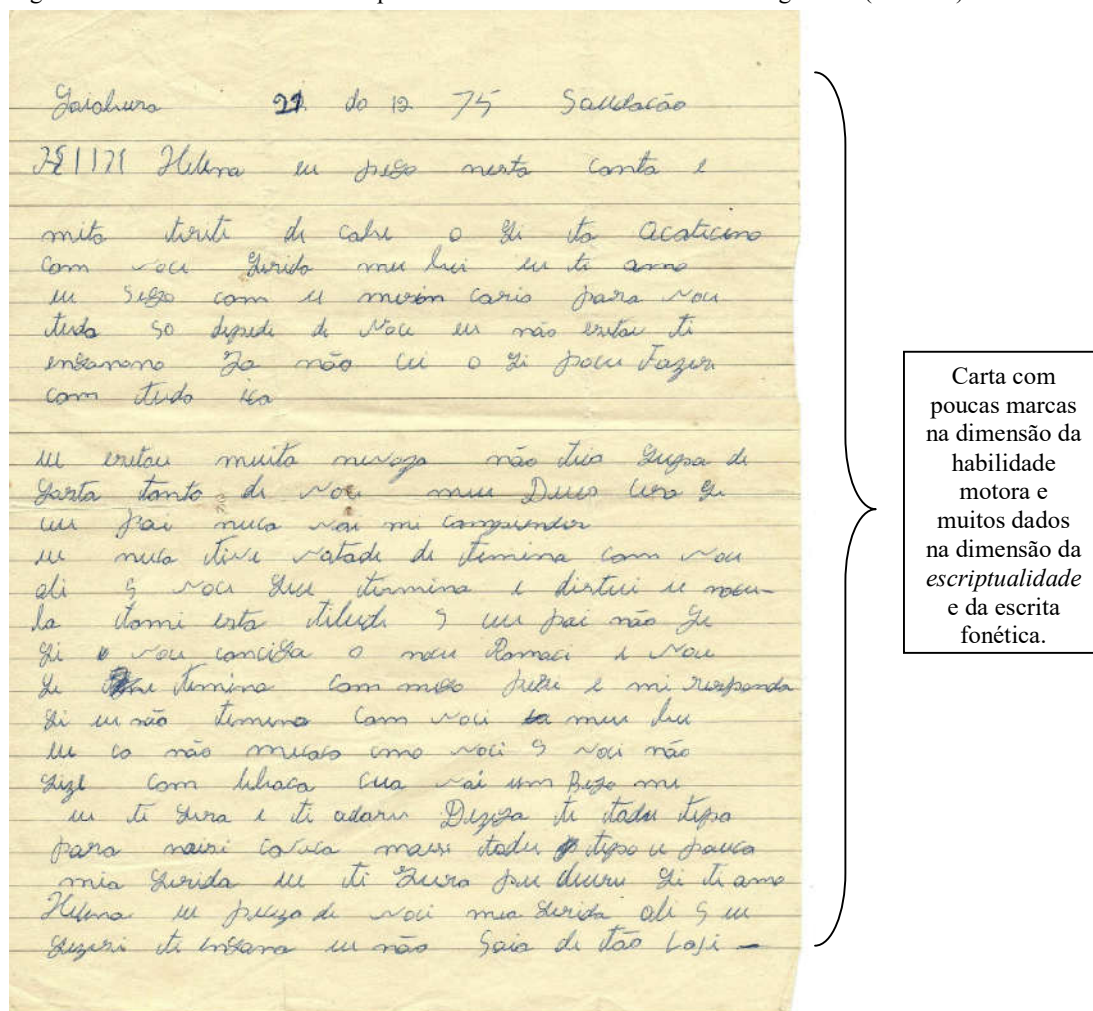


Fonte: CE-DOHS.

É comum, em muitas cartas, a *irregularidade da empaginação*, com a falta de proporção entre as margens e há alguns casos em que a mancha gráfica é estruturada em um extremo da folha. Além dessa falta de alinhamento nas margens, ocorre, em alguns manuscritos, o aproveitamento de todo o espaço do papel, às vezes com o texto escrito nas margens superior e/ou inferior; ou verticalmente, nas margens direita e/ou esquerda. Essas não são características específicas do redator inábil, porém, associadas a outras propriedades, podem ser uma marca das manifestações gráficas com indícios de inabilidade.

Contrastando com os textos de Antônio Fortunato – em que podem ser encontrados exemplos de todas as características físico-caligráficas citadas – em relação ao plano da inabilidade motora, mas não em outros planos, há o exemplo de José Mendes de Almeida. Mesmo que as características caligráficas de suas cartas não estejam dentro do padrão de habilidade motora, é uma escrita visivelmente com maior cursividade, como ilustra a Figura 31; no entanto, há muitas marcas nas dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética, indicadoras de uma maior inabilidade.

Figura 31 – Fac-símile de carta com poucas marcas de inabilidade físico-caligráficas (JMA-64)



Fonte: CE-DOHS.

Além de uma maior cursividade no conjunto do texto – mesmo que em algumas palavras note-se a falta de leveza da mão –, não há, na carta de José Mendes, muita dificuldade na segmentação gráfica: apenas duas segmentações não convencionais, aspecto apresentado a seguir.

5.4.2 A SEGMENTAÇÃO GRÁFICA

Interpretar as fronteiras das palavras é uma das dificuldades para os indivíduos em fase de aquisição da escrita, considerando-se que o processo de segmentação gráfica da escrita não coincide com a segmentação da oralidade⁷³. Marquilhas (2000, p. 243), ao tratar da

⁷³ Ferreiro (2010) afirma que aceitar as segmentações é aceitar algo difícil, porque a noção de palavra que as crianças elaboram em nível oral não serve tal qual para a escrita, e assim elas têm que reelaborar essa noção em virtude das restrições que a escrita impõe. Dentre os estudos desenvolvidos com dados de textos infantis, pode-

aquisição da escrita segmental, afirma que a conciliação “[...] entre a capacidade para escrever consoantes e vogais e a incapacidade de analisar a estrutura interior da sílaba constitui um estado de aquisição em que se podem fixar definitivamente as mãos inábeis”.

Para os manuscritos portugueses do século XVII, Marquilhas (2000, p. 243) identificou vestígios de uma escrita lenta, através das hipersegmentações, “[...] a múltipla inscrição do branco gráfico entre grupos pequenos de letras, distintos de palavras gráficas”. Associando esse aspecto às características caligráficas dos inábeis, a pesquisadora comenta sobre o ritmo forçosamente lento da escrita, decorrente da falta de perícia, que determina também a amplitude do módulo, o desenho autônomo dos caracteres e a insegurança do traço. A identificação desse fenómeno gráfico não deixa, segundo a autora, de “[...] implicar subjectividade, uma vez que é bastante frequente a semelhança entre o espaço que separa duas letras autônomas, mas adjacentes, e o que corresponde a uma fronteira voluntária” (MARQUILHAS, 2000, p. 244).

A partir desse estudo, Kajita (2009), na dissertação de mestrado *A segmentação inábil: um estudo da segmentação ortográfica não-canônica*, com o *corpus* constituído por cartas de denúncia e bilhetes dos arquivos da Inquisição portuguesa escritos nos séculos XVII e XVIII, relaciona as segmentações não-canônicas aos aspectos rítmicos da língua falada. Para essa pesquisadora, os casos de hipersegmentação e hipossegmentação nesses textos não são aleatórios, pois os sujeitos parecem ter usado critérios bem definidos para decidir onde deviam separar ou juntar elementos, seja por motivação semântica ou fonológica.

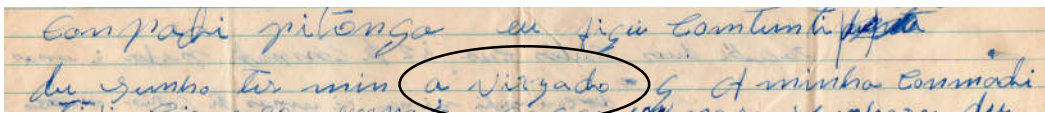
Na escrita de africanos e afrodescendentes do século XIX, Oliveira (2006) encontrou grafias hipersegmentadas e hipossegmentadas. No caso da hipersegmentação, uma das hipóteses é a de que a semelhança entre uma parte da palavra e uma forma independente pode ter resultado no uso do espaço em branco: as sílabas iniciais são percebidas como palavras independentes, dada a semelhança com vocábulos gramaticais, como artigos, pronomes, conjunções e preposições, ou com formas lexicais. As experiências anteriores dos redatores com a escrita podem servir de parâmetro para a construção dessa hipótese. Oliveira (2006) constatou que a percepção, por parte dos redatores, do artigo definido como palavra autônoma é bastante forte, já que são muitas as ocorrências que distanciam uma porção equivalente a essa forma gramatical; isso também pode ser constatado nas hipersegmentações identificadas em Santiago (2012), nas cartas do século XX, como exemplificado em (40). Outra hipótese, para alguns casos, é a de que o uso não convencional do branco pode ser motivado pelo

se citar os de Silva (1994), Abaurre (2002) e Chacon (2011); com dados da escrita de adultos em fase de aquisição, há, por exemplo, as pesquisas de Tenani (2008) e Ferreira (2011).

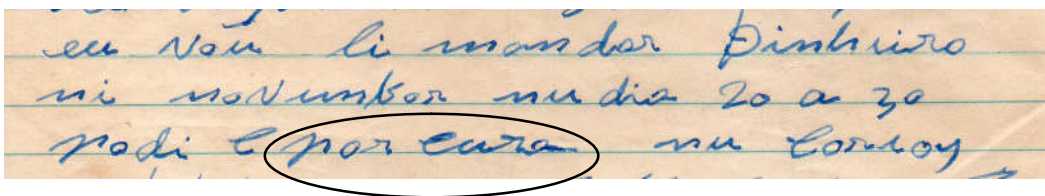
deslocamento do <r> na escrita de sílabas complexas, que faz com que uma parcela da palavra torne-se semelhante a uma forma autônoma na escrita, como em (41), ou pela dificuldade de representação da nasalidade, porque, nesses casos, a sílaba inicial também se torna semelhante a palavras autônomas, como em (42) e (43).

A seguir, alguns exemplos de hipersegmentação, acompanhados do fac-símile do fragmento de cada carta, todos extraídos de Santiago (2012)⁷⁴:

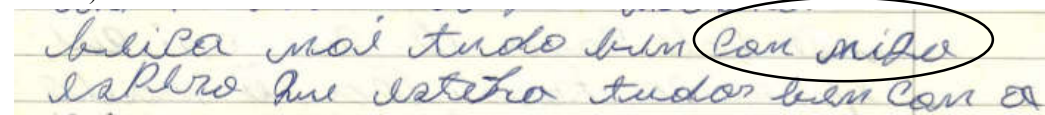
- (40) [...] conpadi pitanga eu fiquei comtemti [.]| du senho ter min **a virzado** que A minha conmadi| [...] (AFS-7)



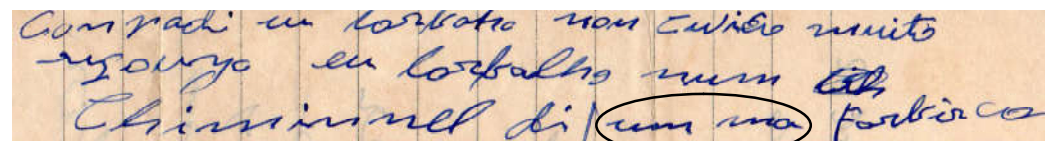
- (41) [...] eu vou li mandar Dinheiro| ni novembor nu dia 20 a 30| poti c **por cura** nu coreos| (AFS-25)



- (42) [...] beica mai tudo bem **com migo**| espero que esteha tudor bem com a| siorra [...] (VAN-86)



- (43) Conpadi eu larbaho non civico muito| riquouzo eu larbalho num [.]| Chiminnel di **um ma** Farbirca (AFS-8)



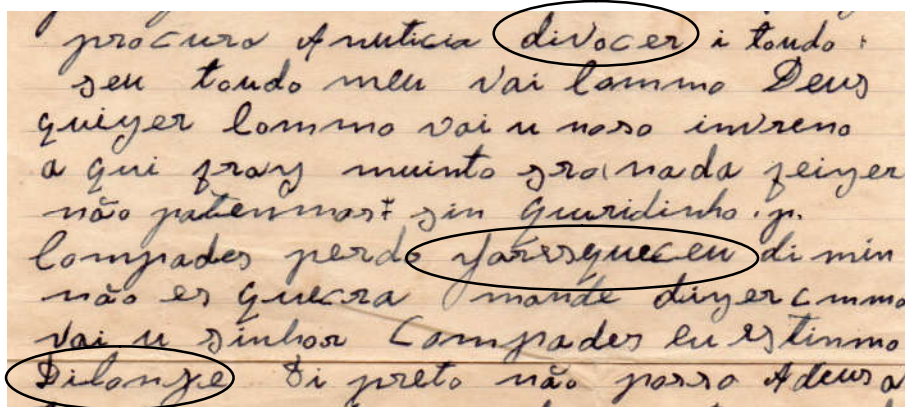
Barbosa (2017, p. 27) ressalta que a percepção dessa marca de inabilidade exige a presença do fac-símile, pois é o tamanho do espaço em branco que melhor denuncia a inabilidade, e não o fato em si de haver espaço. O autor lembra que é importante não se deixar confundir essa dificuldade com a prática normal para redatores coloniais hábeis, “[...] pela

⁷⁴ Os dados detalhados são descritos no Apêndice D.

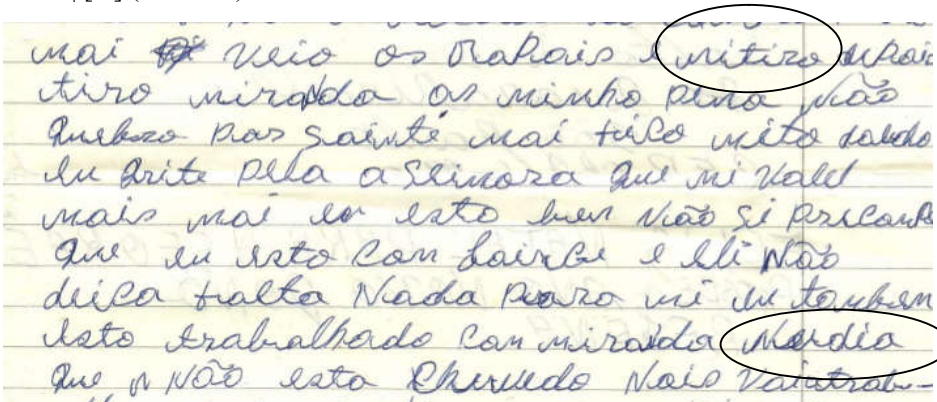
percepção de que sua aplicação não co-opera com o alinhamento do final de linha, que deixa a mancha gráfica com o efeito de um texto justificado”.

A inserção não convencional do branco foi manifestada por 21 dos redatores das cartas sertanejas. Com exceção de três, todos também incorreram em grafias hipossegmentadas, a grafia contínua de palavras que deveriam ser separadas, que foi identificada nos textos de 31 dos redatores, como nos exemplos (44) e (45):

- (44) [...] procura A nuticia **divocer** i toudo| seu toudo meu vai commo Deus| quizer commo vai u noso invreno| a qui frais muinto sro nada feizer| não patenmos sin queridinho. p.| compades perdo **jasesqueceu** di min| não es quecra mande dizer cmmo| vai u senhor compader eu estinmo| **Dilonje** Di preto não posso Adeus a| [...] (AFS-1)



- (45) [...] veio os rapais e **mitiro** depois| tiro miranda as minho pena não| quebro por Sointe mai fico mito doedo| [...] esto trabalhado com miranda **Nudia**| que Não esta chuedo Nois vai atrab-| [...] (VAN-86)



Os casos de hipossegmentação podem ser interpretados pela hipótese atribuída por Oliveira (2006) às ocorrências do século XIX, uma vez que, para segmentar, os redatores podem ter por base a percepção da fala, já que as grafias contínuas de palavras que deveriam

ser autônomas parecem estar refletindo grupos de força e, em menor proporção, grupos tonais⁷⁵.

As *mãos* que mais produziram segmentações não convencionais foram as de AFS, FP, JMS, MC e ZBO. Os textos desses remetentes apresentam também uma quantidade expressiva de dados das dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética. São redatores que não usaram sinais de pontuação em seus textos, ou usaram pouco, como no caso de Antônio Fortunato. Na Tabela 12, mostra-se a distribuição dos dados de segmentação gráfica, por redator:

Tabela 12 – Distribuição dos dados de segmentação gráfica não convencional por redator

Redatores	Hipersegmentação	Hiposegmentação	Total
ACO	5	3	8
AFS	21	17	38
AHC	3	3	6
AML	3	4	7
AO	1	1	2
DCO	-	1	1
FJO	-	1	1
FP	12	14	26
GOR	-	11	11
IC	-	1	1
ICO	1	-	1
JCO	1	-	1
JL	-	1	1
JMA	1	1	2
JMS	4	14	18
JO	-	5	5
JS	-	3	3
JSS	-	1	1
LA	-	1	1
LM	1	1	2
MAO	1	2	3
MBS	-	3	3
MC	8	10	18
MDC	1	-	1
NIN	2	1	3
RAC	-	1	1
SFS	1	1	2
TB	1	1	2

⁷⁵ O grupo de força é definido por Câmara Jr. (2004, p. 132) como um “[...] sintagma de dois ou mais vocábulos que constituem numa frase um conjunto fonético significativo, enunciado sem pausa intercorrente e subordinado a um acento tônico predominante que é o vocábulo mais importante do grupo”. O grupo tonal é, segundo Silva (1994, p. 39), “[...] uma unidade rítmica, entoacional e, portanto, uma unidade de significação”, envolvendo palavras autônomas do ponto de vista prosódico.

VAN	1	3	4
VO	4	8	12
ZBO	28	5	33
ZLS	1	1	2
ZSS	-	2	2

Fonte: elaboração própria.

Em alguns textos, de redatores que registram muitos casos de irregularidades nas dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética, não foram identificadas dificuldades na segmentação, como José Mendes (JMA), com apenas duas grafias de segmentação irregular. Por outro lado, todos que manifestaram muitos dados de hipersegmentações e hipossegmentações apresentam, também, muitos dados de irregularidades na dimensão da *escriptualidade* e muitos índices grafofonéticos. Então, a segmentação gráfica é um aspecto a mais para a definição do nível de inabilidade do redator. Apenas associado às outras dimensões é que esse aspecto contribui para caracterização de uma *mão* mais ou menos familiarizada com a escrita.

5.4.3 SÍNTESE

A maior incidência da escrita com aspectos físico-caligráficos, que podem ser associados à inabilidade, e de casos de segmentação não convencional ocorre nos textos de redatores que apresentam uma quantidade significativa de dados de aspectos de *escriptualidade* e da escrita fonética. No entanto, nem todos os redatores que manifestam dados nessas dimensões apresentam dificuldade motora ou segmentação não convencional. Observa-se, então, que:

- a) para os redatores com expressiva inabilidade no plano motor, a segmentação não convencional é uma propriedade a mais, ainda que o contrário não ocorra: nem todos que têm dificuldade com a segmentação manifestam inabilidade no plano motor, como Firmina Petornilha (FP), Josepha Maria da Silva (JMS) e Gildásio de Oliveira Rios (GOR);
- b) nos textos em que há marcas no plano da habilidade motora e que a presença de hipersegmentações e hipossegmentações é mais expressiva, há, também, ausência de pontuação. Como tem sido percebido em textos infantis, a aquisição de aspectos

da organização gráfica do texto e o uso da pontuação parecem ser habilidades paralelas;

- c) todos que apresentam pouca habilidade no plano motor, e muitos casos de segmentação irregular, manifestam muitos dados de inabilidade relacionados à *escriptualidade*, à escrita fonética e, ainda, à pontuação.

5.5 O CONTÍNUO DE INABILIDADE EM ESCRITA

Para o estabelecimento do contínuo de inabilidade em escrita, considera-se que a coocorrência de aspectos de diferentes dimensões e a incidência maior ou menor de marcas de um dos planos podem determinar o ponto específico em que cada *mão* está situada. A partir dos resultados descritos, dos aspectos identificados em cada dimensão de inabilidade, usando a proposta de contínuo demonstrada na seção 1.2, os redatores são distribuídos, caracterizando-os, de acordo com a seguinte gradiência, já apresentada e aqui retomada:

Inabilidade máxima

Textos que apresentam maior quantidade de marcas na dimensão da *escriptualidade* (desconhecimento de convenções gráficas), como a dificuldade em grafar sílabas complexas com /r/ ou /l/, a dificuldade com a representação gráfica da nasalidade e com a representação de dígrafos. São textos que também manifestam marcas relacionadas aos aspectos físico-caligráficos, no entanto, ressalta-se que a identificação dessas propriedades referentes a pouca habilidade motora envolve certa subjetividade. Esses redatores são os que registram coocorrência de marcas em, praticamente, todas as dimensões: escrita fonética; ausência de sinais de pontuação, baixo uso ou uso não convencional; repetição de vocábulos; segmentação gráfica não convencional.

Inabilidade parcial

Menor presença, nos textos, de propriedades na dimensão da *escriptualidade*, em coocorrência à escrita fonética, além de uma ou mais dimensões, como os aspectos relacionados à pontuação, à repetição e/ou à segmentação gráfica. Os aspectos referentes a pouca habilidade motora podem ou não estar presentes, não é uma condição determinante.

Inabilidade mínima

Ausência de aspectos relacionados à *escriptualidade*, presença de dados de escrita fonética, além de marcas de mais uma das demais dimensões, raramente, de mais duas, seja a pontuação, a repetição ou a segmentação gráfica. Os aspectos referentes a pouca habilidade motora podem ou não estar presentes, não é uma marca determinante.

A escrita de 11 dos 53 redatores foi caracterizada como correspondente a uma inabilidade máxima, a de 33 como inabilidade parcial e a de 9 deles como mínima. No quadro a seguir, os redatores das cartas pessoais baianas são distribuídos, de acordo com a presença, em seus produtos gráficos, das propriedades de cada dimensão de inabilidade e, logo depois, na Figura 32, apresenta-se essa mesma distribuição, no contínuo, de modo mais esquemático.

Quadro 6 – Distribuição dos redatores por dimensões de inabilidade em escrita alfabética⁷⁶

	Redatores	Dimensões de inabilidade						Nº de cartas	Nº de palavras
		Esriptualidade %	Escrita fonética %	Pontuação	Repetição	Pouca habilidade motora	Segmentação gráfica		
Inabilidade máxima	AFS	15,5	32,7	Ø (Cartas 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 15, 20, 21, 22, 24, 25, 45) Até 2 sinais (Cartas 1, 2, 9, 11, 16, 17, 18) + de 2 sinais (Cartas 14,19, 23)	+	Ausência de <i>cursus</i> Módulo grande Ausência de regramento ideal Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação Letras monolíticas	38	26	4.171
	JS	34,7	20,1	Até 2 sinais	+	Ausência de <i>cursus</i> Irregularidade da empaginação Letras monolíticas	3	1	199
	VAN	12,3	20,9	Até 2 sinais	+	Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	4	1	316
	LA	17,1	8,6	+ de dois sinais		Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	1	1	140
	JMA	7,9	19,4	Ø	+	Traçado inseguro, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	2	2	341
	AOL	9,8	16,8	Até 2 sinais	+	Módulo grande Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação		1	143

⁷⁶ Os percentuais relativos à *escriptualidade* e à *escrita fonética* foram obtidos considerando-se a quantidade de dados (apresentados nas tabelas do Apêndice E) pela quantidade de palavras. Os dados referentes à pontuação são gerais; não se considerou, nesse quadro, que muitas das ocorrências referem-se a usos não convencionais dos sinais.

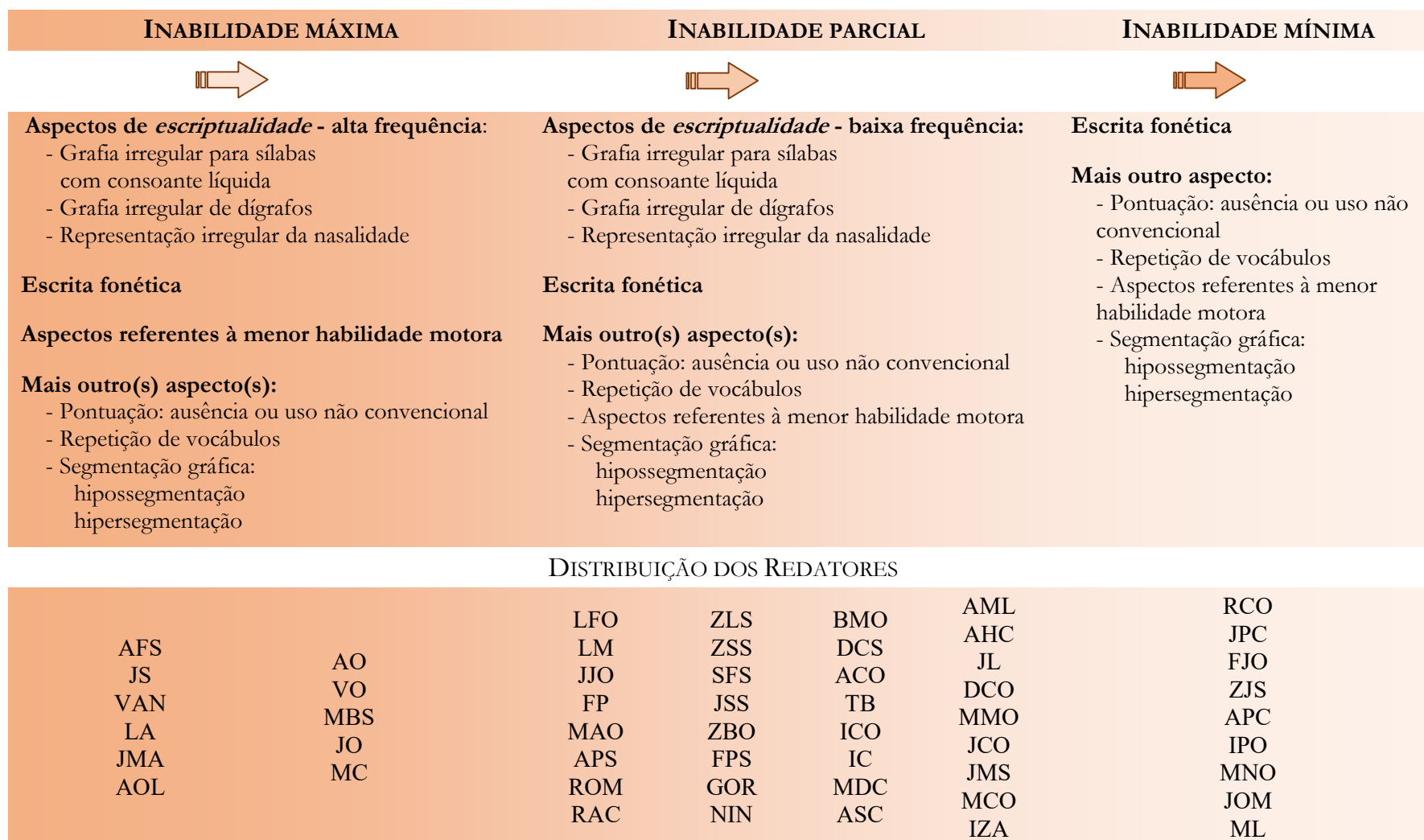
	Redatores	Dimensões de inabilidade						Nº de cartas	Nº de palavras
		Esriptualidade %	Escrita fonética %	Pontuação	Repetição	Pouca habilidade motora	Segmentação gráfica		
Inabilidade máxima	AO	9,2	23,9	Ø		Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	2	3	251
	VO	9,0	19,2	Ø (Cartas 111, 112, 129) Até 2 sinais (Carta 113)	+	Ausência de <i>cursus</i> Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	12	4	902
	MBS	7,4	19,5	Ø		Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto	3	1	149
	JO	7,4	10,1	Ø		Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto	5	1	258
	MC	5,9	16,8	Ø	+	Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	18	3	591
Inabilidade parcial	LFO	10,8	18,1	Até 2 sinais				1	83
	LM	9,1	7,6	Até 2 sinais	+		2	1	132
	JJO	8,5	10,6	Ø		Irregularidade da empaginação		1	47
	FP	7,6	27,7	Ø	+	Irregularidade da empaginação	26	3	602
	MAO	7,1	51,0	Ø	+	Irregularidade da empaginação	3	1	98
	APS	6,2	14,2	Até 2 sinais	+			1	146
	ROM	5,8	13,9	+ de 2 sinais	+	Ausência de <i>cursus</i> Irregularidade da empaginação		1	137
	RAC	5,4	6,6	+ de 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação	1	2	333
	ZLS	5,0	10,4	+ de 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação	2	2	423
	ZSS	4,8	30,1	Ø		Ausência de regramento ideal Irregularidade da empaginação	2	1	166
	SFS	4,7	16,7	Ø (Carta 41, 42) + de 2 sinais (Carta 40)	+	Irregularidade da empaginação	2	3	406

	Redatores	Dimensões de inabilidade					Nº de cartas	Nº de palavras
		Esriptualidade %	Escrita fonética %	Pontuação	Repetição	Pouca habilidade motora		
Inabilidade parcial	JSS	4,7	14,1	Ø	+	Ausência de regramento ideal	1	85
	ZBO	4,7	8,9	Ø (Cartas 52, 118, 124, 125, 130) Até 2 sinais (Cartas 115, 116, 119, 123) + de dois sinais (Cartas 117, 131)	+	Irregularidade da empaginação	33	2173
	FPS	4,4	15,0	+ de 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação		180
	GOR	3,2	17,4	Ø	+	Irregularidade da empaginação	11	374
	NIN	3,6	17,6	Ø (Carta 38) Até 2 sinais (Carta 51)		Ausência de <i>cursus</i> Irregularidade da empaginação	2	557
	BMO	3,5	16,9	Ø	+	Ausência de <i>cursus</i> letras monolíticas		142
	DCS	3,5	4,4	+ de 2 sinais		Irregularidade da empaginação		114
	ACO	3,2	14,8	Ø	+	Irregularidade da empaginação	1	1.180
	TB	2,6	21,1	Até 2 sinais		Irregularidade da empaginação	2	227
	ICO	2,6	10,3	Ø	+	Irregularidade da empaginação	1	234
	IC	2,5	9,1	Até 2 sinais (Carta 105) + de dois sinais (Cartas 103, 104)		Irregularidade da empaginação	1	440
	MDC	2,2	6,8	+ de 2 sinais	+		1	324
	ASC	1,9	7,1	Até 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação		155
	AML	1,9	9,1	+ de 2 sinais			7	154
	AHC	1,5	7,7	+ de 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação	6	1.274
	JL	1,5	4,5	Até 2 sinais		Irregularidade da empaginação	1	133
	DCO	1,4	5,6	+ de 2 sinais		Irregularidade da empaginação		501
	MMO	1,3	1,3	+ de 2 sinais	+	Ausência de regramento ideal		79
	JCO	1,1	7,2	Até 2 sinais		Ausência de <i>cursus</i> Irregularidade da empaginação	1	180
	JMS	0,9	23,5	Ø	+	Irregularidade da empaginação	18	1.182

	Redatores	Dimensões de inabilidade						Nº de cartas	Nº de palavras
		Esriptualidade %	Escrita fonética %	Pontuação	Repetição	Pouca habilidade motora	Segmentação gráfica		
	MCO	0,9	2,8	Ø		Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação		3	213
	IZA	0,7	4,8	Até 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação		1	147
Inabilidade mínima	RCO	0,0	31,1	Ø		Ausência de <i>cursus</i> Irregularidade da empaginação		1	61
	JPC	0,0	23,4	Até 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação		1	64
	FJO	0,0	19,7	Ø		Irregularidade da empaginação	1	1	61
	ZJS	0,0	9,1	Ø		Irregularidade da empaginação		1	77
	APC	0,0	6,0	+ de 2 sinais				1	83
	IPO	0,0	2,9	+ de 2 sinais				1	70
	MNO	0,0	1,5	+ de dois sinais				1	67
	JOM	0,0	1,1	Ø				1	88
	ML	0,0	0,7	+ de 2 sinais		Irregularidade da empaginação		1	138

Fonte: elaboração própria.

Figura 32 – Distribuição dos redatores no contínuo de inabilidade em escrita alfabética



Fonte: elaboração própria.

6 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS NA ESCRITA INÁBIL: A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SINTAGMA NOMINAL E OUTROS

Nesta seção, pretende-se verificar se a presença de alguns fatos de aspectos morfofossintáticos, no *corpus*, poderiam ser indicadores de representação de escrita de inábeis e não simplesmente o reflexo de dados de fala, transpostos ao código escrito. Essa hipótese tem por base a análise da distribuição desses aspectos a partir de dados identificados em outros trabalhos e no *corpus* deste estudo. Trata-se de um cruzamento buscando ocorrências entre o já sabido como marca de inabilidade em alguns planos da *escriptualidade* e outro plano somente explorado como hipótese. Nesse sentido, Barbosa (2017, p. 26) propõe a possibilidade da presença desses aspectos na escrita inábil quando os redatores tenderiam “[...] a reproduzir aspectos sintáticos complexos em imitação a estruturas não vernáculas encontradas na leitura (ou memória da audição de leitura) de intercalações e ordenações de sentenças de tradições discursivas não vernáculas, de ambiência religiosa, jurídica, cartorial, etc.”. Como foi observado na seção sobre a pontuação (cf. seção 5.3), são raras, nos textos dos mais inábeis, as estruturas “complexas”, com intercalações ou inversões de orações circunstanciais, por exemplo.

No entanto, no sentido de constatar se os redatores estão tentando “imitar”, de algum modo, a morfofossintaxe de textos modelares ou reproduzindo o que falam, a questão motivadora desta seção é:

- há fatos morfofossintáticos que identifiquem um inábil em escrita alfabética, ou seja, fatos que não seriam vernaculares, de fala, mas da *escriptualidade*?

No caso da resposta ser negativa, os fatos morfofossintáticos presentes na escrita refletiriam traços de oralidade, do vernáculo. Seriam aspectos cuja presença marcaria variantes da oralidade, na escrita dos que têm pouco contato com a leitura de textos modelos da época, pouca escolarização. Em outras palavras, a questão tenta dar conta da correspondência entre a presença desses fatos e a maior ou menor inabilidade do redator, tal como se estabelece com os índices grafofonéticos. A ênfase da abordagem é para a variação na marcação de plural no sintagma nominal (SN), mas também serão comentados casos envolvendo a marcação de gênero e as construções com sentenças relativas.

Apresentam-se aspectos da escrita inábil e comparam-se com alguns exemplos da fala, extraídos de algumas das entrevistas-narrativas gravadas com os sertanejos. O item 6.1, a marcação de plural no SN, em *corpora* escritos, é dividido em três partes: em 6.1.1, trata-se de dados menos transparentes à oralidade, em cartas dos sertanejos, do século XX; em 6.1.2, de dados em atas de africanos e afrodescendentes, do século XIX; em 6.1.3, de dados mais transparentes à oralidade, na escrita inábil. Em 6.2, comenta-se sobre alguns exemplos de não marcação de plural no SN, da oralidade dos sertanejos e, em 6.3, apresentam-se dados de outros aspectos morfossintáticos: em 6.3.1, exemplos de marcação de gênero no SN e, em 6.3.2, exemplos de construções com relativas.

6.1 A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN, EM *CORPORA* ESCRITOS

São raros os trabalhos que verificam a questão da marcação de plural no âmbito do SN em dados de escrita de sincronias passadas. Os poucos estudos identificados estão voltados para a verificação da variação na concordância de número no SN, em abordagens próximas aos trabalhos com *corpora* orais⁷⁷, atestando condicionamentos linguísticos e extralinguísticos semelhantes. É o caso das pesquisas de Oliveira, Soledade e Santos (2009) e de Avelar e Carneiro (inédito), a partir, respectivamente, de atas escritas por africanos e por afro-brasileiros, durante o século XIX, na Bahia; e da investigação de Santos (2017), que utilizou como *corpus* parte do conjunto de textos dos sertanejos baianos, aqui estudado⁷⁸. Com base nesses estudos, descrevem-se, adiante, alguns exemplos de marcação de plural no SN.

6.1.1 A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN EM CARTAS DO SÉCULO XX: DADOS MENOS TRANSPARENTES À ORALIDADE

Nas 131 cartas pessoais que constituem o *corpus* desta pesquisa, buscou-se identificar

⁷⁷ Dentre os estudos com *corpora* de linguagem oral, do português brasileiro, são exemplos o trabalho de Scherre (1988), a partir de dados do português falado do Rio de Janeiro, da década de 1980, e o de Lopes (2001), com amostras de fala da cidade de Salvador, ambos apresentados como teses de doutoramento; além do trabalho realizado por Baxter (2009), contrastando os dados da comunidade baiana afro-brasileira de Helvécia aos da comunidade africana dos tongas, na República de São Tomé e Príncipe.

⁷⁸ Das investigações que tratam do processo de aquisição do número gramatical em dados produzidos por sujeitos em fase de aquisição da linguagem, mais especificamente, por crianças brasileiras, destacam-se os estudos apresentados por Capellari e Zilles (2002) e Ferrari-Neto (2003).

casos de não marcação do plural no SN, como os listados de (01) a (14)⁷⁹, que, como mostram os trabalhos com *corpora* de fala, são mais raros na oralidade⁸⁰.

a) Estruturas com todos (um ou mais de um) os elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

- (01) [...] I la eu tenho tido anoticiaqui **noØ duminhos** esta muito bom| [...]. (FP- 79)
- (02) [...] conpadi sir **uØ tenpos**| tirver bom min.| mandi Dizêr [...]. (AFS- 14)
- (03) [...] São as horas mais filiz quando pego| Nesta caneta para da **minhaØ noticias**| [...]. (AHC- 59)
- (04) [...] Vou finalizar minha carta porque **minhaØ horas** São vazia [...]. (AHC- 59)
- (05) [...] pitanga farsa **aØ miaØ vesis**| por mia farmiria| [...]. (AFS- 2)
- (06) [...] Sin eu viraci um cannarinno| D Dar queri| bem cantador par| carnta nu seu tereiro| par carbar **aØ minhaØ dores**| [...]. (AFS- 8)
- (07) [...] u senhor | tiri **uØ ceuØ retartos** ir| min mandi par min| [...]. (AFS- 10)
- (08) [...] *Dona* Maria lenbrancas|para **suaØ familias**| (MNO-121)
- (09) [...] pesso desculpa **nestaØ mal| feitaØ Lenhas** [...]. (JCO- 31)
- (10) [...] sin commadi Deus lommi| comta da s sinhora di **ceuØ filihos** i di nois toudos| [...]. (AFS-45)
- (11) [...] eu| estou com muita vontadi di| cormer **aquelaØ furtas| b boaØ i gostosaØ** [...]. (AFS- 25)
- (12) [...] espero o neu amo com **orØ meuØ braços| abertoØ** [...]. (RAC- 85)
- (13) [...] sim comade deu Lembraca| a [.] compadi Nerado e| a dona maria e tio agusti| e a nide mais u espozo| e **aØ criarçarØ todás**| [...]. (AOL- 72)
- (14) [...] der Lenbranca atodos| da nobri caza e **aØ vrizinacaØ todas**| [...]. (MC-36)

Ainda que não sejam muitos casos, esses exemplos, que parecem sistemáticos em coocorrência com os demais aspectos que indicam inabilidade, são ilustrativos da dificuldade dos redatores em manter o padrão ortográfico e gramatical predicado à escrita, quando se trata de textos do século XX, o que se traduz em índices grafonéticos e representação de variantes morfossintáticas de seu vernáculo. Diferente do que geralmente ocorre na oralidade, que tem a propensão de apresentar mais marcação de plural nos elementos flexionáveis que se encontram à esquerda do núcleo, adjacentes a ele ou não⁸¹, a informação de plural, nos casos

⁷⁹ A sequência de exemplos foi reiniciada em cada seção, para facilitar a leitura.

⁸⁰ Dentre os exemplos listados, muitos foram extraídos do trabalho de Santos (2017), que usou como *corpus* 91 das cartas pessoais dos sertanejos, para estudar a variação da concordância nominal de número.

⁸¹ Cf. Scherre (1988), Lopes (2001) e Baxter (2009).

de (01) a (10), é registrada apenas no núcleo do sintagma. Nos exemplos (11) e (12), “**aquelaØ furtas| b boaØ i gostozaØ**” e “**orØ meuØ braços| abertoØ**”, além da ausência de marca no elemento que precede o núcleo, os da direita também não são marcados. E, nos exemplos (13) e (14), a informação de plural está no elemento pós-nuclear, representado pelo quantificador *todas*.

Nos exemplos de (15) a (21), a seguir, há contextos menos raros na fala, em que a marca de plural está no núcleo e em apenas um dos elementos pré-nucleares, como de (15) a (19), ou somente em um ou dois dos elementos pré-nucleares, como em (20) e (21). Ainda que estejam presentes em dados de oralidade, esses contextos não são predominantes, principalmente, quando o elemento marcado não está adjacente ao núcleo. Segundo Lopes (2001, p. 264), “[...] além da posição à esquerda do núcleo, a de adjacência a ele é um importante condicionador para a realização da concordância; em itens à esquerda do núcleo mas não adjacentes a ele há maior probabilidade de ausência de concordância”. Na escrita dos sertanejos, a ausência da marca de plural é identificada também em elementos adjacentes ao núcleo, como mostram os exemplos de (15) a (18).

b) Estruturas com pelo menos um ou mais elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

(15) Quridinha Amiguinha Amerinda|**as minhaØ saudações**| [...]. (APS- 43)

(16) [...] abraco en **todaØ as minhaØ amigas** que ainda selinbra de min. (MC-50)

(17) [...] pego| no lapis pra dà-te **as minhaØ| notícias** [...] (NIN-108)

(18) [...] Deus der **us bomØ tempos** para nois| todos [...]. (MC-50)

(19) [...] Venho por meio **destaØ atrevidas**.| **linhas**. pedir-lhi á mão de vossa.| Filha Maria Inez: á cazamento.| [...]. (APC- 83)

(20) [...] perzado| a amigor p. Compadi esta duas linha solmenti| par lidar **aØ mihás notissaØ** [...]. (AFS- 4)

(21) [...] si a senhora| mi vendi **algumas| daØ suas maquinaØ**| [...] (TB-109)

Lopes (2001) comenta, a partir da teoria dos 4 M, proposta por Myers-Scotton e Jake (2000 apud LOPES, 2001), que há uma ordem na aquisição dos morfemas numa língua⁸², e os morfemas funcionais, classificados como *gramaticais precoces* (*early system morphemes*) são adquiridos concomitantemente aos *morfemas de conteúdo* (*content morphemes*),

⁸² Segundo essa teoria, todas as línguas possuem quatro tipos de morfemas: de conteúdo (substantivos, adjetivos e verbos, por exemplo), gramaticais precoces (como os artigos), gramaticais tardios pontes (como as preposições) e gramaticais tardios exteriores (como o morfema de terceira pessoa -mos, em *estudávamos*), de acordo com detalhamento realizado por Lopes (2001, 2016).

proporcionando a eles a definitude necessária, por exemplo, para atender às intenções do falante. A observação da forma como a concordância no SN se realiza indica que, segundo Lopes (2001, p. 265), “[...] a marca de plural do elemento imediatamente anterior ao núcleo é um *early system morpheme*, ou seja, é gerado juntamente com os *content morphemes*, daí a sua probabilidade maior de concordância que as outras marcas de plural, que são introduzidas posteriormente [...]”. Nos sintagmas com possessivo ou outra classe na segunda posição antes do núcleo, a informação de definitude pode ser expressa por esse elemento pré-nuclear. Há muitos dados, nas cartas dos sertanejos, em que a informação de plural está concentrada no numeral, elemento pré-nuclear que contém marca semântica de concordância, como em “Conpadi pitanga| u senhor b boti| umma bença **nuØ**| **teis meninoØ**| [...]” (AFS- 24) e “[...] Detar .que mando| Dinheiro **nestiØ 60 diaØ** [...]” (AFS- 23).

Essa é a pertinente explicação atribuída por Lopes (2001) para os casos identificados em sua pesquisa, principalmente, os que envolvem a presença do possessivo adjacente ao núcleo. No entanto, isso não se aplica aos exemplos de (15) a (17), como “**as minhaØ saudações**”, e em muitos dos listados no item *a*, já que são sintagmas com possessivos adjacentes ao núcleo, que estariam expressando essa informação de definitude, mas que não receberam a marca de plural, assim como em sintagma com adjetivo, como em (18), “**us bomØ tempos**”.

Há, ainda, os casos de acréscimos do grafema <s> em palavras dentro de sintagmas que, pelo contexto, não expressam ideia de plural, como ocorre nos exemplos de (22) a (30). Considerados como um aspecto da dimensão da *escriptualidade*, assim como o acréscimo de <r> (cf. Tabela 8, na seção 5), esses dados são possíveis hipercorreções.

c) Estruturas com acréscimo de <s> em um dos elementos do SN sem ideia de plural:

(22) [...] ficei muito contete de| **a cioras** te alebrado de| mi [...]. (AOL- 72)

(23) [...] eu solu u memo **Aqueri minno Amigos**| [...]. (AFS- 4)

(24) [...] eu sou **a queri menmo amigos** seu| [...]. (AFS- 4)

(25) [...] nada mas du **seu viri despesado amigos**| [...]. (AFS- 5)

(26) **perzado querido amigos**| Conpadi pitanga [...]. (AFS- 6)

(27) [...] commo vai u senhor di saudi| com **A mihas conmadi** Almerinda| [...]. (AFS- 12)

(28) eu Arecibi| A coua Almavi| cartinnha i firquei| muito saltifeito du| tẽr mim Avizado| *que* u tẽpo esta| muito rouis| conpadi foi A maor| Aligial que eu tivi. na.| miha vida condo eu recibi **a suas cartinha**| | 13 di julho [...]. (AFS- 18)

(29) **Fazendas vasoura** [?]| saudação felicidade.| (LA-120)

(30) [...] para um bom| emtendedor abasta **meia palavras**| (JMS-66)

O acréscimo do <s> ocorreu principalmente no núcleo dos sintagmas, mas também em elementos à esquerda, como em (28), “a suas cartinha”, e até mesmo em um numeral, elemento que já contém a ideia de plural, em “[...] João eu fasso tenção de aparicer| por tá lá **nos quinze dias** [...]” (MCO- 34). Os textos com dados desse tipo são, principalmente, de redatores com maior dificuldade de escrita; assim como em relação às estruturas listadas em *a* e *b*, extraídas de cartas cujos redatores situam-se, a maior parte, no ponto do contínuo de inabilidade referente à *inabilidade máxima*, a exemplo de AFS, AOL e MC, ou à *inabilidade parcial*, como FP, AHC e RAC.

Quadro 7 – Distribuição dos tipos de ocorrências mais raras de marcação do plural, por redator

Posição do constituinte em relação ao núcleo	Redatores		
	Inabilidade máxima	Inabilidade parcial	Inabilidade mínima
Todos os elementos (um ou mais de um) à esquerda sem marcação de plural	AFS, AOL, MC	FP, AHC, JCO, RAC	MNO
Pelo menos um ou mais elementos à esquerda sem marcação de plural	AFS, MC	TB, APS, NIN	APC
Estruturas com acréscimo de <s> em um dos elementos do SN sem ideia de plural	AFS, AOL, LA	JMS, MCO	-

Fonte: elaboração própria.

6.1.2 COMPARAÇÃO COM INÁBEIS DE OUTRA SINCRONIA HISTÓRICA: A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN EM ATAS DO SÉCULO XIX

Em *Concordância nominal (cenar da variação em palcos do século XIX)*, Oliveira, Soledade e Santos (2009) verificaram a variação das regras de concordância de número dentro do SN, a partir de atas, escritas por seis africanos, que fazem parte do *corpus* constituído por documentos da Sociedade Protetora dos Desvalidos, na Bahia. Em uma abordagem descritivo-interpretativista, foram consideradas variáveis linguísticas e sociais através da análise atomística⁸³.

Dos 559 constituintes passíveis de receberem concordância, identificados pelos pesquisadores, 422 (75%) obtiveram a marcação de plural e 137 (25%) não receberam a marca. Os autores atribuem os altos índices de marcação do plural ao fato de serem textos escritos bastante formais, como são as atas, uma tradição discursiva de contornos bem definidos.

⁸³ Nesse tipo de análise, cada elemento passível de receber a marca de concordância é analisado separadamente, ao contrário da análise sintagmática ou não-mórfica, em que o SN inteiro é considerado como unidade de análise.

Diante disso, alguns dados sem marcação de plural merecem atenção, porque podem ser indicativos da dificuldade de alguns redatores com a escrita. É o caso de exemplos sem marcação de plural em elementos pré-nucleares, adjacentes ao núcleo ou não, em estruturas sintagmáticas de constituição variada, como se visualiza nas listas a seguir, organizadas a partir dos dados apresentados por Oliveira, Soledade e Santos (2009).

– Exemplos das atas dos africanos:

a) Estruturas com todos (um ou mais de um) os elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

a Leis (MVS, 02, 19.02.1834)⁸⁴
a Leis (MVS, 04, 05.04.1835)
Actual aDeministradores (JFO, 01, 18.10.1835)
o Senhores (MSR, 13, 06.06.1835)
qualquer Mezários (LTG, 08, 02.02.1833)
meza Mensaes (LTG, 08, 02.02.1833)
seu mensaes (MSR, 15, 11.10.1835)
do termos (JFO, 04, 05.06.1836)
do Mencaes (MC, 02, 02.05.1841)
o novo Estatutos (MSR, 08, 08.02.1834)
o dito Estatutos (MSR, 08, 08.02.1834)
prunanamine Vondades (MVS, 03, 29.03.1835)
da despozicoens Geral (JFO, 02, 01.11.1835)
O pogetos oferecidos (MC, 01, 21.10.1834)
O numeros de cinco (MSR, 15, 11.10.1835)

b) Estruturas com pelo menos um dos elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

o seos trabalho (GMB, 02, 29.12.1834)
a suas Somas (MSR, 15, 11.10.1835)
o socios Adiminstradores (MSR, 06, 07.01.1835)
do Nossos estatutos (JFO, 02, 01.11.1835)
do nossos deveres (JFO, 08, 02.10.1836)
do Nossós Estatuto (JFO, 12, 02.10.1842)
do Novos Adremenetador (MVS, 08, 16.10.1835)
as **nossa** irmãs (MSR, 12, 02.08.1835)
dos **pertencente** Bilhetes (MSR, 15, 11.10.1835)
do Senhores Devedores (MSR, 15, 11.10.1835)

Há, também, estruturas com elementos pré-nucleares sem marcação de plural, mas que integram sintagmas com numeral, categoria que contém marca semântica de concordância, como em: “Nossa Senhora do Ruzario **do** 15 Misterio” (MVS, 03, 29.03.1835), “**pela** 8 ora da Menha” (MC, 01, 21.10.1834), “**ao** dois dia do Mez de Fevereiro” (MVS, 01, 02.02.1834),

⁸⁴ A identificação dos exemplos das atas segue o formato usado por Oliveira, Soledade e Santos (2009), com a indicação da sigla do redator, número do documento e data de escrita.

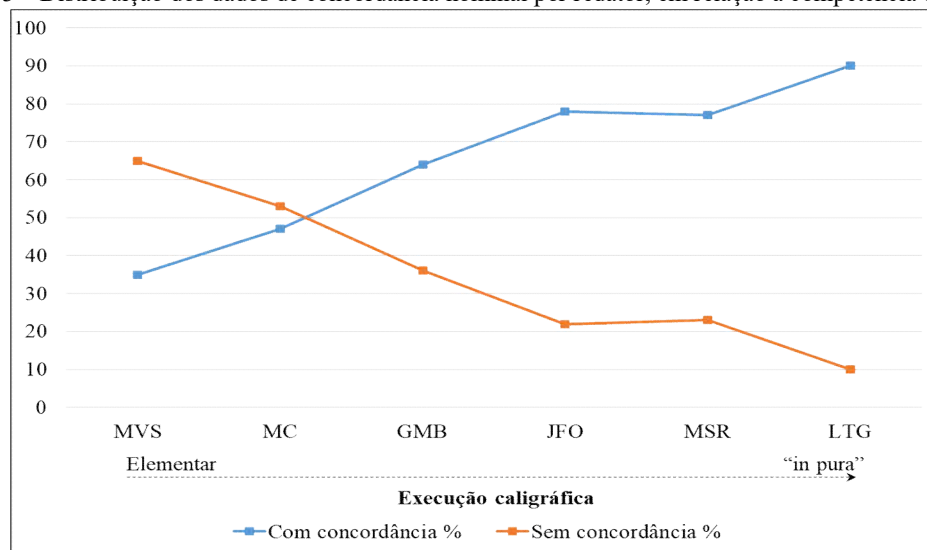
“**ao** deNove dia do Mez de Feverero” (MVS, 02, 19.02.1834), “**ao** Cinco dia do Mez de Abril” (MVS, 04, 05.04.1835), “os **primeiro** fundadores” (MSR, 02, 23.02.1834).

Ainda que, no geral dos dados, ao analisar a *posição do constituinte em relação ao núcleo* – uma das variáveis consideradas pelos pesquisadores –, tenha sido constatada a tendência de que os constituintes pré-nucleares parecem exibir mais a marca de plural que os constituintes pós-nucleares, os exemplos listados em *a* e *b*, que não seguem essa tendência, podem indicar, no caso de redatores com pouca habilidade com a escrita, uma maior dificuldade. Os exemplos saídos das mãos de Manuel da Conceição (MC) e de Manuel Vítor Serra (MVS), por exemplo, coincidem com a menor competência caligráfica exibida em seus textos.

A partir da classificação proposta por Petrucci (1978), quanto às características físicas da execução caligráfica, Oliveira, Soledade e Santos (2009) caracterizam esses dois redatores (MC e MVS) como representantes da competência gráfica *elementar ou de base*, por manifestarem, em seus produtos gráficos, traçado descuidado, incapacidade de alinear as letras num regramento ideal, aspecto desenquadrado das letras, uso de módulos grandes, falta de ligação entre os caracteres das palavras, rigidez e falta de leveza ao conjunto do texto. Ao controlar a variável não linguística *redator do documento*, os pesquisadores identificaram a correspondência que pode ser feita entre a execução caligráfica e a variação na concordância nominal.

No gráfico a seguir, nota-se a relação entre esses redatores estacionados em competência gráfica elementar e os índices mais altos de ausência de marca de concordância:

Figura 33 – Distribuição dos dados de concordância nominal por redator, em relação à competência caligráfica



Fonte: Adaptado de Oliveira, Soledade e Santos (2009, p. 310).

Os índices mais altos de formas pluralizadas são dos textos de Luís Teixeira Gomes (LTG), cuja execução caligráfica é classificada como *in pura*, com características relacionadas a uma escrita tecnicamente bem executada, com presença do módulo pequeno, produzido com segurança e perícia. Seguido aos textos desse redator, estão os de Manuel do Sacramento e Conceição Rosa (MSR), José Fernandes do Ó (JFÓ) e Gregório Manuel Bahia (GMB). O gráfico se inverte quando chega ao ponto representado por Manuel da Conceição (MC) e Manuel Vítor Serra (MVS), com maior ausência de marca de concordância. Essa relação entre execução caligráfica e índices de concordância nominal é semelhante a que é identificada para os redatores sertanejos, como será demonstrado em gráfico apresentado na próxima subseção.

Avelar e Carneiro (inédito), em *Concordância nominal*, analisaram os dados das atas escritas por 23 brasileiros (de nacionalidade comprovada ou não), descendentes de africanos, que também fazem parte do *corpus* da Sociedade Protetora dos Desvalidos, do século XIX, e apresentam um panorama descritivo sobre o fenômeno. Dos 1.755 dados de constituintes nominais com expressão de plural, foi verificada uma taxa de concordância de 72%, contra 28% de não-concordância. Taxas muito semelhantes às encontradas por Oliveira, Soledade e Santos (2009), nas atas dos africanos (75% de concordância, contra 25% de não concordância).

Dos dados levantados por Avelar e Carneiro (inédito), destacam-se, aqui, as estruturas sem marcação de plural em elementos pré-nucleares, mais raras na oralidade e que podem refletir a dificuldade dos redatores com a escrita.

- Exemplos das atas dos afrodescendentes (brasileiros ou prováveis brasileiros):

a) Estruturas com todos (um ou mais de um) os elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

do yurios (AJB, 1864)
o yurios (AJB, 1864)
esta medias (AJB, 21.02.1864)
este artigos (AJB, 06.03.1864)
meu Senhores (AJB, 06.03.1864)
Seu documentos (AJB, 06.03.1864)
do SoCios (AJB, 17.04.1864)
algum Socios (AJB, 17.04.1864)
do regi-mentos (AJB, 01.05.1864)
na Sei-coes (AJB, 22.05.1864)
da fintas (AJB, 16.10.1864)
do Socios (AJB, 06.10.1867); (AJB, 21.02.1864); (AJB, 21.01.1867); (MAC, 06.10.1867); (SRS, 29.11.1868)
do socios (AJB, 21.01.1867)
a explicações (FB, 09.11.1887)

da representações (FPF, 17.05.1846)
o seu tratos (FPF, 05.07.1846)
o trabalhos (FPF, 13.09.1846)
esse aran-ranjos (FPF, 13.09.1846)
no Artigos (FJS, 13.03.1873)
do lemites (FJS, 18.05.1873)
pello apartes (FJS, 15.06.1873)
ao Socios (FJS, 13.03.1873)
a actas (FJS, 03.08.1873)
deste conselhos (FJS, 03.08.1873)
da leituras (FJS, 03.08.1873)
o numeros (FSF, 16.11.1894)
omezes (MJR, 18.10.1840)
da dispezas extarordinarias (MJR, 02.05.1841)
usocios (SFR, 20.10.1873)
este papeis (SFR, 20.10.1873)
inuito pedidos (SFR, 20.10.1873)
da Dispezas (SRS, 29.11.1868)
da Cartas (SRS, 03.01.1869)
do Soçios (SRS, 03.01.1869)
do Sosios (SRS, 14.02.1869)

b) Estruturas com pelo menos um dos elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

o *Senhores* Socios (AJB, 06.03.1860)
da nossas escreturas (AJB, 06.03.1864)
O *Senhores* Socios (AJB, 10.07.1864); (AJB, 10.07.1864)
do *siguintis senhores* (MLF, 04.05.1968)
eo *Irmãos* Secretarios (MJR, 25.02.1841)
 Todos **o** Sosios (SRS, 29.11.1868)
ho *Segintes Senhores* (SRS, 03.01.1869)

Além desses, há os casos de elementos pré-nucleares sem marcação de plural adjuntos ao numeral, categoria que expressa marca semântica de plural, como em: “**Ao** oito dias” (MCS, 08.11.1846) e “**do** dois menores filhos” (AJB, 06.03.1860). De outro modo, há os acréscimos de <s> em palavras que, de acordo com o contexto, não denotam plural, como nos seguintes SNs: “que Se Referia a ho Dizer **do mesmo Sosios** Jerado:” (SRS, 03.01.1869); “i mandor ler o o *Artigo 27/ do estatutos*” (FJS, 13.03.1873).

No quadro a seguir, os exemplos identificados nos *corpora* são comparados:

Quadro 8 – Exemplos de não marcação do plural no SN, na escrita, mais raros na oralidade

Posição do constituinte em relação ao núcleo	Em atas de africanos, séc. XIX	Em atas de afrodescendentes, séc. XIX	Em cartas de sertanejos, séc. XX
Todos os elementos à esquerda sem marcação de plural	<i>o Senhores</i>	<i>do yurios</i>	<i>a minha dores</i>
Pelo menos um dos elementos à esquerda sem marcação de plural - adjacente	<i>as nossa irmãs</i>	<i>Todos o Sosios</i>	<i>as minha saudações</i>
Pelo menos um dos elementos à esquerda sem marcação de plural - não adjacente	<i>o seos trabalho</i>	<i>do siguintis senhores</i>	<i>desta atrevidas. linhas.</i>
Elementos pré-nucleares sem marcação de plural, em sintagmas com numeral	<i>do 15 Misterio</i>	<i>Ao oito dias</i>	<i>nu teis menino</i>
Estruturas com acréscimo de <s> em um dos elementos do SN sem ideia de plural	-	<i>do mesmo Sosios Jerado</i>	<i>a cioras</i>

Fonte: elaboração própria.

É possível notar certa semelhança entre as estruturas de não marcação do plural no SN, nas atas, de africanos e de afrodescendentes, e as que foram identificadas nas cartas dos sertanejos. São, principalmente, estruturas sem marcação de plural em elementos pré-nucleares, exemplos menos comuns na oralidade e podem indicar marca de menor habilidade na dimensão da *escriptualidade*.

6.1.3 DADOS MAIS TRANSPARENTES À ORALIDADE: USOS VARIÁVEIS DE MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN, NAS CARTAS

Pretende-se discutir, aqui, sobre a presença, nas cartas, de dados de não concordância que sejam possíveis reflexos da fala, contrastando com os dados apresentados nos itens anteriores, que seriam marcas de inabilidade no nível da *escriptualidade*.

Segundo Barbosa (2017, p. 21), por vezes o usuário de *corpora* supõe a relação entre a “[...] escrita de redatores inábeis (que abriga, por vezes, variantes escritas mais transparentes de processos fonéticos) e uma maior abertura à oralidade mais vernácula em outros planos da língua, como o sintático e o morfológico”. Então, busca-se verificar se esses dados da escrita estão presentes em dados orais, já que se supõe encontrar, nesse tipo de texto, uma sintaxe mais próxima da fala, por causa da presença de marcas de oralidade na escrita. A questão motivadora é então, saber se há alguma aproximação entre marcas de inabilidade da escrita, do século XX, e aspectos da oralidade, mesmo que em dados de fala, produzidos décadas

depois da escrita das cartas, extraídos das entrevistas-narrativas gravadas com os sertanejos que estão vivos.

Santos (2017), em *A variação da concordância nominal de número em cartas de inábeis do sertão baiano (1906-2000)*, faz uma análise minuciosa da concordância gramatical de número plural entre os elementos flexionáveis do SN em 91 das cartas dos sertanejos (o *corpus* total é constituído por 131 cartas).

A pesquisadora identificou 318 sintagmas nominais passíveis de receber a concordância de número plural nos textos. Através de análise na perspectiva sintagmática, foi considerada a presença de marca de plural formal em todos os elementos flexionáveis do SN *versus* ausência de marca em pelo menos um dos elementos flexionáveis do SN, apresentando o seguinte resultado: dos constituintes, apenas 99 (31%) receberam a marcação de plural, enquanto que 219 (69%) não receberam essa marca. Foi realizada, também, uma análise na perspectiva atomística, em que se considerou como dado cada um dos constituintes flexionáveis dos SNs plurais. Dos 710 constituintes passíveis de receber a concordância de número dentro do SN, 420 (59%) obtiveram a marcação de plural, ao passo que 290 (41%) não receberam a marca, índices de ausência de marcação mais altos que os encontrados por Oliveira, Soledade e Santos (2009), nas atas do século XIX (25%).

Tabela 13 – Taxas de variação da concordância entre os itens do SN, em dados de escrita

	Cartas dos sertanejos, séc. XX		Atas dos africanos, séc. XIX	
	Frequência	%	Frequência	%
Com concordância	420/710	59	422/559	75
Sem concordância	290/710	41	137/559	25

Fonte: Adaptado de Santos (2017) e Oliveira, Soledade e Santos (2009).

Esses índices mais altos de ausência de marcação do plural podem ser reflexo do maior grau de informalidade das cartas, em relação às atas, que, como Oliveira, Soledade e Santos (2009) afirmam, são textos de uma tradição discursiva com contornos bem definidos.

Para a tabela a seguir, distribuíram-se, aqui, os constituintes por redator, a partir dos 318 dados gerais de Santos (2017), relativos à análise sintagmática (31% com concordância e 69% sem marca de concordância), a fim de verificar quais *mãos* refletem esse aspecto morfosintático variável, que é comum à oralidade, de modo mais expressivo na escrita. Em textos de 39, dos 43 redatores (considerando-se, apenas, os redatores da primeira parte do *corpus* – 91 cartas), foram localizados sintagmas passíveis de receber a marcação de número plural.

Tabela 14 – Distribuição dos dados de concordância nominal por redator

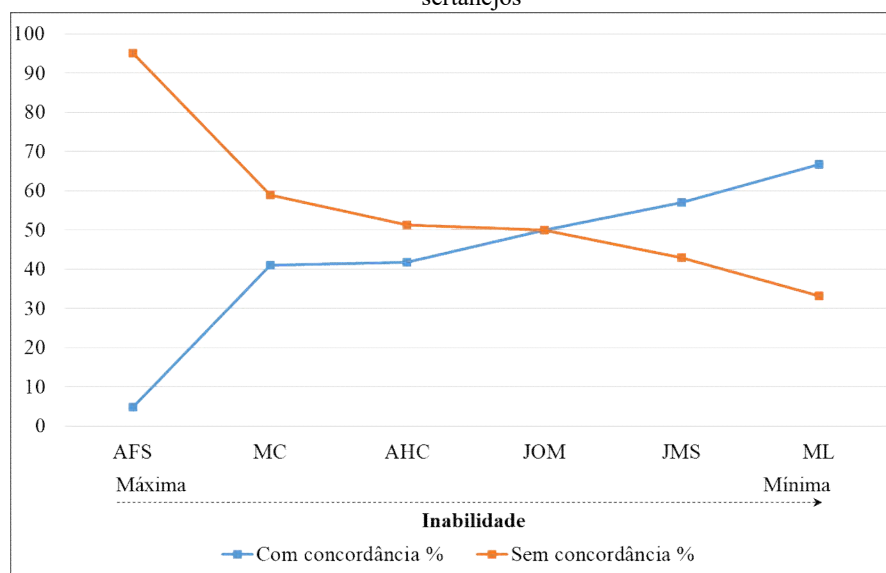
Redatores	SNs com concordância		SNs sem concordância		Total
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	
AFS	4	4,8	80	95,2	84
GOR	9	90	1	10	10
JOM	1	50	1	50	2
JCO	2	28,6	5	71,4	7
LFO	1	33,3	2	66,7	3
MCO	1	12,5	7	87,5	8
MC	9	41	13	59	22
NIN	5	71,4	2	28,6	7
RCO	-	-	1	100	1
SFS	4	57,1	3	42,9	7
APS	3	33,3	6	66,7	9
FPS	3	50	3	50	6
ICO	-	-	1	100	1
ZBO	1	25	3	75	4
ZSS	-	-	8	100	8
AHC	10	41,7	14	58,3	24
JS	-	-	1	100	1
ASC	1	100	-	-	1
JMA	-	-	2	100	2
JMS	20	57,1	15	42,9	35
DCS	2	66,7	1	33,3	3
ZLS	2	20	8	80	10
AOL	-	-	2	100	2
ROM	1	50	1	50	2
ZJS	-	-	2	100	2
LM	-	-	1	100	1
MMO	2	100	-	-	2
ML	2	66,7	1	33,3	3
FP	2	11,8	15	88,2	17
AML	-	-	3	100	3
JPC	-	-	1	100	1
APC	1	50	1	50	2
MDC	6	66,7	3	33,3	9
RAC	3	30	7	70	10
VAN	1	33,3	2	66,7	3
IZA	2	100	-	-	2
JSS	-	-	1	100	1
IPO	1	100	-	-	1
BMO	-	-	2	100	2
Total	99	31	219	69	318

Fonte: elaboração própria.

Dos 39 redatores, 24 manifestaram, em seus textos, um maior percentual de SNs sem marcação de plural. Relacionando os dados ao contínuo de inabilidade construído na seção 5 (cf. Figura 32 e Quadro 6), observa-se uma correspondência entre maior inabilidade do redator com a escrita e maiores índices de ausência de concordância nominal. Todos os redatores que se situam no ponto do contínuo referente à *inabilidade máxima* apresentam um maior percentual de constituintes sem marca de plural formal, como AFS (95,2%), MC (59%), VAN (66, 7%), JS, JMA e AOL (100 %).

Para melhor visualização, no gráfico seguinte, comparam-se os seis redatores, dois de cada ponto do contínuo.

Figura 34 – Exemplo de distribuição dos dados de marcação de plural no SN por redator, nas cartas dos sertanejos



Fonte: elaboração própria.

Desses seis redatores, os que apresentam um índice maior de constituintes sem concordância são AFS e MC, cujos textos exibem, também, um conjunto de características próprias ao que se considera, aqui, como *inabilidade máxima*. Em seguida, os que correspondem a uma *inabilidade parcial* (AHC, JMS) e *mínima* (JOM). No sentido inverso do gráfico, ML, cuja inabilidade é, também, considerada *mínima*. Os dados referentes às cartas de redatores com menor inabilidade (JOM e ML) são poucos, considerando-se que, tal como em relação às demais cartas de remetentes assim caracterizados, os textos são curtos, na grande maioria dos casos, contendo menos de cem palavras.

As sentenças de (31) a (36) exemplificam casos de ausência de concordância no SN, identificados na escrita desses seis redatores citados, dois ilustrando cada ponto do contínuo de inabilidade.

(31) [...] lenbarnca **As| meninaØ** da| qui [...]. (AFS- 10)

(32) [...] **as galinhaØ** que eu tem aí e| a que <↑?> foi de brenadete que esta com us| Pintos [...]. (MC- 37)

(33) Quero Ser **teus olhoØ**, te sequir de| perto e Ser todo certo o teu camin-|har. [...]. (AHC- 57)

(34) [...] Encontrei a Safra de ferreiro| uma de 360 cruzeiros e outra por| **200,00 cruzeiroØ** [...]. (JOM- 30)

(35) [...] lhi pesco **as minhas desculpaØ** que| são as minhas poucas praticas [...]. (JMS- 66)

(36) [...] Quando a senhora| escrever para ele mande **lembran| ças minhaØ** <↑de josé> e dos meninos.| [...]. (ML- 77)

Diferente dos dados que caracterizam a inabilidade na dimensão da *escriptualidade*, apresentados em 6.1.1, os exemplos de (31) a (36) podem estar mais próximos das estruturas de oralidade. Os resultados de estudos que trabalham com *corpora* orais indicam a propensão de haver muito mais marcação de plural nos elementos flexionáveis que se encontram à esquerda do núcleo, adjacentes a ele ou não (cf. LOPES, 2001; BAXTER, 2009). Nesses exemplos, a marcação de plural é predominante nos elementos à esquerda e a não marcação ocorre no núcleo ou nos elementos à direita.

6.2 EXEMPLOS DE NÃO MARCAÇÃO DO PLURAL NO SN, NA ORALIDADE DOS SERTANEJOS

Para verificar se há alguma aproximação entre a não marcação do plural no SN em dados da fala dos redatores e o que foi observado na escrita, realizou-se um levantamento de alguns exemplos, extraídos das entrevistas-narrativas. Por conta da distância temporal (tempo da escrita das cartas e tempo das gravações), não foi realizado um estudo quantitativo dos dados, com controle de variáveis, mas apenas uma descrição de alguns exemplos, extraídos da fala de três dos entrevistados (AFS, ACO e RAC), para verificação do tipo de estrutura em que ocorre a ausência da marca de plural.

– Exemplos de dados de não concordância, na oralidade dos sertanejos:

meus filhoØ hoje que mora tudo pra lá (AFS)
 hoje **meus filhoØ** mora tudo lá (AFS)
 É... **essas cartaØ** eu fiz de lá sem saber a ler (AFS)
 eu via **as cartaØ dos outroØ** (AFS)
 eu pegava **as cartaØ** (AFS)
 olhava **pras cartaØ** assim (AFS)
 eu olhava pra caneta **dos outroØ** escrevia a (AFS)
as criançaØ ia montado de animal, nós não (AFS)
essas cartaØ aí que eu fiz foi de cinquenta e oito (AFS)
 tinha sodade **dos amigoØ** muita sodade (AFS)
 aí os... **os caraØ** que tinha carta escrevida (AFS)
aqueles garranchoØ, aquelas cartinhaØ (AFS)
 em São Paulo mesmo... **uns pessoalØ** escrevia pra Bahia (AFS)
uns amigoØ escrevia pra Bahia,
 pegava **umas letraØ** escrevia (AFS)
as vezeØ o pessoal pegava aquele livro (AFS)
 papel que tinha **aquelas letraØ** (AFS)
 ali eles via [inint] **meus amigoØ** lá de São Paulo (AFS)
 a noite e o dia eles ficava e **aqueles caraØ** que (AFS)
 pegava **aquelas gazetaØ, aqueles papelØ** ia leno (AFS)
 e leno **aquelas passageØ** (AFS)
 cê vê que **os pessoalØ** mais desenvolvido (AFS)
meus irmãoØ era tudo menor (AFS)
 eu não sei se ele... **essas cartaØ** que ele fez (AFS)
 aí também foi **poucos diaØ** de escola (AFS)
 a leitura de **minhas irmãØ** foi essa (AFS)
 eles contava **aquelas historiaØ** (AFS)
 ninguém credita **nas historiaØ** (AFS)
 votava pra traz, **os paiØ** sentado ali, elas não vinha (AFS)
 porque **as outraØ** tá verdinha, chamava de novo era verde (AFS)
as outraØ tá verdinha (AFS)
 dispôs **os paiØ** da moça pegava a moça (AFS)
 Contava **aqueles casoØ todoØ** (AFS)
 isso tudo eu me lembro, é **os casoØ** de... é (AFS)
 e a gente lembra dos... **dos passadoØ** tudo, **dos amigoØ** (AFS)
 e a Bibla **naqueles tempoØ** era escondida (AFS)
os padeØ tinha ela num mostrava pa ninguém (AFS)
 falava **as coisaØ** que você nem sabia (AFS)
 quando eu peguei leno lá com **os meninoØ** lá (AFS)
 pedia **as pessoaØ** “me ensina aqui” é? (AFS)
 Aí a pessoa me ensinava, né? **As pessoaØ** que num (AFS)
 perguntava **aquelas pessoaØ** que entendia mai do que eu (AFS)
 ensinou **poucos diaØ** na casa do meu avô (AFS)
 teve essa escola [inint.] **as meninaØ** aprendero (AFS)
dos titoØ veiØ de tigamente aquele (AFS)
 Não teve **aqueles tito** de papé que tem (AFS)
 deste tamanho, **aqueles cartão?** (AFS)
 Pra **esses titoØ novoØ**... pras **esses tito** (AFS)
 renovar **aqueles tito** (AFS)
 fazeno **esses cadastro**, eu cadastrei muitos (AFS)
 olhava pra o... pra o... **as letraØ dos outroØ** e fazia olhano (AFS)
 Pitanga tem **essas cartaØ**... provavelmente que tem, né? (AFS)
 que eles guardaro essa carta... **essas cartaØ** lá (AFS)

olhano **pelas outraØ**, letra **das outraØ** assim e fa... fazeno né? (AFS)
os amigoØ aí... aí eu escre... fazia **aquelas cartaØ** toda doidada (AFS)
as letraØ toda... fazia olhano por uma, né? (AFS)
 com **aquelas letraØ** que o pessoal (AFS)
 dano merguio, era **os diaØ** de domingo era **os diaØ** de foga da gente (ACO)
 aqui só quem nasceu aqui só foi a galerinha... **meus filhoØ**... foi (ACO)
 ela... comprava **os livroØ** pra gente ler (ACO)
 aqui eu era dento **desses pastoØ** aí limpano mandioca (ACO)
 se eu lembro **quantas cartaØ**? (ACO)
 Santa Luz... Queimada, é **os lugarØ** que eu já tive trabalhano (ACO)
 assim como... **pocos diaØ** mehmo fui fazer uma carteira (ACO)
 mas **as vezØ** intrapalha por causa que a visão tá mei poca (ACO)
 aí quem fez **os otos irmãoØ** teve uns que foi estudar em... em Coité (RAC)

Não há muita variação quanto às estruturas dos SNs identificados, a maioria é constituída por um determinante e um nome, e a ausência de marca de plural incidiu, predominantemente, no núcleo dos SNs. A não marcação no núcleo e no elemento à direita é identificada apenas em três exemplos: “aqueles **casoØ todoØ**”, “dos **titoØ veiØ**” e “esses **titoØ novoØ**”. Há muitas ocorrências de sintagmas com numeral, classe que contém marca semântica de concordância, em que o elemento não marcado de plural é, também, o núcleo.

– Exemplos de SNs com numeral, com núcleo sem marca de plural, na oralidade:

eu tenho **oito filhoØ** em São Paulo (AFS)
 tinha vez de escrever **dez cartaØ** pra Bahia (AFS)
 de uns... **cinquenta anoØ** pra cá (AFS)
 o desenvolvimento é de **cinquenta anoØ** pra cá (AFS)
 quem trabalhava com meu pai, com **doze anoØ**, **teze anoØ**, catoze (AFS)
 e já tinha casado a **quinze diaØ** ou a vinte ou **trinta diaØ** (AFS)
 e aí... de dois a **três anoØ** (AFS)
 com a gente com doze, treze, **dez anoØ**, **oito anoØ**, **nove anoØ** (AFS)
 que se passou comigo com oito, **nove anoØ**, me lembro de tudo (AFS)
 agora o que se passa daqui a **quinze diaØ** atrás (AFS)
 eu cadastrei... **mil e oitocentos titoØ** aqui de Riachão (AFS)
 cê vê com uns quatro, cinco, **seis anoØ** de escola (AFS)
 e quando a gente já tava com **seis anoØ** pai já botou na roça (ACO)
 Desde **os nove anoØ** (RAC)
 na época por **meus dezessete anoØ** (RAC)
 parece que era seis... **seis irmãoØ**... **seis irmãoØ** estudava na casa (RAC)

Com uma comparação entre esses exemplos de oralidade e os dados da escrita dos sertanejos, nota-se que alguns contextos de não marcação do plural percebidos na escrita não foram localizados na fala, como a ausência de marca nos elementos à esquerda do núcleo, ainda que em poucos casos, registrada nas cartas. No quadro a seguir, sistematiza-se a comparação entre as estruturas de não marcação identificadas:

Quadro 9 – Estruturas de não marcação do plural no SN, na escrita e na fala dos sertanejos

Posição do constituinte não marcado	Na escrita dos sertanejos	Na fala dos sertanejos
Todos os elementos à esquerda do núcleo sem marcação de plural	+	-
Pelo menos um dos elementos à esquerda do núcleo, sem marcação de plural - adjacente	+	-
Pelo menos um ou mais elementos à esquerda do núcleo, sem marcação de plural - não adjacente	+	-
Elementos pré-nucleares sem marcação de plural, em sintagmas com numeral	+	-
Núcleo sem marcação de plural, em sintagmas com numeral	+	+
Estruturas com acréscimo de <s> em um dos elementos do SN sem ideia de plural	+	-
Apenas o núcleo sem marcação de plural	+	+
Elementos à direita do núcleo, sem marcação do plural	+	+

Fonte: elaboração própria.

6.3 OUTROS ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO MORFOSSINTÁTICA, NAS CARTAS DO SÉCULO XX

Apresentam-se, adicionalmente, alguns exemplos de outros fatos morfosintáticos na escrita inábil, como a marcação de gênero no SN e alguns casos de construções com relativas, a partir das cartas que constituem o *corpus*.

6.3.1 A MARCAÇÃO DE GÊNERO NO SN

Ainda que em pouca quantidade, na escrita dos sertanejos foram identificados alguns casos com variação na marcação de gênero, fenômeno que não é um traço típico do português brasileiro. Segundo Lucchesi (2009), a variação na concordância de gênero só é registrada, em nível mais significativo, em dados de comunidades que vivenciaram um contato linguístico mais intenso.

Nos exemplos das cartas, a marcação irregular de gênero, reflexo da dificuldade dos redatores com a escrita, ocorre em alguns contextos menos prováveis de variação, como os sintagmas que se referem a seres animados, nos exemplos de (37) a (42), em que o gênero tem uma relação com a distinção entre os gêneros/sexos dos seres. Nesses casos, o gênero deve

expressar, mais que um índice gramatical, uma correlação semântica com o item lexical, no plano referencial.

a) Estruturas com marcação irregular de gênero:

- (37) [...] pidindo-lhi a Vossa *Excelentíssima* Senhorita| **sua irmão** Ana em casamento [...] (RCO-39)
- (38) Conpade pitanga eu jar li| mandei 2 carta i **do Senhora**| eu So Resibil [...] uma|(LFO-32)
- (39) Conpade **o Senhora** pase uma| bensão ni antonia [...] (LFO-32)
- (40) Quando **a cinhor** min escreveu (AFS-45)
- (41) **Perzada querido estimado**| **Commadi Almerinda Maria di**| **Oliveira** commadi u destas| duas linha ir solmenti par dar| (AFS-45)
- (42) **Excelentíssimo Senhora**| Amerinda Carneiro de Oliveira| (FPS-47)
- (43) Teus beijos ficaram nos meus lábios com **o mesma suavidade...** (RAC-90)
- (44) eu vou passando como que Jeus e sintindo| **e numeros as saudades** das nossa paslestar.. formidavel|⁸⁵ (SFS-40)
- (45) [...] par li dar **As minho notícia** i di toudo ceu percoal| (AFS-15)
- (46) [...] non civico muito| riquouzo eu larbalho **num** [...] **Chiminnel** di um ma Farbirca (AFS-8)
- (47) a ricibi **sua carta** i| Fice siente de tudo que **nelo** eci[?]va | Nela e ci vio (SFS-41)

Nesses exemplos, há estruturas com marcação irregular de gênero em elementos à esquerda do núcleo, em alguns, na posição de adjacência a ele, como em (45), “As **minho** notícia” (AFS-15). São estruturas ainda mais raras, pois assim como nos casos da marcação da concordância de número no SN, os estudos demonstram que a regra de concordância é favorecida pelas estruturas mais integradas, de modo que os elementos mais próximos ao núcleo, à esquerda dele, adjacentes, tendem a uma maior marcação da concordância de gênero (LUCCHESI, 2009).

Há dados em que não há clareza sobre a intenção do redator, como na sentença “Dejiso que esta linha va li emco|ntra gosado saude i felicidade com| **Todos sua familia**” (SFS-41), que pode conter uma marcação irregular do gênero, se o SN for interpretado como “com toda sua família”, mas pode ter havido uma omissão da preposição “da”, equivalendo a “com todos da sua família”.

⁸⁵ Interpretou-se “e números” por “inúmeros” porque, na carta 47, há uma sentença semelhante, com marcação adequada do gênero: “sintindo enumeras as saudades das nossa| palestar” (FPS-47).

A maior parte dos dados com marcação irregular de gênero está em textos de redatores que estão situados, no contínuo de inabilidade, nos pontos de *inabilidade máxima* (AFS-4 ocorr.) e *parcial* (LFO-2 ocorr., FPS, RAC e SFS).

Na fala de três dos sertanejos entrevistados (AFS, ACO e RAC), foi identificada apenas uma ocorrência de uso não-padrão da concordância de gênero:

(48) aqueles tito de papé que tem **aquele** foto deste tamanho, aqueles cartão? (AFS-fala)

O nome “foto” é feminino, mas com tema em -o, o que pode gerar maior dificuldade para estabelecer a concordância. Diferente dos dados identificados na escrita desse mesmo redator, em que há, diante de nomes com correspondência entre o gênero e o tema, alguns casos de marcação irregular nos elementos pré-nucleares, como em “Perzada **querido estimado** Commadi” (AFS-45). A ausência de dados desse tipo, na oralidade, pode indicar que sua presença, na cartas, é um traço de inabilidade no nível da *escriptualidade*.

6.3.2 CONSTRUÇÕES COM RELATIVAS

As sentenças relativas, nas cartas dos sertanejos, foram estudadas por Mascarenhas (2016), com o objetivo de identificar quais as estratégias são mais usadas pelos redatores e se estariam mais próximas às variantes populares do português brasileiro e/ou se seriam semelhantes a processos comuns de indivíduos em fase de aquisição de escrita, com construções próximas às encontradas em estudos sobre aquisição. Dos 121 dados levantados pela pesquisadora, em 91 das cartas que compõem o *corpus* (no geral, são 131 cartas), a maioria corresponde a funções sintáticas não preposicionadas (relativas padrão com função de sujeito ou predicado), como em (49), e apenas 07 referem-se a casos de relativas em funções preposicionadas, como em (50) e (51). Devido a essa pouca frequência de dados que correspondem a funções preposicionadas, não foi possível chegar a verificações acerca dos processos de variação e mudança no sistema linguístico do português brasileiro, em relação às estratégias de relativização⁸⁶.

A maior frequência de relativas em funções sintáticas não preposicionadas ocorre, segundo explicação de Corrêa (1998) – que analisou os vários empregos de relativas, na

⁸⁶ Estudos (TARALLO, 1993; RIBEIRO, 2009, dentre outros) têm evidenciado as seguintes variantes para as estruturas relativas do português brasileiro: relativa padrão com preposição (*pied-piping*), relativa não-padrão cortadora e relativa não-padrão cortadora com pronome lembrete.

perspectiva dos estudos de aquisição⁸⁷ –, porque não precisam ser aprendidas na escola, têm o mesmo *output* em qualquer nível de escolaridade. As relativas preposicionadas, por outro lado, só passam a ter um uso produtivo, por meio da educação formal.

(49) Relativa padrão com função de sujeito:

[...] i aceiti as minha lenbraca|l abraço i muita saudadi desta di minuta amiga| **qui** muito li estima com todo o meu coração| [...] (FPS-78)

(50) Relativa padrão com preposição (*pied-piping*) – função de objeto indireto:

[...] so mi aquexo da minha poça| sorti não mi aquexo di ninguem| pore**m a quem** deus prometi vinte| não dar dirreis entritanto estou| bem [...] (JMS-67)

(51) Relativa não-padrão cortadora – função de adjunto:

[...] Sim compadi condo u sinhor| min esquever eu tenho esti indereço| Bom da firma **que** eu tarbalho| Rua Camacan nº 2/0 Vila| Anastacio São Paulo So funji (AFS-13)

Dos 07 dados que se referem a casos de relativas em funções preposicionadas, apenas dois foram registrados na forma padrão, com presença da preposição, e em relação ao exemplo (50), a sentença é uma reprodução do provérbio popular “a quem Deus promete vintém, não dá dez réis”, ou seja, um dado que reproduz uma estrutura mais complexa, mas pouco espontânea.

Foram localizados, também, dois casos de prováveis hipercorreções em relativas com função de objeto direto, através da inserção da preposição *de* acompanhada do marcador relativo *que*, construção não-padrão conhecida como *dequeísmo*, em (52) e (53).

(52) [...] estou| bem satisfeita com os incombodo| **de que** deus tem mi dado comadre (JMS-67)

(53) Amiga aceiti muita lembrança **di qui** minha mai manda| i l abarco (FPS-78)

Destacam-se aqui, alguns casos não contabilizados no trabalho de Mascarenhas (2016), mas que podem ser ilustrativos da dificuldade dos redatores com a escrita. São construções consideradas pela pesquisadora como *erros de performance*, que demonstram a dificuldade na produção das sentenças relativas e de outros elementos interligados a essas estruturas, como nos exemplos (54) e (55).

⁸⁷ A pesquisadora examinou o que as crianças falam, o que acontece na escola enquanto adquirem a forma aceita como a melhor e o que os adultos cultos produzem, a partir de narrativas orais e produções escritas, de escolares (1º e 2º grau) e de informantes não escolarizados; e de dados da fala urbana culta.

(54) por fim Adeuzinho de longi| que deperto não posso trazer| **qui** e Mariazinha Caneiro di Oliveira| [...] (MC-37)

(55) [...] e resebra Lenbran| **que** e a sua irman| Mariazinha Carneiro de Oliveira| [...] (MC-50)

Essas construções são semelhantes a outras relativas que aparecem em fórmulas (expressões cristalizadas, que se repetem) de despedida, mas não há clareza na estrutura. Muitos dos casos de relativas com função não preposicionada foram identificadas em contextos de fórmulas: 47 casos em fórmulas de despedida e dois em fórmulas de saudação inicial.

Dos 43 redatores da primeira parte do *corpus* (91 cartas), 30 produziram algum tipo de sentença relativa. Quanto às estratégias de relativização em estruturas com função preposicionada, apenas 5 redatores produziram algum tipo de estratégia: LM, JMS e MDC, situados no ponto do contínuo que corresponde à *inabilidade parcial*; VAN e AFS, que se situam no ponto de *inabilidade máxima*. Desses, apenas LM e JMS produziram a relativa padrão com preposição, os demais produziram a relativa não-padrão cortadora, ou seja, sem a realização da preposição.

Quadro 10 – Uso de relativas com função preposicionada, na escrita

Estratégias	Redatores	
	Inabilidade máxima	Inabilidade parcial
Uso da relativa padrão, com preposição	-	LM, JMS
Uso da relativa não-padrão, cortadora	VAN, AFS	MDC

Fonte: elaboração própria.

Sem a pretensão de um estudo quantitativo, com controle de variáveis, verificou-se, na fala de dois dos sertanejos entrevistados (ACO e RAC), quais as estratégias de relativização foram mais usadas. Identificaram-se poucos dados (16 ocorrências) com construções de sentenças relativas. A maioria refere-se a funções sintáticas não preposicionadas (relativas padrão com função de sujeito e predicado), como em (56). Dos dados que correspondem a funções preposicionadas (7 ocorrências), nenhum foi registrado na forma padrão, ou seja, a preposição não foi usada, como em (57).

(56) Relativas padrão com funções não preposicionadas, na fala:

- a. aqui só **quem** nasceu aqui só foi a galerinha. (ACO)
- b. aí **quem** fez os otos irmão teve uns que foi estudar em... (RAC)
- c. A professora **que** tinha aqui era... dá quase uma légua. (ACO)

(57) Relativa não-padrão cortadora, na fala:

- a. Santa Luz... Queimada, é os lugar **que** eu já tive trabalhano. (ACO)
- b. eu lembro de tanta coisa do tempo **que** a gente brincava eu mais Zeca e compade Hidebrando. (ACO)
- c. Ah, eu não sei não... na hora **que** dava vontade, escrevia. (RAC)

Nos dados de fala, não foram localizadas construções que se parecem relativas, mas que não há clareza na estrutura, como foram encontradas na escrita, nos exemplos (54) e (55) e, também, não foram identificados casos de *dequeísmo*. Construções como essas podem ser indicativas de uma maior dificuldade com a escrita, uma marca de inabilidade na dimensão da *escriptualidade*.

Ainda que, no geral, os dados de relativas com funções preposicionadas sejam poucos, no quadro a seguir sintetizam-se os tipos de construções identificadas.

Quadro 11 – Construções com relativas, na escrita e na fala dos sertanejos

Construções	Na escrita dos sertanejos	Na fala dos sertanejos
Relativas padrão em função não preposicionada	+	+
Relativa padrão com função preposicionada (<i>pied-piping</i>)	+	-
Relativa não-padrão cortadora (sem uso da preposição)	+	+

Fonte: elaboração própria.

6.4 SÍNTESE

A presença de alguns fatos de aspectos morfossintáticos, no *corpus*, principalmente da marcação de plural no SN – já que os dados de outros aspectos observados são em pequena quantidade – permite perceber que, para os textos de inábeis do século XX, há uma aproximação a traços da oralidade. Por outro lado, há fatos que não são mero reflexo da fala, mas são indicativos de uma maior dificuldade dos redatores com a escrita, ou seja, são marcas de inabilidade no nível da *escriptualidade*, como detalhado a seguir e no Quadro 12:

- a) há dados de marcação de plural no âmbito do SN, identificados nas cartas do século XX, que, pelo visto, não são vernaculares, mas da *escriptualidade*, como os casos de não marcação nos elementos flexionáveis à esquerda do núcleo, adjacentes a ele ou não. Dados desse tipo foram identificados também em atas de africanos e afrodescendentes, do século XIX. Há, também, casos de hipercorreção,

- com o acréscimo do grafema <s> em final de palavras dentro de sintagmas que, pelo contexto, não expressam ideia de plural. Comparando-se os exemplos da escrita aos dados da oralidade dos sertanejos, nota-se que, na fala, não há casos de não marcação do plural nos elementos à esquerda do núcleo, ainda que em poucos dados, registrado nas cartas;
- b) os dados de marcação irregular de gênero parecem ser reflexo da dificuldade dos redatores com a escrita, ocorrendo em alguns contextos menos prováveis de variação, como os sintagmas que se referem a seres animados. Não foram identificadas marcações de gênero desse tipo, nos dados de fala;
 - c) há uma baixa ocorrência de sentenças relativas com maior complexidade estrutural, isto é, daquelas que possuem funções sintáticas preposicionadas, o que pode estar relacionado à dificuldade dos redatores com a escrita, como já foi observado em dados infantis (CORREIA, 1998). Na oralidade, também foram poucas, as ocorrências de relativas preposicionadas e nenhuma na forma padrão;
 - d) a maior parte dos dados de representação morfossintática com construções irregulares, nos aspectos observados, está registrada em textos que manifestam uma inabilidade máxima ou parcial de seus redatores.

Quadro 12 – Síntese dos aspectos morfossintáticos na escrita inábil

Marcas de inabilidade – dimensão da <i>escriptualidade</i>
Estruturas de marcação de plural no SN Todos os elementos à esquerda do núcleo sem marcação de plural. Elementos pré-nucleares sem marcação de plural, em sintagmas com numeral. Estruturas com acréscimo de <s> em um dos elementos do SN sem ideia de plural.
Marcação irregular de gênero (principalmente em sintagmas que se referem a seres [+ animados])
Marcas de inabilidade - reflexo da oralidade
Estruturas de marcação de plural no SN Apenas o núcleo sem marcação de plural. Elementos à direita do núcleo, sem marcação do plural. Núcleo sem marcação de plural, em sintagmas com numeral. Pelo menos um dos elementos à esquerda do núcleo, sem marcação de plural – adjacente ou não adjacente (ainda que ausentes nos dados de fala dos sertanejos, dados desse tipo são registrados por estudos com <i>corpora</i> de fala⁸⁸, em poucas ocorrências).
Construções com relativas Relativa não-padrão cortadora (sem uso da preposição)

Fonte: elaboração própria.

⁸⁸ Cf. Scherre (1988), Lopes (2001, 2016) e Baxter (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação buscou estabelecer uma proposta metodológica para o reconhecimento da inabilidade em escrita alfabética, a partir do estudo de um conjunto de aspectos de inabilidade, usando um *corpus* constituído por 131 cartas pessoais, escritas por sertanejos baianos, no século XX, na tentativa de contribuir com o estabelecimento de parâmetros para o tratamento metodológico de outros *corpora*. Para a caracterização das *mãos inábeis*, realizou-se a descrição de várias propriedades, em diferentes dimensões, algumas já sistematizadas em estudos antecedentes, em *corpora* de outras sincronias. Os aspectos externos à escrita, relacionados ao perfil sociocultural dos redatores e ao contexto de produção dos documentos, foram caracterizados por meio de entrevistas-narrativas com alguns remetentes e destinatários. Apresentam-se, a seguir, os principais resultados deste trabalho.

a) Para a primeira etapa, a identificação de indícios sobre os processos de difusão da escrita na região estudada, das práticas letradas da época, apostou-se na potencialidade do uso de fontes orais e foi possível concluir que:

- i. no semiárido baiano, principalmente até meados do século XX, o processo de escolarização formal não foi um fator determinante para a apropriação das práticas de escrita pelos sertanejos. Correlacionando o desempenho na técnica de escrever aos percursos de participação na cultura escrita, dos redatores envolvidos nesta pesquisa, verifica-se que não há muita diferença entre aqueles que frequentaram mais tempo um espaço escolar e os que aprenderam a escrever através de outros processos;
- ii. os sertanejos *inventaram* modos próprios, legítimos, de se apropriar do processo de escrita, com as possibilidades cotidianas: além do espaço escolar (muitas vezes, improvisado, com professoras leigas), também os espaços domésticos, o acesso a materiais de leitura e o processo de migração para grandes cidades propiciaram formas de participação nas práticas de letramento. Ainda que circulassem na região folhetos de cordel, cartas, textos religiosos, cartilhas e, de forma mais rara, jornais, o acesso a textos modelares do período foi limitado.

b) Para a etapa de identificação dos aspectos de inabilidade em escrita, a descrição das marcas por dimensões específicas e o cruzamento de algumas dessas dimensões permitiram verificar que:

- i. não há um único padrão de inabilidade. Neste estudo, foi possível estabelecer uma gradiência de tipos de inabilidade, caracterizada em um contínuo, com os níveis máximo, parcial e mínimo.
- ii. a inabilidade *máxima* pode ser identificada pela maior presença, nos textos, de aspectos referentes à *escriptualidade* (desconhecimento de convenções gráficas, como a dificuldade em grafar sílabas complexas com /r/ ou /l/), em coocorrência aos índices grafonéticos. São textos que apresentam marcas de inabilidade em, praticamente, todas as dimensões, como a ausência de sinais de pontuação, o baixo uso ou o uso não convencional; a repetição de vocábulos e a segmentação gráfica não convencional. Os aspectos relacionados à menor habilidade motora são mais evidentes, já que os redatores podem ter menor treino caligráfico, por terem pouca prática de escrita.
- iii. os aspectos físico-caligráficos não são determinantes para a caracterização da maior inabilidade, uma vez que há textos que apresentam maior cursividade, mas muitos desvios em relação às convenções gráficas. A situação contrária também é possível, ou seja, o redator pode apresentar uma escrita pouco cursiva, mas com poucos índices de inabilidade no nível ortográfico.
- iv. a inabilidade *parcial* é caracterizada pela incidência menor dos aspectos, principalmente daqueles referentes ao desconhecimento de convenções gráficas, ao passo que a inabilidade *mínima* pode ser identificada pela ausência desses aspectos de *escriptualidade* e a presença de outros, como a escrita fonética, a pontuação ausente ou não convencional, a repetição e a segmentação irregular.

c) Na etapa de identificação de marcas de escrita inábil na dimensão morfossintática, consideraram-se aspectos referentes à marcação de plural no SN e, adicionalmente, exemplos de marcação de gênero e de construções com relativas. Constatou-se que:

- i. há aspectos que não são reflexo da fala, mas são indicativos de uma maior dificuldade dos redatores com a escrita, isto é, marcas de inabilidade no nível da *escriptualidade*, como: os casos de não marcação de plural no SN nos elementos

flexionáveis à esquerda do núcleo, adjacentes a ele ou não, e os casos de hipercorreção, com o acréscimo do grafema <s> em final de palavras dentro de sintagmas que, pelo contexto, não expressam ideia de plural; os exemplos de marcação irregular de gênero, principalmente em sintagmas que se referem a seres animados. Ocorrências desse tipo não foram identificadas nos trechos de fala considerados na análise.

- ii. para os textos de inábeis do século XX, há uma aproximação dos aspectos de escrita a traços da oralidade em relação à concordância nominal, em dados com predominância de marcação de plural nos elementos à esquerda e a não marcação no núcleo ou nos elementos à direita. Há uma correspondência entre maior inabilidade do redator e maiores índices de ausência de concordância nominal, na escrita.
- iii. a baixa ocorrência de sentenças relativas com maior complexidade estrutural, isto é, daquelas que possuem funções sintáticas preposicionadas, pode estar relacionada à dificuldade dos redatores com a escrita, mas também pode ser reflexo da oralidade, uma vez que, nos trechos de fala, também foram poucas as ocorrências de relativas preposicionadas e, dentre estas, não houve ocorrências na forma padrão.
- iv. a maioria dos dados de aspectos morfossintáticos com construções irregulares, nos aspectos observados, está em textos que manifestam uma inabilidade máxima ou parcial de seus redatores.

Diante disso, reconhece-se que documentos escritos em nível máximo de inabilidade podem ser mais transparentes aos usos da oralidade. Aos aspectos relacionados à aquisição da escrita, no nível da *escriptualidade*, corresponde a presença de índices grafonéticos e possíveis aspectos morfossintáticos. No caso de textos escritos no século XX, essa correspondência é mais direta. Assim, no âmbito dos estudos linguísticos sócio-históricos, documentos desse tipo, representativos da escrita cotidiana, podem contribuir como material empírico para uma aproximação aos contextos do passado, em relação a fenômenos linguísticos diversos. No caso das cartas pessoais dos sertanejos, pode permitir aproximações à vertente popular do português brasileiro.

Com a edição dos documentos, nas versões semidiplomática e modernizada, colabora-se com a disponibilização de fontes para estudos de aspectos linguísticos, sócio-históricos, da

difusão da escrita, entre outros. Muito ainda está por fazer e outros desdobramentos são possíveis, como por exemplo:

- a) a realização de investigações de aspectos linguísticos ainda não estudados a partir do *corpus* constituído pelas cartas dos sertanejos, em variados níveis;
- b) o aperfeiçoamento da classificação dos dados da categoria da *escriptualidade* (considerando a dimensão grafemática e a ortográfica), a partir de teorias que tratam da lógica dos sistemas de escrita, em geral;
- c) o desenvolvimento de estudos no âmbito das tradições discursivas;
- d) a produção da versão com anotação morfossintática, a partir da edição modernizada, a fim de possibilitar a busca automática de dados;
- e) a exploração de outros aspectos relacionados às práticas de letramento do sertão baiano, como a reconstrução dos perfis sócio-culturais das professoras leigas mencionadas nas narrativas e as práticas educativas que desenvolveram;
- f) o estudo de aspectos linguísticos variados, desde os fenômenos fonético-fonológicos e lexicais, até os morfossintáticos, a partir dos dados orais das entrevistas-narrativas;
- g) a ampliação das fontes orais, com gravação de outros sertanejos, que também foram remetentes/destinatários de cartas, a fim de, possivelmente, obter novas informações sobre o processo de difusão da escrita na região.

Para o que foi feito, muitas foram as *mãos* que contribuíram; para o que está por fazer, muitas outras *mãos* serão necessárias.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, Mary Aizawa (Org.). **A concepção da escrita pela criança**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002. p. 135-142.

ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes. de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. (Org.). **Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano**. 4 CDs. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

AVELAR, Juanito Ornelas de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Concordância nominal**. (inédito).

BAHIA. Atos do Governo da Província 1861. Maço nº 972.581, Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB, Seção Colonial e Provincial. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/2_Pombalino/atos_governo_provincia_1835_1848.htm>. Acesso em: 24 fev. 2018.

BAHIA. Leis e Resoluções da Província da Bahia, n. 1.448-1.588, votadas em 1875. Bahia: Imprensa Econômica, 1875.
<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/2_Pombalino/1_indice_leis_assembeia_legislativa_bahia_1835_1838.htm>. Acesso em: 24 fev. 2018.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p. 181-211, 2008. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_Historia_social_da_lingua_nacional.pdf>. Acesso em: 04 maio 2015.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. O controle de marcas de inabilidade na escrita alfabética e a identificação das *mãos inábeis* em *corpora* histórico-diacrônicos. **Revista da ABRALIN**, v.16, n.2, p. 19-43, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/51997/32039>>. Acesso em: 09 maio 2017.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. **Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio**. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). **A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2005. p. 25-43.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves; LIMA, Alexandre Xavier. O controle indireto de perfis sócio-históricos em *corpora* histórico-diacrônicos: a identificação de graus de letramento pela grafia etimológica no século XIX. In: CASTILHO, Ataliba T. de. (Coord.). **História do Português Brasileiro** - v. 2. *Corpus* diacrônico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019. p. 168-205.

BAXTER, Alan Norman. A concordância de número. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A. N.; RIBEIRO, I. (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 269-293.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Establecimiento del texto. In: BLANCHE-BENVENISTE, Claire. **Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura**. Barcelona: Gedisa, 1998. p. 129-150.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Les unités: langue écrite, langue orale. In: PONTECORVO, Clotilde; BLANCHE-BENVENISTE, Claire (Ed.). **Proceedings of the workshop on Orality versus Literacy: concepts, methods and data**. Siena, Italy, 24-26 September 1992. Estrasburgo: Science European Foundation, 1993. p. 133-194.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. The construct of oral and written language. In: VERHOEVEN, Ludo (Ed.). **Functional literacy: theoretical issues and educational implications**. Amsterdam-Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 61-74.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 7-37.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CAPELLARI, Elaine T.; ZILLES, Ana. M. S. A Marcação de Plural na Linguagem Infantil – Estudo Longitudinal. **Revista da Abralin**, v. 1, n. 1, p. 185-218, 2002.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski. **A socioconstrução do texto escrito: uma perspectiva longitudinal**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

CARNEIRO, Rita de Cássia Oliveira. História de vida e trajetória de professoras leigas no sertão da Bahia. In: VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica: modos de viver, narrar e guardar, 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: BIOgraph, 2014.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. (Org.). **Cartas brasileiras (1809-2000): coletânea de fontes para o estudo do português**. Feira de Santana: UEFS, 2011.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico**. 2005. 4 v. 2.329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. Demografia e norma linguística no semiárido baiano nos séculos XVIII e XIX: uma introdução. In: NEVES, Erivaldo Fagundes (Org.). **Sertões da Bahia – Formação social**,

desenvolvimento econômico, evolução política e diversidade cultural. Salvador: Arcádia, 2011. p. 599-617.

CARNEIRO, Zenaide de O. Novais; LACERDA, Mariana F. de Oliveira; SANTIAGO, Huda da Silva. Corpus eletrônico de documentos históricos do sertão: as cartas de inábeis. **A Cor das Letras**, v. 17, n.1. Feira de Santana, p. 127-143, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/1463>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. **Revista brasileira de história da educação**, n. 5, p. 93-124, jan/jun. 2003.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Para uma sintaxe da repetição: língua falada e gramaticalização. **Língua e Literatura**, n. 23, p. 293-330, 1997. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/114270/112162>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

CORPUS CE-DOHS. Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (FAPESB 5566/2010 - Consepe UEFS 202/2010). Coordenado por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda(UEFS). [Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do português brasileiro (CNPq. 401433/2009-9 - Consepe UEFS 102/2009). (CNPq. Processo 401433/2009-9/Consepe: 102/2009) Disponível em: <www.uefs.br/cedohs>. Acesso em 04 jan. 2019.

CORPUS Histórico do Português Tycho Brahe. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>>. Acesso em: 10.ago. 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHACON, Lourenço. Segmentações não convencionais na escrita de pré-escolares: entrecruzamentos entre convenções ortográficas e constituintes prosódicos. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (Org.) **Aquisição da linguagem**: estudos recentes no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 251-261.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CORRÊA, Vilma Reche. **Oração Relativa**: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil. 1998. 165 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 1998.

CRANE, Gregory; BAMMAN, David; JONES, Alison. ePhilology: when the books talk to their readers. In: SIEMENS, Ray; SCHREIBMAN, Susan (Ed.). **A Companion to Digital Literary Studies**. Oxford: Blackwell, não paginado, 2008. Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.org/companionDLS/>>. Acesso em: 22 de fev. de 2018.

CRUZ, Antonio Roberto Seixas da. Mestras para o sertão: criação e funcionamento da Escola Normal de Feira de Santana. In: SOUZA, Ione C. J. de; CRUZ, Antonio R. S. da. **Escolas Normais da Bahia**: olhares e abordagens. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012. p. 43-65.

DUTRA, Rosália. **O falante gramático**: introdução à prática do estudo e ensino do português. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

FÁVERO, Leonor Lopes et al. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino da língua materna. São Paulo: Cortez, 2012.

FAYOL, Michel. **Aquisição da escrita**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FERRARI-NETO, José. **Reconhecimento do número gramatical e processamento da concordância de número no sintagma determinante na aquisição do português brasileiro**. 2003. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os Censos? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

FERREIRA, Carmen R. Gonçalves. **Um estudo sobre a segmentação não-convencional na aquisição da escrita de alunos de EJA**. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas**: manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 3. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

FREIRE, Luiz Cleber Moraes. **Nem tanto ao mar nem tanto à terra**: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

FREIXO, Alessandra Alexandre; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. **Entre as trilhas da memória**: velhos da Terra do Sisal. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Processos de inserção de analfabetos e semi-alfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950). **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 81-94, 2001.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e narrativa: elementos para a construção de uma história da cultura escrita. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira et al. (Org.). **História da cultura escrita**: séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007. p. 9-46.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 218-248.

GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula. In limine - Patrimônio textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova filologia. In: GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula (Org.). **Patrimônio textual e Humanidades Digitais**: da antiga à nova

filologia. Évora: CIDEHUS, 2013. p. 3-9. Disponível em: <<http://dspace.uevora.pt/rdbc/handle/10174/10468>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro: UNIBRADE-Centro de Cultura. 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, Rio de Janeiro, RJ, 1958. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=227295>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Municípios do Semiárido Brasileiro**, 2007. Disponível em: <ftp://geofp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_regionais/sociedade_e_economia/semi_arido/lista_municipios_semiarido.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2018.

KAJITA, Angela Satomi. **A segmentação inábil**: um estudo da segmentação ortográfica não-canônica. 2009. 223 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2009.

KATO, Mary Aizawa. A busca da coesão e da coerência na escrita infantil. In: KATO, Mary Aizawa (Org.). **A concepção da escrita pela criança**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002. p. 193-206.

LACERDA, Ana Paula Carvalho Trabuco. **Caminhos da liberdade**: a escravidão em Serrinha-Bahia (1868-1888). 2008. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8840>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1991.

LOBÃO, Jocimara S. Britto; SILVA, Barbara-Christine M. Nentwig. **Análise socioambiental na região semiárida da Bahia**: geoprocessamento como subsídio ao ordenamento territorial. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

LOBO, Tânia Conceição Freire; OLIVEIRA, Klebson. **História da cultura escrita no Brasil**: um programa de investigação. (inédito).

LOPES, Norma da Silva. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. 2001. 408 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2001.

LOPES, Norma da Silva. A variação da concordância nominal de número no português falado em Feira de Santana-BA. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de, et al. (Org.) **Variação linguística em Feira de Santana-BAHIA**, Feira de Santana: UEFS Editora, 2016. p. 99-118.

LOSE, Alícia Duhá; TELLES, Célia Marques. Qual edição e o que editar. **A Cor das Letras**, v. 18, n. 2. Feira de Santana, p. 271-193, 2017.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I., (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 295-318.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **A pontuação em manuscritos medievais portugueses**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. v. 6. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 95-129.

MARQUILHAS, Rita. **A faculdade das letras**: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MARQUILHAS, Rita. **Leitura e Escrita em Portugal no Século XVII**. 1996. 420 f. (Mimeo). Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996.

MARQUILHAS, Rita. O preço da ilegibilidade. Nota em defesa das edições interpretativas, seguida de edição de cartas privadas e de cartas testemunhais portuguesas (séc. XVII). In: AGRELO, Ana Isabel Boullón (Ed.). **Novi te ex nomin**: estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, p. 721-747, 2004.

MARQUILHAS, Rita. Grandes marges: Une approche sociopragmatique de textes manuscrits et de leurs graphismes. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Org.). **Culturas del escrito en el mundo occidental**: del Renacimiento a la contemporaneidad [on-line]. Madri: Casa de Velázquez, 2015. Disponível em: <<http://books.openedition.org/cvz/1336>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

MASCARENHAS, Janaina de Oliveira Costa. **Sentenças relativas em cartas de inábeis**. Feira de Santana, 2016. 232 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica** – “ouvir o inaudível”. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico** – Uma aproximação. v. 2. Sintaxe e fonologia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008b.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). **Para a história do português brasileiro**: primeiros estudos. t. II. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP/FAPESP, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reflexões e questionamentos sobre a constituição de *corpora* para o projeto Para a história do português brasileiro. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (Org.). **Para a história do português brasileiro** – Notícias de *corpora* e outros estudos. v. 4. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ; FAPERJ, 2002. p. 17-28.

MEDRADO, Joana. **Terra de vaqueiros: relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1900**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MYERS-SCOTTON, Carol; JAKE, Janice L. Four types of morpheme: evidence from aphasia, code switchim, and second-language acquisition. In: KLEIN, Wolfgang et alii (Ed.). **Linguistics: an interdisciplinary journal of the language sciences**. v. 38-6. 2000. p. 1053-1100.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Crônica, memória e história: formação historiográfica dos sertões da Bahia**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

O FIM e o princípio. Documentário. Direção: Eduardo Coutinho. Roteiro: Eduardo Coutinho e Jacques Cheuiche. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2005. (110 min.), son., color.

OLIVEIRA, Klebson. **Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico**. 2006. 3 v. 1144 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

OLIVEIRA, Klebson; LOBO, Tânia Conceição Freire. O nome dela era Rosa: epistolografia de uma ex-escrava no Brasil do século XVIII. In: LOBO, Tânia C. F.; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais et al. (Org.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 623-646.

OLIVEIRA, Klebson; SOLEDADE, Juliana; SANTOS, Verônica de Souza. Concordância nominal (cenar da variação em palcos do século XIX). In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (Org.). **África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 255-316.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. A Filologia digital em língua portuguesa: alguns caminhos. In: GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula (Org.). **Património textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova filologia**. Évora: CIDEHUS, 2013. p. 113-138. Disponível em: <<http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/10468>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Humanidades Digitais e Linguística Histórica: novos desafios para uma velha disciplina**. (inédito).

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. O *Corpus Tycho Brahe*: contribuições para as humanidades digitais no Brasil. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, número especial, p. 53-93, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/88404>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara; KEPLER, Fabio Natanel. **E-Dictor: Uma ferramenta integrada para a anotação de edição e classe de palavras**. VI Encontro de Linguística de *Corpus*, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/edictor/presentation/edictor_2007.html>. Acesso em: 19 fev. 2018.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara; KEPLER, Fabio Natanel; FARIA, Pablo Picasso F. **e-Dictor**. Versão 1.0 beta 10, 2013. Programa de Computador. Disponível em: <<http://edictor.net/download/>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

PETRUCCI, Armando. **Alfabetismo, escritura, sociedad**. Barcelona: Gedisa, 1999.

PETRUCCI, Armando. **La ciencia de la escritura**: primera lección de paleografía. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.

PETRUCCI, Armando. Scrittura, alfabetismo ed educazione grafica nella Roma del primo cinquecento: da um libretto di conti di Maddalena Pizzicarola in Trastevere. **Scrittura e Civiltà**, Roma, n. 3. p. 163-207, 1978.

PLATAFORMA de *corpora* do PHPB. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/corporaphb>>. Acesso em: 03 maio 2017.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. What makes oral history different. In: **The death of Luigi Trastulli and other stories**: form and meaning in oral history. Albany: State University of New York Press, 1991.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 163-198.

RIBEIRO, Ilza. As sentenças relativas. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 185-208.

RIOS, Iara Nancy Araújo. **Nossa Senhora da Conceição do Coité**: poder e política no século XIX. 2003. 155 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2003._rios_lara_nancy_araujo._nossa_senhora_da_conceicao_do_coite_poder_e_politica_no_seculo_xix.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2018.

RIOS, Jane Adriana V. Pacheco. **Profissão docente na roça**. Salvador: EDUFBA, 2015.

ROCHA, Ítá Lerche Vieira. Pontuação e formato gráfico do texto: aquisições paralelas. **D.E.L.T.A.**, v. 12, n. 1, p. 1-34, 1996.

ROCHA, Ítá Lerche Vieira. Aquisição da escrita: o que as crianças sabem sobre a pontuação que usam. **Revista de Letras**, v. 1/2, n. 31, p. 17-24, jan./dez., 2012.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. A história oral como intelecissor: em favor de uma dessujeição metodológica. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, UERJ, ano 10, n. 1, p. 190-203, 2010. Disponível em: <<http://www.revipsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a13.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2018.

SANTIAGO. Huda da Silva. **Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano**. 2012. 2v. 421 f. Dissertação (Mestrado em

Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTOS, Edinusia M. Carneiro; NETO, Agripino S. Coelho; SILVA, Onildo A. da. De Região Sisaleira a Território do Sisal: desvelando as nuances do processo de delimitação da diferenciação espacial no Semiárido Baiano. **GeoTextos**, vol. 11, n. 2, p. 131-151, 2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/13472>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

SANTOS, Lorena Enéas Rosa. **A variação da concordância nominal de número em cartas de inábeis do sertão baiano (1906-2000)**. 2017. 239 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

SANTOS, Márcio Roberto Alves dos. **Fronteiras do sertão baiano: 1640-1750**. 2010. 433 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 39-62.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. 2 v. 555 f. (Mimeo). Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SILVA, Ademar da. **Alfabetização: a escrita espontânea**. São Paulo: Contexto, 1994.

SILVA, Érica Nascimento. **Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. Rio de Janeiro: HP Comunicações, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SOUZA, Ione Celeste Jesus de; CRUZ, Antonio Roberto Seixas da. **Escolas Normais da Bahia: olhares e abordagens**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. Da sensibilidade das mãos à harmonia da escrita: memórias, artefatos e gestos da caligrafia na história da educação. In: TRINCHÃO, Gláucia M. Costa (Org.). **Do desenho das Belas Letras à livre expressão no desenho da escrita**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 109-153.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, Brian V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 33-53.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

TELLES, Célia Marques. Textos escritos por mãos inábeis, sua importância para o estudo da fonologia. **Calidoscópio** (UNISINOS), v. 6, p. 28-36, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/5243-16599-1-SM.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2016.

TELLES, Célia Marques; LOSE, Alícia Duhá. Escrita e fala: o que ensinam os textos não literários. **Línguas e letras**, v.11, n. 20, p. 107-132, 2010. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/4140/3199>. Acesso em: 26 jun. 2017.

TELLES, Célia Marques; SOUZA, Risonete Batista de. Marcas pontuacionais nos *Livros do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia. **Revista da ABRALIN**, v.16, n.1, p. 93-127, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/51931/32012>. Acesso em: 14 nov. 2017.

TENANI, Luciani. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, n. 16, p. 231-245, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2488>. Acesso em: 04 jan. 2019.

WORCMAN, Karen. Narrativas digitais: eu, nós e quem mais? A relação entre histórias de vida e museus digitais. In: OSWALD, Maria L. M. Bastos; JUNIOR, Dilton R. do Couto; Worcman, Karen (Org.). **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014. p. 145-155.